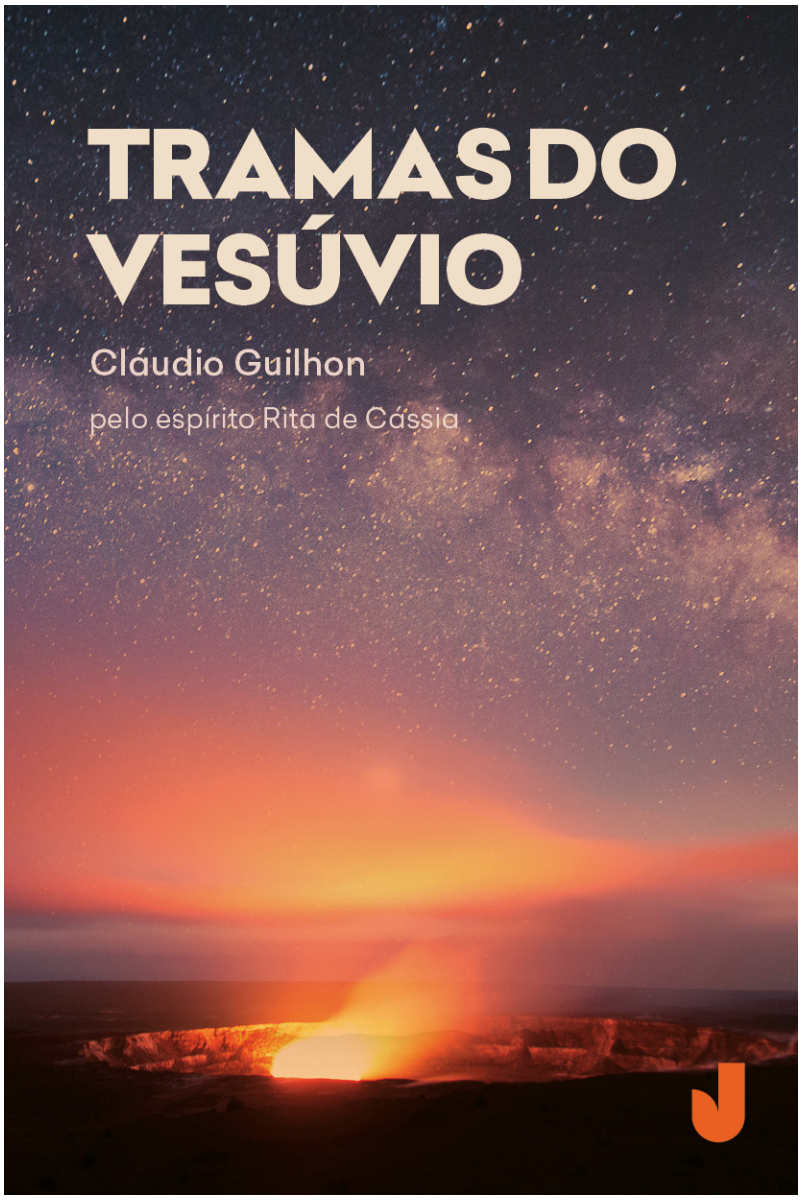
TRAMAS DO VESÚVIO
Cláudio Guilhon
pelo espírito Rita de Cássia


TRAMAS DO VESÚVIO
Cláudio Guilhon
pelo espírito Rita de Cássia

Créditos

© Jaguatirica, 2016
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
ou armazenada, por quaisquer meios, sem a autorização
prévia e por escrito da editora e do autor.
editora Paula Cajaty
capa e diagramação 54 Design
revisão Evaldo Reis / Daniel Rodrigues
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C338t
Cássia, Rita de (Espírito)
Tramas do Vesúvio / pelo espírito Rita de Cássia ;
psicografado por Cláudio Guilhon – 1. ed.
Rio de Janeiro : Jaguatirica, 2016.

ISBN 978-85-5662-055-2

1. Romance espírita. I. Silva, Cláudio José
Guilhon da, 1964. II. Título.

16-37422 CDD: 133.9 CDU: 133.9

Jaguatirica
rua da Quitanda, 86, 2º andar, Centro
20091-902 Rio de Janeiro RJ
tel. [21] 4141-5185, [21] 3747-1887
jaguatiricadigital@gmail.com
editorajaguatirica.com.br

Índice

Introdução
Fuga dos Balcãs
Nova epopeia
Homem-lobo
À procura de vestígios
Áreas descobertas
O povo zumbi: a lenda
O início da jornada
Artigos subterrâneos
Povo perdido
Perdido na mata
Outra proposta
Luderov – o imortal
Os dois deuses
Nova vida
As defesas da tribo
Bastilhe, o pároco aventureiro
Bastilhe capturado
O teste
Os caçadores
O ardil
O segredo
Os inocentes
Voz do além
Novas comunicações
A fuga
A morte de Bastilhe
A comunicação espiritual
A saída
A fuga
A lagoa sagrada
O encontro
Amantká

A força da humanidade: os zumbis
O encontro com os zumbis
A fórmula da cura
A cura: o início
O engano
O sequestro
O teste inicial
A revelação
Chegou a primavera
Novas revelações
A fuga
Em desacordo
O início do Vesúvio
O não assentamento
A aposta
Os visitantes
O discurso
Novo encontro
A ajuda
Os planos de libertação
O poder
A cela
Luderov: o prisioneiro
O começo do julgamento
Luderov: o cristão
Revelações
Solicitação negada
A igreja local
Encontro com o bispo
O interrogatório
Testemunho
A viagem de volta
Conversas na carruagem
Novas propostas
A identificação
O desafio

Novas ideias
O encontro
O apoio à saúde
Os pedidos
Os sonhos
Início das festividades
O julgamento
O aparecimento
Novo grupo
Novos amigos
O novo projeto
As obras iniciais
O enviado de Roma
O embate com o bispo
Novo templo
O templo inaugurado
Final

Introdução

Em uma constelação de estrelas distantes, há milhares de anos-luz do planeta Terra, habitavam povos primitivos que, com o passar dos tempos, deram origem à raça humana. A constelação de Órion abrigava uma espécie semelhante à que hoje vive no planeta em que vós habitais e que, para todos os efeitos, originou-se em tremendo turbilhão de explosão galáctica, e com eles surgindo a espécie humana no seu físico atual, vindo a desenvolver-se, paulatinamente, por meio de adaptações genéticas, sugeridas pelos nossos mentores especializados para poder dar desenvoltura necessária à sobrevivência desta espécie que, no conceito de nosso Deus, ainda está em fase primitiva na escala de evolução planetária.

Após milhares de anos que relatam uma evolução humana, lenta e cheia de percalços, eis que o Divino Criador determinou que os orientadores espirituais trouxessem estas criaturas das galáxias distantes para povoarem o planeta e iniciarem nele uma verdadeira evolução espiritual. Formaram-se, no orbe terrestre, os mecanismos necessários para o aporte dos instintos primários a evoluírem para espíritos mais aperfeiçoados. O Criador, como em outras regiões do universo, possui uma plêiade de espíritos ajudantes que formam, orientam e criam condições necessárias para cumprir a vontade Divina. Estes seres da estirpe dos mais evoluídos tomam conta dos pequenos passos da humanidade em direção a Deus. São chamados seres da criação, ou anjos perfeitos ou, mais precisamente, cocriadores, espécie de frente executora do que vós pensais ser o próprio Deus, mas que ainda não tem condição final de executar em vossa mente as formas destes seres celestiais, numa cadeia hierárquica dos Céus.

Foram necessários outros milhões de anos para que a Terra se transformasse em um ambiente propício para que a Divina Vontade, traduzida pelo seu "sopro divino", viesse a dar forma a todas as espécies viventes em seus reinos, animal, vegetal, mineral e hominal. Quanto ao desenvolvimento intelectual, não foi difícil para os arquitetos espirituais da Terra introduzirem os espíritos vindos de outras galáxias próximas, no intuito de aprimorar a sobrevivência e,

com isso, deixar a raça humana apta a seguir seu caminho de evolução. Mas foi necessário o cambiamento de seres de outros orbes, mais inteligentes e com verdadeiros conhecimentos para que tal orquestramento se realizasse.

Em um momento de Divina criatividade e reunindo as forças cósmicas favoráveis, eis que um feixe de luz açoitou a inteligência humana, em níveis necessários para a sua sobrevivência, o que se chamou, convencionalmente, de "pancada da criação". Entre os muitos caminhos planejados pela espiritualidade, estava a presença de pequenos artifícios necessários para a sobrevivência da espécie humana, dentre eles os ostios de comunicação entre o céu e o orbe terrestre, traduzidas por pequenas comunicações que foram necessárias para a orientação dos espíritos superiores, para assim aumentar o conhecimento e as diretrizes de conservação e sobrevivência.

E hoje, após muitos estudos de pessoas que se dizem sábias no assunto que diz respeito às comunicações com o mundo de cá, ou seja, o da verdadeira vida, eis que surge uma nova esperança para impulsionar o gênero Homis para se tornar uma nação divina no caminho da luz – que o Criador traçou para a criatura. O mesmo impulso foi dado a todos os seres viventes, quando um representante do clone divino esteve com vocês há mais de 2000 anos. Aquele que se sacrificou por todos em detrimento do que vós convencionais de pecado. Ele, Verbo Divino, Amado Jesus, não poupou esforços para que a raça humana progredisse com toda a pureza que Deus intentou conseguir, mas que no limiar do seu tempo foi expulso da trama do seu corpo em direção ao Pai. Isto se marcou como início de um novo tempo divulgado pelos séculos vindouros, para que o homem se domesticasse de suas habilidades selvagens. Não foi diferente com outros povos que colonizaram a velha galáxia que dista mais de 50 milhões de anos-luz da vossa galáxia, e que perduraram por milhões de séculos até chegarem ao ponto de se tornarem seres quase perfeitos, os conhecidos anjos da criação.

Mas nem todos concordam com Deus; acham que por ser o homem um ser cheio de maldades no coração, devem purgar nas esferas psíquicas da Terra até atingirem a depuração total das suas

desvantagens instintivas. Para estes seres, que tratam os homens como reles pecadores, sua escravidão ao planeta seria eterna. Mas Deus, em sua infinita misericórdia e bondade, traça outros planos para esta humanidade pecadora e decide escalar altos espíritos de luz para transformar os seres vivos e o planeta de provas e expiações para mundo de regeneração e, para complementar tal ordem, acionou estes seres iluminados em poucos séculos para os dias de hoje e são intitulados de protetores da velha Terra.

Eis, meus filhos, um resumo de vossa evolução e, para que esta história de amor se inicie, foi necessária esta pequena explanação, pois, sem ela, não poderia entender como a vida evolui com muitos percalços, mas em breves lapsos de tempo necessários para uma evolução eternamente duradoura.

Esta história se inicia no século XIX, às margens do vulcão que mais danos já infligiu ao planeta Terra e que, no seu passado longínquo, trouxe muita destruição aos pequenos seres que habitavam ao seu redor. O Vesúvio é um exemplo de rocha vulcânica esculpida por muitos séculos, com labaredas suficientes para causar destruição total de áreas ao seu redor. Para ele, a vida se renova a cada eclosão; estejam atentos que nessas idas e vindas, também o amor, a solidariedade e a fraternidade acompanham os vaivéns da vida. Sem isso não seria possível para a humanidade a tão sonhada libertação do mal, o reflorescimento do bem, semente que está incrustada na mente de cada personagem que compõe a história desta ínfima obra.

Certamente, a população não estava preparada para enfrentar desafios extremos, mas os habitantes deste povoado, ao redor do vulcão Vesúvio, estavam acostumados a diversos dissabores. O pior deles, a impiedade, trouxe verdadeira devastação para este povo, que de próspero se tornou sofrido. Nesta breve explanação, queremos deixar bem claro que as vidas que serão relatadas deixaram marcas profundas em todas as pessoas que viveram nesta época, quando surge o renascimento das artes e dos costumes, e que, longe da vida moderna, tinham que enfrentar preconceitos mais terríveis e mais cruéis.

Estes personagens cruzaram séculos em desencarnação com dores profundas em seus espíritos, rogando vigorosamente a nosso Pai

Criador uma pequena chance de se reerguerem em ambiente propício para este fim. Por isso foram devidamente reencarnados nesta pequena parte do continente europeu para darem prosseguimento a suas caminhadas. Eram pobres pescadores e, como os apóstolos do Divino Mestre, deixaram-se por um tempo ser encaminhados por aqueles espíritos contrários à evolução divina. Mas com o progresso e o desmascaramento de suas verdadeiras intenções, foram mais facilmente trazidos para o lado do bem.

Queremos que, após a leitura da totalidade desta pequena obra, estejais preparados a distinguir, o mínimo possível, as ambições a que os seres devotados ao mal possam induzir a homens, nos pequenos ou grandes erros e, por conseguinte, saber que o Divino Mestre sempre vos acompanhará em direção ao Pai Criador, com mais pureza e amor. Deixem seus ideais do lado de fora, não olhem os preconceitos ou os defeitos desta pequena obra e, sim, tragam no pensamento os exemplos – os bons exemplos – que esta pretensa leitura apresentará a vocês. Fiquem em paz e que o Nosso Senhor Jesus Cristo sempre os acompanhe.

Belém, 02 de novembro de 2015
Da sua amiga Rita de Cássia

Fuga dos Balcãs

Já passavam das duas horas da manhã, quando eu e minha pequena família atracamos no porto de Nápoles. Éramos provenientes das regiões dos Balcãs, onde nascemos e constituímos uma família de modestos pescadores que, durante a grande depressão financeira que acometeu o império eslavo, pôde fugir em direção a outras paragens. Decidimos migrar para a Itália, para cidades repletas de vida e beleza, das quais sempre ouvíamos histórias na minha infância distante.

Casei aos 19 anos com minha amada Pellenova. Depois de termos dois filhos homens, decidimos partir para terras longínquas à procura de trabalho e esperança de um bem-viver. Chamo-me Luderov, descendente da dinastia russa, mas sempre um trabalhador à procura de casa, comida e uma boa cerveja para relaxar e tornar-me mais alegre. Naquela noite, um pouco fria, as luzes da cidade me encantavam, havia luzes de velas em diversas paragens, que denunciavam a pequena cidade, que era o nosso destino final. Ano de 1814, em São Petersburgo, meus ancestrais não imaginariam que um dia pudessem ser sobreviventes de perseguições do império czariano. Mas eu estou aqui para revelar a nossa odisseia, a partir daquele momento da nossa chegada ao porto napolitano.

– Querida, acorde, chegamos; nossos sonhos de riqueza se aproximam, estamos na cidade italiana da costa do Vesúvio.

– Pare, Luderov, assim você acorda as crianças; veja como elas estão magras, cansadas e carentes de um bom sono.

– Mas precisamos desembarcar o mais rápido possível. Amigos nos guiarão a uma pousada.

– Não perca tempo! Nossos filhos não acordarão.

Luderov, revolto, deixa cair um maço de papel ao chão em demonstração de seu mau grado da resposta ouvida.

– Tudo bem, se quer assim, que seja, mas depois não diga que não avisei sobre a necessidade de deixarmos logo este barco, que de habitação não tem nada. Minhas mãos estão calejadas de tanto esfregar o chão e o pouco dinheiro que nos resta não é suficiente para pagar as despesas finais que este comandante exigiu tanto de nós.

Ademais, temos pessoas suficientes em terra que nos ajudarão a recuperar nossa dignidade perdida nos Balcãs.

– Oh querido, sei o que pensas, mas tem piedade de nossos filhos, já cansados desta jornada. O amanhecer será em breve e logo que o sol apareça deixaremos esta nau em direção ao mundo que quiser.

Pellenova abraçou fortemente seu esposo e ambos se beijaram com muito carinho.

Ao amanhecer, aquela família deixa o barco, sem antes ser cobrada em seus últimos centavos pelo austero capitão romeno, que não deixava nada passar despercebido.

Descendentes dos Balcãs, não tinham nenhum direito à embarcação, somente o mínimo de água, pão e alguns poucos salgados. Eram quase escravos, pois tinham que pagar pelo transporte, com suor e lágrimas, as suas passagens. Luderov, sabendo disso, não se opôs às regras do velho capitão, último bastião de esperança para fugir do castigo de ter nascido em região tão pobre e desprovida de meios suficientes de sobrevivência.

A pesca e a criação de gado não eram suficientes para o sustento da família. Havia períodos de abundância e outros de tremenda escassez de todos os tipos, de objetos e comida, necessários para a sobrevivência humana, sem contar com o grande e rigoroso inverno, que deixava pessoas mortas ao longo do seu tempo. Tudo era devastação. Quando o verão chegava, apenas alguns poços de água traziam alívio da rude sede que todos sentíamos. Portanto, a única saída que tínhamos era emigrar para outras regiões mais promissoras. Nossos vizinhos já haviam partido vários anos antes e deixaram recado para segui-los em direção a outro continente onde as esperanças seriam renovadas. Recebemos uma pequena carta de um velho amigo, Sr. Torleon, que relatando a sua nova terra, nos deixou animados para partir dos Balcãs em direção incerta, mas decerto que aquele solo não mais pertencia à família Luderov, deixada por meus avós, mas que agora nada tinha de atrativo para continuar naquelas terras.

Saímos próximos do Natal, e remamos em direção às encostas para procurar uma embarcação que nos direcionaria a outras terras, menos a Rússia, onde já não tinham esperanças de boas-vindas. A primeira

nau a partir tinha como destino a América do Norte, mas, já lotada de emigrantes, não foi possível nos alojar. Só restou aquela pequena, mas útil embarcação, a nos levar a novos sonhos, novas plagas.

Deixamos o porto já no Ano Novo, partindo em direção ao Mediterrâneo e depois a áreas menos povoadas do litoral da região napolitana. Eram terras ricas em alguns minérios, mas pobres em cultivos, já que o vulcão Vesúvio sempre expelia lavas incandescentes, deixando todos preocupados, mas nossa intenção era assim que aportasse o navio, procurássemos emprego, para tirar nosso sustento, afinal, para um casal de boa aparência e grande vigor físico, de seus 32 anos, não deveria ser difícil encontrar um bom emprego.

Já passava das oito horas da manhã, um senhor de nome Sodrê deixa um pequeno bilhete na saída da nau, oferecendo emprego de carregador em uma taberna, para pessoas que tivessem físico suficientes para carregar barris de cerveja e rum. Logo me voluntariei e fomos todos juntos à procura da tal taberna. Logo na esquina deste estabelecimento, percebi o quanto esta área era degenerada. Havia bêbados e prostitutas a oferecer, em plena luz do dia, seus serviços a marinheiros solitários.

Pellenova sentia-se mal em observar aquelas paisagens. Tínhamos formação da Santa Igreja Católica e não permitíamos que nossos filhos observassem pessoas degeneradas, que se deixavam abater por bebidas ou sexo fácil. Neste momento, o Sr. Sodrê nos avistou da porta do seu estabelecimento e percebendo a nossa intenção de passar à sua frente, se apressou em passos largos e decidiu convidar-nos a entrar na taberna e, a partir dali, iniciar um trabalho de carregar tonéis dos fundos do estabelecimento para a frente do bar. Dizia que necessitava de mais trabalhadores, mas que pagaria bem se eu atendesse àqueles apelos, da melhor forma possível, sem ter que contratar outra pessoa para o mesmo trabalho. Era sovina e hipócrita, pois todos que utilizavam do seu bar tinham que pagar a mais pelo local e muito pouco era oferecido em troca. Deixamos nossas malas nos fundos e fomos trabalhar.

Nova epopeia

Passaram-se vários dias e nosso pequeno Ilinov veio a falecer de uma peste que assolava a região. Não tivemos nem tempo de interná-lo e logo nosso segundo filho caiu doente e já sem esperanças o deixamos em uma pequena casa de saúde, em isolamento, para que pudesse se restabelecer. Pellenova não parava de chorar pela falta dos filhos; mesmo assim, seguimos rumo à taberna para dar continuidade ao trabalho pesado.

Noutra manhã, logo no seu início, deixamos o local em direção às regiões mais próximas do Vesúvio para avaliar a possível fixação no local. Era meio desértico, encontramos poucas casas, mas algo me agradou imensamente; era um pequeno lago que abastecia a região de água fresca e bons pescados. Eis um local que, se bem explorado, poderia nos sustentar por vários meses, sem a necessidade de voltarmos para o porto da cidade. Decidimos buscar Rondov, nosso segundo filho, e nos alojar em uma pequena cabana de dois cômodos, à beira do lago. Nosso pequeno já melhorava dos açoites traiçoeiros da doença e, passadas seis semanas, tempo suficiente de recuperação, deixávamos para trás aquela pequena cidade e nos instalamos perto daquele lago.

Nunca suspeitei que aquela cabana abandonada pertencia a um senhor de terras, Conde Porpino, que logo apareceu com seus asseclas, reclamando da invasão e prometendo graves torturas caso não deixássemos o local. Saímos em direção ao outro lado do lago; os Porpino fizeram a mesma intimidação. Então fomos para mais perto da encosta do Vulcão. Nesta passagem, havia uma pequena colônia de moradores que se diziam vesuvianos, pois já habitavam aquelas paragens por muito tempo e nunca quiseram tirá-los de lá, pelo perigo constante de uma erupção do vulcão que se mostrava sempre em pequenas explosões.

Já era o final do ano de 1814, quando se conseguiu, finalmente, uma pequena habitação para os Luderov. Pellenova voltou a engravidar e trazer novas esperanças de uma criança sadia.

– Teremos momentos difíceis, revela Pellenova.

– Os nossos alimentos já acabaram e você tem que trazer mais comida para nosso sustento.

– Já se passaram vários meses e aqui não tem como procurar trabalho. A razão é inóspita e fazendas de caprinos ficam a várias léguas de distância. Teremos muito frio neste inverno e precisamos nos preocupar com o novo bebê, que irá nascer no meio do ano de 1815. Vamos unir nossas forças para que tu consigas um emprego, só assim teremos paz para encontrar nossa felicidade.

– Pois bem, Luderov, assim que nosso filho nascer, procurarei empregar-me em algum lugar, ainda que nossas economias não sejam suficientes para gerar outro filho. Proponho que busquemos em outras terras novas oportunidades de vida, só assim poderemos superar estas dificuldades.

Luderov partiu, após alguns dias, à procura de emprego, deixando o que restou da família para o acaso cuidar. Alguns vizinhos ajudaram na coleta de frutos e carnes de abate, mas não seria suficiente para abastecer Pellenova e seu filho. Demorou dois dias de caminhada até Luderov atingir a região próxima à costa que continha um pequeno aviso de procura de trabalho, arar de área campestre grande, para colheita de larvas e outros pequenos animais que seriam usados para atração de peixes e outros animais maiores. Na verdade, era um abatedouro e funcionava clandestinamente sob os olhos de um servidor, dono da região. Olegário era o supervisor que administrava aquelas terras, cuja posse fora outorgada pelo príncipe da região, em reconhecimento aos bons serviços prestados.

Logo que acertou o seu trabalho, Luderov retornou à região das montanhas e levou Pellenova para o novo lar.

– Sentimos sua falta, pensei que não tornaria a vê-lo, relatou Pellenova.

– Ora, mulher, lhe prometi retornar, tenho palavra, ademais amo-lhe muito e não saberia viver sem você, declarou-se Luderov.

– Deixei nossa casa já preparada, partiremos o quanto antes, pois, ao anoitecer, já quero estar a várias léguas deste local.

Quando estavam no meio do caminho, uma forte chuva atingiu a família Luderov. Eles tiveram que se abrigar numa pequena caverna próxima ao lago. Deitaram-se até ver a chuva passar e logo

perceberam que aquela caverna não era comum, abrigava restos de ossos de animais e tinha aspecto de ser área de reverência a algum Deus ou entidade que não saberiam descrever.

Ao amanhecer puderam observar melhor os restos mortais de homens já totalmente degenerados pelo tempo, de aspecto aterrorizante. Deixamos a caverna, rapidamente, antes que aquele local de sacrifícios nos atingisse e nós fossemos as próximas vítimas daquele ritual. Nos escondemos em outra gruta e ficamos a observar o resto do dia o que acontecera. Já passava do meio dia e ouvimos cavalos em nossa direção. Eram três cavaleiros e uma jovem amarrada. Deitaram-na na grama e começaram um ritual de preces e a jovem de seus 18 anos começou, aos gritos a se debater intensamente. Era uma jovem loira, de aparência nobre. Não seria possível, mas o que estávamos presenciando era um ritual macabro.

Deitaram-na, já meio desfalecida de tanto gritar; os homens deram vários golpes de punhal e a jogaram no interior da antiga caverna, que já abrigava outros corpos. Após alguns momentos, voltamos para o local e encontramos aquela moça, quase moribunda, em estado de clemência. Estava viva e começou a suspirar próximo aos nossos ouvidos: "Sou a condessa de Lubres, ajudem-me e serão recompensados."

Tapamos suas feridas com pedaços de pano de nossas vestimentas e levamos para um povoado próximo. A condessa estava salva; seus ferimentos não foram suficientes para matá-la.

– Onde moras? – perguntou Luderov.

– Próximo, meus pais tinham me chamado atenção sobre indivíduos que sequestravam jovens para oferecer seu corpo para entidades do mal. Buscam riquezas desta forma e seus ideais são sempre perversos. Deixam a noite cair e após terem encontrado sua vítima, perseguem-na até seu destino final e, após algumas horas, invadem e raptam a vítima, todas jovens que, com suas forças joviais, são capazes de trazer felicidade para seus algozes, ávidos por fortuna e vida eterna. Sim, a ideia de uma vida eterna veio através dos alquimistas que, desde a Idade Média, costumavam participar de rituais e ingestão de porções mágicas com o intuito de produzir um efeito de elixir da vida longa. Puro engano! Aquilo era assassinato em todos os casos.

Homem-lobo

Passamos algumas horas realizando curativos naquela jovem agredida com punhais e facas afiadas, deixando cortes de difícil controle de sangramentos. Fizeram luzes e adornaram aquela bela pele branca com movimentos de pedra, deixando desenhos hieróglifos e todos os tipos de marcas. Era uma pena ver aquela jovem agonizar com tanta crueldade. Seu nome era Maria e tinha a convicção de um dia ter um matrimônio e gerar filhos para a posterioridade, mas nada daquele sonho agora era visível. Sua luta era pela sobrevivência. Saímos da gruta, já à noite, em direção ao povoado próximo na tentativa de termos auxílio de moradores bondosos, aceitando doações de comida e medicamentos para combater os males daqueles ferimentos.

Passava da meia noite quando retornamos ao esconderijo; Maria ardia em febre e seu suor espalhava desalento por seu destino. Pellenova teve a brilhante ideia de levá-la a banho num pequeno rio próximo, como última chance de despertá-la para a vida, com águas gélidas e os aromas da selva agradáveis. Seria uma saída para sua melhora.

E assim foi feito. Muito choro se ouvia da jovem Maria, raptada da casa de seus nobres pais, Conde e Condessa de Alhures. Nada mais restava fazer a não ser esperar alguns dias para que aquela jovem se restabelecesse. Noites de agonia foram passadas e aos poucos a Maria começou a recuperar-se de seu transe do sono e dizer palavras de agradecimento que mais tarde se traduziriam em afeição mútua. Dissemos que tínhamos perdido um filho, em idade próxima de Maria e para nós o sofrimento era compensado pela chance de bem servirmos, e era uma glória podermos ajudá-la.

Mais de uma semana se passou e Maria apresentou grande melhora a ponto de já poder levantar-se. Decidi procurar nova ajuda próxima e tentar levar Maria ao encontro de seus pais, em localidade distante, aproximadamente trinta quilômetros de onde estávamos; só que estradas mal existiam e tornavam o caminhar pela região traiçoeira tanto de matas como de pedras cheias de serpentes e animais silvestres. Íamos devagar e a demanda demorou três dias, com a nossa

chegada por volta do meio dia na cidade natal de Maria. Fomos recebidos com festa pelos moradores locais e pudemos contar nossa aventura e o modo como trouxemos a condessa para a sua cidade. Fizeram uma pequena festividade e nos deram água e pão para nosso consumo. Ficamos felizes com a recepção e nada do que tínhamos feito foi mais recompensador do que ver aquela jovem ser abençoada efusivamente por seus pais, o casal Torleon.

Eles, os pais, vieram ao nosso encontro e nos abençoaram garantindo que nossos esforços seriam recompensados com dinheiro e comida. Agradeci ao Sr. Conde e disse que aquele gesto de solidariedade era devido a nossa crença em Deus e seu filho Jesus, que na passagem do bom samaritano traduziria o nosso respeito e inspiração para ajudar o próximo. Fomos albergados na casa de Maria e tivemos, à nossa disposição, um pequeno cômodo de quarto e uma pequena sala para abrigar-nos pelo tempo que julgássemos necessário. Os Torleon eram gente simpática e um pouco simples em seus gestos, apesar de terem título de nobreza, ganhos em favor de batalhas travadas pelos avós dos Torleon e concedida pelos príncipes que habitavam a região do Vesúvio.

Oh! Quanta alegria tivemos naqueles dias: eu, Pellenova e nosso pequeno Dubaiev, último filho com que Deus nos abençoou. Ficamos por cinco dias naquela hospitaleira paragem e seguimos nosso rumo, em direção à cidade relativamente próxima, onde iria arranjar um emprego de cuidador de ovelhas, animais que habitavam em abundância aquela região vulcânica e que traziam leite e lã para melhorar a sobrevivência dos habitantes. Seguimos com uma carruagem ofertada pelo Sr. Conde que cedeu também o cocheiro para nos levar ao nosso destino. Arrumamos nossos objetos e partimos de manhã cedo.

Ao chegar a esta aldeia, corri para uma pequena igreja, que havia avistado no caminho, próximo da entrada, e ofertei meus agradecimentos de finalmente ter chegado à localidade que seria o início de uma nova vida. Apesar de assim pensar, aquelas paragens não foram e nunca seriam o sonho com que todos almejávamos. Mal sabíamos que aquela cidade era repleta de lobos-humanos que, ao cair a noite, traziam suas presas para longe da cidade e as devoravam.

Eram lobos, porque costumavam emitir uivos semelhantes a lobos e homens, porque na verdade eram homens disfarçados de lobos, oriundos das feiticeiras que trucidaram a nobre Maria; na verdade era o centro, o quartel general daqueles açougueiros. Minha santa foi lembrada diariamente a partir dali. Passei várias noites sem dormir direito, só ouvindo uivos e gritos de verdadeiros animais-humanos. Mas quanta dificuldade, pois já vivíamos num século de avanços nas artes e filosofia e ainda naqueles rincões, tínhamos a presença de hábitos nada saudáveis e que traziam medo e pavor à população.

O pároco da igreja, em sua preleção do domingo, pediu que nós vivamos para repelir forças do mal que habitavam aquela cidade, mas nada adiantou, pois o medo e a covardia se apoderavam de todos os habitantes do povoado, a não ser de nós, forasteiros de terras longínquas dos Balcãs, dispostos a enfrentar tudo e a todos que se opusessem em nosso caminho. O Sr. Pároco decidiu convocar outra reunião para tentar formar um grupo de caçadores e destruir aquela comunidade de pseudo-lobos que tanto aterrorizava os viventes da área. Logo me voluntariei para compor este grupo de defesa da comunidade, alistando-se outros companheiros com o mesmo ideal.

Passamos a ser chamados de caça-lobos, formados por seis homens mal preparados, mas com força de vontade suficiente para derrotar aqueles selvagens que tanto assustavam os pobres moradores de Prestes, cidade de 450 habitantes que, na época, viviam à base da criação de ovelhas e outros animais, cidade com falta total de um administrador probo, que honrasse seu vice-rei. Não estavam acostumados com outros tipos de colonos, vindos de outras plagas, cheios de ideias como nós. Já que eu tinha certa experiência em formar armadilhas, fui destacado a armar várias delas em que certamente os homens-lobos precisariam passar à procura de sua presa.

Deixamos vários objetos de valor para atrair aqueles delinquentes e passamos muitas noites em vigília para pegar os marginais. Para minha surpresa, caiu em nossas mãos o Conde Torleon, meio fantasiado de pele de lobo. Que cena horrível e macabra, trazia em seu dorso pedaços de carne fresca, que não sabíamos se era de seres humanos ou animais. Seus olhos estavam da cor de fogo e sua fala não dizia coisa

com coisa. Parecia em uma espécie de transe mental. Não me reconheceu e dizia que era enviado de Satã, seu mestre e guia, que coisa mais estranha; um dia era meu eterno agradecido por tudo o que fiz pela sua família; outro dia seria um homem totalmente desconhecido e atormentado por ideias macabras. Onde estaria nosso pároco? Já morto de medo? Escondeu-se na sacristia, rezando para todos os santos que pudessem ouvi-lo e socorrê-lo. Foi-se o dia em que apanhamos nosso primeiro homem-lobo.

Mas o que significava aquilo?

À procura de vestígios

Ao amanhecer estávamos todos perplexos com os fatos ocorridos e, após as 8 horas da manhã, surgiu outro fato importante: haviam encontrado a algumas léguas dali um pequeno pedaço de lençol com pedaços de cabeças e restos humanos que provavelmente haviam sido usados como parte de algum ritual macabro. Nosso líder, Sr. Agripino, deixou sua ideia fluir e estabelecer que deveríamos entrar na floresta para procurar vestígios de corpos de pessoas mortas. Então formamos duplas e cada grupo tomou um rumo diferente floresta adentro. Deixei meu casaco com alguns pertences sob custódia do pároco e fomos nos aventurar para ver se algo a mais iríamos encontrar. Após trinta minutos de investigação, cheguei a localizar o corpo de uma jovem de seus 17 anos, amordaçada, sem um pé e com a boca suja de sangue; já não respirava mais, por algumas horas, visto que sua face estava bastante roxa. Tinha sinais de violência sexual e ao seu lado tinha uma pequena insígnia de um veterano da guerra contra os espanhóis, que remonta mais de trinta anos atrás.

Mas o que tinha haver a antiga insígnia com o achado daquele corpo? Eis um mistério que, por mais que pudesse raciocinar, não teria resposta naquele momento. Mais adiante foi encontrada uma baioneta de origem austríaca, já que aqueles objetos pertenciam certamente aos agressores, ou assassinos. Mais algumas horas de busca e como nada mais fora encontrado, retornamos à base com o corpo da jovem, que mais tarde foi identificado como de Emile, filha de um fidalgo, que habitava os arredores da cidadela.

O Sr. Torleon desapareceu, apesar de estar sendo vigiado de perto, já que nenhum vestígio dele fora mais encontrado. Supõe-se que ele já não pertencia ao mundo físico e, sim, ao espiritual, sendo guiado na terra como se fosse um zumbi, uma figura sem vida que perambula entre os vivos, mas que não tem alma humana. Fora dominado por seres do centro do mundo. Mas tudo isso era uma cogitação, pois naqueles tempos tudo era cheio do sobrenatural e, portanto, longe do nosso raciocínio. Sra. Patelle, jovem e bela, trazia consigo marcas de já ter sido vítima destas bestas, e logo que viu o corpo da jovem, caiu em

prantos e começou a dizer que a alma dela tinha sido roubada. Mas como? Que espécie de ritual aquelas pessoas estavam sendo vítimas? Quantas mortes mais ocorreriam para que todo aquele mistério fosse desvendado?

Após a limpeza do corpo da moça, iniciaram-se os rituais de cortejos e reverências à falecida; seus lábios denunciavam que fora fortemente castigada na boca, local sagrado para algumas seitas, segundo meu companheiro de guarda Corlete.

Dizia-se que aquela região fora habitada pelos mouros, alguns séculos antes, e que deixaram, em termos culturais, alguns hábitos e que as pessoas mais idosas traziam em suas mentes os procedimentos de memória destes rituais satânicos, segundo a igreja, e que deixava os moradores apavorados com tamanha barbárie.

Deixamos o local do leito e já não aguentando toda aquela situação, fui para um sofá, próximo à saída do velório, e dormi por algumas horas, sendo despertado pelo meu companheiro de guarda que, assustado, relatou que várias pessoas, que se intitulavam defensores da cidade, formaram um grupo armado e foram em direção à floresta à procura de novos indícios que denunciavam os agressores daquela jovem. Localizaram um véu da moça, pois tinha aspecto colorido e nada mais encontraram. Já era de tarde e logo a jovem fora sepultada com honraria de estadista. Até flores silvestres, raras na região, foram depositadas ao lado de seu corpo.

A noite chegou e novos uivos foram ouvidos a certa distância. Eu e minha família nos retiramos para um albergue, para poder descansar um pouco e quem sabe voltar ao trabalho no dia seguinte. Deixar o seu lar em busca de aventuras era um sonho dos mais jovens. Assim, vários contemporâneos meus deixaram suas casas e famílias para descobrir o mundo, e eis que nem todos conseguiram chegar ao fim de sua aventura com esperanças de uma vida melhor. A maioria se separava de seus ideais e acabavam presos em celas, por terem causado transtornos na vida das pessoas. Fora o caso de alguns amigos meus, que sumiram após os desastres naturais ou conflitos bélicos. Deixemos as lembranças de lado e nos concentremos na vida daquele povo. Sempre com muita positividade por parte daqueles italianos, realizamos a travessia do lago próximo com a ajuda de um pequeno

barco, até a localidade próxima no porto de Bressere. Todos os moradores chegariam por meio de seus portos. Sr. Gustav, dono da embarcação, nos deu um alerta a respeito do acontecido com seus amigos.

Todos tinham filhos e quase todos já haviam partido em busca de novas terras. Se sentiam ameaçados com aqueles assassinos brutais; mesmo do outro lado do lago, as notícias não paravam de chegar. O padre limitava-se a dizer que aqueles massacres aprazados nos corpos das vítimas, tinham um significado importante, mas não sabia do que se tratava.

Em um lado do corpo parecia sinais de estrelas, em um outro parecia aspecto de animais terrestres, mas nada concreto. Fiquei atento à explicação de um jovem moço, próximo a mim.

– Quando vão parar estas matanças? Ela era minha amiga e agora a vejo em um túmulo.

– Então o que farás?

Todas as noites de setembro os animais se aproximam do vilarejo e arrancam suas vítimas, à força. Eram zumbis, ou animais sem controle, eis a dúvida, não se tinha conseguido apanhar nenhum espécime. Meu parceiro sugeriu que na próxima noite abandonássemos o nosso lar e partíssemos para a cidadela próxima, rica em relatos desses seres sem alma, e como seria para apanhá-los? Não tínhamos recursos para mantê-los presos. O certo era matá-los e levar pelo menos a cabeça, que certamente valeria muito. O Sr. Torleon desapareceu e isso não saía da minha cabeça. Tão nobre, como poderia ser um zumbi? Decidi não esperar meu companheiro de ronda e parti em direção mais ao norte e aproximei-me de um casebre sujo e escuro. Nada havia no seu interior, nem água ou comida. Ao deixar o local, deparei-me com um sujeito arrogante que, no alto de seus 29 anos, trazia um ferimento próximo à boca, semelhante aos que foram produzidos na Emile. Fitei aquele rapaz que, sem esforço, trazia longos objetos, capazes de fazer ferimentos graves se fosse agredido com eles.

Novamente o sol se pôs, dando lugar a uma bela noite de luar. O que não imaginávamos era que aquela noite seria repleta de novos acontecimentos provenientes daquela floresta sutil e cheia de mistérios. Resolvemos tomar um chá e esperar as horas avançarem.

Meu amigo tomou posição de guarda e ficamos atentos aos movimentos que vinham na direção do escuro matagal. Ouvimos sons, grunhidos e, finalmente, um grito desesperado ecoou de dentro da floresta. Então corremos em direção ao que achamos o local mais apropriado do som.

Para nossa surpresa, encontramos uma nova vítima, semidespida, com sinais macabros de crucificação e gemente de dor. A moça de uns vinte anos dizia-se adepta da seita satânica, comandada pelo tal Sr. Noein, morador de mais de 20 léguas do local. Noein fora rico e nobre, mas, após um acesso de loucura, despareceu, sem deixar vestígios, já havia mais de cinco anos. Seus parentes empreenderam diversas buscas, mas não tiveram êxito. E agora aquela jovem dizia-se adepta e vítima deste facínora Noein.

Que tipo de seita era aquela e qual o seu objetivo? Somente mortes, sacrifícios, torturas ou marcar a pele de jovens moças. Eu não entendia nada, até que, após várias horas, nosso pároco resolve contar a todos da cidade a antiga lenda que viera a saber de seus ancestrais, que também viveram próximo ao Vesúvio e que talvez fosse um elo que descortinasse os fatos ocorridos e as dores que todos passaram a sentir após aquelas descobertas macabras.

O que eu estaria fazendo ali? Longe do meu povo, sem amigos e agora com o mais forte dever de proteger a mim, minha família e quem sabe até a nossa consciência, pois diziam que aqueles espíritos tomavam conta do nosso corpo e da nossa alma.

Áreas descobertas

Luderov ficou aflito com passos em sua direção saídos da floresta macabra, e à sua frente, surgiu um grupo de atiradores da polícia montada da região.

– Não se preocupem sabemos dos fatos ocorridos nesta cidade e fomos convocados pelo príncipe Nestor a dar um suporte contra os boatos que ocorreram.

– Como se chamam?

– Grupo voluntário de reconhecimento tático.

Nome bonito – pensou Luderov –, ao mesmo tempo desconfiando daqueles homens que aparentavam meia idade, já diferente de jovens alistados a serviço dos governantes.

– Estejam à vontade, disse Luderov, somos um pequeno grupo que está ajudando nas buscas de pessoas desaparecidas nos últimos quinze dias. Nos despedimos com uma saudação e o grupo de soldados voltou ao centro da floresta para continuar sua busca.

Eu e meu parceiro ficamos dialogando:

– É estranho, não achas? – indaguei. Nunca vi estes homens antes e já se intitularam investigadores do caso.

– Sim, também achei, respondeu seu parceiro, eles tinham um cheiro estranho de animal que falta com sua higiene.

– Não vamos pensar mal, disse ao meu parceiro. Fiquemos em guarda e observemos com detalhes todos os fatos.

À noite, acampamos. Luderov e seu parceiro ficaram atentos, mas logo o cansaço os abateu e caíram em um sono.

Foram despertados com um grito forte vindo do interior da floresta.

– Você ouviu isso? – falou Luderov.

– Sim, o que está acontecendo? – disse o seu parceiro.

– Não sei, mas acho que devemos entrar mais próximo desta floresta e averiguarmos o que está acontecendo.

Entraram mais de meia légua dentre as árvores e vegetação alta do chão até encontrar um buraco no solo, que parecia não ter fim. Iluminei com um candeeiro e vi rastros de botas no fundo do poço, que era de aproximadamente meio metro. Só que ao iluminarmos o

fundo, observamos o início de um túnel, que não sabíamos para onde iria levar. Entreolharam-se. Luderov argumentou ao seu parceiro que seria melhor descer e observar até onde iria dar aquele túnel.

– Não sei não, Luderov, acho que devemos retornar a nossa base e esperar amanhecer para sabermos do que se trata.

Ficaram pensando até que Luderov resolveu dar uma espiada no fundo para ver o que iria descobrir. Passaram dois minutos e Luderov entrou no túnel, com aspecto de boca larga, e se surpreendeu com o que viu, pois aparentemente não tinha fim, nem sabia onde iria parar.

– É parceiro, acho que você tem razão, não é por medo, mas isto não tem fim e se eu entrar aí, posso não saber sair. Melhor voltarmos e falarmos para os outros companheiros sobre a nossa descoberta.

Deixaram o local marcado com um pedaço de pano e retornaram ao antigo posto de observação. Tudo corria bem até ter sido anunciado outro assassinato, agora entre um membro da comunidade católica, que todos os domingos ajudava a conduzir as missas. Já tinha idade e seu nome era Andres, respeitado comerciante local que, devoto de Nossa Senhora, não tinha outra finalidade a não ser ter um bom relacionamento com o Altíssimo.

Fomos até o local da execução e para nossa surpresa, seu corpo tinha marcas satânicas observadas nas outras vítimas, que eram do sexo feminino; este era o primeiro homem a ser assassinado. Voltemos ao nosso raciocínio, pensou Luderov. Na noite anterior a vítima feminina na floresta, hoje uma vítima masculina próximo à cidade, com bocas sujas de sangue e peles marcadas. Realmente aquilo não fazia sentido.

Ultimamente, os habitantes da aldeia faziam comentários sobre um grupo de zumbis ou animais meio-homens. Pura lenda, pensei, mas qual seria o interesse daqueles assassinatos? Lembrei de nossa descoberta e resolvi voltar imediatamente ao local marcado, onde encontramos o buraco. Quem sabe entrando um pouco nele poderia descobrir algo? Meu parceiro relutou com minha disposição, mas aquiesceu, levando em conta toda a situação. Fomos, mas armados com pequena lança e uma faca de proporções modestas.

Ao chegar ao local, notei que o buraco havia, como por encanto, se fechado mais, mas ainda havia a possibilidade de penetrá-lo. Desci com todo o cuidado e entrei no túnel me esgueirando. Percorri vários

metros adentro até atingir uma pequena galeria, que estava vazia; apenas tinha um jarro contendo água escura, com cheiro forte. Deixei aquilo e continuei. Parecia que o caminho de baixo daquele solo arenoso não tinha fim. Iluminei e forcei ao máximo minha visão e decidi retornar, já que poderia me perder. Com muito esforço voltei, já que havia percebido um certo estreitamento daquela passagem. Mas o que significava aquilo? Um túnel que fecha sozinho? Certamente era habitado, já que além das marcas de sapato havia aquele recipiente suspeito. Nada poderia comparar com histórias obscuras de mortes e fugas, já que não encontrei a presença de ninguém no local.

Meu companheiro surgiu preocupado com minha aventura e sentiu-se aliviado de ver-me aparecer na boca daquele túnel.

– Então, Luderov, o que foi que viste?

– Praticamente nada, só um recipiente de barro. Notei que este túnel não tem fim visível. Acho que amanhã deveremos retornar durante o dia e averiguar novamente a possibilidade de ser meio de fuga de alguém que queira se esconder.

Foram embora sem a convicção que aquela passagem era ou não algo de importante para desvendar aqueles assassinatos sem lógica. Retornamos ao grupo e fizemos um breve relato do ocorrido. Todos se entreolharam e começaram a relatar uma espécie de lenda da região:

"Era uma vez, dois povos que se respeitavam e faziam oferendas a deuses comuns a eles. O povo A deu como oferta um barril de vinho para sua entidade divina, e o povo B forneceu um punhado de animais já sacrificados. Diz a lenda que o chefe dos mortos surgiu do fundo da terra e arrastou com voracidade todos os que haviam ofertados as oferendas e deixou-os num local, intactos. Os moradores do povoado A e B foram tragados para debaixo da terra, de modo único e, apesar dos gritos, não se viu como eles tiveram este fim e nem como aconteceu este fato mágico. Só sabem os sobreviventes que eles nunca mais foram vistos e nem se teve mais notícias ou se eles voltaram para suas cidades. Ficou a crença que uma besta que mora próximo do Vesúvio os engoliu, para nunca mais retornarem".

– Mas que crença difícil de entender, disse Luderov.

– É, relatou seu companheiro, já faz mais de mil anos e esta crença

sempre esteve forte no pensamento desses aldeões.

– Fiquemos atentos e programaremos outro retorno amanhã, agora mais preparados com cordas e armadilhas.

O povo zumbi: a lenda

A expedição que Luderov pretendia fazer explorando aquele túnel já tinha sido tentada outras vezes, mas por exploradores caça-fantasmas do século XVIII, pois eles já tinham tido conhecimento da lenda dos zumbis perdidos.

Há mil e cem anos antes, pelo ano de 700 d.C., dez moradores de uma cidade próxima, que se localizava às margens da base do Vesúvio, elaboravam uma festa em favor dos dias de luz em que o vulcão não entrara em erupção, visto que suas explosões levavam poeira suficiente para o ar tornando-o mais poluído e impedindo que a radiação solar atingisse suas plantações próximas.

A cidadela era banhada por um pequeno rio que abastecia a região, um lindo riacho com águas cristalinas. De lá o povo tirava seu sustento e o restante vendiam para povoados próximos. Esta cidadela, já perdida nos mapas atuais, se chamava Cordolessa. Possuía cerca de 120 habitantes que, de tão rudes, não sabiam as regras da leitura. Eles tinham somente a intenção de procriar e fazer com que suas famílias sobrevivessem aos invernos rigorosos da região.

Um chefe do povoado ditava as ordens, e era considerado o líder espiritual do grupo. Não acreditavam em um Deus único e, por isso, pensavam que as influências do vulcão eram devidas aos agradecimentos oferecidos ao deus sol. Entre eles havia um rapaz muito destemido de nome Raum, de origem escocesa, que convivia com os romanos sem queixas, já que era tratado como um semiescravo. Certa manhã, ao procurar abrigo de um dia ensolarado, encontrou ferramenta de difícil significado, com desenhos em sua peça; levou o objeto ao chefe da comunidade, que traduziu como se pertencesse a civilizações antigas que haviam habitado a área.

Mas o que realmente significava? Uma luz, com animal tipo cordeiro, uma adaga, cercado por um quadrado. Era de formato espiralado e possuía pontos finos nos dois extremos. E para que servia? Foi quando, na mesma noite, Raum foi cercado por figuras estranhas que tomaram o objeto de sua mão e seguiram em direção ao Vesúvio e desapareceram. Raum, ainda não conformado, deixou o

vilarejo desacompanhado em direção ao vulcão, seguindo a mesma trilha daquelas figuras. Então ele caiu em um buraco de pouca profundidade e sai no outro lado do vulcão Vesúvio.

Ao sair, deparou-se com figuras inóspitas, rostos pintados, mau cheiro local, com ferramentas semelhantes à que ele havia encontrado. Imediatamente tentou voltar, por uma queda em vertical, mas foi localizado pelo bando e levado para uma gruta cheia de ossos humanos. Raum estremeceu e deixou sua imaginação alçar voo. Pensou que seria um grupo de canibais procurando presas para sua alimentação. Estava tremendo de medo e fora obrigado a comparecer a um ritual de matança de animais. Viu várias ovelhas serem devoradas a sangue frio, sendo que estes animais pareciam dóceis e não ofereciam nenhum tipo de resistência, pois estavam entorpecidas.

Logo deram a carne desses animais recém-abatidos, comeu e sentiu-se mais forte, só que sua pele começou a se transformar até tornar-se azul escura. Era o início de uma metamorfose. A boca de Raum começou a despedaçar e seus lábios adotaram um aspecto de vermelho vivo. Sua boca salivava e ele iniciou a transformação de um corpo saudável para um corpo dependente de carnes estragadas. Ele sentia um aguçamento nos olhos leves e passou a ouvir melhor tudo que acontecia ao seu redor.

Aqueles animais foram dopados com uma substância mortífera proveniente da lama que o Vesúvio expelia. Sua mistura era composta por substâncias sulfurosas. Este composto, dado a comer, transformava os animais em dóceis e inanimados, de fácil abate, só que logo impregnava sua carne e sangue, o que levava seus consumidores a sentirem efeitos colaterais daqueles alimentos contaminados. O consumo seguido trazia uma certa alucinação e alterações no corpo físico, que de tanto acúmulo de veneno já não se tornavam mais normais.

Esta explicação é pertinente, visto que naquela época as pessoas não sabiam o que acontecia com seus corpos após usarem aquelas carnes contaminadas. De noite, no auge do efeito alucinatório, o grupo iniciava cantos e gritos e partiam para caçar tudo e todos que encontravam pela sua frente. Tudo ocorria por muitos anos antes, orientados pelo chefe chamado Arouk, espécie de pajé, que descobriu

esta fórmula de matar os animais rapidamente. Fórmula esta que foi passada para seus descendentes, que passaram a formar um grupo de assassinos e dominadores.

Só que esta fórmula também trazia consequências aos descendentes nascidos das mulheres que ingeriam esta carne. Vinham envolvidos de pelos por todo corpo, traziam deficiências nos lábios e nos olhos, mas em compensação todos tinham uma capacidade intelectual aguçada; seria como pequenos gênios, só que do mal, pois tinham necessidade de comer mais carne contaminada para poderem dormir melhor e não terem dores nos músculos. Era um efeito colateral terrível. Assim, este povo passou a ser chamado de os Zumbis da Montanha, e eram temidos por todos que passavam próximo ao Vesúvio. Tinham vida curta; desencarnavam, em média, com trinta anos. Morriam sempre por efeito de doenças no fígado, sem muita expectativa de cura, e eles sabiam disso. Sempre que pegavam sua presa se deliciavam com o fígado da vítima.

Raum ficou na expectativa do que aconteceria com ele, mas logo foi salvo por uma condição que esses selvagens não conheciam. Sua pele logo voltou ao normal e todos lhe reverenciaram, pois achavam que era um deus, que não sofria com os venenos colocados na carne dos animais. Ritual à parte, todos se recolheram, com exceção de um pequeno grupo que comandava a tribo. Raum determinou que lhe trouxessem mais alimentos, pois sentia fome e a contaminação não lhe fazia mal.

Raum, então, traçou um plano para se dar bem. Começou a usar aquele povo para procurar riqueza próximo ao vulcão, pois sabia que muitos tesouros poderiam estar escondidos embaixo daquelas lavas solidificadas com o tempo. Mandava quebrar vários sítios que apresentavam casas soterradas do passado e conseguia encontrar vários objetos da antiguidade romana. Tais sítios foram invadidos por esse povo bárbaro e transformado em mero comércio; Raum os trocava com os comerciantes que vinham à procura dos objetos perdidos embaixo da terra.

Poderia se dizer que Raum fora um explorador-arqueólogo das épocas antigas. Só que as doenças e o mau cheiro que aquelas escavações produziam deixavam o povo zumbi preocupado; se Raum

fosse realmente um deus, aquilo não aconteceria.

Em uma manhã, Raum acabou executado por aqueles bárbaros, porque trouxera mais desavenças do que progresso.

Assim termina a história de Raum e inicia a trajetória dos zumbis que também aprenderam a lidar com o comércio. Também costumavam comer pessoas que encontravam em sua rota, caso não agradassem aos seus anseios.

Esta é a verdadeira história deste povo. Quanto a Raum, por uma deficiência genética de seus antepassados, aquelas carnes afetadas pelo composto não eram suficientes para alterar a composição de seu corpo, e quanto àqueles túneis, nada mais eram do que pequenas ruas e passagens que foram soterradas por diversas erupções e protegidas pela vegetação que era enterrada após as explosões vulcânicas. Seu aspecto de contrações se devia a alterações do solo que, constantemente, atingiam aqueles túneis. Este povo foi se extinguindo, porque sua mortandade aumentou à medida que o acúmulo do veneno aumentava. Nessas épocas, o antídoto não fora possível de se compor, pois não se conheciam os efeitos que aquela poção dada aos animais era capaz de fazer. Eles só tinham uma saída: ingerir mais e mais carne para não morrerem de dor e tetania muscular.

Enquanto isto, Luderov armou uma expedição para encontrarem esse mundo perdido e trazer a verdade dos fatos à tona. Formou um grupo de oito caçadores da região e iniciou a pesquisa do que fazer se encontrasse esses zumbis.

O padre emprestou água benta e um crucifixo grande. Sua esposa lhe deu um objeto que aparentava um dente de coelho para protegê-lo. Bastante água e comida já tinham sido fornecidos; cordas, espingardas e facas também compunham o arsenal do grupo. Uma coisa era certa: aquelas matanças tinham que terminar.

Foi aí que o grupo iniciou sua jornada através do túnel em direção ao desconhecido. Sabiam que, quanto mais unidos, mais fortes seriam, e o grupo atravessou a primeira galeria. Sentiam um ar mais asfixiante e menos puro, o calor passou a aumentar e logo foi necessário acender tochas e velas para avançar. Seus homens da retaguarda deixavam marcações com pedaços de pedra para poderem localizar a saída. O grupo passou várias horas na tentativa de encontrar alguma saída

adiante, mas não obtiveram sucesso. Decidiram retornar para depois voltarem a partir daquele ponto. O certo é que não encontraram nenhum vestígio de zumbis ou qualquer ser estranho à espécie humana.

Após algumas horas de retorno, esgueirando-se naquelas vielas apertadas, eis que encontram um objeto metálico, com inscrições no seu corpo e desenhos estranhos que mal prenunciavam algo inteligível. O que seria aquilo? A quem pertencera e o que significava?

Todos retornaram com a ideia de voltar a procurar mais indícios – e o mais rápido possível.

O início da jornada

Durante a manhã, tentamos encontrar subsídios para decifrar como fazer para prosseguir nossa jornada dentro daqueles túneis, ora apertados, ora mais largos, com pouca iluminação, baixa ventilação e muito calor, chegando a níveis insuportáveis. O companheiro de jornada já queria desistir, achava que aquilo não daria mais certo, já que não havia equipamentos adequados para enfrentar tal aventura. Só que o pároco revelou para nós que quase a totalidade das pessoas que perderam suas vidas nos últimos tempos apresentavam marcas de uma certa selvageria que poderiam ser provenientes de pessoas que queriam reviver o tempo dos zumbis. Como se aquilo fosse possível. Percebi que tudo dependia da nossa boa vontade de ir atrás dos elementos necessários e esclarecer toda aquela situação. Pellenova passou a ter choros compulsivos e aflitos, achando que eu não retornaria com vida para o convívio matrimonial. Tudo agora dependia de mim e de um punhado de homens famintos e mal preparados.

A noite chegou e fomos conversar com os pastores de ovelhas. Eles diziam que aqueles zumbis procuravam sangue e carne de ovelhas para se alimentarem e oferecerem dádivas aos seus deuses, sabe-se lá quem eram. Foi uma noite de difícil decisão já que nossa missão não iria acabar, a não ser que decidíssemos não ir mais aos túneis e galerias que cruzavam as imediações daquele vulcão. As horas passaram e decidi que se não tentássemos mais uma vez pela exploração dos túneis, provavelmente aquelas mortes persistiriam por mais tempo. Arregimentei forças e falei da minha decisão à Pellenova, que em um ato de desespero se atirou aos meus pés e, em prantos, rogou para que desistisse daquela ideia absurda. Expliquei:

– Meu amor, não temas, em breves dias hei de retornar ao teu convívio, já não temos escolha; se ficar, muitas mortes virão, e este povo precisa da nossa ajuda, afinal eu que tive a ideia de entrar naqueles túneis. Ademais, tenho outros parceiros que irão comigo.

Pellenova em um último gesto desesperado revelou:

– Luderov, sabes que estou grávida? Não temes por tua vida, e como

viverei sozinha com esta criança em meu ventre?

Luderov surpreso e espantado afirma:

– Como não me revelaste antes? Agora que já me comprometi com todos, não tenho como desistir.

E Luderov, pensativo, foi à procura do pároco, na esperança de ser compreendido na sua nova decisão de não ir mais com o grupo. Só que o pároco suplicou intensamente para que sua palavra fosse mais forte e ele não desistisse de ajudar aquele povo, já com poucas esperanças de superar aquela situação.

Quanto a Pellenova e a nova criança, o pároco se comprometeu a ajudá-las em todas as suas necessidades.

Após muito pensar, Luderov decidiu seguir com o pequeno grupo, agora contando com cinco homens voluntários, todos com o desejo de aventura e esperança de decifrar aquele mistério mortífero.

No outro dia, antes que o sol aparecesse, o grupo desceu até o túnel e desapareceu lentamente no seu interior para não os ver mais. Passaram-se algumas horas e entre as galerias e túneis cheio de corredores tortuosos, o grupo chegou a um pequeno riacho, com águas sulfurosas, cheias de odor forte, e tiveram que passar rápido por aquela área. Mais adiante encontraram restos de ossos de animais silvestres recém-abatidos, pois ainda havia sinais de pegadas de homens em cerca de meio metro. Provavelmente se tratava de algum tipo de caçador. Seguiram mais adiante e localizaram uma saída próximo à cidade onde Torleon habitava, ou seja, havia uma comunicação subterrânea entre os dois vilarejos.

Foi necessário sair por esse túnel e restabelecer as energias do grupo. Alimentaram-se, encheram seus sacos de água e como o dia ainda estava claro, resolveram aventurar-se mais adiante do túnel, que apelidaram de corrente, pois seu aspecto era de uma corrente de ferro, fazendo várias reentrâncias sempre em direção reta.

Luderov sentiu-se um explorador, mas temia que mais adiante pudessem encontrar tais criaturas, aquelas meio homem-animal, temendo que esta lenda ainda pudesse estar viva. Desceram neste túnel e seguiram um fluxo de ar que denunciava outra saída próxima, mas estes buracos eram muito pequenos para alcançarem a superfície. Decidiram continuar. Tinham provisões para três dias de expedição e

aquele primeiro dia revelara a perfeita conexão embaixo da terra, como se alguém tivesse construído aqueles túneis com as próprias mãos.

Depararam-se com um objeto, agora de ouro, o que despertou a alegria dos homens. Era uma espécie de crucifixo, torto, com aspecto de rinoceronte em seu meio, algo jamais visto, e que seu significado nada era para mim. Pensei que alguma seita exótica vinha por aquelas passagens. Ouvimos um grito e corremos em direção oposta ao som, que nos assustou bastante; resolvemos empunhar nossas armas e, com muito cuidado, avançar em direção ao estranho ruído, mistura de desespero e rouquidão. Não encontramos nada.

Segundo a lenda, aqueles zumbis tinham o poder de influenciar o pensamento e trazer à tona toda a raiva e ira das pessoas a quem queriam atingir. Esta particularidade fez com que tomássemos a precaução de trazermos um objeto com algumas cabeças de alho na sua ponta para assustar com seu cheiro forte aqueles seres das trevas. Deixamos o local e fomos nos recolher num acampamento de retaguarda na superfície próximo ao povoado do Sr. Torleon. Deitamos perplexos e com muitas perguntas a serem respondidas.

Aquela noite era para ser descansada em sua totalidade. No entanto, logo ao deitarmos, passamos a ouvir cânticos, que provinham do interior do túnel. Esses cânticos eram ritmados com intervalos, ao som de um instrumento que eu não sabia identificar. Logo aqueles sons foram seguidos de um barulho ensurdecedor e finalmente passamos a não mais ouvi-lo, somente o silêncio da noite fria.

Dormimos e, ao acordar, decidimos o quanto antes prosseguir aquela jornada, que apenas estava começando. Dei ordens aos companheiros de prosseguir e assim por volta das primeiras horas da manhã, descemos no túnel e fomos logo ao local onde o grito fora ouvido.

Para a nossa surpresa, jazia mais uma jovem, vítima de agressões cruéis, sem roupa, com pouco cabelo e totalmente esfacelada. Fizemos uma prece, choramos e a retiramos para fora do local. Na superfície, decidimos enterrá-la e prosseguir com a nossa incursão, já que era impossível identificá-la por completo. Perdemos algum tempo, mas voltamos a continuar nossa rota. Passou-se o resto do dia e, sem saber

se já era noite, resolvemos acampar num pequeno salão embaixo da terra, onde o calor era suportável, embora desconfortável. Pelos nossos cálculos já estávamos próximos ao vulcão Vesúvio, pois sentíamos cheiro forte de enxofre e havia tremores de terra frequentes, como se algo balançasse, constantemente.

Nada nos surpreendia mais, somente nos incomodávamos com a dificuldade de realizar as tarefas de cozinhar nossos alimentos. Partimos em direção ao centro da terra e não sabíamos o que estava nos aguardando.

Artigos subterrâneos

Após a manhã inteira de caminhada, eis que nos deparamos com uma entrada estreita por entre as rochas, formando um portal pequeno de difícil transposição. Ficamos imaginando como poderíamos atravessá-lo, e mandamos nosso menor homem, que se esgueirando e comprimindo-se conseguiu entrar naquela câmara estreita e escura; só que logo ele retornou aos gritos, apavorado. No interior daquela câmara habitava um sortimento de cobras e serpentes das mais variadas espécies, desde as inofensivas às mais perigosas. Deitamos na entrada daquele portal e ficamos a pensar como faríamos para passar por aquele recinto.

Tivemos a ideia de pôr fogo no local, mas lembramos que aquele recurso poderia colocar em perigo todos nós, já que a área era repleta de material comburente e o fogo poderia se alastrar com facilidade por todos os compartimentos do túnel, o que seria a morte certa. A solução mais viável veio de nosso mentor de assuntos estratégicos, o Sr. Minote, jovem com vários talentos, desde a música até a teoria da guerra, mas de poucas habilidades quando se tratava de combates corporais.

Sr. Minote sugeriu que atássemos uma corda do chão da caverna até a parede superior do salão e escalássemos até o ponto mais alto que pudéssemos, para depois tentar suplantar as deficiências das paredes de pedras usando nossas espátulas, formando pequenos buracos. Com isso tentaríamos nos equilibrar até o outro lado do túnel – cerca de 50 metros. Era uma caminhada longa e difícil, mas a única saída para superar tal dificuldade. E assim foi feito; o primeiro voluntário fui eu, que tinha mais força para escavar as paredes superiores do túnel repleto de cobras. Várias delas tentaram me seguir, mas com a ajuda de tochas conseguimos espantá-las para fazer aquele pequeno trabalho de engenharia.

Que situação! Algumas vezes fiquei pendurado, quase me precipitando ao chão, e certamente seria atacado por algumas espécies peçonhentas. Que cheiro ruim! Além das paredes lisas havia suspeita de restos de alimentos no chão, já apodrecidos, trazidos por aqueles

répteis que transformaram aquele salão em seu habitat, acompanhados de restos de ratos e outros pequenos animais vítimas da caça predadora. Ora, após cerca de duas horas, consegui transpor aquela barreira e atingir o salão mais próximo com toda a nossa bagagem de armas e mantimentos. Somente o Sr. Minote escorregou e por poucos momentos teve o desprazer de ter contato com algumas cobras, que chegaram a fazer ferimentos na sua perna, felizmente nenhum deles feito por espécies venenosas.

Deixamos o local o mais rápido possível e seguimos em direção a pequena saída para a superfície. Para nossa surpresa, já estávamos a poucos metros do vulcão, que expelia lavas e fumaça pela sua boca. Mas como aquilo seria possível? Em poucos dias de caminhada, aquela distância se encurtou para mais ou menos 24 horas. Isso deixou-nos confusos, mas felizes de estarmos respirando ar puro novamente, sem a interferência de animais subterrâneos. Fizemos o nosso acampamento e decidimos explorar a redondeza à procura de indícios de moradores que pudessem nos atender as demandas de água e outros alimentos.

Somente pensava em Pellenova que, a quilômetros de distância, não tinha ideia de nossa descoberta. Mas sabíamos que aquilo só estava no início: havia muito mistério naquelas mortes, naquele espaço.

A noite chegou e pudemos nos distrair com música e um jantar maravilhoso a base de frutas silvestres e carne de caça abatida por nossos companheiros; um verdadeiro banquete que transformou nossa alma cansada em um ser recomposto por aquelas delícias. Deitamos próximos um do outro e iniciamos um sono profundo.

Nos meus sonhos parecia ver uma casa simples repleta de móveis rústicos e três crianças a correr pela casa. Minha mulher, Pellenova, aparecia como uma nobre a me encantar com seus traços formais e sua voz melodiosa. Sentia-me em paz e não queria mais acordar daquele sono tranquilizador. Já era cedo e nosso companheiro de jornada deu o alarme que tínhamos sido visitados por ladrões que levaram boa parte de nossos mantimentos e artigos de escalada, como cordas e pregos, e tábuas de contensão. Não tinham percebido nada, só o ar estava com cheiro estranho, de arnica misturado com mel, mistura usada no tratamento de dores articulares. Eis que um de

nossos companheiros apresentava sinais de agressão física, visto que acordou com o rosto inchado, como tivesse sido nocauteado com algum objeto.

Certamente, havíamos sido sedados por algum tipo de tranquilizante dissipado no ar cuja origem não sabíamos. Logo nos pomos a percorrer os arredores do acampamento, sem sucesso de localizar nossos pertences. Pensamos que estávamos sós, mas mudamos de ideia e fomos conversar entre nós para decidir o que fazer; se continuávamos a explorar os subterrâneos ou passávamos a andar na superfície, cheia de pântanos e com algumas áreas arenosas. Os dois destinos eram, certamente, inóspitos. Decidimos permanecer nas áreas escuras dos túneis a explorar aquele universo desconhecido.

Demarcamos todo o local com pedaços de roupas velhas e voltamos ao túnel para continuar a jornada.

Aquela ponta não era agradável, tinha um odor forte de objetos apodrecidos que se misturavam com o piso encharcado e restos de vegetais, fazendo um verdadeiro lamaçal interior. Suas paredes já não tinham forma definida e o caminho ficara bem estreito. Acho que nos tornamos expert em explorar cavernas, já que o caminho tinha se tornado familiar com algumas horas de exploração.

Após muitos momentos sem surpresas, surge na nossa frente o primeiro sinal de que aquela caverna era habitada. Vários objetos de cerâmica se misturavam com a argila que começava a se formar, parecendo até uma fabriqueta ao nosso redor. Mas não havia ninguém para nos recepcionar. Facas rudimentares, objetos de torneamento de argila, redemoinho de pé e água suja compunham esta galeria e encontramos um rosto em forma de máscara, daquelas espécies que lembravam habitantes em épocas antigas. Tivemos mais alguns momentos de observação e pensamento, recolhemos alguns jarros de argila e partimos para mais adiante em nossa jornada.

Após algumas horas, surgiu a nossa frente uma grande piscina subterrânea, com água quente percorrendo um leito que seguia por debaixo de uma grande parede de pedra. E foi aí que decidimos tentar ver o que havia por debaixo daquela rocha em que a água fluía. Me voluntariei para ir, através de nado e mergulho, para ver o que nos esperaria por debaixo daquela pedra. Tirei a roupa, fiquei só com um

pano em volta do meu corpo e me atirei naquela água quente que banhava toda a piscina e sua borda. Para minha surpresa, havia uma imensa galeria iluminada do outro lado.

Povo perdido

Ainda que a noite tivesse iniciado, aquela gruta mais parecia um salão iluminado com todos os candelabros da sala de um rei. Éramos pequenos em relação a dimensão daquele ambiente, as paredes refletiam um colorido todo especial. Ninguém poderia imaginar aquele espetáculo. Dizia-se que se tratava de um reflexo, um espelho de água cristalina que produzia aquele efeito. Mas como? Tantos metros embaixo da terra!

Aos poucos meus companheiros compareciam para vislumbrar aquele sublime espetáculo que os olhos humanos não poderiam acreditar. Reunimo-nos todos e fomos parar nas paredes daquele incrível cenário. Logo percebemos que se tratava de uma coluna de água que paulatinamente descia do teto, encobrindo o seu real cenário, onde por trás tocamos numa rígida rocha clara, como se fosse cristal, esculpidos pela natureza, sem interferência do homem, e a luz era um reflexo que vinha por detrás daquela espetacular pedra e majestosas cores vinham por detrás dela.

Resolvemos fazer um pequeno buraco na pedra para ver da onde vinha tanta luz que transluzia aquela rocha. E assim o fizemos. Quebramos um pequeno pedaço da pedra e sutilmente colocamos um pedaço de madeira no buraco. Fazíamos movimento de empurrar a madeira para dentro do orifício a fim de ajudar a perfurar mais rapidamente e com menos impacto até alcançarmos um suposto outro lado, e após conseguirmos o feito, observamos que do outro lado havia muita luz proveniente de área incandescente oriunda do vulcão: parecia material em brasa que não cessava de queimar e incandescer para todos os lados. Concluímos que aquele outro lado poderia ser o lúmen do vulcão. Fechamos cuidadosamente aquele orifício e continuamos a explorar aquela imensa galeria que mais parecia um largo campo descampado.

Direcionamos nossas tochas e verificamos a presença de relíquias em formas de objetos cuidadosamente guardados em um canto da gruta. Ficamos perplexos em encontrar joias, pérolas e outros objetos de valor. Quem poderia trazer estes tesouros e escondê-los ali?

Retornamos para a gruta anterior e nossos olhos já denunciavam fadiga de tanta luz naquele grande salão. Levamos alguns minutos até localizar a grande saída para fora do túnel com ajuda da corrente de ar que direcionava o local exato para sermos expulsos daquela cratera. Observamos a saída e parecia uma pequena floresta cheia de arvoredos e plantas de pequeno porte, com ausência de qualquer vestígio de melhores árvores ou frutos.

Olhamos para os lados e notamos a presença bem próxima de temido vulcão, que não parava de expelir fumaça, tal qual um caldeirão quente, e olha que estávamos a uma distância considerada segura. Arrumamos nossos materiais e pressentimos a presença de seres nos observando, já que a todo momento disparavam assobios e mexiam os arvoredos. Ficamos temerosos por nossa segurança, até que novamente a noite caiu e pusemo-nos a fazer uma fogueira e arrumar ingredientes para preparar uma refeição. Todos pensávamos o que fazer caso fôssemos pegos de surpresa por um grupo de canibais ou coisa parecida. Não havia limites para nossa imaginação.

Fizemos uma estratégia de dois dormirem e os demais ficarem acordados, em revezamento durante a noite, mas não foi nem preciso a noite anunciar o momento mais avançado, pois logo surgiu um grupo de pessoas seminuas, portando lanças, e uma espécie de punhal com duas pontas nas extremidades. Anunciaram um ataque caso não nos rendêssemos. Fizeram um círculo ao nosso redor e começaram a nos intimidar com suas lanças.

Nada nos restou fazer a não ser entregar nossas armas. Falavam uma língua estranha, mas alguns compreendiam os nossos gestos. Pareciam bem primitivos, um povo não domesticado, que nos surpreendeu em ataque as nossas defesas. O grande número de pessoas nos fez pensar o quanto aquele povo estava distante e perdido da civilização, mas fomos levados para o centro de uma região onde havia espécie de malocas coletivas. Era lá que várias pessoas nos aguardavam. Certamente era o local onde moravam. Eles não tinham nenhum luxo e viviam rudemente. A caça e pesca eram seus meios de subsistência.

As mulheres de uma cor branco pálido denunciavam uma origem nobre, pois os traços finos da mulher europeia ali se encontravam, o mesmo se observava com os homens, mas como eles foram parar ali e

do que sobreviviam? Havia contato com a civilização? Eis que a resposta não tardaria a aparecer. Surgiu no cenário longo desfile de pessoas que pareciam ser os líderes do grupo e um deles, cheio de ornamentos na cabeça, iniciou sua fala em perfeito sotaque inglês, dizendo em língua igual a nossa que este era um povo que há vários séculos habitava a região, proveniente da fuga de guerras que atingiram a Europa ocidental, onde os mouros resolveram atacar e perseguir os que se opunham à sua conquista. Foi assim que o pequeno grupo se refugiou naquela montanha próxima ao Vesúvio, em busca de paz e isolamento da raça dos mouros, que tanto queriam dominar a civilização da época.

Surpreendemo-nos com aquelas revelações e nos preocupou o que iriam fazer conosco, já que tínhamos um segredo a resguardar, pois aquele povo não queria ter contato com a civilização europeia. Falei com o chefe e comentei da nossa odisseia à procura de pessoas que haviam assassinado inocentes. Ele disse que em determinado local, não muito longe dali, havia ruínas em que se escondiam pessoas mutiladas que costumavam saquear qualquer objeto que achassem de valor e propôs nos levar ao local para comprovarmos a veracidade, desde que nunca mais voltássemos a sua cidadela. Era um convite para deixá-los em paz e não mais o importunássemos. Foi logo aceita a proposta e dali fomos imediatamente escoltados para fora da cidade, em direção oposta, mais próximos do vulcão, agora pela superfície.

Após algum tempo de caminhada, sentindo o efeito do calor que aquele vulcão expelia, chegamos a um lugar repleto de ruínas, que inicialmente nos pareceu familiar, mas fomos logo esclarecidos por um membro do grupo que aquilo se tratava de uma antiga cidade destruída pelas labaredas do Vesúvio. Várias pessoas perderam suas vidas por lá. Logo nos vimos sós, sem a escolta do povo perdido da floresta. Deixamos nossos agasalhos caírem no chão e nos pusemos a pensar no que realizar dali para frente.

Deitamo-nos próximo a uma ruína e implementamos um sono para recuperar da fadiga da noite mal dormida e agradecemos aos céus por termos sido libertados por aquele povo primitivo. Mas não percebemos que fomos colocados próximos demais do vulcão para sermos atingidos pelas suas lavas.

Perdido na mata

Estávamos sentados, aguardando nossas forças voltarem ao normal, quando fomos surpreendidos por grupos de homens que mais pareciam animais recém-saídos da jaula. Partiram para cima de nós com objetos semelhantes a facas, e tivemos que correr em direção contrária àquele grupo, bem superior ao nosso.

Saímos em diversas direções e eu acabei por atingir um grupo de construções antigas semelhantes a castelos assombrados caindo aos pedaços. Me escondi e deixei o silêncio da noite atingir seu grau máximo. Tinha frio e a fome já denunciava o quão estava debilitado. Passaram-se várias horas e eu permanecia escondido por detrás de colunas quebradas.

Permaneci por mais algum tempo e saí em direção à mata fechada com o objetivo de encontrar uma trilha capaz de me levar para fora daquele sítio de ruínas. E não encontrei mais meus companheiros de jornada. Todos sumiram, não sabendo se tinha conseguido escapar daquele grupo de animais-homens. Deixei cair alguns objetos que mais faziam peso nas minhas costas e segui apenas com uma arma: espingarda e alguma munição. Olhava o Vesúvio próximo, mas estava a uma distância considerável.

Passei a noite escondido. Tentava achar meus companheiros a partir da escuta de sons que denunciavam sua localização. Chegou a manhã e os pássaros começaram sua revoada por comida, e comecei a perceber que o local onde me escondera estava repleto de caveiras espalhadas pela região; parecia um cemitério a céu aberto. Fiquei arrepiado em observar aquele cenário. Peguei a espingarda e prossegui em direção oposta ao Vesúvio. Parecia que nossa jornada chegara ao fim.

Rogava a Deus para que conseguisse voltar ao seio da minha família. Pellenova certamente ansiava por meu retorno e eu mais do que nunca desejava voltar, mas havia um problema: não sabia que rumo tomar, estava literalmente perdido, a olhar o Vesúvio como referência. Não tinha condições de saber se estava na direção correta.

Sentei e fiquei a observar a posição solar e para onde ele iria se

movimentar. Foi aí que decidi sair em direção norte, ou seria sul – iria descobrir depois. Andei por um longo tempo naquela floresta, atravessei um pequeno rio e sentei próximo, abasteci o saco de água fresca, deixei o resto que carregava no local e demarquei com alguns objetos que trazia. Pretendia caçar para alimentar-me, até que encontrei alguns animais de pequeno porte e consegui abatê-los jogando o meu punhal.

Foi pura sorte acertar. Não seria conveniente utilizar a arma de fogo, visto que poderia chamar atenção daquele grupo de homens-animais. Fiz uma breve refeição e decidi prosseguir a caminhada na tentativa de encontrar alguém e me situar em um horizonte familiar. Deixei novamente meu pequeno carregamento e parti para me situar em cima de um arvoredo. Visualizei um monte próximo e foi nesta direção que parti à procura de um rumo seguro a tomar.

A noite chegou novamente e decidi subir em uma árvore não muito alta e tentar dormir um pouco para fugir do ataque de algum animal feroz ou cobras venenosas. Dormia um sono profundo, quando percebi a passagem do grupo de homens-animais. Procuravam algo com voracidade. Era noite alta e este grupo passou a cheirar o local e procurava atentamente, munidos com suas lanças, afastando os arbustos e olhando atentamente a tudo. Certamente me procuravam e em mais absoluto silêncio permaneci até ter certeza de que tinham ido embora.

Percebi que ainda estava no meio das terras dominadas por aqueles homens misteriosos, com aspecto rude, que davam sinais de crueldade, pois exibiam colares com restos de ossos e usavam machados incrustados de dentes, que pareciam ser de pessoas mortas por eles. Esperei por mais algum tempo e, já me sentindo seguro, deixei aquele abrigo na árvore e fugi daqueles homens-animais.

Após algum tempo de caminhada na mata fechada, eis que encontro finalmente uma trilha familiar, que havíamos marcado com nossos pedaços de pano há alguns dias atrás. Fiquei feliz em ver que havíamos estado ali. Deixei novamente minhas coisas no chão, deitei-me num local próximo a uma gruta. Deixei o sono tomar conta de mim e novamente adormeci, exausto daquela odisseia.

Ao acordar, estava rodeado por aquele povo que habitava próximo

ao túnel iluminado. Senti um misto de alegria e preocupação. Alegria de ter encontrado com pessoas que não nos fizeram mal, e preocupação de me mandarem de volta para aquelas ruínas-cemitério, que não havia nada lá, somente aquelas pessoas mais primitivas. Me saudaram com a linguagem deles. Não entendi o que queriam me dizer, mas respondi. Logo após aquele contato, me levaram novamente para sua pequena cidade e seu chefe, que falava nossa língua, me saudou e permitiu que trouxessem água e alimentos para meu consumo. E ele arguiu:

– Cadê seus companheiros?

Respondi que todos haviam se separado, sob o ataque de homens primitivos.

Ele novamente se manifestou, agora dizendo que aqueles homens primitivos a que me referia era um povo que há séculos habitava aquelas ruínas em defesa de seu território, mas que, devido a sua dureza e dificuldade de contato, se isolaram de tal maneira que todos os que apareciam nas suas terras, eles costumavam fazer de presas e tratá-los como prisioneiros-escravos, até a morte deles. Foi assim que este líder descreveu os homens-animais. Mas como, em pleno século XIX, aquilo ainda era possível, uma civilização perdida no meio de uma floresta, a guarnecer ruínas de uma cidade destruída pelo Vesúvio? Era a versão do chefe. Pensei e decidi que não deixaria meus companheiros de jornada à mercê daquele povo. Falei das minhas intenções de retornar às ruinas e pedi que eles me orientassem quanto ao caminho a seguir.

O chefe aquiesceu e determinou que dois de seus homens me orientassem ao caminho correto. Passei mais dois dias com aquele povo que, não menos estranho, poderia me ajudar a resgatar meus companheiros.

Na noite da véspera da partida, ouvimos uma sonoridade longínqua, como se fosse um ritual, com sons sincronizados. Certamente os homens-animais estavam fazendo algo estranho, mas o chefe me confirmou que aquele ritual era para comemorar a chegada de novas pessoas ao grupo, o que significava que provavelmente meus companheiros, a partir daquele momento, estavam como prisioneiros. Pela manhã, parti em direção à cidade ruína, agora escoltado por dois

homens-guia e logo atingimos a região próxima ao acampamento daquelas criaturas.

Os guias foram embora e me deixaram novamente entregue a minha sorte para sobreviver. Havíamos achado tudo, menos os culpados por aquelas mortes em série, que havia assolado nossa comunidade. Encontramos desde túneis e passagens habitáveis até povos estranhos e cheios de mistérios. Como aquilo iria se desenrolar? Não sabia, só via a necessidade de resgatar meus companheiros e retornar ao seio da minha querida esposa. Como tinha saudades!

Outra proposta

Pacientemente, esperei que todos adormecessem, para então iniciar minha jornada de reconhecimento dos locais onde eles costumavam aprisionar suas vítimas. Logo localizei o recinto em que tinha sido preso; todos estavam dormindo no momento em que os alcancei. Deixei devagar o local para trás e fui me abrigar numa caverna próxima, a fim de traçar planos para a retirada de meus companheiros. Achei que o melhor horário seria dentro de poucos momentos, pois haveria troca de vigilantes e este seria o instante mais propício para retirá-los. Deitei por alguns minutos e voltei meu pensamento para minha querida Pellenova. Já fazia várias semanas sem tê-la em meus braços, sentia falta do meu filho e não parava de imaginar como seria o meu próximo, homem ou mulher, não importava! O certo é que nossa família voltava a crescer e se tornar forte. Deixei os pensamentos de lado e me preparei para iniciar a retirada dos companheiros que estavam naquela situação há alguns dias.

Depois que o segundo homem assumiu o posto de observação, me coloquei próximo a ele. Com uma pedrada na cabeça, o homem desmaiou. Correndo em direção aos presos, libertei-os com ajuda de uma bigorna, que fez a vez de alavanca, e tornei as frágeis grades fora de limitações. Abri as portas e todos se surpreenderam com minha presença; gesticulei, falei baixo para eles me seguirem, pois já era o momento esperado por todos que sonhavam com a liberdade.

Deixamos o local com muita cautela, afinal, não queríamos despertar aquele povo de seu sono profundo. Entramos na floresta e os ex-cativos sentiram um enorme alívio de deixar aquelas masmorras. Seguimos em direção leste, ao encontro do povo próximo do túnel e, finalmente, pela manhã, atingimos as imediações da cidadela, deixando o povo homem-animal sem saber como tinham fugido suas presas.

A colaboração de todos foi um passo decisivo e aqueles três homens extras que também foram libertados, vinham de uma tribo de caçadores que, por engano, penetravam nas áreas de ruínas, caindo em desgraça nas mãos dos homens-animais.

Deixamos eles partirem em direção ao seu povo e nós tínhamos em mente regressar o mais rápido possível à nossa comunidade, dessa vez pelos vales e montanhas a céu aberto e não pelos túneis subterrâneos; não importava o quanto demorasse, queríamos e estávamos dispostos a encerrar aquela jornada empreendida por mim e fazendeiros que ao mesmo tempo julgavam-se avassaladores guerreiros. Éramos, porém, mais pacatos do que imaginávamos.

Deixei os companheiros descansarem um pouco, enquanto iria reunir mantimentos e provisões para nosso retorno e fomos falar com o chefe. Deitamos no chão e logo que o chefe apareceu, fomos surpreendidos pelo grupo de homens-animais acompanhados pelo chefe do povoado a quem achávamos serem inimigos, mas que armadilha nós caímos! Eram amigos e se tratavam como velhos conhecidos; fomos presos e colocados num local próximo das habitações, longe dos olhos.

Como pudemos ser tão ingênuos! Mas nada nos deteria naquela situação. Deixamos a noite cair e logo que todos foram dormir iniciou um barulho de comunicação com os demais do grupo, algo como um improvisado código de fuga, chegando a ter dois toques para não e um toque para sim. Esta era a maneira mais simples de discordar ou não do planejamento que estávamos traçando naquele momento. Nosso líder espiritual achava que devíamos tentar empreender nova fuga.

Apesar da difícil propagação, Luderov já não fazia prognósticos, achava que com sua inteligência poderia conceber um plano para a retirada de todos, em contradição ao Sr. Platô, nosso mestre, que dizia não querer mais voltar à nossa comunidade e sim viver como aquela gente, com pouca cultura e simplicidade. Passaram-se alguns dias e o líder da turma deixou claro que voltaríamos para as ruinas com os homens-animais, caso não colaborássemos com eles. Mas o que eles queriam, não disseram de imediato. Ficaram esperando para que colaborássemos com suas atividades de tráfico de pessoas sequestradas e pedidos de resgate pelas vítimas; era um povo mercantilista e selvagem. Quem queria continuar com eles era obrigado a retornar como um verdadeiro discípulo do mal, haja vista que todos queriam ser livres e felizes.

Deixaram todos nós percorrermos um vasto lugar descampado para

depois prosseguir com nosso cadastramento. Desistimos de fugir depois das ameaças de morte por parte dos homens-animais.

A noite chegou e com ela todos os elementos do grupo partiram para a floresta e outros locais para mais tarde aparecerem com colares e objetos de pessoas que haviam perdido a vida. E eis que iniciávamos a descoberta da solução daquele mistério do vulcão. Observamos por mais de três meses e na certa já éramos tidos como mortos; sem notícias dos acontecimentos, nos deixávamos ser dominados por aquele povo de hábitos simples, mas cheios de mistérios.

Oferecemo-nos ao trabalho, visto que precisávamos criar condições de um dia fugir daquele lugar. Passaram-se mais alguns meses e fomos surpreendidos com um toque diferente no instrumento de sopro que, segundo alguns habitantes, davam ordens para sermos soltos e partir imediatamente para nossa colônia, a fim de realizar a defesa das localidades próximas ao Vesúvio. Afinal, contra a natureza era difícil o combate. Uma chuva arrasadora caiu sobre nós, várias tendas foram atingidas e a tempestade durou mais do que o esperado.

Meus companheiros e eu deixamos claro que gostaríamos de ajudar na reconstrução daquele vilarejo, mas fomos recusados. Ficamos, claro, desapontados, pois uma maneira de adquirir confiança era aceitar todas as verdades e regras daquele povo. Um dos meus companheiros em ato de desespero tentou suicidar-se com pedaços de pano encontrados em nossa cela, a partir de um pedaço de pano cheio de nós que ali fora descartado pelas moradoras do local. Agradecemos e ficamos a espiar e provocar os moradores locais com cantigas que aprendemos, a maioria quando crianças.

Observamos como eles agiam com suas mulheres e crianças e não tínhamos dúvidas que aquele povo estava envolvido com as agressões e mortes ocorridas na nossa longínqua cidade. Encontramos moradores que portavam colares e brincos que certamente haviam pertencido a alguma vítima. Deixamos o tempo correr e, com muita paciência, obtivemos material suficiente para tomar a decisão de tentar fugir. Por mais que fôssemos alcançados, seria a oportunidade perfeita de mostrar que estávamos ali para procurar os assassinos.

Luderov estava cansado, pois já se passaram seis meses de prisão na tribo, com pouca disposição para fuga. Após todo este tempo, e com

todos já desanimados, foram surpreendidos com um convite, no mínimo inusitado, para participar de um ritual de surgimento ao Divino Criador do universo, como diziam, que consistia em deixar as celas e, após procurar e achar ervas pequenas na floresta, seria feito um chá a partir dali, no meio de uma grande festa. Ganharíamos a oportunidade de contato com os divinos deuses da criação, segundo o relato do chefe do grupo. Se não aceitássemos, seríamos mortos e dados como alimentos ao povo homem-animal, que apreciava a carne humana.

O que fazer? Só aceitar o encontro com o Divino deles.

Luderov – o imortal

Após recebermos a intimação de que deveríamos participar do seu ritual pagão, ficamos ali tentando entender do que se tratava. Meus companheiros de cela ficaram perplexos com a possibilidade de nos tornarmos presas daqueles homens-animais. Deixamos de lado todo aquele pensamento e passamos a traçar um plano de fuga, que seria mais viável após aceitarmos participar dos rituais de evocação dos seus deuses.

Para nós, aquelas últimas semanas tinham sido meio sacrificantes, pois trabalhávamos para aquele grupo pela manhã, de tarde fazíamos redes para pesca e de dormir, e pela noite éramos obrigados a ouvir os seus rituais repletos de fumaça e música que não deixavam ninguém em paz.

Passamos vários dias rezando para que nossos guias nos encontrassem naquelas matas perdidas. Tínhamos esperanças de que alguém resolveria vir atrás de nós, mas, transcorridos mais de um ano da nossa partida, ninguém apareceu para nos resgatar. Deixamos várias pistas do nosso caminho, tanto no túnel como na superfície, mas estávamos em uma posição próxima ao vulcão e dificilmente iriam nos encontrar. Esse lado, além de ser bem próximo à cratera, era o que menos exploradores tinham interesse, pois já haviam sido enterrados vários indícios de civilizações.

Coletamos uma espécie de fruto avermelhado que só se encontrava em determinada área próximo ao vulcão e fizeram-nos adicionar restos de lavas que eram expelidas pelo vulcão. Após alguns dias de recolhimento em recipiente com água e sais de prata, o composto se tornava uma pasta espumante, e após adicionar o fruto vermelho colhido nos dias anteriores, se tornava mais avermelhada e cheia de grumos. Parte da pasta era passada no nosso corpo e outra jogada para que alguns animais a comessem e, se não morressem, estava boa para ser ingerida com ajuda de água diluída.

Fizeram-nos experimentar aquele composto que tinha um sabor adocicado. Logo perdi a sensação de vida, meus pés se elevaram, minha cabeça começou a girar e passei a dar gargalhadas em alto e

bom som. Comecei a dizer palavras sem sentido e minha língua havia dado muitos nós. Em seguida tive a sensação de estar flutuando e logo desmaiei. Acordei algumas horas depois. Semelhante fato ocorreu com os demais companheiros. Nunca tinha experimentado tal sensação.

Mas que composto era aquele? Qual a sua fórmula? O que eles queriam de nós nos obrigando a ingeri-lo? Eram perguntas sem respostas naquele momento. Somente o companheiro Arnon achou que aquela bebida poderia nos induzir ao erro de agredir as pessoas. Ficamos extasiados quando pensamos em não aceitar mais aquela bebida. Mas como? Iríamos nos contentar a parar por ali e não aceitar sermos manipulados em prol do cristianismo.

Não tardou e nossa decisão foi tomada sob o aspecto de coerção total dos interesses, que muitos insistiam em deixar para trás toda a sua consciência. Nada poderia ser feito a não ser ingerir doses diárias daquele produto venenoso. Sentia dores abdominais fortes e o nosso corpo começou a ter aspecto semelhante ao de um pardal vermelho. Já não tinha mais forças para prosseguir.

As curiosidades ficaram para trás e passamos a nos ver como cobaias a serviço daquele povo primitivo e, após vários dias ingerindo o composto, passei a ter raiva do próximo, minha inteligência ficou mais aprimorada e comecei a ouvir e sentir animais a quilômetros de distância.

Deixamos nossos parentes e amigos para trás e achávamos que todos sentiam nossa falta, naquele um ano e meio de ausência do grupo. Correu o boato que teríamos sido aniquilados por um povo para lá de estranho. Pellenova teve nosso filho e chamou de Iludov, em homenagem a seu pai que desaparecera em campanha pelos interiores da Rússia. Ele era educado e sempre viveu atrás de áreas propícias para engordar uma criação de gado.

No início, o padre até ajudou Pellenova a solucionar a difícil missão de esperar por mim. Todos diziam que não voltaríamos mais. Pellenova não perdera as esperanças e sempre que podia, pedia permissão para tentar achar nosso soldado desaparecido. Muitos amigos foram falar, com a ajuda do padre, que não queriam deixar aquela família em posição semelhante à dos moradores de rua.

Somente eu e minha esposa tínhamos a convicção de que um dia aqueles assassinatos misteriosos iriam ser descobertos.

Com boa vontade, nossos personagens poderiam ter quebrado a barreira de ajuda aos que se encontravam sob o domínio do medo. Católica, Pellenova rezava diariamente para que Luderov e seus companheiros fossem achados, mas não tardou e ela passou a ser assediada por outros homens que, de passagem pela cidade a confundiam com uma prostituta, pois costumava passar horas a fio sentada na entrada da cidade esperando Luderov e seus companheiros de jornada. Não tardou para que até um pretendente a constituir matrimônio surgisse para Pellenova.

Este um ano e meio serviu para Luderov aumentar seus laços de amor e companheirismo em relação aquele povo que habitava ao redor do vulcão.

Foi durante o último inverno, que o novo filho de Pellenova passou pelo ato de batismo e todos da cidade ficaram alegres e prestativos. Foi uma cerimônia simples, mas abençoada por Deus. Surgiram boatos que Luderov retornaria em breve, pois haviam entrevistado um mercador que reconhecera a história de Luderov, que teria encontrado o esposo de Pellenova mais a leste. Ele relatara que sentia saudade de todos e voltaria assim que colocasse um ponto final no mistério das mortes.

Muitos anos se passaram e a conversa do retorno já começava a ficar na memória dos que ainda tinham esperança de vê-los novamente.

Pellenova passou a fazer trabalhos manuais que eram vendidos nos encontros que a igreja patrocinava no sentido de unir aquele povo cheio de desigualdades. Vieram outros forasteiros com a intenção clara de apenas provocar gargalhadas a respeito daquela história, pois achavam um absurdo a formação de pessoas inexperientes para explorar túneis desconhecidos. Bobagens, diziam, o certo é que já havia se passado um bom tempo e o novo filho de Luderov já contava com um ano e meio; fizeram uma breve comemoração, mas a falta que Luderov fazia a sua família era imensa, visto que somente o padre ajudava Pellenova tornando-a amparada.

Mais dois meses se passaram e nada de notícias. Pellenova fica desanimada, promete castidade a partir desde momento, e todos seus

amigos ficaram sabendo de sua decisão. O padre ficou muito feliz com o anúncio de tamanha retidão, com sua dedicação aos pobres e a continuidade para uma vida de mais reclusão. Pellenova não iria voltar atrás em sua decisão de castidade, continuava sua rotina de criar seus filhos e jamais deu chance para que outro homem conquistasse seu coração. Não se tratava somente de amor, mas também tinha da sua dignidade.

Enquanto isso, Luderov lutava com todas suas forças para superar os efeitos intoxicantes da mistura ácida. Após vários dias ingerindo água e algumas ervas, o nosso nobre descobridor acordou de um sono profundo, deixando o povo surpreso, pois foi só ele do seu grupo que sobreviveu à poção mágica.

Explico melhor, leitor, aquele ritual descrito sob a forma de linguagem, passado de boca a boca e espalhado por todas as comunidades próximas, diziam que tinha a fórmula da vida eterna. Quem sobrevivesse às primeiras doses seria considerado um imortal e passaria a ser respeitado por toda a tribo. Só quem já tinha conseguido sobreviver foram duas pessoas: uma era o "chefe" atual, e agora, Luderov.

Os primitivos não sabiam que, por conta de sua composição hereditária, Luderov tinha uma certa resistência natural àquela mistura bombástica, e somente algumas pessoas na terra seriam capazes de sobreviver a tal veneno. E ele passou no teste, sendo levado a fazer parte do hall dos deuses imortais.

Ao acordar passou a ser tratado por várias mulheres, que lhe trouxeram tigelas de caldos de folhas e ervas, especialmente preparados para seu restabelecimento físico. Sua pretensa imortalidade o tornara outro "chefe" e logo passou a ser respeitado e venerado por todos. Como ele não sabia o porquê de sua sobrevivência a tal teste, passou a acreditar que realmente tinha algum poder mágico. Pobre Luderov, passou de simples mortal para um eterno ser superior vivendo na Terra, mas o que ele não sabia é que aquela poção o tornara mais suscetível a luzes e comunicações provenientes do nosso mundo.

Luderov achava que seu destino havia chegado ao fim com aquela situação de se tornar chefe de um povo que vivia isolado ao redor do

vulcão Vesúvio, perdido próximo à costa italiana, em que milhões de anos antes viveu outro povo cheio de mistérios e com fama de serem zumbis. Isso leitores, não passava de temor que nosso personagem cheio de aventura carregava em seus pensamentos íntimos, já que nada poderia fazer dali por diante, a não ser carregar aquela saga até o fim de seus dias.

Luderov deixara para trás uma vida saudável e confortável, num ambiente familiar, para se dedicar a uma aventura sobre a qual ele não tinha controle ou previsão do que iria acontecer. Em nossos tempos de hoje, nos deparamos com frequência com personagens que são semelhantes ao nosso irmão Plínio, que nesta vida encarnou este descendente do povo russo que, à época de sua vida, nada tinha a perder. Como ele, hoje temos a oportunidade de conviver no nosso dia a dia com estes aventureiros que nada mais eram do que irmãos viajantes no planeta Terra, em reajustes, cada vez mais complexos, que os próprios foram devedores, num passado recente de desajustes a ter uma preparação de nova chance concedida pelo nosso Pai Maior e supervisão da equipe celestial comandada pelo Nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, leitores, estes personagens que transcendem no mundo moderno vagueiam à procura de novas aventuras que acabam em ressarcir os débitos antigos. Tenhamos paciência e desejamos amor a todos estes passageiros que embarcaram no planeta a fim de prosseguir com sua evolução para Cristo.

Esta consideração se faz necessária, pois nosso personagem aqui relatado iniciará uma nova etapa de sua jornada, agora só, somente com o apoio dos amigos espirituais que o acompanham e o ajudarão a retornar ao planeta em pleno ressarcimento dos seus antigos débitos adquiridos na sua última encarnação. Plínio ainda não sabe, mas tudo correrá a seu favor, caso queira esquecer o passado delituoso e assumir a verdadeira postura de amigo dos pobres e necessitados. Que a misericórdia divina continue a mergulhar nos pensamentos de todos nós. Que assim seja, Rita de Cássia.

Os dois deuses

Durante a manhã chuvosa, Luderov recompôs seus pensamentos de saudade que a cada dia lhe abate. Vê que se tornou prisioneiro da sua nova condição de vida. Aquele povo mal sabia o que fazer com seu destino. Eram aparentemente saudáveis, mas muitos se queixavam de diversos males. Nenhum deles poderia compreender que aquela maneira de selecionar um líder, nada tinha de elucidativo, tanto que nem eu e nem o antigo chefe pudemos nos defender com argumentos a respeito de tudo aquilo.

Após passar mais a chuva, levaram-me para um pequeno local, rodeado de flores e pequenas tochas acesas, formando um círculo. O antigo chefe me traz uma travessa com água e frutas recém-colhidas na mata e oferece ao novo chefe como algo ofertado apenas aos deuses. Me senti constrangido e sem palavras, o chefe fala que era preciso aceitar tudo aquilo, pois sem outra alternativa, tinha sido eleito por Deus a ser um representante na terra daquele povo quase primitivo.

Deram também três mulheres para me servir, sendo que elas eram as mais bonitas da tribo, com a intenção de procriar e deixar semideuses capazes de arcar com guerras e assim ter supremacia perante outras tribos.

Aquilo não era o que eu esperava mas aceitei conforme o orientado, pois não tinha alternativa e ao fim do culto havia danças e cânticos. Levaram-me para uma tenda repleta de aromas agradáveis e passei a desfrutar momentos de alegria por estar vivo e agora sob uma nova condição. Deitei-me com as mulheres oferecidas, uma em cada noite, e teria que escolher duas para serem as procriadoras e uma somente para ser serva, para ajudar a realizar os desejos materiais que lhe incumbiam.

Desci do meu pedestal de pensamentos e voltava a imaginar como estava minha antiga mulher, agora já com dois anos de distância e, pela minha insensatez, deixei-a ao sabor de outros o seu destino. O que tinha me levado àquela situação? Agora isolado com esse povo, sem chances de retornar à minha vida antiga.

Pensei que a falta de humildade seria uma falha, pois deveria ser humilde em reconhecer que tinha uma família para cuidar e que aquela aventura não seria necessária para que a empreendesse na sua totalidade. Bastava ficar vigilante, naquelas noites, e pronto, já havia feito meu serviço para a comunidade.

Aquele passado me vinha sempre à mente e agora, com a nova situação, o que eu poderia esperar?

Certa manhã, após alguns dias na nova condição, sou chamado pelo antigo chefe, que finalmente iria conversar a respeito da situação. Chamava-se Andrew e descendia de ingleses radicados na velha Europa ocidental, mais precisamente na Península Ibérica. Informou-me de sua condição que, como a minha, fora adquirida em ritual semelhante à procura de deuses que os defendessem de seus inimigos. Só havia um problema: aquela poção preparada por eles era venenosa, e que mais tarde trazia condição degradante para eles, pois tinha o hábito de todos os dias colocarem gotas da mistura nos seus alimentos, a fim de sentirem fortalecidos para enfrentar seus destinos. Não sabiam que aquela mistura os intoxicava, deixava-os mais frágeis e envelheciam rapidamente; por isso queriam que nós, os seus deuses, deixássemos suas mulheres grávidas para dar continuidade ao seu povo já meio doente e envelhecido.

As mulheres frequentemente sofriam de aborto espontâneo e, quando nascia a criança, algumas duravam pouco pela sua fragilidade. Andrew me reportou que ele já tinha pelo menos quinze filhos e que não suportava mais aquele ambiente de crueza e desequilíbrio, não podendo fazer nada para fugir ou resolver aquele destino. Estávamos presos, até que talvez um dia pudéssemos retornar à nossa civilização.

– O que fazer dali por diante?

– Nada, respondeu Andrew, somente rezar para viver mais um dia.

E assim foi ocorrendo.

Nova vida

Naquela noite, refleti a respeito do que havia ocorrido e como finalmente tornei-me um chefe dentre aquele povo primitivo. O que faria dali por diante?

Cheguei à conclusão que seria melhor eu ficar ali por algum tempo, na esperança de ocorrer uma situação que pudesse me libertar e assim retornar para os braços de Pellenova.

Passaram-se alguns meses e cada vez mais aquele povo me reverenciava como um líder deles. Achavam que eu tinha que dar orientações em tudo, no modo de vida deles, nos costumes, e até realizar uniões entre os membros da tribo; só faltava eles me conduzirem a produzir reféns em outros povos próximos. Deitava cedo da noite e acordava sem o sol ter aparecido. As minhas três mulheres engravidaram ao mesmo tempo e suas afeições para comigo eram muito grandes. Realmente, não tinha do que me queixar. A minha preocupação era manter a tribo munida de ideias e proteger as cercanias.

Certa manhã surge um representante do grupo rival, pedindo uma audiência com os chefes, no caso eu e o inglês. Sentamos juntos, próximo a uma fogueira e o interlocutor veio falar a respeito de homens brancos invadindo o território deles e pedia ajuda para defender seu povo, que já havia sido dizimado. Deixamos o interlocutor ir embora e decidimos mandar um grupo de guerreiros para ajudar nas defesas daquele grupo. Passaram-se mais alguns meses e nasceu o primeiro filho de uma das esposas. Era saudável e chamava-se Antov, em homenagem ao meu nome, mas com conjugação da língua deles. Me senti bem, acho que já tinha me acostumado com aquela vida cheia de regalias. O segundo filho veio após alguns dias e era uma menina, tinha olhos claros e chamava-se Beatrix, em homenagem à mãe do inglês. O terceiro filho veio ao mundo após poucas semanas e chamaram-no de Estaligo, já com adjetivo e simbologia local, que chamavam o céu de estrela.

Passei a ser reconhecido como chefe supremo, visto que o inglês não tinha vontade ou disposição de regular tanta gente. Sentia-me cada

vez mais amigo daquele povo e pensei que seria capaz até de defendê-los contra qualquer tipo de ataque da civilização agressora. Passei a admirar o modo de vida simples e alegre. As mulheres eram dedicadas aos filhos e deixavam sempre os homens realizar seus desejos. A comida era natural, tudo a floresta oferecia e não tinha dia em que a caça não era abundante. Todos viviam bem e compartilhavam o que possuíam, com exceção de mim e do inglês. Deixavam pedidos aos interlocutores e sempre traziam brindes a nos ofertar.

Havia rituais com frequência, todos direcionados aos seus deuses: rituais da chuva, da Terra, do sol e das estrelas. Diziam que cada um deles era responsável pela vida do planeta, e não duvidavam da presença dos espíritos de ancestrais a compartilhar suas alegrias ou tristezas. Durante a colheita de frutas silvestres, as mulheres iam atrás dos homens entoando canções de alegria pelo que a terra oferecia. Sempre nos banhávamos em um lago próximo, cheio de peixe e abundava água pura e cristalina. Realmente aquela área próxima ao Vesúvio era repleta de vida e trazia o prazer de ter uma vida totalmente dependente da natureza.

Em seguida, pensava que aqueles deuses eram capazes de trazer a união para aquele povo. Dois meses se passaram e o chefe inglês, combalido, morreu, para o desespero de suas mulheres e os filhos já entendidos. Na mesma noite, o seu corpo foi posto em uma cama de arbustos e bambus e devidamente queimado. Restou apenas as cinzas. Este era o destino final de todos que morriam, e suas coisas eram destruídas em outra fogueira. Diziam que seus espíritos subiam mais rápido e a chance de ser recebido por Kamuanã (deus da morte) seria certeira, quanto mais rápido se desvencilhasse do seu corpo. O inglês deixou um legado de quatro mulheres e quinze filhos de variada idade; metade da tribo chorou e a outra deixou suas homenagens ao pé da fogueira. Eram colares, restos de sementes e uma erva que, ao contato com o fogo, produzia mais fumaça e seu cheiro quando inalado trazia a sensação de paz para todos os que estivessem próximo do corpo em queimação. Deixamos o ritual já tarde da noite e fui dormir acompanhado das três esposas.

Na manhã seguinte os restos das cinzas foram jogadas no meio da floresta, e cânticos foram entoados por cortejo de homens e mulheres.

Era assim que se despediam de seus deuses que tomavam nova vida. Achei que já havia terminado o ritual, mas, para finalizar, tinham que beber uma poção feita com um pouco das cinzas do morto, o que me causou repugnância, mas não podia deixar de fazê-lo, pois causaria a desconfiança daquele povo cheio de rituais. Passaram-se mais algumas semanas e fui novamente conduzido ao altar sagrado e elevado ao posto de chefe supremo, sem outras designações. Já entendia algumas palavras naquele linguajar muito rudimentar; eles costumavam terminar uma frase com assobios e sons que imitavam os pássaros que viviam na floresta.

Como bom cristão, deixei aqueles rituais de lado e pensava nos rituais que eram professados na Santa Igreja Católica Romana, da qual eu era seguidor. Nada tinha a ver com nossa crença. Já não sabia qual era a certa ou a errada; o certo era que aquele povo acreditava em uma entidade superior que chamavam de Ankak e outros deuses menores, que traziam prosperidade a todos. Nos seus dias de rituais exclusivos, deixavam oferendas a base de carne na fogueira e pés de tatus, em verdadeiro momento de elevação de suas crenças nos deuses iluminados.

Passaram-se mais alguns meses e os guerreiros que haviam ido ajudar a tribo que antes era rival retornaram. Trouxeram notícias que a cada dia o homem branco invadia as terras e trazia ódio e discórdia entre os povos dominados. A chegada deles aos nossos arredores seria uma questão de tempo, portanto, seria necessário defender aquele povo e seu modo de vida. Chamaram um pajé que costumava fazer previsões e ele declarou que em mais ou menos cinquenta luas, os homens brancos partiriam para dominar nossa tribo. As cinquenta luas para ele significavam aproximadamente dois anos para mim, pois cada ciclo da lua durava em torno de três semanas, o que daria uma conta de cento e cinquenta semanas ou aproximadamente dois anos a dois anos e meio.

Aquele povo sabia se defender, mas não seria capaz de proteger suas terras apenas com machados rudimentares, lanças e uma espécie de arco. Somente com armas de fogo poderiam resistir por algum tempo.

As defesas da tribo

Durante as manhãs, ficava pensando na possibilidade de sair resgatado pelo grupo invasor da tribo, mas ao mesmo tempo não poderia deixar de lado a minha crescente afeição que comecei a nutrir por aquele povo de costumes primitivos, mas que tinha uma cultura toda especial. No fundo não desejavam mal para ninguém, só queriam defender suas terras de agressores.

Nas rodas de dança e música, nas noites festivas, costumava ficar olhando todo aquele aparato do ritual daquele povo. Nutri ideias de como eles aprenderam de geração em geração todo aquele arquivo simbológico. Achava tudo muito rico e cheio de mensagens, das quais o homem branco poderia ter mantido certos pensamentos, que foram banidos das gerações por conquistadores.

Para eles, a noite se traduzia por uma "passagem" para um mundo espiritual em que a alma ficaria suspensa à espera de nova chance para retornar à vida entre os seus pares. Nunca pensavam em almas perdidas e sim necessitadas de mais cânticos e oferendas; para isso sempre faziam um ritual em homenagem aos seus mortos, comandados pelo pajé, usando fumaças oriundas de incensos diversos extraídos da floresta, que tornavam o ambiente propício para que os mortos se manifestassem através de pequenos aspirantes a pajé – o pajé mesmo estaria basicamente ocupado em conduzir os rituais específicos.

Durante uma dessas sessões, veio um espírito de revelação dizendo que nosso povo estaria perdido caso não tomássemos medidas de proteção para nos defender de agressores poderosos. Daí veio a história que, em aproximadamente dois anos e meio, seríamos agredidos por homens brancos fortemente armados e o povo definitivamente destruído. O que fazer? Não havia resposta. Segundo os deuses, teríamos que continuar nossa caminhada entre os daqui para chegarmos a uma situação em que pudéssemos nos defender contra os invasores, ou seja, não deram opção nenhuma; tudo dependeria como nós nos organizaríamos para defender nosso povo. Digo nosso povo, pois já fazia parte dele, já me sentia como um deles,

afinal me tratavam com toda regalia e eu não tinha do que me queixar.

Seus costumes já faziam parte de uma parcela do meu pensamento e atitude, e aquelas três mulheres já haviam me conquistado em definitivo. Não havia esquecido Pellenova e meus queridos filhos, mas meu julgamento não poderia ser parcial, pois na situação em que me encontrava não poderia deixar de ser um pouco deste povo. Deitei novamente ao olhar as estrelas do firmamento e fiquei a imaginar como tudo aquilo era cheio de perfeição e mistério. O sol durante o dia e a lua e as estrelas durante a noite. Tudo ritmado e cheio de belezas.

Novos dias vieram e cada vez mais era consultado a respeito do que fazer para defender a tribo, visto que o tempo passava e todos não poderiam esquecer a preocupação de serem mortos ou dominados. Achavam que, com minha ajuda, estariam livres de qualquer agressão; no entendimento deles eu seria capaz de, através dos meus sonhos, receber imagens do futuro e tratar de assessorar o presente para o bem comum. Aquela cobrança já me incomodava a ponto de despertar o mais tarde possível, e me fazer de distraído quando eles abordavam o assunto. Não imaginava que poderia ser interlocutor entre espíritos de mortos e os que ficaram aqui na terra.

Após alguns meses, veio o pajé conversar comigo a respeito de diversos assuntos para o bem geral da tribo. Fui consultado a respeito dos futuros invasores. Dialoguei por vários momentos com ele e falei que havia um grupo poderoso de homens brancos que, com suas armas, eram capazes de derrotar-nos em pouco tempo. Seríamos dominados; o pajé retrucou dizendo que seu povo era guerreiro e que os deuses haviam mencionado que um chefe branco enviado por eles seria capaz de derrotar qualquer inimigo que se atrevesse a dominá-los. Ele se referia a mim.

Não acreditava naquilo, afinal, não tinha tido preparo ou estudo de estratégia militar. O pajé saiu desapontado com a minha postura e revelou que iria consultar novamente seus deuses para ter certeza do que ele havia me afirmado. Saiu e demorou dois dias para, em seguida, confirmar tudo o que havia me dito. Além de chefe, tornei-me guia em caso de agressões ao povo.

Demorei-me algum tempo pensando a respeito do assunto e, com a

ajuda deles, resolvi fazer um estudo, um apanhado de toda aquela região, além de ver o poderio de nosso ataque e defesa. Éramos 135 homens e 202 mulheres, incluindo 52 crianças. Um povo de pequenas proporções em relação ao poderio militar de nações que tinham interesse na riqueza fácil e dominação de terras. Fiquei triste ao perceber que não restava mais nenhuma esperança entre eles, a não ser que eu decidisse aceitar aquele encargo de orientá-los em defesa de seu território. Comecei a pensar em treiná-los em técnicas de ataque e defesa – um exercício de imaginação, já que não tinha nenhuma experiência nesses assuntos.

Adestrei um grupo de cinquenta e cinco homens, os mais fortes e velozes para combater no corpo a corpo, e deixei os mais fracos e velhos para auxiliar na confecção de alguns tipos de armas. As mulheres foram convocadas para fazer um valoroso estoque de armas e utensílios de apoio, tais como cobertores e mantas para as épocas de frio. Quanto à comida, começamos a fazer um estoque e armazenar em certas galerias do túnel criadas pela natureza e que só eles conheciam suas entradas e mistérios.

Aqueles túneis tinham sido a passagem que tanto procuramos até chegar ali, mas que pela sua diversidade seria muito difícil alguém se aventurar a chegar através dele até nós. Eu que o diga: uma verdadeira aventura o que fizemos e deu no que deu, todos mortos e eu, um prisioneiro de luxo, com perspectiva de ser elevado a mártir por aquele povo cheio de crenças e que não acreditava na falha de seus deuses.

Ficamos elaborando outras soluções, caso fôssemos pegos de surpresa e decidimos criar um sistema de defesa usando cavernas e passagens naturais entre a floresta e o vale que acreditávamos ser onde os agressores iriam iniciar sua invasão, visto que a parte norte do vulcão não permitia acesso fácil a grupo de pessoas que traria consigo colunas de canhões, cargas e mantimentos. Era uma questão de tempo.

Bastilhe, o pároco aventureiro

O luar era tão belo que eu costumava observar aquele espetáculo por várias horas, como se algo me atraísse naquele ambiente. Ficava extasiado e lembranças sempre vinham à minha mente, principalmente sobre minha amada Pellenova; só Deus poderia dar-me notícias suas.

Certa manhã ouvi um murmúrio na tribo dizendo ter avistado supostos invasores; todos corremos para o local indicado e localizamos pegadas de sapatos de homens que invadiram nosso território em direção noroeste, afastando-se do centro das nossas terras, longe do vulcão. Eram em número de três e isto deixou-nos preocupados de já serem os precursores do ataque ou poderiam apenas ser viajantes perdidos naquelas paragens. Ao certo, não pudemos chegar a nenhuma conclusão. A verdade é que nosso isolamento ainda era o trunfo daquele povo.

Serviam animais de caça assados em fogo brando. Diziam que aquele modo de assar tornava o alimento mais saboroso e os grãos colhidos em plantação próxima completavam as refeições básicas que todos degustavam. Como era o chefe, generosa porção de alimentos era oferecida a mim e o ritual de dormir com as três mulheres persistia, até que uma delas voltou a engravidar. Era por isso que o chefe inglês tinha tido tantos filhos; seus descendentes eram bem ativos e possuíam saúde boa, enquanto os demais, devido ao ritual alimentar baseado em gotas de mistura de ervas, traziam destruição do paladar e outras doenças de pele. Era um povo marcado pelos sadios e os que sofriam de diversas doenças. Os caçadores eram escolhidos entre os descendentes dos chefes. E o que aconteceria quando eu sumisse daquele lugar? Como ficaria o nascimento dos descendentes dali por diante? Provavelmente seria uma tribo de mais doentes que sadios.

Enquanto isto, no povoado ao sul do Vesúvio, em distância de 56 Km, vivia um padre de nome Bastilhe, cheio de ideias a implantar na comunidade; tinha opinião formada a respeito de um povo que se dizia zumbi e que, de tempos em tempos, aterrorizava as cidades próximas ao Vesúvio. Dizia que aquilo era crendice popular e só fazia

trazer medo e desavenças aos moradores. Inclusive ficou sabendo que vários aventureiros já haviam tentado chegar à verdade dos fatos mas, misteriosamente, desapareceram em certos túneis que diziam ser o caminho para a terra do zumbi.

Tudo imaginação. Não existia nada daquilo e, para provar que tudo era mentira, organizou um grupo de valentes de várias cidades próximas para resolver este dilema. Dizia que em menos de duas semanas seriam capazes de atingir o fim daqueles túneis e finalmente chegar à conclusão de que tudo era uma farsa. Dizia que aquelas mortes estavam relacionadas a cruéis assassinos em busca de joias e fortunas dos habitantes das cidades. E que tudo em breve seria esclarecido.

Quem se entusiasmou com o sermão do padre Bastilhe foi Pellenova, que já não tinha notícias de seu Luderov fazia mais de dois anos. Ela ficaria feliz em pelo menos encontrar algum vestígio de seu amado. Luderov não conhecera sua segunda filha, e Pellenova tinha saudades intensas do amado. Sobrevivia fazendo serviços de costura e arrumações em casas de família mas, como não era o suficiente para sustentar a todos, passou a contar com a bondade de vizinhos e da própria igreja, que vendo a necessidade básica de Pellenova, sempre mandavam cestas de pães e outros alimentos para a pequena família, tudo já com aval dos servos de Maria, que tinham na religião a ideia de ajudar os desamparados.

Passaram-se mais alguns meses e a nova expedição partiu em direção ao túnel cheio de mistérios, tendo à frente o padre Bastilhe, europeu de descendência húngara. Nada temia e sua ideologia pendia mais para ajudar os pobres do que receber donativos para a atrativa e rica igreja. Dizia que sua missão não era apenas divulgar a palavra do Mestre Jesus, mas, sim, também praticar com toda bondade tudo que Ele havia ensinado através de parábolas e trechos de conversas com os apóstolos Paulo e Pedro.

Padre Bastilhe era considerado um herói por onde passou. Chegou a desmistificar vários casos de prováveis possessões em corpos de jovens indefesos. E eis que esse sacerdote cheio de idealismos partiu em direção ao inimaginável para ele, escoltado por nove guardiões da fé, fortemente armados e cheios de coragem para enfrentar qualquer

armadilha.

Ao entrar no primeiro túnel, aquele com formas estranhas, onde Luderov entrou para não mais voltar, abençoou os que foram ver a partida e com uma tocha na mão e um crucifixo na outra desceu ao primeiro nível do estreito túnel e sumiu com os demais, pelo menos com as mesmas convicções. Logo no início atravessaram o salão, tomado de vermes rastejantes, que com o tempo ficou ainda mais gosmento e apavorante do que na época de Luderov e seu grupo; mas viram certos sinais que ali já tinham passado humanos à procura de algo.

Mais adiante chegaram ao salão onde foi localizado um jarro de barro e continuaram a expedição semelhante à de Luderov. O que eles não sabiam, e nem Luderov descobriu, é que aqueles túneis tinham saídas para pontos diferentes na superfície. De acordo com a trilha a ser seguida, daria para outras áreas ao redor do Vesúvio. Havia uma passagem que com muita dificuldade levaria o grupo a uma comunidade próxima a um rio onde vivia um povoado agressivo, com costumes bárbaros e cheio de pessoas consideradas canibais. Já era o ano de 1818 e esses excursionistas não desviaram seu caminho, mas aos poucos perceberam o quão difícil era transpor as passagens daquele túnel, que seguia para baixo e tornava-se mais quente. Padre Bastilhe já tinha consciência de que nada seria fácil sem a ajuda de seu Deus.

Bastilhe capturado

Deparamo-nos com uma fenda estreita à nossa frente, mas tínhamos que ultrapassar, já que o grupo de Luderov tinha passado por lá, tendo vários objetos de marcação encontrados por nós. Só que este salão à nossa frente era repleto de cobras e lagartos, com cheiro insuportável de animais mortos e restos de comida. Olhamos pelas paredes e vimos pontos de sustentação e engates deixados por outros exploradores; foi assim que decidimos usar nossas cordas e fazer o mesmo percurso. Mas como tínhamos muita bagagem, demandaria tempo até cruzarmos para o outro lado.

Os cinco primeiros foram bem, mas os demais não conseguiram ultrapassar aquele obstáculo, pois a terra tremeu e algumas paredes do túnel se tornaram mais fragmentadas, impossibilitando nova fixação de grampos para sustentar a corda. Passamos a ser cinco exploradores e continuamos seguindo o caminho sinalizado por Luderov. Saímos em abertura próxima para cima e localizamos uma pequena cratera que nos deu liberdade para o exterior do túnel. Naquele ponto decidimos que só três de nós seguiríamos; os outros dois voltariam pela superfície para tentar localizar o grupo que ficou no túnel e iriam retornar ao povoado.

Padre Bastilhe arguiu Antônio:

– O que o senhor acha de armarmos nosso acampamento aqui e só seguirmos com nossa excursão amanhã? Já está anoitecendo e com o cansaço do dia seria prudente recuperarmos nossas forças, após um banho e alimentação adequada.

– Certo, disse Antônio, concordo com você, devemos só retornar a nossa nova investida no túnel amanhã e o que me surpreende é o quanto estamos tão perto do vulcão Vesúvio e quão distantes do vilarejo. Deixemos nossas coisas aqui e vamos armar nossa tenda e procurar um rio próximo para nos banharmos.

Feito isto, os três partiram para localizar um rio e deixaram suas coisas no interior da tenda. Alguns quilômetros ao norte, localizaram um pequeno riacho de água salobra e passaram a banhar-se enquanto faziam planos para o próximo dia.

Antônio deixou os dois companheiros, pois já era tarde e deveriam retornar à tenda para providenciar o devido jantar. Ao chegar ao local, perceberam que foram roubados todos os mantimentos e algumas cordas haviam desaparecido; pegadas de gente grande foram deixadas como marcas no chão.

Definitivamente, não estávamos sós e como a noite rapidamente abateu sobre o grupo, foram retirados certos frutos de árvores, para saciar a fome. Não sobrou nem os talheres que traziam consigo. Tudo fora devidamente levado pelos ladrões. Só as armas que se salvaram, por terem sido levadas para o banho. Resolveram fazer um turno de vigilância para não serem surpreendidos pelos ladrões. Padre Bastilhe ficou acordado até a meia noite e os demais dividiram o tempo restante. Pela manhã fizeram fogo e assaram restos de animais caçados há alguns dias, que trouxeram devidamente salgados. Estavam com muita fome e aquele café só serviria para diminuir a fome por algumas horas. Resolveram prosseguir. Foram para o túnel e logo encontraram sinais da passagem de Luderov e sua turma. Já fazia mais de três anos quando os aventureiros deixaram o pequeno povoado e entraram no túnel para nunca mais voltar.

– Deixe o peso no chão e vamos nos arrastando até aquele porto, falou Bastilhe.

– Caro padre, deixe-me ajudá-lo, dê-me suas coisas e vá primeiro e, por favor, não fique muito próximo da borda daquele penhasco, dentro do túnel.

– Certo, mas deixe um pouco de peso nas minhas botas; caso haja um desequilíbrio do meu corpo, estas botas podem ajudar a me sustentar e não cair.

Chegaram perto de mais um local sinalizado e observaram uma espécie de penhasco que dava a ideia de um grande salão, cheio de plantas em suas paredes; ao longe corria um rio subterrâneo. Deixamos nossas coisas próximas e descemos com cuidado por uma trilha estreita até atingir a base daquele salão, cujo tamanho lembrava um campo de plantação de trigo. Ao chegarmos próximo ao rio, padre Bastilhe pediu para Antônio entrar na água e relatar o que poderia ver.

– Quente! A água está muito quente! – relatou Antônio.

-Mergulhe e veja se dá para observar algo.

Antônio atendeu ao pedido do Padre Bastilhe. Mergulhou e localizou uma passagem para uma galeria cheia de luzes.

Padre Bastilhe não tardou a mergulhar também, passou por debaixo de pedras suspensas e atingiu o tal salão iluminado. Ficou fascinado com aquelas paredes que irradiavam uma espécie de luz que não dava para prever de onde se originava e se era criação de Deus ou do demônio. Passaram alguns momentos tentando arregimentar provas que pudessem justificar a beleza do local.

Após insistente pedido de Antônio, prosseguiram com a exploração. Retornaram à superfície através de saída sinalizada por Luderov, caindo diretamente numa região de mata fechada e poucas clareiras. Esses três exploradores continuaram em direção contrária ao vulcão, após contornarem um de seus lados. Bastilhe estava cansado e preferiu dar como encerrada a expedição, por falta de comida e recursos.

Onde estariam? Aquele lugar, ainda com aspecto místico, aparentemente pouco explorado, não tinha marcas de que era habitado. Resolveu prosseguir mais um pouco e se deparou com uma figura tribal à sua frente, recuou e desembainhou um facão para se proteger. Surgiram outros elementos com lanças, arcos e flechas que capturaram o padre e seus companheiros e os levaram para uma entrevista com o chefe da tribo.

Ao chegarem à tribo, padre Bastilhe e seus companheiros quase desmaiaram ao ver um homem branco, cheio de tatuagens em seu corpo, que os saudou com um olá, de sotaque europeu. Era Luderov, perfeitamente integrado àquela tribo. No entanto, o pajé da tribo, percebendo o vínculo de Luderov com os novos capturados, ordenou para que eles sejam presos e submetidos à prova da poção feita na tribo. A mesma que dizimou os últimos companheiros de Luderov.

Ao anoitecer, todos fizeram uma roda em torno dos forasteiros, confundidos com os conquistadores, e passaram a pintar seus corpos com tintas extraídas das arvores da floresta, e a mostrar o que eles deveriam fazer no outro dia. Bastilhe achou tudo aquilo deprimente e desnecessário, mas nada tinham a fazer, somente rezar a Deus todo poderoso.

O teste

– Padre Bastilhe, o senhor não sabe o que lhe vai acontecer.

– Me tire daqui Luderov! Não me deixe morrer. Cristo não vai perdoar estes primitivos pecadores. Isto é uma injúria muito grande. Não vai haver perdão.

– Padre, olhe, controle-se, o senhor não pode fazer nada. Tudo o que o senhor fizer demonstrando desespero será bem pior para todos.

– Diga para estes animais que somos pessoas de bem, que não viemos agredi-los ou fazer-lhes mal.

– Não adianta padre, eles não querem intrusos nas suas terras; ademais, esta sua roupa estranha de pároco os deixou mais irritados.

– Como ousam atacar um representante de Deus? Não reconhecem serem pecadores?

– Não, padre, aqui isto não tem a menor importância. O que vale para eles é preservar a sua casa, a natureza, caçar e dormir o sono dos justos.

– Como você sobreviveu a estes facínoras?

– Fizeram um teste comigo, me deram para beber uma poção mágica que só os fortes sobrevivem, então eu sobrevivi.

– Deixe de mistérios, isto não existe, estes animais não têm capacidade de realizar tal proeza.

– Têm, sim, e pior que deverão fazer o mesmo com o senhor.

– Não me diga. Achas que vou beber a poção mágica?

– Vai sim, ou então morre imediatamente, sem piedade.

– E os outros, o que fizeram?

– Morreram ao tomar a tal poção.

– Não acredito, você aí, sem poder fazer nada por nós e eu aqui atrás destas grades.

– Não reclame padre, seu destino será logo dado após tomar a poção.

– E se eu sobreviver?

– Serão dadas ao senhor todas as regalias e terá chance de procriar com belas mulheres.

– Mas que sacrilégio! Isto não poderia acontecer comigo. Tenho votos a cumprir.

– Sinto, meu pastor, mas este é o destino dos que sobrevivem à ingestão da tal poção.

Padre Bastilhe ficou assustado com aquela conversa. Sua fé seria, a partir de agora, posta em prova. Aqueles homens primitivos não tinham o conhecimento da igreja ou outro tipo de dogma escrito que os faria entender aquela situação em que o padre se encontrava. Para esse povo só interessava a pura e simples sobrevivência e que seus agressores não dominassem suas terras.

Passaram-se algumas semanas e finalmente chegou o dia em que o religioso e seus dois companheiros seriam postos à prova, ingerindo a poção feita com lava do vulcão Vesúvio. Deitaram-se num leito coberto por plantas e foram chamados até a beira da cela, um por um, até ingerir todo o conteúdo da bebida. Padre Bastilhe foi o primeiro a se contorcer de dor e urrar até cair praticamente desfalecido, consequência da dose da poção. O segundo foi Antônio, que não sabendo de nada até pediu dose extra daquele líquido com gosto de frutos da terra. Foi o primeiro a cair morto, quase instantaneamente, após ingerir tudo. E o terceiro homem, Sr. Genésio, já com certa idade e após ter visto os outros dois terem caído em estranha posição, decide não beber e foi abatido como um animal enjaulado, recebendo várias feridas com as lanças envenenadas. Tudo se consumou em poucos minutos.

– Deixem-me ver o que restou, falou o pajé na língua própria deles.

– Só restou um.

– Tragam a tigela de sopa e deixemos este, com roupas estranhas, tomar o líquido revigorante.

E assim foi feito. Retiraram o padre Bastilhe da jaula e colocaram-no próximo à pedra grande. Deitaram-no e jogaram bastante água fria nele. Tinha passado no teste; por algum milagre, aquele padre sobreviveu. Vai ver que foi protegido por algum santo protetor, pensou Luderov.

Mas nada disso era verdade, Padre Bastilhe tinha um traço genético semelhante ao de Luderov, portanto gozava de uma relativa imunidade contra aquela poção de veneno.

– Deixem-no aí, gritou o pajé, não façam mais nada.

Percorri alguns passos e fui ver o estado de Bastilhe. Era de se

lastimar; seus olhos se retorciam em movimentos desconcertados; sua boca ficou roxa e expelia muita saliva; seus cabelos caíam. Quando era movimentado, ele dizia palavras intraduzíveis. Fiquei observando e só o tempo iria dar uma chance para o padre retornar ao normal. Fui consultado pelo pajé, afinal ele havia sobrevivido, e recomendei que seria prudente dar uma melhor atenção ao padre a partir daquele momento. E assim o fizeram. Levaram o religioso para uma confortável tenda, cobriram-no com cobertores e o aqueceram próximo ao fogo de uma fogueira. Bastilhe estava salvo. Passaram-se alguns dias e o pajé me chamou para servir de interlocutor com Bastilhe.

– Pergunte se ele veio do mundo dos mortos, se vira seu irmão que partiu da vida há quinze anos.

– Não, respondeu Bastilhe.

– Então você não morreu? Como você sobreviveu?

– Não sei, respondeu Bastilhe.

– Não sabe ou não quer contar?

– Não sei, realmente não entendo.

– Deixe ele se recompor mais, disse ao pajé.

Então o religioso fora deixado para se recuperar.

– Bastilhe, descanse, não fale mais nada; diga, da próxima vez, que você viu somente uma luz, foi o que eu falei quando retornei a mim e também fui perguntado.

– Ora Luderov, não posso mentir, afinal dei meus votos de sempre falar a verdade.

– Acontece, padre, que eles não entendem seus votos e se não disser nada, eles vão lhe matar de qualquer maneira, já que eles têm a crença de vida após a morte, não esta que o senhor prega na santa igreja, mas a que o espírito continua a existir e um dia pode voltar em forma de um leão, uma lebre ou outro tipo de animal ou planta.

– Como podem pensar assim?

– É fácil. Tudo eles acham que tem vida e que esta vida pode evoluir ou retroceder conforme a pessoa tenha sido boa ou má.

Após aquelas palavras, Bastilhe deitou e rogou a Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo que o ajudasse a ser libertado das mãos daquele povo impuro e pagão.

Que Deus me proteja, clamou o padre.

Os caçadores

Já era tarde da noite quando Luderov apareceu onde o padre Bastilhe estava descansando e, subitamente, iniciou um diálogo.

– Bastilhe, acorde, trago notícias de pessoas ligadas a nós.

– Como Luderov? Estamos isolados nesta tribo.

– Foi um dos batedores que conheço, ele disse que outros estão próximos daqui.

– Se for verdade, devemos nos preparar para correr o máximo que pudermos.

– Sim, mas antes temos que ter certeza da verdade dos fatos.

– Como saberemos? – indagou Bastilhe.

– Aguardaremos todos dormirem e tentaremos sair em direção ao grupo que pode estar nos procurando.

Desta forma, mais ou menos por volta de uma e meia, Bastilhe e Luderov deixaram o acampamento da tribo e rumaram em direção ao rio em que os supostos amigos estariam aguardando.

Depois de mais de uma hora caminhando na mata fechada, já próximos do vulcão, Luderov avistou uma fogueira. Aproximaram-se com cuidado e viram um grupo de pessoas que pareciam mais caçadores sem alma do que os amigos à sua procura, já que havia até restos de animais à mostra, próximo das espingardas usadas, provavelmente para abatê-los. Não tinham aspecto de boas pessoas e aquilo poderia trazer graves consequências para a tribo.

– Bastilhe, vamos embora daqui. Eles não parecem homens de bem.

– Tem razão, as caras deles parecem de foragidos da justiça.

Então, eles partem de volta para a tribo, para longe daqueles forasteiros. Ao chegarem, foram silenciosamente para seus alojamentos, separados por um verdadeiro paredão de pedras. Luderov ainda não poderia ter falado dessa maneira com o padre sobrevivente e muito menos ter saído em altas horas da noite com ele.

Luderov arguiu o seu informante:

– Como sabes que eles são nossos amigos?

– Não sei, respondeu o batedor, só deduzi que poderiam conhecê-los e talvez se submeterem ao nosso ritual da poção mágica.

– Não penses nisso! Estes homens são pessoas capazes de nos matar.

– Como poderemos despistá-los? – arguiu o batedor.

– Não podemos. Deveremos observá-los o mais próximo possível e não deixá-los aproximarem-se daqui, porque pode ser fatal para toda a tribo. Com estas palavras o nativo saiu em direção da floresta para fazer o monitoramento dos caçadores, que até então pareciam ser gente do bem.

– Falaremos com o pajé e o conselho da tribo, disse por último Luderov.

Todos tomaram seu rumo e Luderov pediu uma reunião de urgência com o conselho de anciãos da tribo para revelar o que estava acontecendo.

– Foi dito que um grupo de homens brancos, com aspecto de delinquentes, estava próximo da nossa terra. Seria necessário nos protegermos de qualquer ataque.

O pajé, desconfiado dessa informação, pediu para Luderov explicar a origem da conversa.

– Ora, estava de noite a pensar, e saí para andar próximo ao vulcão, quando vi um grupo de pessoas a confidenciar sobre uma tentativa de ataque precoce à tribo de nativos que aqui habitavam. Pensei em correr o máximo que pude até alcançar nossas terras e trazer a informação rapidamente. Só sei que levei horas até retornar ao povoado.

– Nunca deixe nossa tribo sozinha, repeliu o pajé. Não tens condições de percorrer estas terras sem acompanhante, senão podes deparar com seres horripilantes que moram na floresta e ser seduzido pelas mulheres deles. Eles têm o hábito de vaguear durante a noite e trazem em seus corpos marcas de matanças, principalmente de cidades próximas, onde costumavam entrar para conquistar homens e mulheres que estão em busca de aventuras. E no final são usados em rituais mórbidos, que os levavam até a morte. São chamados de "espíritos errantes da noite" ou de "ludários", em linguagem nossa, relatou o pajé.

Com aquela revelação, comecei a imaginar que aquelas pessoas poderiam ser as mesmas que atacaram nossa vila e deixaram muitas mortes, entre elas algumas donzelas. Mas como se explicaria o sumiço

repentino deles, já que não conseguíamos alcançar nenhuma pessoa suspeita daqueles atos grosseiros?

Continuando sua explicação, o pajé relata que:

– Estes homens são de uma tribo dissidente da nossa. Há muitos anos atrás, resolveram alguns dos homens do mesmo sangue, trazer para a tribo uma jovem que tinha seus vinte e cinco anos, cheia de tatuagens no corpo e descendia da tribo dos mordozes, tribo inimiga que tinha disputa de terras conosco. Deixamos presa a uma árvore e de repente iniciou um grito passando a ter o corpo retorcido; sua face ficou deformada, adquirindo o aspecto de um gorila gigante com dentes afiados, fazendo gestos de caça.

Deixamos a jovem ali e saímos correndo em direção oposta e fomos surpreendidos por pessoas, parentes seus, que também tinham aspecto semelhante ao dela. E saímos correndo o mais rápido possível, agora sem olhar para trás; mas um dos nossos fora alcançado e feito preso por eles. Já não eram humanos, e sim verdadeiros animais, sem aspecto definido. Dizem que para soltar essa moça, seus companheiros fizeram uma caminhada de dois dias sem parar e trouxeram seus deuses que os transformava em outra pessoa mais fortes e agressivos. Depois de dois dias retornamos e só encontramos restos da roupa de nosso companheiro, mas nada, nenhum vestígio, eles haviam desaparecido. Após mais dois dias de procura pelas matas, finalmente encontramos o refúgio deste povo. Eram verdadeiros animais que comiam todo tipo de carne, inclusive a humana. Saímos correndo, mas antes presenciamos o retorno de seu corpo para a forma original após terem se alimentado do nosso homem.

Nunca mais tivemos contato com eles; decidimos evitá-los e não nos aventuramos a enfrentá-los. Deixamos o tempo passar, mas com estes relatos, temíamos que estivéssemos em perigo com estes caçadores, que irão chamar atenção do povo canibal e logo saberão nossa localização.

– Tragam o batedor para que ele informe de maneira precisa a localização do grupo caçador e seus companheiros. Não tardará, eles serão caçados, falou o pajé.

O ardil

Pela manhã o pajé reúne vários guerreiros e parte para procurar o grupo de caçadores que cruzavam as suas terras. Luderov ficou na tribo, com Bastilhe ainda em recuperação, permanecendo em sua ardente oração com um crucifixo que lhe restou.

– Luderov, fique e vigie nossas terras, ordenou o pajé.

– Claro, não deixarei ninguém se aproximar de nós.

– Bom, caso eu não retorne até a noite, remova todos para o túnel próximo ao Vesúvio e nos aguarde.

Assim, o pajé vai à procura dos invasores e desaparece após entrar na mata. Luderov se recolhe ao seu aposento numa cabana próxima e fica a imaginar o que poderia acontecer à tribo. Não tardou e vieram notícias de um violento combate entre os guerreiros da tribo e os caçadores.

Ao saber do ocorrido, Luderov resolveu pegar em armas e sair em defesa de seu povo. Reuniu meia dúzia de guerreiros, deu ordens de avançar e não ligou para que o pajé tinha lhe falado. Partiu com toda força e encontrou seis guerreiros presos e outros quatro machucados pelos combates com os caçadores. Avançou e iniciou uma luta corporal com os quinze caçadores, que não resistiram ao ataque surpresa e debandaram em retirada frente ao ataque. Luderov acreditou que eles não voltariam, mas não seria bem assim. Após libertar a todos, Luderov pediu desculpas ao pajé. Informou que aquele gesto seu fora impensado, porém necessário para libertá-los.

O pajé agradeceu e declarou:

– Obrigado. Sem sua ajuda, provavelmente, seríamos mortos e nossa tribo estaria em perigo. De hoje em diante tu serás nosso conselheiro e sempre te ouvirei.

Luderov ao ouvir isso, rebateu:

– Não se preocupe, só fiz o que achei certo. Se não pudesse libertá-los, correria para nossas terras e esconderia nossa gente.

Retornaram então à tribo e prepararam-se para nova investida dos caçadores ou do povo canibal.

Após alguns dias, uma jovem dos canibais aparece na tribo e

ofereceu um conjunto de frutos em simbolismo de boa e próspera vizinhança. Luderov desconfiou e apreendeu a jovem para interrogatório.

– Como nos achaste? Estamos escondidos há muito tempo.

– Não achei, fui mandada para participar de suas vidas. A partir de hoje pertenço a vocês.

– Não queremos sua presença. Retire-se e volte para seu povo.

A jovem deixou os frutos no chão e voltou para o interior da floresta.

Restavam várias dúvidas a respeito do que fazer dali em diante, pois, pelo visto, seríamos atacados pelos canibais ou pelos caçadores. Seria uma questão de tempo. Fui falar sobre isso com o pajé.

– Concordo Luderov, seremos expulsos das nossas terras, mas o que fazer?

– Tenho um plano, falou Luderov. Deixaremos rastros de que abandonamos nossas terras e vamos nos reportar ao grupo rival, para que eles ocupem nossas terras. Diremos que vamos embora e não voltaremos mais. Certamente após nossa migração, veremos os nossos inimigos, finalmente, ocupar as terras e terão batalhas com os canibais ou os caçadores. Procedemos dessa maneira, retiramo-nos em direção aos túneis e deixamos as terras, mandamos um emissário avisar que não voltaríamos mais.

Aos poucos, depois de alguns dias, estávamos alojados num grande salão no interior do túnel, e os guerreiros do grupo rival abandonaram suas terras em direção a nossa. Dias se passaram e fomos para cima de uma árvore, eu e Bastilhe, ele já meio recuperado. Após sentir o perfume da floresta, pediu para ver de perto os invasores.

Padre Bastilhe ainda não podia correr ou fazer o mínimo de esforço. Estava sendo observado por espíritos que o acompanhavam e o influenciaram a realizar orações no seu pensamento.

– Pai, perdoa esses agressores, eles não sabem o que fazem. Dai-lhes uma chance para não se comprometerem perante as provas divinas. São crianças espirituais e, como tal, necessitam de amor e paixão. Não deixe que eles massacrem este povo. O ardil de Luderov funcionou muito bem. Os caçadores partiram para o ataque aos nossos inimigos,

dizimando mais da metade daquele povo e nós, escondidos, não sofremos derrota nenhuma. Nosso estrategista, o pajé, surpreendeu-se com tal notícia e comemorou o quanto pode.

Luderov falava:

– Veja que nossos inimigos foram dizimados. E agora, como vamos proceder?

– Aguardaremos o momento oportuno para retirar os corpos dos que tombaram. Queimaremos e faremos orações por suas almas.

Era meia noite e todos dormiam no túnel. Luderov aproxima-se do pajé, que estava sonolento, e o chamou para uma conversa.

– Pajé, sonhei que seríamos expulsos das nossas terras, o que achas?

– Não sei, só penso que todos nós temos que nos proteger e lutar contra os invasores, mas como poderemos nos defender? Somos em menor número e, provavelmente, seremos dizimados.

Luderov falou, energicamente:

– Devemos lutar.

Diante daquela colocação, o pajé indagou Luderov:

– Lutar? Mas para que se seremos mortos.

– Para deixarmos aos nossos descendentes nossas terras.

– Sim, mas como se estamos em pequeno número, isolados?

– Não teimas, tão logo que o dia amanheça retornaremos com a tribo perdedora e com mais homens disponíveis. Iremos prorrogar a realidade dos fatos.

– Temos muito cuidado para que não percebam que nossa saída fora estratégica.

Passaram-se alguns dias e Bastilhe anunciou que iria se entregar aos caçadores, já que haveria uma chance se eles não quiserem matar um representante de Deus na terra. Ouvindo isto Luderov não falou nada, mas deixou um guerreiro de prontidão junto aos amigos.

Passaram-se algumas semanas e Luderov ordenou que todos retornassem às suas antigas terras, passando pelas terras do grupo rival. Nada encontraram: artigos de riqueza também foram mandados pela retaguarda. As nossas terras ainda estavam repletas de espíritos dos recém-mortos – isto era o que dizia o pajé. E com uma bíblia na mão, padre Bastilhe esperou ansiosamente ser resgatado pelos caçadores. Nem um, nem outro, o grupo de Luderov retomou suas

terras e tentou bloquear todo o tipo de som que pudesse denunciar o retorno da tribo. Padre Bastilhe esperou em vão por qualquer tipo de resgate. E assim iniciaram a reconstrução da sua tribo.

Era janeiro de 1818. Já permanecia ali naquele paraíso natural por dois anos e meio, e agora acompanhado do sacerdote Bastilhe, que negava constantemente ter algum tipo de relação com as nativas que lhe eram oferecidas. Tudo em vão, pois sua tendência de não manifestar sua posição de homossexualidade fazia com que os homens da tribo desconfiassem que algo havia de errado com aquele padre. Já tinham tentado de tudo, até mandaram uma das mulheres mais atraentes da tribo fazer-lhe uma visita, mas o pastor de almas negava toda e qualquer aproximação feminina.

Tudo decorria naturalmente e, para aqueles tribais, negar uma relação feminina era passível de severa punição; o que eles respeitavam era o fato de Bastilhe ter sobrevivido ao teste da poção. Bem, histórias à parte, todos ansiavam que o padre desse novos membros à tribo a partir da fertilização de suas mulheres. Mas até ali a paciência daquele povo primitivo estava sendo posta à prova. Até quando iriam esperar?

Não sabia, só eles tinham esta ideia. Enquanto isso tentávamos ter uma vida normal. Pela manhã, realizava triagens entre os que tinham problemas a resolver como brigas familiares ou disputas de heranças. Sempre traziam a mim para dar um veredicto a respeito. O pajé conduzia os rituais religiosos do grupo com muita desenvoltura e as mulheres confeccionavam as roupas e cobertores para ajudar a enfrentar o inverno, que a cada ano se tornava mais rigoroso.

Tudo ia bem desde a última batalha que este povo enfrentou, resolvendo usar uma defesa através do ardil por mim elaborado, deixando o grupo rival enfrentar aqueles caçadores inescrupulosos. Durante a tarde íamos recitar contos e conversar com os líderes da tribo, a fim de passar o dia e saber das dificuldades que a tribo passaria nos tempos atuais e futuros. Tudo seria discutido, desde o armazenamento de víveres até a criação de animais que poderiam fornecer leite ou carne para a sobrevivência. Apesar de serem caçadores e coletores da natureza, dei noções de como domesticar animais para nosso uso futuro.

As coisas transcorriam em uma paz incrível até que o novo grupo de caçadores fora avistado. Dessa vez trouxeram cães farejadores e outras armadilhas para caçar animais de médio porte; o inverno logo chegaria e todos queriam guardar o máximo de carne possível para enfrentar os rigores do frio.

Pajé e Bastilhe me procuraram para discutir tal situação; não queríamos ser expostos a um novo conflito, tampouco abandonar nossas terras, já beneficiadas com áreas de cerca e cultivo de algumas hortaliças. Deixamos o acampamento em número de quatro em direção aos tais caçadores, a fim de observá-los e ver suas verdadeiras intenções. Nos banhamos com lama sulfúrica proveniente das áreas próximas ao vulcão para que os cachorros não farejassem nossa presença e fomos de noite observar o mais próximo possível toda a movimentação do grupo.

Eram cerca de dezoito homens, bem armados, com cinco cães adestrados para farejar caças volumosas. Tinham materiais como espingardas e facões, além de redes de prisão e verdadeiras armadilhas mortíferas, que pelo seu aspecto eram capazes de prender animais de médio a grande porte, inclusive um homem pequeno. Deixamos o local com tudo o que tínhamos de observar em nossas mentes e retornamos à nossa tribo com notícias não muito animadoras, já que aquele grupo era relativamente grande e com poder de agressão considerado alto; não contávamos com armas de fogo, muito menos com cães farejadores, capazes de agredir os animais que estavam sendo procurados.

Naquela noite, deitamos preocupados com todo aquele arsenal que vimos, mas os deuses iriam trazer uma solução, segundo o pajé. Passei a chamá-lo de Horácio, o pajé que na verdade se chamava Okato (na linguagem deles significava amigo dos espíritos). O pajé fora descoberto desde a sua infância através de suas atitudes, que dizia estar conversando com os espíritos dos seus ancestrais mortos.

Tinha o costume de “ver” o passado das pessoas, com uma incrível precisão, além de ser preparado como conhecedor de ervas curativas que todos, mais cedo ou mais tarde, necessitavam utilizar. Horácio era muito rigoroso em suas atitudes; na verdade ele era o líder do povo do Vesúvio e o que dizia se transformava em lei. Quanto ao que eu

falava, se transformava em objeto de análise dos que ouviam os conselhos que dava. Mas tudo era harmônico e pacífico, bem diferente do povo animais-homens ou daqueles seres que se transformavam em bestas a serviço do mal.

Ficava a observar o quanto aquela cultura era diferente da minha, proveniente da região dos Balcãs, com costumes mais voltados para religião e família. Para aquele povo, o jovem de poucos anos já tinha que passar por uma prova de coragem, tanto para os meninos como para as meninas. Os meninos eram levados para bem próximo do vulcão e deixados lá por duas noites, para procurarem um "amuleto" produzido pelas lavas do vulcão. Tratava-se de uma pedra polida pela natureza que só existia próximo ao Vesúvio. Era de cor vermelho-âmbar e, quando exposta ao sol, parecia que incandescia, algo que partia do seu interior. Cada guerreiro possuía uma amostra dessa pedra, só que para consegui-la tinham que ficar bem próximo da base do vulcão e até escavá-lo, superando as dificuldades que aconteciam para detê-los.

Não estávamos preparados para enfrentar os caçadores, estávamos, sim, com receio de ser descobertos e agredidos. Apesar do nosso maior número de guerreiros, só tínhamos armas feitas à mão por nós. Tínhamos que elaborar algo para nos proteger.

O segredo

– Não temos condições de combater estes caçadores, vejam como são bem equipados, falou Bastilhe.

– Certamente temos que achar um jeito de emboscá-los para defender-nos, ponderou Luderov.

– Mas como? Estamos em bom número, só que não temos tantas armas. Proponho que eu vá falar com eles, me identifico como pastor perdido e deverão me dar abrigo; farei com que eles partam e me levem junto. O que acha?

Luderov olhou para Bastilhe e disse:

– Não se iludas, o pajé não o deixará ir embora com eles, porque você é considerado um representante dos deuses deles.

– Tentar não faz mal.

– Está bem Bastilhe, então vá, converse com o pajé e verá que tenho razão.

Durante esta noite, após a última refeição da tribo, Bastilhe, enquanto entoava uma bela melodia musical, se aproximou de uma das mulheres que o assediava e pediu para que ela o acompanhasse até próximo à tenda em que o pajé se encontrava. Ficaram conversando junto a uma fogueira e quando o pajé saiu para ver o que estava acontecendo surgiu Bastilhe, acompanhado. Ele pede para ter uma conversa com o líder religioso.

– O senhor me permite? – indaga Bastilhe.

– Homem branco quer o quê?

– Somente fazer uma observação.

– Então diga, não tenho muito tempo para ouvir.

– Quero lhe chamar atenção que aqueles homens maus são capazes de atacar a tribo e uma maneira de impedi-los seria de eu ser levado até eles. Assim poderei convencê-los de me levar para longe daqui. Direi que fiquei perdido e logo irão respeitar a minha condição de servo da Santa Igreja. O que o senhor acha?

– Nunca, você é um semideus, não pode abandonar-nos.

– Mas é a única possibilidade viável.

– Não, morreremos defendendo nossa terra e o nosso povo.

Bastilhe tentou continuar com a conversa mas foi interrompido pela mulher que o acompanhava que, entendendo a situação, puxou Bastilhe para longe do foco do pajé.

– Deixe-me, reagiu Bastilhe.

– Não, venha comigo, preciso lhe mostrar uma coisa.

Bastilhe resolveu acompanhá-la e ficou surpreso ao ser levado para uma das entradas do misterioso túnel. Ao chegarem lá, a mulher de nome Amarentká informou que seus ancestrais há muito tempo atrás deixaram como instrução desenhos feitos à mão na parede escorregadia do túnel, próximo à saída principal em direção à tribo.

Esses desenhos revelavam uma milenar história de seres das águas, vindo em direção à terra, trazendo consigo um animal que depois se tornaria um deus, havendo influência do deus sol e da deusa lua, tudo muito bem desenhado e preservado nas paredes. Fora essa mitologia, havia um grupo de pessoas em volta deste animal, que se tornava criança. Tais pessoas seriam espíritos evoluídos, capazes de influenciar os seres da tribo a escolherem melhor os seus destinos. Estes seriam seus antepassados que, de uma maneira às vezes aclarada, outras de forma mais sutil, poderiam indicar o melhor caminho para eles tomarem. Estes espíritos na tradição deles, são os verdadeiros mentores que do outro lado da vida eram capazes de ajudar a preservar a sua espécie.

– Como se chamam? – perguntou Bastilhe.

– São nossos ancestrais.

– Vejo que tem outros desenhos, uns maiores e outros menores. O que significam?

– Que nossos ancestrais nos protegem em maior e menor intensidade, dependendo de cada época, por exemplo, quando nossas colheitas estão escassas, eles vêm para dar força ao tempo, e a nossa determinação de plantar em outras áreas. Se as doenças nos atingem, são capazes de orientar um remédio para tratar todos.

– E como funciona? – arguiu Bastilhe.

Trouxemos para cá duas irmãs da tribo capazes de traduzir o que eles falam. Para tanto, elas são preservadas de todo e qualquer trabalho por vários dias. Com a influência da nossa poção mágica, elas são capazes de receber as orientações.

– E como você põe em prática?

– Damos as orientações para o pajé, que as analisa e a partir daí decifra tudo o que eles têm a nos dizer.

– Sempre funciona?

– Sim, sempre.

– E quem são estes ancestrais?

-São pessoas que nos iluminam, sempre que precisamos.

Bastilhe surpreendeu-se com aquela revelação. Para ele, aquele povo ignorante não poderia ter contato com o outro mundo. Tudo era superstição, pensava ele.

– Não podem acreditar nisso! – exclamou. Vocês são hereges. Isto é bruxaria, repeliu Bastilhe.

– Não pensamos assim. Eles são a salvação das nossas vidas, são nossos guias e protetores, sempre que precisamos estão aqui.

– Não vejo dessa forma, menina. Você já ouviu falar de Nosso Senhor Morto?

– Não sei do que o senhor fala; aliás, é bom voltarmos, podem dar por sua falta e eu estou aqui, a protegê-lo de suas atitudes. O pajé já desconfia que o senhor quer fugir e por isso ele irá aumentar a vigilância em cima do senhor. Me desculpe, mas não posso mais ajudá-lo.

– Obrigado, minha cara, Cristo está olhando por você. Me leve de volta e verá que tenho razão em me preocupar com os destinos de vocês.

Assim, Amarentká retornou à tribo, desconfiada que tenham visto sua pequena fuga com o padre.

Deram-se um abraço e ela foi para sua tenda, deixando Bastilhe mais confuso com aquele povo. Para ele, era momento de estudar o modo como eles pensavam. Tinham hábito selvagem, mas ao mesmo tempo haviam ancestrais que se comunicavam de modo diferente com eles. Para ele, só a Igreja Católica tinha o poder de intervir nessas situações, elegendo os que seriam capazes de falar com os que habitavam os céus. Ficou intrigado com as ideias de recomendações que tais seres do além traziam para eles. Decididamente permaneceria nessa tribo o tempo que fosse necessário para desmitificar este povo, e trazê-los para a catequização. Só Jesus salva, pensou.

Os inocentes

– Luderov, acorde! Tenho novidades para você.

– O que foi? Não vê que eu estou no meio do sono?

– É importante, hoje descobri algo que poderá nos tirar daqui.

– O quê? Diga logo, ou não terei mais sono.

– Descobri que este povo fala continuamente com os espíritos de seus antepassados. Trata-se de sacrilégio, mas pode abrir as portas para nós.

– Como? – indaga Luderov.

– Tenho um plano. Primeiro você começa a imitar espíritos dos antepassados destes nativos e depois que eles se convencerem que é verdade, você ordena para que eles nos libertem, o que você acha?

– Não sei Bastilhe, este povo não é tão ingênuo como parece. Eles têm rituais específicos e acho que qualquer tentativa de os enganar pode nos levar à morte sumária.

– Deixe de besteira, Luderov, tenho as perguntas e respostas corretas para ludibriar estes inocentes. Ademais, não é pecado, já que somos prisioneiros e temos o direito à liberdade e voltar para nossa vida normal.

– Não, Bastilhe, já chega, este povo não é inocente, somos idealistas na nossa religião e fé, e eles também. É mais fácil tentar convencê-los do contrário, que não temos nenhuma condição de falar com seus mortos e clamar para sermos libertados, pois nada poderemos fazer em benefício deles, a não ser procriar e engordar, para sermos felizes.

– Não, Luderov, tentarei de outra maneira, mas sem você meus planos não poderão dar certo.

– Deixe, Bastilhe, este povo não merece ser enganado, muito menos por um padre.

– Não seja ingênuo, Luderov, não tardará para sermos eliminados por eles.

Bastilhe saiu batendo o pé forte num vasilhame rente ao chão e desapareceu na noite fria da madrugada. Ele não se convenceu com os argumentos de Luderov e estava decidido a inventar alguma história que fosse capaz de libertá-los.

Na manhã seguinte, após o desjejum matinal, o pajé da tribo decidiu ir aos túneis para ver a possibilidade de contato com seus ancestrais. Para isso levou Amarentká e outra irmã especializada nas comunicações e observaram que o ambiente não estava propício para tal. Nos seus rituais, havia necessidade do túnel principal estar com as paredes bem aquecidas e mais próximo possível de estar com lavas incandescentes, rente ao chão, como se escorressem da parede.

Não era todo dia que acontecia tal fenômeno, mas transmitiam-se mais facilmente as orientações provenientes do mundo espiritual. Na verdade, isso não era necessário, visto que para as comunicações verdadeiras, basta ter um bom intermediário e um ambiente de paz para se dar tal intento. Nada mais era necessário, nem rituais ou pedidos esdrúxulos. A espiritualidade quer que seus orientados tenham crença suficiente no que eles irão dizer. Não que tudo vá ser revelado, até porque não o sabem, mas consolo e transmissão de amor com toda certeza estes seres do além vão trazer.

Por compaixão ou misericórdia, Nosso Senhor Jesus Cristo permitiu que bons espíritos tragam boas notícias do mundo de cá para os dos encarnados e assim se faz uma recitação de um verso, ou prosa, ou uma breve história de amor, ou uma comunicação de força, orientação, dependendo da necessidade que o grupo pede. Nem sempre são atendidos. Muitas das vezes os pedidos são os mais extraordinários, portanto só alguns são realmente levados a sério pela espiritualidade.

Essas orientações padre Bastilhe desconhecia. Para ele a fé cega em um só Deus era o suficiente para levar os seus discípulos a todo tipo de situação, de guerras à escravidão. Com o tempo essa filosofia modificou-se até chegar as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, lema da Revolução Francesa, mas que serve para os dias atuais, associando ao amor puro, responsabilidade e respeito ao próximo. Somente assim poderemos dizer que a humanidade está a caminho da sua evolução segura para um mundo melhor de convivência com todos que aqui habitam.

Nossos personagens ainda presos, sem ideias de como se libertar daquele cativeiro, começam a elucubrar situações que não podem ser executadas individualmente. Um depende do outro e, juntos, de outros

simpatizantes da tribo. Só restou para Luderov e Bastilhe unir forças e tentar se aproximar das mulheres médiuns, que seriam capazes de convencer o pajé, em meio a uma comunicação, da necessidade de libertá-los. A tarefa não seria fácil, já que nas evocações ao mundo espiritual se pediam a presença de espíritos cujos ancestrais já haviam partido haviam alguns séculos. Não os conhecia, mas com boa vontade poderia pedir às senhoras que solicitassem orientações sobre o que fazer com eles.

Numa noite, já bem tarde, Luderov decidiu conversar com uma das médiuns de nome Amantká, com aparente quarenta anos de idade, dedicada às causas da tribo. Pediu um pouco de atenção.

– Amantká, sabe que já me encontro na tribo há bastante tempo e que tenho mulher e filhos longe daqui. O que você acha de eu estar preso?

– Não sei, senhor, só acho que é necessário para a progressão da nossa espécie.

– Mas quem falou? Há registro dessa necessidade?

– Sim, os registros estão no conhecimento que foi dado a nós pelos que já partiram em sua viagem pelo mundo espiritual.

– E como posso encontrar estes dados?

– Através de contos e recitais que se encontravam gravados nas nossas memórias.

– Não tem nada escrito?

– Sim, bem pouco; nossa escrita é rudimentar, mas traz ideia do que fazer.

– Pode mostrar-me esta escrita?

– Algumas guardo comigo; outras, com o pajé.

– Será um prazer vê-los. Pode me mostrar?

– Não, quero dizer... Poderei com muito cuidado se você não falar nada para ninguém, já que é um conhecimento não partilhado com outras pessoas.

E assim Luderov iniciou amizade com Amantká.

Voz do além

A dez passos de uma pequena mesa, havia uma toalha que cobria o chão de areia da pequena tenda de Amantká. Ela, com todo o cuidado para ninguém nos ouvir, deixou iluminar o chão e removeu a toalha estendida na horizontal, revelando uma pequena passagem secreta, que somente seus braços eram capazes de alcançar. Havia escondido um pequeno guia de como evocar seus ancestrais, além de prováveis rituais de chamamento de almas do outro mundo, como cânticos e barulhos específicos. O aspecto desse pequeno manual era de antigo, que fora escrito há muito tempo atrás. Amantká falou em tom baixo e devagar:

– Deixe somente seus olhos verem este livro. É daqui que vem toda a nossa sabedoria em relação aos espíritos; este manual foi escrito por nossos ancestrais, que trouxeram o conhecimento dado por meio de séculos de comunicações. Eles nos dizem como e o que fazer. Estas linhas são o prodígio de outras pessoas que têm o dom de falar com os mortos. Dizem que isto é devido a uma condição física, que já nasci com ela, e que fui escolhida pelos espíritos para transmitir as suas orientações. Sempre que posso folheio este livro à procura de consolo, já que tenho sérias responsabilidades neste intercâmbio com o mundo dos espíritos.

Luderov olhou com atenção o livro e, num impulso, tentou folheá-lo, mas foi impedido.

– Já possuis este livro há muito tempo? – interrogou Luderov.

– Bastante! Me deram como guarda faz muitos anos. Nunca pensei que algum dia iria mostrar para alguém.

– Acho que já tenho certa idade e necessito compartilhar alguns segredos.

Luderov ficou espantado com aquela revelação e informou à Amantká que seus dias na tribo não eram tão agradáveis assim. Sentia falta de sua mulher e seus filhos.

Ela sorriu e falou:

– Senhor, dizes que tens saudade, é compreensível, mas nós precisamos muito de tua presença. Somos um povo doente, que

necessita de amparo em muitas situações. A começar por uma sincera orientação, que todos precisamos, então só os espíritos dos nossos antepassados poderão nos dar. A outra consideração é que com o passar dos anos ficamos mais rapidamente envelhecidos, pelos efeitos tóxicos da pequena quantidade de poção que ingerimos diariamente. Senhor, não penses em nos abandonar, verás que o teu destino já se consumou. Viverás conosco até o fim de teus dias. Não terás cenas de repugnância para conseguir alimentos por animais recém-abatidos, mas faremos tudo que tanto pedes, menos fugir da tribo.

Luderov olhou para Amantká e, pacientemente, lhe faz a última pergunta:

– Não sentes falta de alguém? Não tens família?

– Verdade, nós os intérpretes dos espíritos temos uma vida de oração e dedicação, por isso me vês assim, vivendo solitariamente.

Luderov pega a toalha do chão e sai lentamente do recinto, tendo a certeza de ter plantado uma sementinha de simpatia no coração de Amantká.

No outro dia, Bastilhe, muito agitado, falou que não aguentava mais viver no meio daquela gente. Era acostumado com missas e orações diárias e sempre havia pessoas dispostas a pagar moedas para recitar belas palavras, consolar os que lhe procuravam para um diálogo construtivo, tudo de forma oculta. Bastilhe lançava mão de seu método de persuasão que tanto estudou.

A tribo já não tinha as pessoas com o vigor físico necessário para fazer tantas tarefas de peso. Se fossem pegas e escravizadas, com toda certeza, seriam logo eliminadas.

Amantká levou Luderov para conhecer o momento exato em que as comunicações são recebidas por ela.

Primeiro Amantká ficou deitada no chão coberto por um pano e, em seguida, após alguns atos de dança e o pronunciamento de palavras de louvor aos espíritos, eis que surgiu um primeiro comunicante, com palavras ofensivas de baixo prazer. Era uma voz de um rapaz de provável idade de 14 anos, que se manifesta através da voz de Amantká, cuja entonação era masculina:

– O que me traz aqui são os boatos que tens más companhias, que certas pessoas só querem aproximar-te por conta de teus dons de

intermediar nossos pensamentos a respeito de tudo, do sol e da lua, até da vida das pessoas que habitam esta terra inglória.

– Podes me explicar melhor? – pergunta Luderov.

– Digo-te que se afaste desta mulher e que não voltes mais aqui, gente que só traz injúrias para o meu povo!

Luderov recuou e saiu correndo para fora do túnel. Após percorrer alguns passos, resolveu voltar e continuar a entrevista com aquele ser do além. Ele não tinha nada a perder.

Voltou e olhou para Amantká, totalmente transformada em seu olhar e perguntou:

– Qual é o seu nome? E o que te traz aqui?

– Ah, achas que vou te responder? Nunca. Saia daqui e não voltes, repeliu aquela voz autoritária.

Luderov continuou sua entrevista, apesar da hostilidade.

– Pensa na tua família e verás que serás mais feliz.

– Queres me insultar? – perguntou o espírito.

– Não, de forma alguma, só quero te ajudar.

– Peço que mentalize suas vestimentas, seu jeito de ser, de falar com seus entes.

– Não podes fazer nada contra mim, pois te observo e não me vês.

– Tanto conhecimento que poderias me dar e nada te estimula.

– Pare com esse interrogatório. Sou Voltair e estou aqui para ajudar este povo ignorante.

– Você é seu ancestral?

– Claro! – respondeu o espírito.

– E como tens um nome tão belo?

– É para trazer respeito perante a ti.

– Necessita de escravos, eu te darei, não perca tempo em ficar na tribo. Todos sabem a tua procedência. Vens dos Balcãs e trouxestes contigo mulher e dois filhos, um deles já partiu e está aqui do nosso lado.

– Como? Não acredito...

– Pois venha meu rapaz e fale com seu pai.

Após um breve intervalo, começou a ouvir uma voz de um garoto de aproximadamente dez anos.

– Papai, estou com muitas saudades suas e da mamãe. Aqui não me

sinto bem, apesar de estar sendo confortado pelo vovô Lindoval. Acho que ele quer que tenhamos momentos de reflexão e alegria por aqui. Não consigo esquecer de vocês. Deixo beijos para você e mamãe, diga a ela que estou bem, quando a encontrar.

Luderov caiu e chorou intensamente. Pediu perdão a Deus por todos os seus pecados. Amantká acordou do transe e olhou para Luderov arrasado.

Novas comunicações

Luderov tinha o pensamento a mil, conjecturando a respeito daquele episódio em que seu filho morto se manifestou através de Amantká. Como aquilo seria possível? Recuperou-se da surpresa e partiu para confabular com o atônito padre Bastilhe, que só pensava em fugir daquele lugar, que para ele era inóspito, mas para Luderov era naturalmente agradável.

– Bastilhe, ouça o que aconteceu hoje de noite.

E ele discorreu nos mínimos detalhes tudo o que havia passado na comunicação com os mortos.

Bastilhe, um tanto incrédulo, perguntou:

– Ouviste se era a voz do teu filho?

– Sim, a própria, ela mudou totalmente a sua voz e ficou idêntica ao do meu pequeno Luan, que nos deixou aos oito anos. Pobre filho!

– Não é possível, são pessoas comuns e com nenhuma instrução. Este tipo de comunicação somente os santos da Igreja Católica poderiam fazer e normalmente com ilustres de nossa doutrina e não com pessoas que nada dizem para a humanidade.

– Já ouvi o bastante, Bastilhe. Então achas que foi uma farsa, um engano?

– Com certeza, estas pessoas nada têm de santidade, são selvagens guerreiros, prontos para matar por sua sobrevivência.

– Então quem seria aquela criança? – questionou Luderov.

– Não sei, provavelmente alguém ligado ao demo, coisas do diabo que vem imitar as pessoas pelas quais temos apreço.

E assim os dois continuaram confabulando até altas horas da noite. Pela manhã, um novo alerta foi dado. O grupo de caçadores estavam se distanciando das suas terras, com destino ao norte.

Amantká perguntou ao pajé se iriam continuar a fazer as perguntas aos ancestrais. Ele responde que sim, pois já era a segunda vez, em pouco tempo, que pessoas estranhas se aproximavam do acampamento. Isto não era normal. Ele desconfia que outros fatores podiam estar atraindo aqueles forasteiros.

Luderov, preocupado em obter novas revelações, pediu para

acompanhar o pajé com os dois comunicantes para certificar-se de que aquilo não se tratava de uma fraude, como Bastilhe falou.

Seguiram para o interior do túnel, em que havia o grotesco salão com paredes quentes e lisas, que eventualmente expelia uma espécie de lava. Seria, portanto, o momento ideal de voltar a questionar o futuro da tribo.

Passaram-se alguns momentos e, após um ritual de oferendas e cantigas na língua local, uma nova personagem iniciou comunicação através da fala de Amantká.

– São forasteiros à procura de pedras preciosas e animais de caça para passarem o inverno, falou a entidade.

– Como poderemos nos proteger? – arguiu o pajé.

– Fazendo um grande círculo de barreira, com animais domesticados, para que eles os cacem e se sintam satisfeitos. Assim, logo irão embora, deixando vocês em paz.

– E o que fazer se eles persistirem em ficar?

– Destrua-os, para que não voltem mais, queimem suas provisões e sabotem seus cavalos, assim não terão meios de destruí-los.

Quem fala é o protetor da tribo. E assim encerraram aquela conversa. O pajé baixou a cabeça e se arrastou até a base da parede e, num impulso, colocou a mão até queimar no calor excessivo do local.

Luderov ouvira tudo, e mais uma vez ficou surpreso com tal comunicação. Como poderiam obter toda esta informação? Realmente só com alguém que conhece o local e tudo o que ali se passava.

Deixaram os túneis em direção à tribo e, após confabular com outros anciões da tribo, anunciaram que a partir daquele momento iriam domesticar certos animais considerados selvagens, mas que pudessem ajudá-los a se proteger de predadores.

Alguns meses se passaram e Luderov não esquecia aquela mensagem dada pelo seu suposto filho e novamente pede para Amantká ajudá-lo em ter outra conversa.

– Claro que sim, mas não depende de mim, revelou Amantká.

– Como assim? Não é só pedir a presença dele e ele vem?

– Não, eles vêm quando querem, podemos até solicitar a sua presença, mas só aparecem por algum interesse de dar alguma notícia.

Luderov ficou decepcionado, mas entendeu o que ela quis dizer. Já não aguentava de saudade e curiosidade a respeito de tal proeza.

Bastilhe idealizou um novo plano.

– Luderov venha aqui, concebi novo plano para tirarmos daqui.

– Quando chegar a noite, vou me esgueirando até estes animais meio que domesticados e tentarei fugir em direção ao rumo norte, igual ao dos caçadores, tentando levar pelo menos dois animais. Acho que não vão nos apanhar, já que levarei algumas provisões. Você vem comigo ou ficará aqui?

– Não posso ir, revelou Luderov, tenho compromissos breves de não abandonar este povo, pelo menos por mais algum tempo. Me afeiçoei a eles e sinto que posso ajudá-los a sair deste isolamento, para o bem deles.

– Deixe disso, homem, venha comigo e não olhe para trás. Sei que você está adaptado aqui, mas esta vida não é para mim, não posso terminar meus dias junto a estes primitivos. Aliás, eles nem sequer têm um vinho para celebrar as missas e depois acompanhar uma boa refeição.

– Vá, Bastilhe, e dê notícias minhas a Pellenova. Diga que a amo e que o mais rápido irei também ao seu encontro. Diga para ela não desistir de me esperar.

Bastilhe saiu na noite, furtivamente em direção ao “criadouro” de animais praticamente domesticados, na esperança de não mais retornar àquelas terras que o aprisionaram por aqueles últimos dois anos. Sentia forte repulsa àquele povo primitivo; achava que Deus os protegiam, mas não queria catequizá-los, pois achava-os ignorantes.

A fuga

Um dos momentos mais belos era ver de cima da colina o alvorecer do dia e observar todo aquele esplendor abaixo de mim, com algumas copas de árvores e o som de pássaros e animais a alegrar o início de um novo dia.

Bastilhe já havia saído da tribo fazia algumas horas. Todos ainda estavam dormindo, de modo que não puderam dar por sua falta. Apareceu um dos vigilantes e deu o alarme, que um homem havia ficado preso em uma das armadilhas construídas para pegar animais de médio porte.

Após um alvoroço, todos os homens se reuniram armados e, em grupo, partiram para agarrar tal invasor. Ao chegarem ao local indicado, deram conta que se tratava de Bastilhe que tentara fugir, mas que fora pego de surpresa por aquela situação inexplicável para ele. Retiraram-lhe e o trouxeram de volta para o seio da tribo. Após alguns interrogatórios, Bastilhe disse que era sonâmbulo, e não sabia o que havia acontecido; quando deu conta de si, estava no interior do buraco de três metros de profundidade, cheio de lama e pedaços de pau no seu interior.

Estava machucado e com dor nas costas, provavelmente havia fraturado alguma costela. Deitou-se e foi logo socorrido por algumas mulheres, que fizeram curativo nos ferimentos dos pés, mobilizando o seu tórax com folhas de palmeiras para melhorar a dor sentida. Bastilhe pediu para me chamar.

– Luderov, meu irmão, não resisti e não pude contar a verdade. Eles iriam me matar.

– Eu sei, padre, foi o melhor que o senhor conseguiu dizer. Bom para todos, ademais, este povo primitivo não entende de sonhos, só acreditam em espíritos. Vai ver que acham que o senhor foi possuído por algum espírito maligno e isto pode ter ajudado a entender a situação. Fique calmo que vou providenciar comida e água fresca.

Bastilhe ficou imóvel e triste, pois sabia que não teria outra chance tão cedo. Seus planos fracassaram à medida que tentou se desvencilhar de um perigoso animal selvagem e acabou aprisionando-

se naquele buraco para fugir da fera.

Tão perigosa era aquela região, que foi planejada a delimitação de um círculo com animais de índole domesticável. Levou um certo tempo para capturá-los e acostumá-los a viver o mais próximo possível da tribo, sem nos atacar ou deixar a região delimitada. Para isso, contávamos com um grupo de domadores de feras, que usavam bebidas alucinógenas e uma espécie de goma com substância tóxica, que paralisava parcialmente o músculo desses animais. Tudo dependia de qual seria, se capivaras ou porcos do mato. Era o máximo que se poderia utilizar na formação do tal círculo que fora sugerido por um espírito comunicante.

Fiquei a maior parte da tarde confabulando com o pastor de almas, sobre como poderíamos fazer para empreender novas tentativas de fuga, mas nenhuma ideia prevaleceu.

Enquanto isto, a vários quilômetros de distância, permanecia Pellenova à espera do seu amado Luderov. Sentia sua falta e tentava superar com conversas a respeito da sua própria sobrevivência e de sua família. Agora não podia contar com a ajuda da Santa Igreja, pois o padre sofrera um acidente grave e fraturara a bacia. No entanto, já conseguia realizar serviços em casa dos nobres da região. Trabalhava pela manhã e tarde e de noite fazia doces para vender. Era o que podia fazer.

Bastilhe não aguentava conviver com aquela gente; dizia que sentia náuseas ao ver aquele povo sem cultura realizando sessões de "magia", trazendo à tona conversações com os mortos. Era o fim da tentativa de domesticá-los.

Passaram-se alguns meses e Batilhe, já recuperado, decidiu ver de perto o que tudo aquilo significava para este povo. Presenciou uma das comunicações com os espíritos, acompanhado de Luderov que, a essa altura, não tinha mais dúvidas a respeito dessas conversações. Luderov dizia que a qualquer oportunidade que tinha, corria para os túneis junto com o pajé e Amantká para esperar notícias de seu filho morto, uma pobre criança aprisionada do outro lado da vida; era assim que pensava.

Luderov incentivava Bastilhe a participar do ritual, ficando o padre surpreso e sem explicações para tal fenômeno.

– Bastilhe veja como funciona, não te disse?

– Claro, Luderov, isto não é normal. Estas comunicações são obras do demônio, como lhe falei, mas existe algo de verdade nesta história, afinal são pessoas simples e ignorantes, portanto, não teriam condições de tratar com um ser de alto intelecto. Percebe-se que existem palavras de difícil entendimento trazidas por esses incultos, então estes episódios carecem de melhor estudo de minha parte. Certamente precisarei de sua ajuda para poder construir um modelo de avaliação do fenômeno.

Bastilhe, apesar de seus defeitos, tinha uma tendência de elucidar cientificamente tudo o que lhe parecia anormal. Esse instinto de explorador foi que o colocou nesta situação de preso venerado como um semideus. Outras comunicações foram acompanhadas por Bastilhe, que se convenceu de ter um cunho educativo, pois através das orientações dadas pelos espíritos faziam crer que era necessário tornarem-se bons, observando a compaixão com cada um.

Há mais de mil modos diferentes para a espiritualidade educar os seres terrenos, trazendo luz para o seu eu, principalmente a ideia da necessidade de viver em companhia com outras pessoas, fazendo com que as suas necessidades de progresso material e moral sejam mais rapidamente realizadas. Só assim todos os grupos, em diversos estágios de evolução, passarão a viver em comunhão com o próximo.

A morte de Bastilhe

– Bastilhe, não podes mais pensar em fugir, todos perceberam que não gostas de ficar aqui, comentou Luderov.

– É mesmo, companheiro, não gosto daqui, este povo místico me aborrece, temos que tentar uma saída honrosa.

– Sim, Bastilhe, mas eles precisam ser amparados por nós, e quem sabe torná-los mais civilizados, haja vista que eles não vão ter um futuro longo. Estes caçadores e depois os conquistadores não tardarão a procurar por estas terras, apesar da proximidade do vulcão.

– Não penso assim, respondeu Bastilhe, eles são primitivos e adoradores de deuses que não fazem o menor sentido. Têm adoração pelos mortos.

– Verdade, faz parte da cultura deles.

– E estas crianças inocentes que estão aqui? Elas não têm culpa de ter nascido nesta situação.

– Nenhuma delas tem culpa, só que serão domesticados por provas mais fortes, isto não tenho dúvida.

– Mas podemos ajudá-las a fazer algo, como melhorar suas defesas e deixar este paraíso mais afastado destes predadores.

– Não vejo assim, retrucou Bastilhe, quanto mais rápido forem domesticadas, melhor para todos nós.

A noite já ia alta e os dois continuavam a conversa, quando um trovão abateu próximo a eles, anunciando a chegada de uma chuva forte. Estavam em plena primavera e tudo denunciava que o verão seria intenso. Luderov não tirava da sua cabeça a ideia de lutar por aquele povo, já que fazia parte de suas vidas e de seus costumes.

Na manhã seguinte, todos se reuniram próximo à cabana de Bastilhe, para anunciar que, a partir daquele momento, ele seria entregue ao sacrifício para os deuses. O motivo era que após a chuva torrencial, foi encontrado Bastilhe numa nova tentativa de fuga, agora levando uma das interlocutoras dos espíritos. Sacrilégio total para o povo. Deu-se um grito estridente e arrancaram Bastilhe do interior de sua cabana. Ele recuou com todas as suas forças, mas logo cedeu à ira daquela gente.

Bastilhe fora entregue aos animais selvagens, próximo ao círculo que envolvia a tribo e devorado por todos os animais famintos. Quanto à interlocutora, fora poupada da morte, visto que ela tinha sido ludibriada por Bastilhe, que alegou ser necessário que ela mostrasse o caminho de fuga para que ele pudesse chamar seus deuses e fortalecer o poder daquela jovem ingênua. Foi o bastante para deixar a jovem pendurada em uma árvore por algumas horas, para que ela não acreditasse nos homens estrangeiros, cheios de malícia e maus pensamentos. Aliás, Bastilhe nunca quis contribuir com a evolução da tribo, sempre se negando a dormir com as mulheres que foram ofertadas.

Ao final do sacrifício, foram recolher os restos mortais de Bastilhe e colocá-los em uma fogueira, pois ninguém queria contato com aquele homem que tanto desprezou os costumes da tribo.

Quanto a Luderov, ficou chocado com tudo aquilo e nada pôde fazer para defender o padre. Tinha-o alertado em várias conversas a respeito de ter sido pego em fuga, um ato sem perdão para eles. Foi com muito pesar que Luderov anunciou aos demais integrantes da tribo a morte do padre Bastilhe. A noite chegou e o silêncio profundo abateu aquelas almas, ninguém queria conversar sobre o assunto, e todos decidiram fazer um pequeno ritual em homenagem a Bastilhe.

O pajé não ficou satisfeito, mas havia pessoas que, com toda sinceridade, deram pesar pela perda do padre. Enfim, aquele episódio me deixou preocupado com meu futuro, pois sabia que Bastilhe tinha razão em algumas colocações. Deveria pensar em domesticar aquele povo o mais rápido possível, a partir da ajuda em vários aspectos e depois retirá-los daquele local isolado, para terem contato com uma civilização mais avançada. Bastilhe não morreu em vão, pensei.

Noutro dia, bem cedo, fui procurar Amantká para me ajudar a revelar os segredos daquelas comunicações, pois achava que aquilo seria o ponto chave inicial para convencê-los a serem mais humanos e deixar daquelas crendices.

Já estávamos no século XIX e aquelas barbaridades não poderiam mais progredir. Bastilhe me confessou em segredo que havia sido impressionado com toda aquela comunicação com os mortos e seria uma dúvida a interpretação daquele fenômeno. Amantká percebeu

meu total interesse pelas comunicações e eu, como semideus, poderia compartilhar alguns segredos que outros não poderiam saber. Primeiro ela me convenceu a tomar um chá meio alucinógeno e pediu que eu descesse à "mansão dos mortos", durante meu sono, e depois entrasse pela porta principal desta mansão. Foi o que fiz, após ingerir tal bebida. Percebi que estava em um jardim florido e que próximo a mim havia muitas crianças a brincar. Aproximei-me da porta do palácio e ela se abriu como num passe de mágica. Então, vejo uma grande festa, um baile, mas os participantes não notaram minha presença.

Imediatamente, desci umas escadas e me deparo com figuras horripilantes, cheias de rancor, que começaram a falar palavras de baixo calão, me ofendendo e dizendo que tinha sido um fraco, um desertor da família, que só pensava em minhas aventuras, enquanto eles ficavam para trás passando necessidades. Fiquei assustado, queria retornar ao jardim o mais rápido possível. Fui impedido por guardas que bloqueavam o recinto. Sentia-me péssimo, comecei a chorar e debrucei-me próximo a um monte, observei outros seres horripilante a gritarem numa cova profunda; era o aspecto de cenário degradante.

Amantká passou a me chamar e despertou-me do pesadelo. Tudo aquilo parecia real e, como fiquei decepcionado, Amantká respondeu-me a perguntas que fiz, assustado com tudo que havia presenciado. Disse que tudo aquilo era em decorrência do fato de ter deixado mulher e filhos para trás, pois em um futuro seria cobrado. Louvado seja o Senhor de Misericórdia.

A comunicação espiritual

Ao olhar aquele povo primitivo, imaginava que seus destinos estavam na dependência de serem descobertos e domesticados, e que tudo aquilo, provavelmente, se perderia no tempo; toda a sua cultura e modo de vida seriam destruídos pelos invasores.

Assim pensava, diariamente, até que Amantká me sugeriu acompanhá-la a mais uma sessão no interior do túnel sagrado. Dessa vez, dizia que iniciaria o ritual de maneira diferente, e eu teria uma participação especial. Ela não me daria nenhum chá alucinógeno para beber que, segundo ela, facilitaria a comunicação com os mortos, mas teria o privilégio de interrogá-la enquanto estivesse em transe. Ou seja, poderia questionar qualquer coisa para o espírito que se apoderaria de seu corpo.

E assim se deu. Nos deslocamos para o nível principal, e após alguns cânticos e orações na linguagem de Amantká, eis que surgiu um provável morto que se comunicava através dela. Logo fui questionando:

– Bom dia, falei.

– Bom dia, respondeu.

– O que fazes aqui?

– Vim visitá-lo e sua tribo, algo que há muito não fazia.

– Queres apenas visitar-nos?

– Não, quero alertá-los que seu tempo está no fim, que logo virão outros que vão dominá-los, será um desastre.

– E o que sugere que façamos?

– Nada, por enquanto, só devem manter vigilância maior próximo a sua tribo.

– Você me conhece?

– Sim, sois um aventureiro e sonhador que largou sua mulher e filhos para procurar-nos.

– E como sabes disso?

– Eu o acompanho desde o momento em que entraste no túnel com teus companheiros.

– E qual é o interesse em me acompanhar?

– Trazer paz ao nosso povo, eis o destino que lhe compete.

– Mas como, se sou quase um prisioneiro.

– Através da sua inteligência. Tens uma superior a nossa e encontrarás meios de nos preservar.

– Entendo, então dizes que vou ajudar este povo?

– Sim, com a tua dedicação em salvá-los.

– Como poderei fazer?

– Olhando para teu caminho, vê o que pretendes? Fugir daqui ou ficar para sempre? Daí vais começar a encontrar o teu caminho. Eis a resposta: tu irás decidir.

– E o que fazes aqui? É só para orientar este povo?

– Claro que não, tenho outros afazeres, entre eles, orientar a quem tanto precisa, principalmente pessoas que não têm condições de se manter neste mundo de provas e expiações.

– Como assim? Não vivemos em um planeta de bênçãos?

– Não, ainda não. Viverás um dia, depende da tua condição humana, se marcharás com mais rapidez, ou não, para o progresso.

– Não entendi, mas posso fazer uma última pergunta, se não for aborrecê-lo?

– Sim, seja breve e objetivo. Na verdade, já tenho resposta para o que queres saber.

– Está bom, como te chamas, demônio, diabo ou algum santo protetor?

– Nem um, nem outro, chamo-me Pablo, Murilo ou Adélia, não importa o meu nome. O que importa é que não sou nem uma coisa e nem outra, sou apenas um servidor de Cristo, aquele que libertou todos os seres humanos do pecado, para salvá-los. Me julgo apenas um mensageiro, sem outra denominação. Fique em paz e que Jesus o acompanhe na sua descoberta.

Assim, aquele espírito se foi, sem deixar muita explicação. Mas para quê? Se eu achava tudo aquilo sem lógica, o certo é que Amantká não tinha a menor dúvida a respeito de tais comunicações. O que me impressionou foi a forma como aquele pretenso espírito se denominou: um servidor ou algo parecido. Não tinha pensado nesses conceitos, mas, enfim, disse que meu destino e do povo daqui dependeria de mim. O que fazer, isso teria que compartilhar com

Amantká e até com o próprio pajé, que com sua sabedoria e experiência no assunto de comunicação com os mortos poderia dar uma luz a respeito destas colocações.

Amantká voltou ao que nós chamamos de lucidez após alguns minutos de inconsciência. Perguntou-me o que havia ocorrido e, após meu breve relato, ficou entusiasmada com tal comunicação e pediu-me que fôssemos logo ao pajé para relatar-lhe o ocorrido. Após algumas horas, encontramos o pajé em seu retiro espiritual, aguardando seus deuses através de cântico e oração.

– Pajé, trouxe notícias dos mortos, falou Amantká.

– O que eles disseram? – perguntou o pajé.

– Que deveríamos nos preparar, pois nosso tempo chegou ao fim.

Dito isso, o pajé levantou-se e arguiu, firmemente, Amantká.

– Como sabes, já algum tempo estes orientadores vêm falando desta maneira e até agora, nada aconteceu. Já estou descrente com estas palavras.

– Não desanimes, estamos aguardando novas orientações, só que agora surgiu um outro fato.

– Diga logo Amantká, revele o que foi dito.

– É que, segundo o espírito, devemos nos preparar com a ajuda de Luderov. Neste momento, Luderov interrompe a conversa e explica:

– Ele disse que vai depender das nossas atitudes e maneiras.

– Mas o que isto significa?

– Não sabemos, mas devemos pensar em uma saída, senão todos seremos dominados ou mortos; portanto o tempo se aproxima do fim.

Logo o pajé deu a seguinte ordem:

– Serás convocado, diariamente, pelo clã de idosos para reportar o teu progresso em relação ao teu pensamento de salvar-nos.

– O quê? – arguiu Luderov, pensas que serei seu eterno escravo de ideias? De maneira nenhuma, mas tenho uma sugestão: assim que me derem condições de me libertar para voltar ao meu lar, trarei novas possibilidades de salvá-los. O que acha?

Ficou sem resposta.

A saída

Ainda atônito com o conteúdo das comunicações dadas por aquele espírito iluminado, Luderov passou alguns dias a decifrar todo o significado do que ele disse: "você encontrará uma solução, em suas decisões, veja o que você deseja, ficar aí ou ter liberdade". Tais palavras ressoavam em seus pensamentos continuamente, até que ele tomou uma decisão: deveria tentar sair daquele cativeiro. Mas de que forma?

Teria que traçar um plano de fuga. Bastilhe fracassara, mas com ele as coisas seriam diferentes. Primeiro colocaria suas ideias em prática, aos poucos, para ver o êxito de cada etapa; depois, poria seu plano de fuga em fase definitiva, sem retorno. Tudo parecia perfeito, só que não contava que os outros poderiam estragá-lo. A noite surgiu depois de algumas horas, com ventania e chuva torrencial. Nuvens escuras e trovoadas anunciavam a nova tempestade. Luderov pensava.

Fiquei recolhido em minha tenda por algumas horas, enquanto o vendaval e a chuva não paravam de cair. Me aconcheguei perto de uma pequena fogueira e passei a pensar em todos aqueles momentos da minha vida até os dias de hoje, e concluí que faltaria muito para me regenerar dos meus vícios e maus costumes, a começar da traição com todas aquelas mulheres que eram usadas por mim. Já não tinha mais saída para meu envolvimento com elas. Podia pelo menos me resguardar, como disse Bastilhe uma vez: "Não peques no que Deus uniu, pois mais adiante terás um monte de problemas na tua consciência". E agora que vejo de forma diferente. Peço perdão a Deus por ter traído Pellenova. Por onde ela estaria agora? Já se passaram cinco anos da minha partida e nenhuma notícia tenho dela. Isso me faz pensar em outra pergunta: onde estarão meus filhos? Terrível dilema. Os deixei pequenos e não sei mais o que aconteceu. Entre pensamentos e devaneios, recebi a visita do pajé:

– Luderov, ouça, tenho péssimas notícias. Um grupo maior de homens se abeirava ao nosso redor, e parece um verdadeiro exército. Eles têm até animais que não param de latir. Nossa tribo está em perigo. Quero uma reunião urgente com todos. Venha, será necessária a tua presença.

No meio daquela tempestade, Luderov partiu para cabana próximo a sua. Já havia sete integrantes do conselho. Luderov deveria observar o teor da conversa e a provável decisão. O pajé iniciou sua fala:

– Caros do conselho, venho aqui informar que inimigos rondaram nossas florestas, acho que a menos de um dia de caminhada. Sugiro reunir um grupo de homens para reforçar qualquer tentativa de invasão de nossa tribo. O que os senhores acham?

O grupo se entreolhou e o mais idoso rebateu:

– Não podemos autorizar isso. Eles são seres humanos, fazem parte da criação, não devemos matá-los, apenas se eles avançarem contra nós.

Luderov ficou impressionado com aquela resposta, pois achava que todos detinham o conhecimento que seriam destruídos por homens maus, caso não se defendessem.

– Correto companheiros, tens razão; a mãe natureza em primeiro lugar. Só que eles são agressores, estão munidos de armas que cospem fogo e nós não temos chance de nos defender se eles atacarem primeiro.

O grupo se entreolhou e o mais velho confirmou a todos.

– Não sabes que nossa índole é pela paz e o amor entre as pessoas? Como ousas delinear planos de matança indiscriminada!

– Não é este o plano, é apenas...

Luderov interrompe o diálogo e com um gesto apaziguador revela:

– Fiquem calmos, conheço como estes homens agem, é necessário um negociador para dialogar com eles, que traga a certeza de que irão embora, assim que a caçada terminar, pois somos os pioneiros nestas terras.

Mais silêncio se fez no recinto.

Enquanto isso, os caçadores resolveram invadir ainda mais as terras dos nativos e, a base da escravidão, decidiram continuar floresta adentro, em direção ao vulcão Vesúvio, em busca de pedras preciosas e ouro. Luderov continuou a falar:

– Me deem a chance de ir falar com eles. Acredito que irão me dar ouvidos, já que eles estão à procura de algo muito importante. Já imaginaram que eles querem também um encontro amigável conosco?

O silêncio persistiu. Parecia que a minha proposta tinha sido

ignorada pelo conselho.

– O que me dizem? – repliquei.

– Eles se olharam e outros começaram a cochichar. Não tinha outra alternativa a não ser esperar pelo fim da reunião. Já passava das vinte duas horas e o conselho nada falava. O senhor Lourant era o segundo mais velho do grupo; sugeriu para que eu ficasse alguns momentos após a reunião, visto que naquele momento havia surgido uma nova ideia para completar toda a experiência que tinham quando o assunto era guerra. O ancião se levantou e falou para Luderov.

– Ficamos sabendo que você é um guia dos túneis, é verdade?

– Sim, vim por eles até chegar perto daqui.

– Muito bem, senhor Luderov, então pode nos tirar daqui para um outro local?

– Sim, estou à disposição dos senhores.

– O que me diz se levarmos todos?

– Muito trabalho, mas com bom planejamento conseguiremos.

– Muito bem, pense nisto, estas terras estão cheias de gente interessada e vejo que nossos dias estão acabando ao seu redor.

– E como fica tudo que vocês fizeram até aqui?

– Levaremos conosco toda a nossa tradição e vida.

– Isto me surpreende, pensei que gostariam de ficar.

– Sim, gostaríamos, mas já viemos de outro lugar, bem distante, pelos túneis. Nossos antepassados já nos falaram a respeito.

– E por que não ficar e lutar?

– Porque nossa gente é doente, diariamente temos que beber um pouco desta poção para não nos sentirmos com a moléstia. Este é o nosso desejo: sair daqui e voltar a ter uma vida normal, sem dor, somente amor para começar.

– Mas isto é covardia, não podem deixar tudo para trás.

– Podemos sim, e faremos para a glória de nossos antepassados.

– Eles querem que vocês lutem, até disseram como fazer a defesa em torno da tribo.

– Te enganas, não é defesa definitiva. É só o tempo suficiente para nos organizarmos e partir daqui.

– E para onde querem ir? Para o rio ou para o mar?

– Não sabemos, nossos ancestrais darão o rumo. Amantká irá nos

ajudar a revelar o melhor destino.

Fiquei paralisado com aquelas palavras, já que eu não teria a minha tão almejada liberdade. Pelo contrário, levaria aquele povo junto comigo. Como poderia demovê-los desta ideia? Não estava acreditando na situação exposta.

– Está bem, respondi, quando estiverem prontos darei o início da caminhada em direção ao litoral, é mais seguro e vocês poderão ter chance de serem acolhidos por outras comunidades, apesar da aparência de vocês que poderá gerar pensamentos conflituosos com os outros. Não temas, estarei próximo a vocês para protegê-los de algum mal-entendido.

Dito isso, Luderov saiu perplexo da reunião e voltou para sua tenda, a pensar nos fatos ocorridos.

De repente, seus planos de fuga minguaram, não estava só naquela empreitada. Agora passava a orar para Deus, coisa que nunca tinha feito, mas que se sentia necessitado em seus futuros ideais.

Outro dia, o sol forte apareceu após a noite de tempestade. Olho para o céu e vejo os pássaros coloridos a cruzarem o ar em um bailado inimaginável; e na visão do alto da colina, vislumbrava aquela imensidão de terras, acobertadas por pequenas nuvens a acompanhar aquele cenário bucólico. As horas passavam e após o desjejum matinal, fui acompanhar o grupo de idosos até a gruta onde as conversações eram feitas com o mundo do além e todos os presentes passaram a fazer atos de veneração e respeito aos seus deuses. Cânticos e danças também foram ensaiados em um conjunto de movimentos que, simultaneamente, solicitava a presença de seus antepassados mortos.

A fuga

Naquele amanhecer ensolarado, raios fugazes acalentaram minha face, anunciando a chegada de um novo e belo dia. Diariamente sentia imensa alegria de participar daquele espetáculo que só aquele lugar poderia proporcionar. E agora, após todos aqueles anos de convívio com aquele povo primitivo, senti necessidade de retornar ao meio cultural evoluído da civilização avançada. Mas após todos aqueles acontecimentos, não poderia deixar só aquele povo que deveria seguir meus passos e minha orientação, afinal, vim por aqueles túneis subterrâneos, deixando marcado nosso caminho com pedaços de corda e utensílios, materiais suficientes para deixar a trilha bem visível. Aquela manobra da formação do caminho, tinha sido ideia do nosso companheiro que pereceu na mão deste povo e, agora, deveria nos guiar de volta à civilização mais amiga e segura.

O pajé veio falar-me:

– Luderov, já temos as ordens dos nossos protetores e devemos deixar o mais rápido possível estas terras. Portanto, dentro de no máximo sete dias iremos embora e carregaremos o máximo de mantimentos para podermos sobreviver nas matas e no interior dos túneis.

– Tudo bem, respondi, mas deves lembrar que irás para um mundo novo e diferente dos teus costumes, logo deverás aceitar a ordem e justiça dos homens.

– Não diga, Luderov. Você acha que iremos nos submeter às ordens deles? Claro que não, nós temos nossos costumes e nossas vidas dependem desta floresta tão imensa e cheia de dádivas. Não temos por que nos entregar aos caprichos de outra raça.

– É o que lhe falo, relatou Luderov. Ouça estes pássaros anunciar que há vida nestas florestas. Lá de onde venho, tem pássaros, mas eles são presos, vendidos e comercializados para longe da floresta.

– Como podem fazer isso? Sua raça é muito estranha.

Luderov ouviu o comentário e retrucou:

– Nada disso pajé, a minha raça é igual a sua; todos somos iguais, a única diferença é que vocês vivem conforme a lei e a liberdade

emanada dos seus ancestrais. A minha se baseia em fatos que no passado deram a nós condições de decidir entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Tinha uma prima que gostava de filosofia e ela sempre dizia que o ser humano era tão cheio de verdades que para ele deveria ser um livro de conhecimento destinado a organizar as paisagens locais, sem se intrometer com o homem. Mas a verdade é que ele costuma destruir aquilo que ele guarda.

Dito isso o pajé se retirou do recinto e pediu para que Luderov não demorasse em se apresentar ao conselho, para decidirem detalhes da fuga a ser realizada.

Olhavam para longe dali e monitoravam os arredores das terras. De repente veio o aviso que mais caçadores e homens, à procura de fortuna fácil, se aproximavam dos acampamentos e seria necessária a fuga, o mais rápido possível. Afinal, detínhamos conhecimento de um povo que há vários anos defendia sua região. Começamos a nos movimentar, e o grupo foi dividido em três. Os mais velhos ficaram no meio dos grupos, com a finalidade de protegê-los contra qualquer atentado à tribo. Não tardou e o primeiro grupo formado por jovens da tribo, que em média tinha de quatorze a quinze anos, deveria ficar em alerta máximo para o que havia pela frente. Juntamos todos os pertences e deixamos o local. Vi várias mulheres chorando pelo abandono do lar, pela fuga, para não sermos atacados.

Entramos com o primeiro grupo no túnel e ao passar na primeira galeria, ficamos olhando e admirando o local onde as comunicações foram realizadas. Demos uma última olhada e seguimos em frente. Há alguns anos, percebemos que havia pegadas recentes de pessoas primitivas que utilizavam estas vias. Como nós, deveriam ter um culto semelhante e tinham o túnel como esperança que dias melhores viriam. O pajé me interpelou:

– Luderov, para onde está nos levando? Isto aqui é muito quente. Qualquer dificuldade poderemos retornar e fazer valer nossos momentos de guerreiros.

– Não é possível, retrucou o guia, estes túneis não têm saída satisfatória, por isso devemos estar muito próximos do vulcão para a temperatura estar tão quente.

– Preste atenção, Luderov, qualquer falha sua será mortal para todos

nós. Espero que estejas com razão, na direção a tomar nestas trilhas.

Luderov, desconfiado com a colocação do pajé, comentou:

– Sim pajé, tens razão, estas vias são muito quentes e difíceis de transpor; poderemos procurar um abrigo fora desse túnel. Na superfície existem várias saídas de fuga e isto é normal acontecer.

– Está bem, falou o pajé, devemos sair um pouco e respirar ar puro, longe deste cheiro nauseante, que todas as crianças e idosos não mais suportam.

Após alguns minutos, Luderov achou uma saída, pequena, mas providencial, já que aquela tribo trazia consigo tudo que fora possível trazer, como sacos, machados e facas, tudo para recomeçar o trabalho em qualquer desses lugares.

Já era noite quando Luderov e o grupo atingiram a superfície, respirando o ar puro que vinha dali.

– Luderov, tenha em mente todas as ideias para nos estabelecer esta noite porque, se necessário, deveremos ficar mais de um dia. Gostaria que você nos localizasse nesta região.

Luderov ouviu aquela colocação e informou ao pajé.

– Não vejo diferença entre a vegetação das nossas terras e esta daqui. Acho que pouco percorremos. Amanhã, deveremos acordar cedo e colocar nossas vestes aqui, próximo à saída do túnel, na esperança de que seremos socorridos e anunciados como povo à procura de uma vida mais saudável, longe da perseguição de caçadores.

A noite chegou e encobriu as matas ao redor. Acendemos o fogo e vários alimentos foram feitos para suprir a tribo. Logo após o jantar, o pajé pediu uma reunião, para ser discutido o primeiro dia de aventura no interior do túnel. Chamaram Amantká e pediram que ela tentasse se comunicar com os ancestrais, porque havia dúvida em qual direção seguir, apesar de Luderov reconhecer a sua trilha. Levariam vários dias de caminhada até atingir a cidade onde estava Pellenova e seus filhos, chamada Prestes. Esta era a intenção.

Luderov percorreu o interior inicial do túnel e, ao achar novas marcas de pegadas próximas, fez um alerta ao pajé de que poderiam estar sendo seguidos ou cercados. Logo deixamos algumas sentinelas vigiando os túneis. Não seria fácil organizar o povo, mas era

necessário continuar, pois o destino final não tardaria a chegar. Este era o objetivo. Rogamos a Deus para nos sustentar nesta missão de regresso. Mal teríamos condições de achar algo. Assim, Luderov iniciou a jornada de retorno à sua casa.

A lagoa sagrada

Cedo anoiteceu, com rajadas de vento assolando nosso acampamento. Era por volta das 23 horas quando fui despertado por Amantká, trazendo informações a respeito do mundo espiritual. Dizia que em seu sonho fora avisada que em tempo próximo seríamos abordados por um grupo primitivo, que trazia em seu eu, herança de canibalismo puro, que não gostavam de serem incomodados em suas terras e para isso, teríamos que nos preparar com todas as nossas defesas para superar esta tribo.

Não seria fácil, revelou nossa interlocutora. Pensei nesse aviso e me propus a ir avisar o pajé e os anciões da tribo, para que pudéssemos nos preparar visando o enfrentamento. Tomei a decisão de logo cedo realizar tal intento. Amantká retornou ao seu local de dormir e sob o som do vento e com pouca chuva, adormeci novamente.

O sol veio com toda sua beleza, pássaros voavam próximo a uma vegetação e por entre árvores, em busca de alimentos. A tribo acordava aos poucos, e tínhamos a intenção de permanecer o mínimo de tempo para nos reabastecer de água e alimentos. E assim retornamos à jornada através dos túneis em direção a minha cidade. A tarefa não era fácil, já que iríamos procurar as trilhas que havíamos deixado para trás. Já fazia seis anos desde a minha partida com o grupo e sabia que o retorno não seria fácil, até porque muitos animais e intempéries acabam por destruir as marcações que havíamos feito. Por exemplo, ao sair deste local, certamente passei por aqui, mas minha lembrança já me traía e não consegui localizar nenhuma das nossas tradicionais marcações. Percebi que por essa e por outras estava iniciando uma nova jornada em direção a Prestes, mas torcia para encontrar o melhor e mais rápido caminho.

Contávamos com cento e vinte pessoas entre jovens, mulheres e crianças. Os adultos eram de vinte e três combatentes, doze caçadores e oito homens que faziam as vezes de carregadores ou batedores, que iam à frente do grupo com a intenção de localizar caça ou inimigo. Passamos várias horas a explicar para o grupo o sonho de Amantká e todos, crentes como eu, decidimos permanecer mais uns dias neste

local para planejar o nosso retorno ao túnel. Sabíamos que a caminhada seria complicada, principalmente por conta da nova informação, mas teríamos que permanecer no nosso sonho de retornar à terra prometida. Relatei por algumas horas os fatos, recontando os detalhes de como poderíamos nos proteger. E esse povo, qual seria? Alguns descontentes ou uma seita desconhecida? Não sabíamos, contaríamos com a ajuda dos nossos guias espirituais para nos acompanhar nessa jornada.

No terceiro dia de espera no local, Amantká trouxe a informação que, nos seus sonhos da noite passada, foi avisada que deveríamos retornar a nossa caminhada pelos túneis e tão logo atingíssemos uma lagoa subterrânea, deveríamos ficar um dia de espera e orar para os deuses nos protegerem em nossa jornada, pois aquelas águas eram energizadas por bons fluidos provenientes do interior do vulcão Vesúvio, que tanta destruição trouxera, mas que agora trazia momentos de exultação e esperança. Segundo o sonho, essas águas traziam em sua composição medicações necessárias para curar os males físicos e espirituais que a tribo sofria em decorrência do costume de ingerir a mistura da poção mágica feita por eles.

Sua história era completamente decorrente das crenças e essa era a mais letal, pois este povo trazia certa quantidade da poção para usar durante a travessia do túnel. Todos ficaram perplexos com aquela revelação e no mesmo dia anunciamos os rumos e fomos para o interior do túnel em direção à tal lagoa. Não me lembro de ter passado por ela, talvez fosse coisa nova, não sei, mas acho que a variedade de caminhos pode ter me levado a outra trilha que não fosse da tal lagoa. Prosseguimos todos juntos em direção ao desconhecido.

Saímos bem cedo e, em seguida, atingimos o interior do túnel. Não havia mais marcas de pés, tudo havia desaparecido. Tochas iluminavam nosso caminho. Amantká e o grupo de idosos permaneceu na retaguarda, enquanto os caçadores e batedores vinham à frente dos anciãos. Eu e o pajé compúnhamos a comissão de frente com os guerreiros. Não tínhamos tempo a perder. Expliquei ao pajé que não havia passado por aquela lagoa na vinda, mas ele retrucou dizendo que Amantká não sonhava errado, pois se ela disse

que havia uma lagoa, era porque logo encontraríamos uma.

Passamos por várias trilhas e cavernas, passando por galerias belíssimas, com cristais próximo ao chão e paredes brilhantes. Achei que estaríamos próximo à lagoa, pois começaram a aparecer reflexos no chão como se fosse água colorida. Ao tocar o solo, sentimos maior umidade no local. Nos animamos e prosseguimos nossa aventura até chegar à lagoa. Para minha surpresa era um belo espetáculo, havia até peixes nadando, corremos todos aos gritos de alegria e alivio, pois, como prometido, aquelas águas eram um símbolo de esperança e de cura para todos os males físicos – e quem sabe os espirituais. Amantká sorriu e falou:

Ele não ia nos desamparar. Mas a quem ela estava se referindo?

O encontro

Aqueles foram dias de muita alegria. O povo retirante finalmente encontrou um alento naquelas águas dulcificantes e mornas que provinham de um poço profundo, próximo ao Vesúvio. Os anciãos foram os mais entusiasmados: para eles, aquilo era um bom sinal de que suas preces foram ouvidas. Não pensavam que um dia fossem viver aquele momento usufruindo de paz e tranquilidade.

Todos estavam alegres, e por onde andava minha amada Pellenova? Seria um choque e tanto quando ela me visse, naquele estado diferente, com roupas e usando utensílios de primitivos. E o que falaria ao saber da verdade, que eu gerara uma outra família, já tinha quatro filhos com três mulheres diferente. Por certo ela não entenderia e possivelmente não aceitaria. Me veio uma ideia, a de retornar ao meu lar verdadeiro, levando também amostras da água termal, que tanto nos fazia bem.

Peguei meu recipiente e armazenei uma generosa porção daquela água. Dormi em seguida e vi padre Bastilhe falando para mim em meu sonho:

Não te iludas Luderov, este povo vai maltratá-lo. Eles não querem nada contigo, só usá-lo em seu benefício.

Aquelas palavras fizeram-me atordoar:

– Que autoridade tens para fazer tal colocação, Bastilhe? Este povo é humilde e guerreiro. Só quer um local para viver.

– É que eles só acreditam em seus deuses. Não teimas, serás morto na primeira oportunidade. Por falar nisso, é bom que venhas logo, estou despertando de uma imensa paz. Só não consigo esquecer daquele dia fatídico em que fugi e fui engolido por aquelas feras selvagens. Mas, tudo bem, um dia verei o que fazer para vingar-me.

Dito isso, Bastilhe desapareceu e meu sonho ficou mais colorido e menos pesado. Contei o ocorrido para o pajé e ele disse que o mau espírito de Bastilhe ainda rondava a tribo e, portanto, iriam fazer um ritual evocando seus antepassados para ajudarem a colocar aquele espírito em outras condições. Não acreditei muito, mas fizeram o tal ritual baseado em dança e ritos de oferendas aos seus deuses.

Amantká não percebeu que eu ficara calado perante tudo aquilo. Era meu jeito de observar e duvidar.

Passamos mais de um dia à beira daquela lagoa com águas mornas e cristalinas, e chegamos à conclusão que seria necessário continuarmos nossa excursão no túnel.

Deixamos, pesarosos, aquele lugar e partimos. Não tardou para encontrarmos outra saída, desta vez bem larga, que denunciava a presença de vários animais silvestres em seu interior. Aproveitamos e caçamos algumas lebres e servos. Como há muito tempo não comíamos caça fresca, aquilo foi providencial para saciar nossa vontade de termos uma boa refeição.

Dormimos na entrada da caverna que dava acesso ao túnel e fomos surpreendidos com a presença de dois silvícolas, que tinham o aspecto semelhante aos zumbis que tanto me perseguiram outrora e me fizeram organizar o grupo de aventureiros, que culminou com esta história. Não perdemos tempo e saímos à procura dos dois que desapareceram na noite. Tinha por volta de vinte e poucos anos e grunhiam em vez de falar algum dialeto, não deixaram pegadas e tudo levava a crer que eram seres com certa preferência pela noite, pois já era alta hora da madrugada e aqueles intrusos simplesmente desapareceram. Todos ficamos alertas e redobramos a vigilância.

Amantká perguntou:

– Quem são estes intrusos?

– Não sabemos, respondeu o pajé. Pela manhã faremos buscas e tentaremos localizar seu povo.

Fiquei atento a conversa e Amantká resolveu dizer:

– Só pode ser o povo Dornek, aquele que trouxe a prática de rituais baixos, onde até o corpo de homens são sacrificados aos seus deuses.

– Duvido Amantká, eles são apenas primitivos de tribos que não conhecemos.

– Pode ser, mas eles grunhiam e faziam gestos diferentes.

– Não vamos nos importar. Pela manhã, pessoalmente, chefiarei um grupo de batedores e caçadores para delimitar estas terras e, quem sabe, olhar esta tribo.

Ao longe víamos o Vesúvio de um outro ângulo, agora mais distante e seu cume menos coberto por fumaça. Significava que nos

afastávamos cada vez mais da nossa referência e adentramos em terras nunca vistas por nós.

Ao amanhecer, percebemos que o grupo comandado pelo pajé já havia partido; o grupo de anciãos passou a dar as ordens e a refeição fora servida a todos. O sol já estava alto quando fui falar com o ancião Joreche.

– Quanto tempo vamos ficar aqui? – perguntei.

– Não perturbe, estou me concentrando nas palavras do pajé, que disse para ficar até o pôr do sol; se ele não vier, é para entrarmos no túnel e irmos embora sem ele ou o que restou do grupo de investigadores.

Não acreditei naquelas ordens, mas o que fazer a não ser esperar.

Já era início da noite e nada de o grupo voltar. Decidiram entrar no túnel, andar um pouco e esperar mais um tempo. Foi o que fizemos. Fui falar novamente com Joreche.

– Deixe-me ir agora, à noite, com dois guerreiros. Prometo ficar pouco tempo à procura deles. Se não voltarmos até o amanhecer, faça o que o pajé ordenou, eu lhe imploro.

Assim, Luderov mais uma vez pôs-se a aventurar em terras desconhecidas, sem preparo para o que iria presenciar, já que estava em menor número e nada poderia fazer para combater aquele grupo de homens extravagantes que, muito provavelmente, seriam os zumbis que tanto falavam e que tanto prejuízo provocou principalmente para ele.

Amantká

Durante a noite, Amantká teve novamente outro sonho a respeito dos destinos da tribo. Segundo ela, havia a presença de dois cavaleiros que se apresentavam como os donos das terras na qual a tribo deveria se alojar. Mas, para tanto, deveríamos pagar uma soma alta em dinheiro, o que a época exigia.

Para ela aquilo não tinha cabimento, pois não trabalhavam por dinheiro e, sim, para sobreviverem, além de que seu trabalho era caçar e coletar nas florestas onde viviam.

Amantká acordou assustada e relatou o seu sonho para mim, que já era acostumado com as exigências da civilização da época. Mas quem era Amantká? O que ela fazia era verdadeiro? Suas previsões pareciam corretas, todos acreditavam, até o pajé reverenciava a nossa orientadora.

Segundo os costumes da tribo, Amantká nascera numa família alheia a qualquer previsão do futuro. Seus dons vieram se manifestar ainda como criança, quando previu a queda de uma grande pedra no meio da tribo, durante uma chuva torrencial. A partir daí os anciãos passaram a observar aquela menina de sete anos, que não gostava de brincar como as crianças da tribo. Ela só queria ficar observando a natureza e fazendo perguntas aos mais velhos sobre as origens da tribo.

Seu principal teste foi revelar aos anciãos o que seria mais viável para tribo: permanecer próximo ao rio ou ir para mais próximo do grande vulcão, visto ser uma área fértil, com muitas árvores frutíferas e própria para caça. Logo ela informou que nas proximidades do vulcão havia uns túneis, onde seria possível falar com os ancestrais mortos, com uma facilidade maior. Tudo fora o que seu orientador espiritual comunicara, sem outros rodeios. Amantká passou no teste com louvor, já que outros videntes da tribo indicaram a mesma resposta.

Agora, com mais idade, ela se tornara a melhor mentora da tribo em tudo, sendo consultada para que todos sobrevivessem da melhor maneira.

E agora, que sonho era aquele? Todos os anciãos ficaram se entreolhavam enquanto ela fazia o relato do sonho. Oramis, o mais velho, falou que aquilo poderia ser um aviso de que não deveriam mais sair dos túneis e prosseguir a vida no subterrâneo, só saindo quando precisasse, fosse para caçar, fosse para recolher frutos. Amantká sugeriu que Luderov explicasse sobre os costumes daquele povo ao qual pertencera, e dissesse o que significava tudo aquilo. Oramis retrucou com um lisonjeio para Amantká, mas não poderia admitir que um forasteiro falasse para os anciãos. E então Amantká pediu que Luderov relatasse para ela quais eram os costumes do seu povo.

– Fale para mim, o que significa isto, homens cobrando de outros?

E Luderov iniciou sua explanação com muita timidez:

– Bem, acho que você não vai gostar de ouvir este relato. A verdade é que...

Oramis interrompeu aquela conversa, disse para Amantká se retirar pois iria falar diretamente com Luderov. E assim foi feito. Luderov relatou todos os costumes da sua gente e deixou perplexo Oramis que, de imediato, convocou uma reunião com os outros anciãos.

– Como podem? – retrucou Oramis. Eles não têm compaixão com ninguém? Mandam escravizar os outros. Seria melhor morrer do que ser escravo.

Na cultura do povo de Oramis, transformar um homem em escravo era uma das piores humilhações que se poderia impor a um derrotado. Por esse motivo os vencidos logo morriam, ou de fome ou por meios próprios, cometendo suicídio, pois guerreiros eram feitos para guerrear e não para se tornar prisioneiros. Essa era sua lei. Não tardou para que os outros anciãos falassem a respeito do sonho e de seu significado, de acordo com Luderov. Resolveram se reunir e deliberar o que fazer: aquilo parecia ser um destino cruel para a tribo.

– Sugiro que fiquemos nas fossas e túneis. Nossa tribo não se desmanchará e seremos unidos para sempre.

– E o povo que parece vampiro? O que fazer com eles? Eles também vivem nos túneis.

O silêncio tomou conta da reunião.

– Iremos pensar no que fazer, garantiu Oramis.

– Você se lembra do último encontro do pajé com os agressores? Por pouco não morreram, graças a Luderov que, contrariando as próprias ordens, decidiu ir ao encontro do pajé e libertá-los do sacrifício, num ritual macabro. Convém recordar este último episódio.

Durante a última semana, Luderov foi procurar o pajé e seus guerreiros que foram surpreendidos pelo povo agressor, que mais pareciam com zumbis encontrados amarrados a uma árvore, prontos para serem sacrificados pelo grupo, que iria utilizar lanças afiadas para retirar, a sangue frio, todas as partes do corpo, uma a uma, até eles ficarem totalmente destrinchados.

As suas vísceras iriam ser atiradas aos animais silvestres, e sua carne devidamente ingerida por todos, como em um ritual da época dos canibais. Para o espanto deles, Luderov atirou tochas e com seu pequeno grupo conseguiu libertar o pajé e outros que haviam caído nas mãos daquele povo pagão. Nunca na tribo alguém com tal heroísmo fora anunciado. Decerto que todos tinham uma dívida com Luderov, mas não podiam libertá-lo, pois ele fazia parte, também, de uma cultura escravagista.

Logo após o relato, todos se retiraram para pensar em uma solução. Se ficassem pelos túneis corriam o risco de se confrontarem com o povo zumbi, e se fossem para fora provavelmente seriam escravizados pelo povo de Luderov. Não havia muito tempo para se decidirem, pois os alimentos se esgotariam em pouco tempo. Tudo o que restava ao grupo era pedir aos deuses e ancestrais que dessem uma solução para o impasse, visto que não seria fácil nem uma coisa e nem outra.

A solução deveria ser anunciada e todos deveriam submeter-se às orientações. Amantká, agora a mulher mais influente da tribo, teria como missão consultar os ancestrais e pedir para orientá-los. A missão seria mais difícil que imaginava. O local não era propício e, provavelmente, seus deuses não iriam ajudar se não fizessem sacrifícios. Assim eles pensavam.

A força da humanidade: os zumbis

Era mais de meia noite e Amantká não conseguia conciliar o sono. Estava aflita com tanta responsabilidade, pois seus sonhos traziam mensagens que influenciariam os destinos de sua tribo. Logo pela manhã, procurou Luderov para repartir suas preocupações. Estava frio, e o orvalho trazia luzes diferentes com o alvorecer. Uma verdadeira dádiva dos deuses que permitiam tal impressão da natureza.

Luderov despertou com preocupação no meio daquela selva de espetáculo singular. Era primavera e o perfume das flores exalavam no ar, que traziam lembranças das terras que esse povo perdido habitava no passado. Agora só restava aqueles campos próximos ao túnel, que trazia esperança de um porvir melhor.

Esta saga começou há mais de 400 anos, quando dois irmãos de nome Antúlio e Nevoltero, provenientes da região norte da Itália, traziam consigo uma mascote de estimação da raça orangotango, proveniente dos países africanos. Animal de grande porte, afastava quem o visse ou dele se aproximasse. Essa fera era um amuleto, segundo os irmãos. No entanto, certo dia quebrou sua jaula e fugiu para o interior da floresta próxima. Esta mascote macho cruzou com uma fera semelhante a ele, da mesma espécie, que também tinha como habitat as florestas próximas, e deu origem a um animal disforme, que ao nascer passou a amedrontar os que o vissem às proximidades.

Eis que os dois irmãos não cansavam de procurar sua mascote. Já fazia cinco anos e, após discussão entre eles, foi considerado que o irmão Antúlio tinha tido culpa na fuga do orangotango e decidiram que, a partir daquele dia, iria sozinho procurá-lo.

Após imenso esforço na tentativa de achar o animal, avistou um certo grupo de chimpanzés em fuga, o que lhe atraiu a uma toca em que encontrou sua mascote e outro ser que não sabia se era humano ou macaco, mas que tinha aparência de um monstro. Ficou com medo e recuou, foi falar com seu irmão a respeito daquele grupo familiar ao qual sua mascote se unira. Decidiram os dois irem averiguar a

possibilidade de o atraírem, mas quando chegaram foram imediatamente atacados pelo orangotango e seu sucessor. Só que ele tinha no sangue componentes de mutação de outra espécie. Daí os irmãos feridos e fatigados decidiram deixar sua antiga mascote para trás. A partir dali estavam definitivamente com o sangue contaminado por uma espécie de micróbio que só este orangotango e seu filho possuíam.

Aos poucos, começou a aparecer uma doença rara no sangue dos irmãos que os fizeram tornar-se com apetite por carne fresca, e sua pele e ossos passaram a se tornar mais doloridos. Tiveram também filhos que traziam as marcas desta doença, que se alastrou por todo o povoado, não se tendo nenhuma espécie de controle. Nunca se vira algo assim, mas esses seres resultaram no tal povo zumbi, que, decididamente, nada mais eram do que pessoas doentes em busca de ajuda para seus males incuráveis. A desventurosa agressividade fazia com que todos os odiassem e deles se afastassem.

Não existia antídoto para a doença e eles só se reproduziam com parentes próximos, piorando os seus descendentes. Aquela situação desconhecida para todos havia criado um mito perverso contra pessoas doentes da alma, do espírito e do corpo.

Amantká percorreu a selva em direção à floresta mais densa e, próximo a uma pedra angular, inicia o ritual de oração. Pede a Luderov para ajudá-la colocando restos de animais abatidos próximo a este santuário primitivo, com a finalidade de manter contato com seus ancestrais, no mundo espiritual. Logo veio um ser desobediente e Amantká não parava de tossir e fazer caretas desconcertantes, era um espírito das trevas que vendo a dificuldade daquela mulher se lança em seu perispírito para bagunçar o pedido de socorro.

Após certa luta de pensamento, Amantká conseguiu se livrar desse ser perverso e começou a chorar e suplicar aos seus ancestrais que viessem se comunicar, pois sua tribo estava prestes a se tornar escrava ou se extinguir. Após alguns minutos, eis que surgiu à sua frente um ser angelical, de doces traços, que emanava um perfume suave. Era uma visão em que só a vidente poderia testemunhar; sua alma sensível deixou transparecer toda a sua delicadeza. Mas quem era aquele ser tão belo que estava vendo? Não importava, queria orientação que

naquele momento era tão difícil. Amantká se ajoelhou e implorou para que aquele ser tão iluminado a orientasse e, por conseguinte, sua tribo saísse daquela situação. Pediu em forma de oração.

– Ser supremo, dê à luz para nos guiar, não temos solução.

– Não temas, minha filha, estamos aqui para orientá-la.

– Como sabes dos nossos problemas?

– Sempre estou contigo, só que não me percebes.

– Oh! Mãe das águas e do fogo, diz-me o que fazer.

– Orarás, dia e noite, por quinze noites pedindo ao ser supremo que ampare você e seus irmãos em desventura, para assim repudiarem os que vivem em crueldade humana, perdidas nestas florestas.

– Mas como, ser supremo? Eles querem nos devorar. Amá-los não podemos.

– Trarás a água que usou teu povo e misturarás com estas essências que o orvalho da noite traz em cima das matas; fixarás um mel que dá nas colmeias e oferecerás a estes desvalidos.

– Mas como, minha Ama, não poderei me aproximar destes rebeldes.

– Sim, poderás, o amor supera tudo. Faz o que digo e verás o quanto te sentirás bem.

De repente, aquela imagem vai se desfazendo e deixando Amantká desfalecida. Luderov a socorreu e, após alguns instantes, Amantká se recuperou da visão que tivera e, relembrando tudo o que fora dito, partiu para a tribo em busca do conselho de idosos e do pajé para poder oferecer a solução daquele problema. O transtorno agora seria convencê-los a se unirem ao povo zumbi.

Que Deus seja louvado nas suas decisões. O amor nunca termina com a vida.

O encontro com os zumbis

Amantká não acreditava no que estava acontecendo; de repente, uma solução paira à sua frente. É certo que muitos dos anciãos não iriam gostar desta história de amizade com o povo zumbi, mas seria uma oportunidade de esclarecer as origens daqueles canibais. Nada fora revelado até então; o povo de Amantká nada sabia a respeito dos zumbis, só que eles patrocinavam verdadeiras destruições a quem estivesse próximo a eles. De repente, surgiu na mata, como por encanto, uma formosura de mulher, proveniente do povo zumbi. Desta vez, vinha em paz para pedir que representantes de nossa tribo fossem ao encontro com seus chefes, para dialogarem a respeito de assuntos que interessavam a ambos os povos. Eu fiquei perplexo, pois mal havia acontecido a façanha de Amantká conversar com um ser invisível e apareceu uma correspondente da tribo de lá para dialogar.

Após alguns minutos, o conselho de anciãos se reuniu no centro de uma clareira e passaram a discutir a viabilidade de atar relações de amizade com os zumbis.

Amantká aproveitou e relatou sua visão e os fatos ocorridos pela manhã; em seguida, para a alegria de todos, foi decidido realizar uma tentativa de aproximação com aquele povo canibal.

– Mas o que se sucedeu? Será que eles têm algo a nos relatar? – questionou Oramis.

– Não sabemos, comentou outro ancião.

– Certo é que temos uma chance de sobreviver nestas terras, próximas a eles.

– Não tenha tanta certeza, falou Oramis. Temos que nos precaver para uma cilada, não podemos nos solidarizar assim, tão de repente.

– O que temos a perder? – perguntou Amantká. Não será a oportunidade que precisaríamos para ter condições de nos aproximar deles. E a minha visão? Não será para nós ajudarmos a se curarem de algum mal?

O pajé, já meio atônito com tanta falação, resolveu dar sua opinião.

– Deixem as coisas fluírem, se for para ajudá-los, vamos em frente, que é melhor do que combatê-los. Eu mesmo, outro dia, senti o

quanto este povo tem infelicidade na sua vida, percebi que eles estão pedindo socorro para seus deuses.

– E aquela mulher, parecia que não tinha os traços deles, era bonita e cheia de vida, arguiu Amantká.

– Bem visto, mas ela parecia ser uma prisioneira. Não vê que ela também precisa deles?

– Bem observado, Oramis, mas temos que decidir o que fazer e como.

Todos se entreolharam e, de repente, Oramis puxou o voto levantando sua mão direita.

– Quero ir falar com eles.

Em seguida, metade dos anciãos concordou com Oramis e a outra metade achou que seria um gesto precipitado.

Amantká deu o voto final e vencedor.

Disse que confiava em seus deuses e nessa visão que teve pela manhã, decidindo em ir compor o grupo que iria encontrar o povo zumbi. Nessa tarde, Luderov, pensativo com tudo o que tinha ocorrido, decidiu ir também com o grupo após a permissão do ancião mais velho.

Formou-se uma pequena comitiva de cinco anciãos, além de Amantká, Luderov e um guerreiro que iria levar alguns artigos de presente feitos pelas mulheres da tribo. E assim, no dia seguinte, partiram em direção às terras dos zumbis.

A manhã estava bela, o sol trazia a sua incrível vitalidade que iluminava todos os recantos daquele vale, nada podendo esconder dele. Os pássaros da floresta emitiam os mais lindos e harmoniosos sons em uma sintonia única, com acordes magistrais aos ouvidos dos membros da tribo. No início da caminhada, todos se falavam e comentavam as estratégias que iriam usar para se comunicar com aquele povo hostil. Nada de armas, somente o guerreiro portava uma lança, como sinal de guardião do grupo. Amantká comentou com Oramis:

– Meu velho, quero que fiques atento às necessidades deste povo. Tenho orientações que poderão nos unir a eles, através da cura de seus transtornos físicos e isto vai demandar confiança entre todos nós.

– Sim, minha pequena, temos que tentar ser amáveis ou gentis, já

que eles são os donos destas terras que queremos compartilhar e nós os pretensos invasores.

– Temos o que eles querem, trabalho para servi-los, falou outro ancião.

– Não sejas pessimista, Kaios, temos, sim, outras coisas que eles querem; sabemos comer frutas que eles não conhecem, temos armadilhas que eles não têm e, o mais importante, muitos de nós já não nasceram com marcas até semelhantes à deles. Já somos mais puros, rebateu Oramis.

Aquela observação deixou Luderov e Amantká observando os traços distorcidos nas peles dos anciãos, o que o levou a pensar se por algum acaso eles também seriam aparentados destes zumbis. Quem sabe? Só os anciãos poderiam dar alguma pista.

Chegando próximo a um riacho, foram recebidos por duas belas mulheres acompanhadas de um zumbi seminu, com uma lança afiada em uma de suas mãos e a outra portando uma flor branca, que simbolizava certo grau de boas-vindas – ao seu modo, claro.

Seguimos o trio, entre mata fechada e arbustos afiados, e chegamos ao centro da cidade dos zumbis. Notei que fizeram um aglomerado de plantas próximo a uma estrutura de arvoredos, e havia uma divisão de locais sinalizados por pedras justapostas, com um grande altar no centro. Seria o local da reunião. Nos deixaram nesta localização e os três partiram para avisar ao chefe zumbi da nossa chegada. Não tardou para que uma enorme quantidade de pessoas se juntassem perto de nós e começaram a nos olhar e a nos tocar como se fôssemos objetos.

Ficamos parados até que ouvimos sons de batuque feitos por objetos de madeira e couro de animais. Em seguida vimos um grupo de zumbis que se aproximava do centro de evento, trazendo consigo uma menina próximo ao grupo. Ela parecia ser uma europeia, com pele branca e olhos azuis.

O que ela fazia aqui? – só com o tempo saberíamos.

A fórmula da cura

Amantká reconheceu o chefe da tribo dos zumbis. Era jovem ainda, quando seu pai a levou para caçar. Vislumbrou outro jovem em plena selva na região de caça, que a ficou olhando por um bom tempo. Seu pai logo chamou atenção dela, dizendo:

– Pare de olhar este jovem zumbi, ele é agressivo. Devemos evitá-lo.

– Pai, ele parece ser inofensivo, não vê? Até deu um leve sorriso.

– Não sejas tola, filha, eles fingem estes gestos e de repente vêm nos agredir. Este é o plano deles.

Amantká baixou a cabeça e eles foram em outra direção, deixando aquele jovem com olhar penetrante segui-los por um breve tempo.

Após despertar de suas reflexões, Amantká comentou com Oramis que tinha visto aquele chefe quando jovem, na floresta, caçando. E Oramis falou:

– Sabia que existia algo para nosso encontro, vai ver que ele lhe viu novamente e quer lhe falar.

– Sim, talvez, responde Amantká, mas já faz muito tempo, não sei se ele recorda.

Nisso, a comitiva do chefe chega ao local do encontro e com um toque de batuque, todos param e dão um grito de guerra – "Aha" – e passaram a sentar ao redor do chefe nos locais demarcados pelas pedras.

– Sentem-se, falou o chefe.

Sua língua tinha uma semelhança com a do povo de Oramis, e todos se sentaram, conforme o pedido. Neste momento, entrou no cenário dançarinos com tochas e lanças fazendo uma pequena coreografia de poucos passos e muito malabarismo, que chegou a impressionar a comitiva. Em seguida, trouxeram bebidas e comidas para que nos servissem. Parecia que estávamos sendo bem tratados. Fizeram gestos diversos e tentaram tirar Amantká para dançar. Oramis permitiu e ela foi trocar os passos com os dançarinos. Pareceu-nos uma excelente recepção.

Após o desjejum, o chefe virou-se para nós e perguntou:

– O que querem por aqui? Nossas terras não pertencem a outras

tribos.

– Queremos nos alojar, estamos caminhando há vários dias e não temos onde ficar, refere Oramis.

Sabemos que estão aqui há alguns dias, mas não podem ficar por muito tempo, retrucou o chefe.

– Temos uma proposta, disse Oramis.

– Ficaremos aqui por mais uns dias, usando suas terras próximas ao vale e em troca lhe daremos um tesouro.

– Qual? Isso nos interessa.

– Trazemos a possibilidade de cura dos seus males. Sabemos que são portadores de um problema na pele e nos seus ossos, que só terá uma cura com o que temos.

Nisso o chefe se levanta e saiu para falar, junto a Oramis.

– Não brinque conosco, temos muito o que perder com sua presença em nossa terra.

– Estou falando a verdade.

– Então diga: que cura é esta que nossos ancestrais não nos dizem?

– Posso falar-lhe, com a condição de ficar aqui por um tempo.

O chefe determinou que todos saíssem, ficando somente Oramis e Amantká.

– Quanto ouro queres?

– Precisamos de terras, senão nosso povo morre.

O chefe zumbi baixou a cabeça e, pensativo, resolveu ceder por um tempo a permanência da tribo de Oramis nas terras próximas do vale, com a condição de iniciar o quanto antes o processo de cura da doença do corpo e da alma. Amantká, assustada, correu em direção a Luderov e relatou o ocorrido.

– E agora, Luderov, o que vamos fazer? Anotamos a fórmula, mas não sabemos se dará certo. Confio no espírito que me trouxe, mas temos que fazer um teste.

– Sim, Amantká, faremos, mas com quem? Eles são muito doentes, com exceção desses escravos. Como poderemos usá-la?

– Não sei, disse Amantká, só poderemos ter certeza do sucesso da fórmula usando em alguém.

Amantká completou:

– Poderemos usar um deles para fazer o teste, alegando necessidade

de fazer a dosagem correta. Certamente o chefe vai convocar alguém.

– Tudo bem, e quando será isso?

– Em breve, Luderov. Vamos primeiro rever e juntar a fórmula, depois pediremos um voluntário.

Nisso, o chefe zumbi de nome Otká discursou para o seu povo.

– Deixaremos este povo no vale, eles terão liberdade para colher e caçar. Não demorará muito e eles irão embora.

Oramis agradeceu a generosidade de Otká. Eles se dão um abraço para selar a amizade.

Deixamos o povoado em direção aos túneis, onde nos aguardavam com impaciência. Amantká foi logo falando para a tribo do que aconteceu na reunião e todos se abraçaram alegres com a possibilidade de ficarem para sempre naquelas terras.

Todavia, era precoce afirmar isso. Depois de alguns minutos, Oramis nos reuniu e pede para que eu ajudasse Amantká a fazer a fórmula de cura, pois disso dependia a tribo e sua sobrevivência. Convocamos alguns batedores e guerreiros a voltar aos túneis e procurar o lago subterrâneo, cujas águas tinham componentes mágicos.

Deixamos os deuses nos guiar ao local da vidência de Amantká para ela falar novamente com o espírito que deu a fórmula. Tudo parecia ir bem, até a chuva chegou para aliviar o calor que fazia, apesar da primavera. Dois dias se passaram até que os batedores retornaram com uma boa quantidade da água mágica. Amantká resolveu voltar ao local da comunicação.

Quero falar com você, me responde.

Insistiu, mas nada aconteceu. Amantká, desolada, resolveu voltar à tribo e tentar fazer a fórmula, com aquilo que ela se lembrava (água, mel e orvalho). Não havia outro ingrediente, supunha. Fez a mistura e parecia que não aconteceria nada.

Nessa noite, Amantká sonhou que sua fórmula estava incompleta. Ao despertar, voltou ao local do contato com a senhora, em espírito, e suplicou que ela aparecesse e conversasse. Estava insegura e completamente desolada com a possibilidade de falha no que fora prometido. Amantká permaneceu o dia todo no local.

A cura: o início

Naquela noite, com Amantká ainda perto do altar improvisado, deixava transparecer abatimento e cansaço de ter ficado o corrido dia à espera da comunicação com aquele ser tão belo, que lhe forneceu a fórmula da cura. Permaneci olhando aquela mulher abnegada em seu transe que já durava horas. De repente, ela olhou um brilho se aproximando e começou a relatar a presença do ser angelical.

– Duvidaste do que te falei?

– Não, minha senhora, apenas não entendi tudo.

– Ficarás com receio se te disser que tudo depende de ti e de teu povo?

– Como assim? Não fizemos nada a respeito?

– Significa que a tua crença deve ser maior do que a dúvida. Andarás com este pensamento e verás que o que eu te passei irá funcionar na sua plenitude. Para o homem que te acompanha, ele chama de fé. É acreditar e transformar esta energia dada por Deus em benefício de si e do próximo. É a abnegação de todas as dúvidas em prol do dever de fazer o máximo de bem a outrem. Não temas, será um meio de aumentar sua crença para o bem maior. Esta energia não tem como medir, somente irás ver o resultado. Fique em paz.

E, assim, Amantká desmaiou; após alguns minutos ela recobrou a consciência e passou a relatar os fatos vividos.

– Luderov, o que ela falou em relação à fé... O seu significado para nós é o mesmo de acreditar em algo que não existe.

– Sim, respondeu Luderov, a fé que ela falou é a relação da crença no mágico, no nosso coração de que tudo o pai criador provê para que suas criaturas vivam e sejam felizes. A falta dela é que traz o desânimo, a tristeza e a não realização de algo; sempre a falta de fé é um dos componentes do fracasso.

– Entendo, Luderov, voltemos ao nosso povo e falarei com os anciãos para que digam ao chefe zumbi que estamos prontos para o teste.

Na mesma noite, Luderov, ao retornar à tribo, ficou a imaginar quem seria esta luz, este espírito que tanto havia trazido esperanças para

eles. Não chegou a nenhuma conclusão, só que seria de aspecto feminino e tinha falado sobre fé. Após alguns minutos de relato dos anciãos, Amantká recolheu-se ao seu canto de descanso. Ela relembrava: "que maravilhosa mulher este espírito e quão doces palavras e atos, espero não falhar nas minhas ações". Pensou e imaginou que aquela poção mágica surtiria o efeito esperado, pois essa era a vontade dos deuses.

A noite veio calma, e o sereno trouxe vasta quantidade de orvalho que nutria as folhas do vale.

Ao amanhecer, aquele espetáculo da primavera, com vários pássaros a entoar cânticos anunciando um novo dia e a beleza da relva, formava um cenário enternecedor. Comemos algo e ficamos esperando a chegada do voluntário para tomar a fórmula.

Amantká veio e me perguntou:

– Como são seus deuses?

– Respondi: na verdade é só um Deus que vemos, único, que comanda tudo no céu e na terra. Não há vários.

– Ele sozinho para governar tudo?

– Sim, Ele está presente em todos os lugares ao mesmo tempo, Ele controla tudo, até as horas do dia e devemos louvá-lo assim.

– Se Ele está em todo lugar e é único, como Ele pode ver todas as dificuldades de todos ao mesmo tempo?

– Isto vai depender da nossa crença, nossa fé. Ele está aqui neste orvalho, no nosso coração, no nosso pensamento, nos irmãos sem lugar para viver, também nos que têm abundância de tudo.

Amantká, pensativa, achava que Luderov teria muitas respostas a lhe dar por um bom tempo, mas o que deveria fazer era dar a poção mágica para o voluntário e pensar intensamente que aquilo iria dar certo. Luderov ponderou:

– Devemos nos esforçar a fazer um pedido para que tudo dê certo. Pediremos em grupo, com a mesma intenção e veremos quanto tempo levará para esta poção fazer efeito. Isto é que se chama de fé no Criador.

Após algumas horas, surgiu um pequeno guerreiro zumbi, trazido por outros, com a intenção de se fazer voluntário para tomar a poção. Se desse certo, eles iniciariam uma nova caminhada, em direção a uma

das dores da alma, pois aquela situação de deformidade física refletia nos pensamentos agressivos da comunidade zumbi.

Sentou-se o voluntário e iniciou-se, em voz alta, um cântico de agradecimento e pedido para os deuses auxiliarem aquele homem em sua cura. Em seguida, deram uma poção generosa da mistura mágica e um grupo de quinze homens e mulheres continuaram com seus cânticos e preces, pedindo pela cura do jovem. Em seguida, deitaram-no próximo a uma árvore e o cobriram com uma manta. Pediram para que ele relaxasse e pensasse em sua cura. E assim foram-se passando as horas e, de repente, para surpresa de todos, suas manchas começaram a desaparecer. Era um milagre.

Foram ouvidos gritos de alegria e choros. Havia a certeza de que aquilo seria o começo da cura daquele voluntário. Amantká não se conteve e me abraçou, aliás, todos se abraçaram graças à compreensão das palavras daquele espírito de luz que trouxe alívio para nossas dores.

Depois de tanta e efusiva alegria, pedimos para que o voluntário e seus guerreiros voltassem à sua tribo, falassem e mostrassem a Otká o quanto havia melhorado. Esta poção mágica, enfim, só funcionou com a ajuda dos deuses. Na verdade, como disse Jesus, a fé transporta montanhas; crê e tudo se dará. Fiquei pensando em tudo aquilo e concluí que Deus olha por todos, em todos os lugares e para todos os povos. Nós aqui, sem ter ninguém a nos ajudar, tivemos as preces e pedidos atendidos pelo Criador.

O engano

Quando o voluntário Koré retornou à tribo zumbi, o chefe já dormia e os demais vigilantes acompanhavam a movimentação da noite. O jovem tratado entrou anunciando a sua cura. Foram necessários vários gritos para que todos despertassem, inclusive o chefe que examinou pormenores do jovem curado. Perguntou como e o que tinham feito com ele.

Após todo o relato, o chefe retornou ao seu recinto e elaborou um plano para pegar as instruções de cura. Diria que tinha muita necessidade e em troca ofereceria uma parte de todas as suas terras, visto que a cura da doença e o desgaste que acompanha, a longo tempo, toda a trajetória do seu povo não tinha um valor definido. Pela manhã logo formou-se uma grande comitiva dos zumbis e partiram para tentar converter os Otolaks a se renderem à sua digna proposta, já que eles tinham interesse em se estabelecer em terras amigáveis.

Oramis mal tinha despertado do sono agitado e fora visitado pela comitiva zumbi, que logo foi explanando suas necessidades e as bases para a troca da poção mágica. Oramis, ainda meio desperto, resolveu convocar os anciãos, Amantká e Luderov para discutirem o que fazer.

– Acho que primeiro devemos deixar claro que a fórmula somos nós que possuímos; portanto, não a daremos, pois é nossa garantia de sobrevivência, falou Oramis.

– Sim, também achamos, mas se descobrirem quem a mexeu e criou, serão capazes de o sequestrarem e nos expulsarem destas terras, interveio Amantká.

Muito bem, então direi que a condição de ficarmos aqui se dará para ajudá-los no tratamento que há séculos, os afligem e que nós ficaremos eternamente nas terras do vale. Se aceitarem, tudo bem, caso contrário, só os deuses nos salvarão.

Chamaram Otká e passaram a mensagem dos anciãos. Em ato contínuo, o chefe zumbi aceitou os termos propostos e pediu que iniciassem imediatamente o tratamento de toda sua tribo. E assim ocorreu: primeiro os idosos e as crianças e, posteriormente, os valentes guerreiros zumbis e suas mulheres. Não tardou para que todos os

tratados iniciassem a recuperação das feridas da pele e as dores dos ossos, no entanto, parecia que em uma menina de quatorze anos a poção não havia surtido o efeito esperado. Seus pais seriam uma mistura de parentes próximos e parecia que a doença se manifestava de maneira mais rigorosa em relação aos outros.

Amantká foi chamada para analisar o caso.

A menor foi examinada dos pés à cabeça e havia estranhas marcas de cicatrizes debaixo do seu pescoço, que denunciavam um ferimento por algum objeto contundente, pois o aspecto era rude e mal delineado. A jovem relatou que, num passado recente, fora submetida a um teste de cura pelo curandeiro dos zumbis que, com uma pedra, rasgou sua pele, colocando veneno de arraia solarda, uma espécie de peixe venenoso que vivia em águas de lago meio lodoso, às proximidades. A jovem ardeu cinco dias de febre e nenhum efeito de cura da doença tinha sido produzido. Amantká solicitou ao chefe zumbi que a deixasse por mais tempo no meio deles para que pudesse continuar o tratamento.

– Amantká, que estranho é esta menina, acho que devemos invocar novamente a bela senhora para que peçamos orientação do que fazer neste caso.

– Faremos isto hoje à noite, Luderov. Suplicarei para que ela nos oriente.

Chegada à noite, a dupla se dirigiu até o altar improvisado, no meio daquela floresta isolada, e iniciou o ritual de súplica, para que a Senhora da pedra aparecesse para ela e a deixasse conhecer os meios para a cura da jovem zumbi. Passaram-se algumas horas e o que apareceu foram certos animais comuns da floresta, que não traziam nenhum perigo aos dois.

Quando já passava da meia noite, Amantká sentiu um suave odor de rosas vermelhas e pediu para Luderov acompanhá-la perto do arbusto onde estavam pequenos brotos da elegante flor; e, de repente, ela se abre, deixando suas pétalas mostrarem seu interior com finas espécies de botões, prontos para germinarem em outros locais. Tudo era incrível. Àquela hora seria impossível uma flor desabrochar e ainda mais ter certos elementos em seu interior. Amantká interpretou que seria dali o acréscimo na fórmula para curar a jovem zumbi. Colheram

três pétalas e levaram para a tribo. Adicionaram os pólens e deixaram a força do sereno agir naquela nova mistura.

Pela manhã, todos despertaram bem cedo e apareceu o chefe zumbi para ver o último resultado. Amantká, ao perceber a sua presença, pediu para que a jovem bebesse a nova poção. Minutos depois, a jovem deitou, se esperneou e todos viram sair do local da ferida debaixo do pescoço um líquido escuro, fétido, com aspecto de lama; aos poucos ela começou a tossir e sua pele, finalmente, tornou-se clara, sem vestígios de ferimentos. A alegria se espalhou entre os dois povos e os espiões do chefe zumbi realizaram o relatório ao seu chefe, dizendo que provavelmente o mentor de toda aquela mágica era o Luderov que, com a ajuda de sua assistente, chegou à conclusão da poção mágica.

Ledo engano. Acontece que a mulher não era considerada capaz de realizar tais proezas, diferente do povo de Amantká, que consideravam a mulher uma verdadeira dona da tribo no quesito organização local e intuição. Já os anciãos, por sua experiência, ditavam os rumos da vida da tribo para o progresso e manutenção, e pela eternidade de seu povo. Pobre Luderov, confundido pelos zumbis como o inventor da tribo, teria seu destino mais uma vez alterado, para que, ao invés de ser libertado, voltar a um cativeiro, em mãos mais rígidas. Mas a providência divina não deixaria os necessitados sem ajuda.

Que Deus seja louvado hoje e sempre, pela eternidade.

O sequestro

Otká, o guerreiro chefe dos zumbis, determinou a prisão de Luderov alegando necessidade de manter o idealizador da fórmula em mãos de seu povo. Não poderia deixar aquele homem brilhante fugir e desaparecer com a cura dos males da tribo.

E assim foi feito. Ao anoitecer, com o povo já recolhido em suas tendas, um grupo de guerreiros dos mais preparados adentrou ao núcleo da pequena cidadela, invadiu a tenda de Luderov e o retirou com olhos e boca tampados. Ele levou um susto grande e desmaiou ao perceber que aqueles guerreiros queriam forçá-lo a sair com eles.

Foi surpresa geral na tribo não encontrar Luderov, que foi dado como fugitivo e não encontrado em nenhum lugar. Mesmo com seus poderes, Amantká não conseguiu descobrir o paradeiro de Luderov. Oramis decidiu ir à tribo zumbi, inquirir se por acaso tinham visto um integrante de sua tribo, obtendo resposta negativa. Ele não suspeitava que os zumbis haviam raptado Luderov. Como não poderia dizer nada, esconderam Luderov numa colina distante do local de habitação, escoltado por três guerreiros da comunidade zumbi. Otká nunca imaginou que os verdadeiros poderes de cura provinham do mundo espiritual, graças às comunicações feitas por Amantká.

Na manhã seguinte, o povo zumbi reuniu-se. Informaram também a Oramis que devido ao sucesso da cura em massa, deixariam todos ocuparem as terras próximo ao vale e na entrada dos túneis. Mas, a partir daquele dia, não poderiam mais reunir-se com os elementos dos zumbis. Ou seja, não teriam mais acesso às terras dos recém curados.

Foi um alívio geral para Oramis e os seus, com exceção de Amantká, que não estava confiando no chefe zumbi. Mas, por aquela hora, nada poderiam fazer.

Oramis decidiu iniciar as buscas à procura do fugitivo Luderov, afinal ele era considerado um elo importante entre a tribo e os deuses, cuja postura trazia alívio entre as manifestações que Amantká protagonizava. Passaram a acreditar que Luderov era uma ligação importante entre Amantká e os espíritos do passado. Viam que importantes comunicações e revelações eram feitas perante a presença

do fugitivo. Não sabiam que Luderov tinha resgates importantes a fazer com aquela tribo primitiva perdida nas imediações do Vesúvio.

Sim, meus amigos, estas revelações não poderiam ser ditas aqui, sem esta breve história de cura coletiva de um povo, perdido, que vivia às custas próprias, sem ajuda da moderna civilização do século XIX, cujos raios da palavra do Mestre Jesus já vinham sendo espalhados pelos quatro cantos do mundo. Luderov participara de um verdadeiro massacre em grupos de extermínio, tão comum nas épocas antigas e, por causa deste episódio trágico, nosso amigo reencarnado tivera necessidade de se despojar de tão grave pena ditada pelos vínculos que somos obrigados a se ter, para remover estes obstáculos rumo à redenção, perante a lei. Nosso amigo Luderov resolve no mundo espiritual reencarnar na condição de pobre explorador de terras, arrastando sua pequena família para estas provas, resignados ao destino de terem que procurar terras para sobreviverem. Somente com ajuda de amigos do mundo maior é que nosso aventureiro teria condições de realizar seu reajuste. Então, vamos continuar esta breve saga.

Após o sequestro, Luderov se desesperou por não saber bem o que fazer sem a vidente Amantká. Sabia-se que este povo rebelde e cruel não perdoava ninguém, muito menos os fraudulentos que tentavam enganar.

A tribo era perdida, em meio à vasta floresta, com arbustos espinhosos em volta das suas terras, o que os tornava portadores de uma defesa natural ao ataque de qualquer grupo que os quisesse surpreender. Luderov não tinha opção, somente aguardar que seu destino fosse cumprido: esperaria sua morte sem piedade feita pelos zumbis.

Após diversos dias, Oramis decretou o fim da procura ao fugitivo. Alegou ao povo que a tribo lamentava o ocorrido e os filhos de Luderov passariam para a guarda das mães e supervisão dos anciãos, já que eles tinham um sangue mais purificado, sem tendências a mazelas que os homens brancos traziam. Amantká ficou desolada, pois sabia que seu parceiro de descobertas tinha sido alvo de ação dos zumbis, mas não iria levantar esta hipótese, pois tudo poderia deflagrar uma guerra entre os dois povos.

Durante a noite, ela suplicou à bondosa Senhora que auxiliasse a encontrar o fugitivo ou sequestrado, visto que sua importância se tornara relevante para a sobrevivência deles. Suas rogativas foram ouvidas e a Senhora do milagre anunciou que Luderov estava vivo, mas preso em mãos dos zumbis, que o confundiram de ser o responsável pela cura do povo.

– Não se preocupe, minha donzela, terá a chance de revê-lo, ele é um elo importante entre seu povo e o nosso mundo; suas ações no passado o obrigaram a realizar resgates coletivos. Por isso, tenha calma, não se aflija, que logo ele poderá ser libertado, tanto para a vida espiritual, como para continuar sua vida carnal.

Dito isso, Amantká despertou de seu sono e se tranquilizou ao saber que em algum tempo veria seu companheiro de aventuras de contato espiritual. Não sabia que Luderov viria a ser a peça mais importante para a progressão de todos em direção às sublimidades do universo.

Que Deus seja louvado em suas decisões.

O teste inicial

“Tudo com o pão, não chegaremos ao chão, tudo com o amor se faz o pão no coração, tudo em vão se você não se faz alegrar, tudo será conforme o amor no coração.”

Trata-se um refrão que, na juventude, Luderov ouvia dos lenhadores que trafegavam próximo a nossa casa, ainda nos Balcãs, e agora, nesta solidão de azarão, fico aqui a me perguntar o que fizera para ser confundido como algum soldado daquele povo.

Luderov não se conformava com esta nova realidade. Estava, definitivamente, em isolamento na tribo zumbi.

Naqueles tempos áureos de muita bonança, os dois irmãos italianos e seu gorila participavam de jogos e torneios com a comunidade local, e sempre que podiam disputavam, com a esperança de possuírem maior quantidade de animais e terras.

O orangotango sempre se irritava com a presença de pássaros às proximidades. Uma dessas aves atrevidas viu o orangotango desprevenido e picou seu ombro, infestado de pequenos carrapatos, e voou para longe da jaula. Foi o suficiente para despertar a ira do macaco gigante e deixá-lo mais feroz com aquela agressão. Ele quebrou a jaula e correu em direção à floresta para nunca mais ser visto pelos seus donos.

Certa manhã, já em liberdade, encontrou um chimpanzé fêmea gigante, com quem consumou um relacionamento. Desse cruzamento nasceram filhotes disformes em decorrência de alterações genéticas, devido à infecção de vírus de que o orangotango era portador. Daí, em momentos de fúria e agressão, feriram vários nativos da região, o que acabou por contaminar boa parte dos aldeões. Surgiu então, uma nova doença entre os humanos, que era transmitida de pessoa a pessoa, por contato com a saliva, comida dividida ou simples contato mais pessoal.

O povo zumbi se originou dessa tribo, só que outros também foram contaminados, em menor grau, entre os quais como o povo de Amantká, que reuniu resistência maior ao realizarem cruzamentos com pessoas sadias de outras raças, gerando descendentes mais

resistentes a tal contaminação. No fundo, eles foram vítimas de um orangotango contaminado, proveniente das regiões africanas, celeiro de muitas doenças desconhecidas do povo europeu. Milhares sofreriam suas consequências e conviveriam com as dores e a rejeição.

Os zumbis tiveram vários descendentes que cruzaram com outros nativos, espalhando o vírus causador desta epidemia. Sobreviveram os mais fortes e os mais aptos para se adaptarem à sua fome de carne e sangue, podendo ser dos homens comuns ou iguais a eles. Neste breve relato, vemos que essas tribos próximas ao Vesúvio apresentavam uma linhagem comum, marcados pela presença em maior ou menor grau da doença. A escravidão que impunham em pessoas sadias era simplesmente um meio de gerar descendentes cada vez mais sadios – é neste ponto que entram uma vasta relação de aventureiros, caçadores e até pessoas comuns sequestradas.

Luderov, após sua reflexão oriunda de ditos populares de sua terra, voltou a imaginar o que fazer com aquele povo. Durante a noite cogitou relatar a verdade, quem realmente adquirira a fórmula era Amantká – mas isso seria descartado imediatamente, com a morte sendo seu destino.

Decidiu manter a farsa. Estava disposto a continuar a fazer as curas com a poção mágica. Pediria para os céus que não houvesse outro caso estranho que não pudesse orientar. Desse modo, foi levado à tribo zumbi e interrogado de que maneira se fazia a poção e, estranhamente, alertou Otká que, caso ele sofresse alguma agressão, todo o efeito da fórmula passaria, pois ele tinha o poder de desfazer o efeito da medicação.

– Como pode passar o efeito? – perguntou Otká.

– Se eu não estiver por perto, toda a medicação desaparecerá do corpo de vocês.

– Isso nunca ouvi falar, rebateu o chefe zumbi.

– Claro, não percebe que com minhas energias sou um verdadeiro elo com a fórmula?

– Está certo, veremos a verdade, mandarei dois guerreiros se distanciarem de você e permanecerem dez dias longe e veremos o que vai acontecer.

Por esta Luderov não esperava. Eles deixariam os guerreiros longe e,

na volta, provavelmente seriam os mesmos.

Na manhã seguinte, Luderov viu partir os dois guerreiros zumbis, completamente sem alterações em direção aos túneis, para passarem os dias a meditar. Tomaram o rumo e sumiram.

Em seguida Otká determinou que eu ficasse recolhido numa tenda, sem contato com ninguém, em puro isolamento.

– Me deixe olhar a luz do sol, suplicou Luderov.

– Não insista, esperaremos dez noites até retornarem, depois veremos os efeitos.

Não tardou e Luderov entrou em desespero, suplicando aos espíritos anciãos que tanto agradaram o povo zumbi, para que o ajudassem também.

No oitavo dia, eis que surgiu sorrateiramente um enviado da tribo de Oramis, trazendo notícias de que, após vários dias, chegaram à conclusão de que eu havia sido sequestrado. Pedi para ele levar notícias minhas e avisar que estava em desespero para ser libertado. O guerreiro retornou para a tribo, avisando os anciãos dos fatos ocorridos. Todos revelaram o desejo de resgatá-lo, mas foram barrados pela opinião do pajé, que alertou que os zumbis nunca o entregariam. Só restou aos anciãos pedir para Amantká fazer preces aos deuses para que Luderov sofresse o menos possível.

Duas luas se passaram e para a surpresa de todos, os guerreiros retornaram com o aspecto pior do que antes. Todos da tribo se ajoelharam e pediram para aquele deus, pajé, que trouxesse todas as forças em comunhão para que a cura do povo fosse eterna. Assim Luderov, sem saber o porquê, sobreviveu ao teste, e Otká implorou para que ele fizesse a cura aos seus dois guerreiros.

Amantká já sabia o motivo da falta de duração que a fórmula apresentava.

A revelação

Durante o inverno rigoroso que se abateu naquelas planícies isoladas, mas próximas do vulcão Vesúvio, lotes de terras viraram puro gelo e todos os animais que sobreviviam na superfície daquele solo foram se abrigar em túneis cavados por eles, rico em minerais, com alguma lama. Luderov ainda achava que realmente tinha poderes mágicos, já que Otká não parava de elogiá-lo e bajulá-lo.

Certa manhã muito fria, após os afazeres normais a que a tribo se submetia no inverno, Otká ordenou para que seus guerreiros localizem o povo que Oramis comandava, junto com o grupo de anciãos. Esperava que seus rivais estivessem passando por maus momentos com toda aquela neve que não parava de cair. Passaram-se alguns dias e seus guerreiros retornaram com a informação de que o povo de Oramis tinha se deslocado para o interior dos túneis, deixando as terras cedidas para ocupar um ambiente mais propício para eles.

Surpreendeu-se com a informação, já que haviam pedido, veementemente, pela ocupação das terras. Passou a conjeturar sobre Luderov. Como aquele homem branco, que sequer falava a língua dos deuses, era capaz de manter a ação da fórmula mágica. Será que ele tinha algum poder desconhecido? Eis a questão a revelar.

"Em idos antigos, Luderov fora Pôncio Pilatos e seus julgamentos afetaram meia dúzia de tutelados além de milhares de desafetos. Na época de Cristo, foi responsável, em parte, pelo destino do Mestre Jesus. Em sua atitude egoísta e solitária, condenou nosso enviado para a cruz, deixando os judeus, seus desafetos, tomarem posição favorável para ditar a sua morte.

Eis, meus amigos, como o destino no pós-morte resolveu a questão. Como naquela época nossos protagonistas viviam quase que, exclusivamente, para os prazeres da carne, nosso personagem não se furtou de aproveitar ao máximo tudo o que o mundo poderia oferecer, como o poder, a idolatria, a vingança, os vícios, e todos os tipos de prazer que poderia se imaginar. Ao sair da vestimenta física, foi acolhido pelo próprio Jesus, que em ato de sublime bondade, o

levou para ser tratado por uma equipe espiritual da mais elevada relevância perante o Mestre. O objetivo seria tratá-lo e educá-lo para novas reencarnações e dentre elas, a de Luderov, homem com desenvoltura e senso de honradez, já talhado por outras encarnações anteriores. Tinha certa afeição do Mestre, pois a justiça divina não deixa seus homens em desamparo, principalmente, os do tipo de Pilatos, que mais necessitavam de amparo espiritual.

Foram diversas reencarnações até chegar a tal estágio. É certo que a história se renova, mas, desta vez, nosso personagem encontra-se em posição semelhante à de Jesus. Tinha amigos, inimigos e estava agora em cativeiro, à espera de uma sentença que poderia libertá-lo ou destruí-lo, dependia do cumprimento das suas promessas. Julgamentos de homens que não entendiam a dimensão da cura das doenças da alma e do corpo a que Luderov, supostamente, protagonizou.

Este relato foi necessário, não só para dar continuidade a esta aventura, mas para revelar o passado espiritual do nosso protagonista, que ainda cheio de débitos, reuniu forças e solicitou um encontro com Jesus, pedindo, exultante, que uma oportunidade de reencarne fosse concedida para que ele mais rápido alcançasse as esferas reconfortadoras. Deste modo, após vários estudos do processo, ele reencontra, na esfera carnal, antigos protagonistas da história, que também em favor da evolução, são obrigados a seguir a mesma trilha. Dentre seus comandados no passado, encontrou o velho Oramis, o qual era seu intercessor junto à metrópole romana e seu antigo criado, agora veio na carne de Otká, o chefe zumbi. No meio desta trama, todos os envolvidos começaram a se submeter ao aprendizado do perdão sob prova incontestável. Durante muitos séculos, nada se comentou sobre os infortúnios causados por personagens tão ríspidos e grotescos como Pilatos, já que era uma época em que a lei do mais forte sempre sobressaía. Com a vinda do nosso Mestre Jesus as situações, desejos, esperanças começaram a tomar novo rumo, inclusive para todos os participantes da nova era. Não houve escapatória da interferência divina do amigo e seus relatos da vida após a morte, trouxeram alento aos povos que já tinham perdido a esperança por uma vida melhor. Foram necessários vários séculos de

mortes, desavenças e destruição para que o povo terreno começasse a apreciar a verdadeira palavra proferida por Jesus, que nada mais é que o amor a Deus e ao próximo.

Deixemos nosso personagem prosseguir com sua epopeia, para que ele relate suas aventuras neste momento difícil de sua encarnação. Dizer a verdade que Amantká era a interprete da fórmula, o catapultaria mais rapidamente para as vias sombrias do outro mundo. Manter a mentira, doeria seu coração e sua mente, já que ele se encontrava em estágio de superação na terra. Bem, amigos, esta decisão não era somente da sua consciência, mas também da sua alma comprometida com o passado."

Durante a manhã fria, já com os afazeres da tribo de Oramis em andamento, Amantká pediu para voltar ao local onde vira a Senhora que lhe enchera a alma de esperanças em trazer a paz para seu povo. Ficava ali na floresta em que o vale era propício para a caça e coleta de frutos. Ao chegar ao local, ela iniciou seu ritual de prece e pediu para que a adorável Senhora aparecesse, para que pudesse pedir informações sobre o futuro da tribo.

Amantká tinha confiança naquele espírito, pois suas promessas haviam sido cumpridas pela fórmula. Ela soube neste contato que Luderov, além de estar vivo, era possuidor da mais elevada estima dela, porque seus esforços contínuos para melhoria da sua posição não paravam de aumentar. Tinha chance de sobreviver.

Chegou a primavera

Amantká não percebeu que os guerreiros mandados por Otká a observavam em seu culto secreto no meio do vale, em pedidos dirigidos à Dama que, esporadicamente, passou a dar comunicação. Neste momento Amantká questionou se sua tribo deveria permanecer no local ou partir para outras paragens.

– Sim, minha filha, deverás partir desta terra que não lhes pertence, e seguir em direção a outra civilização para que possas ter condições de melhor sobrevivência. Isto é para todo o teu povo. Deixa estas terras e segue pelos túneis até a saída próximo a um vilarejo. Lá serão acolhidos pela comunidade e passarão a fazer parte dela. Eles têm respeito por povos menos favorecidos como o de vocês e terão motivos para amá-los. Deixe seu orgulho de lado e partam no próximo verão. Vocês terão tempo suficiente para entender o que estou falando. Diga apenas que terão uma vida melhor longe destas terras.

E, assim, Amantká resolveu pedir para a Senhora.

– Como poderei encontrar Luderov? Sinto afeição por ele e tenho que encontrá-lo e levá-lo conosco. Ele já fez parte de nossas vidas.

– Terás oportunidade de reencontrá-lo, não te aflijas, vai e segue em outra direção. Estás sendo observada e não poderás revelar teus planos. Foge, minha filha.

Amantká correu em direção oposta à dos guerreiros zumbis e desapareceu na densa floresta. Já era tarde para negar; os guerreiros presenciaram uma possível comunicação com o além.

Duas semanas se passaram e os zumbis não paravam de festejar o início da primavera. Para isso convocaram os dançarinos da tribo que passaram a atuar como representantes do deus primo que, para eles, fantasiavam grandes coletas e novas transformações no solo. A questão que mais intrigava Otká era a possibilidade de voltarem a ter os problemas físicos e mentais, caso aquela poção perdesse o efeito.

Seus guerreiros desconfiaram que Amantká tinha poderes de conversar com seus deuses, mas devido à crença de que aquilo só era possível através dos homens, deixou de lado qualquer pensamento que não fosse de acordo com sua crença. No meio de um batuque,

surgiu a representação de um guerreiro, fazendo as vezes de deus sol, outro de deus terra. Todos na mesma sintonia.

Enquanto isso, Amantká e seu povo saudavam todos os benefícios recebidos naquelas terras, cedidas pelos zumbis e acreditavam que seria um ano muito melhor que o anterior. Ela resolveu contar ao pajé, Oramis e aos anciãos a respeito da sua última consulta ao espírito da Senhora, revelando, finalmente, a necessidade de abandonarem as terras e seguiram caminho pelos túneis até chegarem a uma aldeia de homens brancos. Deu-se um verdadeiro conflito de opiniões neste momento, uns concordando e outros nem tanto. Acreditavam que aquilo não passaria de um alerta e não um destino a ser seguido, mas Amantká afirma que não seria bem como estavam pensando, e que, a partir daquele momento, deveriam se preparar para sair dali.

Oramis aquiesceu e em seu pensamento preocupou-se com os seus destinos. Nada poderia fazer se por acaso outros membros não quisessem seguir a orientação dessa Senhora, espírito que iniciara as orientações para Amantká. Seria, por fim, a dissipação da tribo. Isso ele não desejava, depois de tantos séculos. Amantká permaneceu em silêncio e, após um breve intervalo, expôs:

– Seremos torturados pelos zumbis, afirmo que se não nos prepararmos e partirmos no próximo verão, poderemos ter péssimas consequências. E aí, sim, ter todo nosso povo dizimado e esfacelado. Tormentosas relações se darão, esta é a previsão.

Amantká encerrou sua fala com este alerta:

– Não percamos tempo, preparemo-nos para uma breve estadia neste local.

Ao fim da reunião, todos saíram perplexos com tal revelação, menos o pequeno Toti, filho primogênito de Luderov, com uma das mulheres da tribo. Ele já contava com cinco anos e sem a menor cerimônia, fez um pedido para sua mãe.

– Deixa eu ir com Amantká? Deixa!

A mãe olhou para o pequeno e disse.

– Terás chance de partir, assim que estiveres mais velho; pelo momento ficarás comigo.

– Quero meu pai, volta com ele mamãe, volta!

– Não podemos, ele sumiu, achamos que está morto ou preso, não sabemos.

Com isto, o pequeno, mas entendido Toti, se preocupava com seu destino e o da sua tribo. Queria partir daquele lugar, após encontrar seu pai.

Nas terras em que Luderov permanecia preso, surgiu um caso de uma criança com dores abdominais agudas, em prantos de dor, e que nada fazia melhorar. Pediram para o curandeiro fazer algo, mas nada servia, até que solicitaram a presença do suposto enviado dos deuses. Luderov chegou com curiosidade no caso, mas quando viu tal quadro, se desesperou em seu íntimo, pois não sabia o que fazer naquele quadro de apendicite aguda. Rogaram para os deuses da chuva, do sol e para o espírito que comandava a floresta e nada: a criança permanecia em prantos. Luderov humildemente pediu para que Otká procurasse uma mulher na tribo de Oramis, de nome Amantká, que ela saberia o que fazer.

– Estás louco! – inquiriu Otká. Não sabes que estás preso e que mulheres não servem para nada?

Luderov questionou:

– Preferes ver esta criança morta? Pede já para um guerreiro chamá-la e verás que ela tem poderes de curá-la.

– Não mintas para mim. Quem é que tem o poder. Você ou ela?

Luderov pensativo, deu uma firme resposta.

– Ela tem o poder, mas eu tenho um que ainda não sei como dominá-lo.

– Mentira, gritou o chefe zumbi. Não pode ser, mulheres não são gente que pode fazer isto.

– Pois então verás que falo a verdade. Traga ela e poderá salvar esta criança.

Otká, sem opção, solicitou que buscassem Amantká.

Novas revelações

Depois de muito pensar, o chefe zumbi decidiu mandar um grupo de guerreiros atrás da mulher com poderes mágicos. Deveriam primeiro convidá-la a ir à tribo, para tratar a criança. Caso não aceitasse, seria simplesmente levada à força, à custa de agressão a quem se opusesse a sua ordem. Seis guerreiros bem armados se deslocaram pela floresta à procura de Amantká.

Chegando à tribo, localizaram-na próximo a sua tenda. Estava aguardando-os, como se alguém tivesse alertado sobre o que estava acontecendo. O velho Oramis propôs acompanhá-la, o que foi recusado pelos zumbis, alegando que ela estaria em segurança e que tão logo terminasse seu trabalho, ela retornaria a sua tribo. Ninguém acreditou, tanto que os anciãos determinaram que todos acompanhassem Amantká.

Criou-se um clima hostil entre os grupos, até que o pequeno jovem, Toti, filho de Luderov, se ofereceu para acompanhá-la. Símbolo da inocência, os guerreiros zumbis aceitaram levar também a criança, pois um código de palavra era dado com esse gesto. Os dois seguiram em direção à tribo zumbi.

Ao chegarem lá, foram recebidos por Otká que, com largo sorriso, indicou o local onde a menor contorcia-se de dor. Ao ver o quadro, Amantká pediu aos deuses que a iluminasse no tratamento da criança. Mandou localizar na floresta água de silicato, localizado em abundância naquele solo arenoso e nas matas, ricas em plantas carnívoras, que costumavam apreender pequenos animais. Teriam no seu caule a substância capaz de destruir o veneno que causara aquele quadro infeccioso. Não tardou e logo trouxeram o que ela pedira.

Aos poucos a criança tomou a poção e lentamente as dores abdominais foram cedendo, tal como Luderov havia previsto. O chefe zumbi, em alívio total, passou a crer que aquela mulher na realidade era uma enviada dos deuses; só assim poderia ter uma explicação para tudo aquilo. Amantká, humildemente, pediu para retornar à sua tribo, o que fora prontamente aceito por Otká, com agradecimento enorme. Ao se despedirem ela o fitou e perguntou sobre Luderov.

Ele baixou a cabeça e diz que não sabe onde Luderov se encontrava. Mentiu para se proteger, pois sabia que se dissesse que ele estava preso, não conseguiria mais o apoio daquela gente que acabara de ajudá-los. Otká tinha palavra e disse que talvez ele soubesse sobre Luderov, caso o visse nas proximidades.

Que resposta dúbia, pensou Amantká. Não poderia interrogá-lo, pois já tinha cumprido sua ida aos zumbis; ela e Toti retornaram, para o alívio dos anciãos, que em alegria se reuniram e pensaram o quanto de improvável eles seriam despachados daquela doce terra. Enganavam-se. Os deuses não enviavam alarmes falsos, muito menos a Senhora que tanto encantou Amantká.

No dia seguinte, Luderov foi obrigado a aceitar que ele seria mais um impostor, o que para o código dos zumbis significava a morte. Seu último pedido era que lhe desse uma chance de provar que falava a verdade e que teria, sim, um poder que desconhecia, que seria muito importante para os zumbis. Otká ordenou que ele então trouxesse nova vida a uma planta que morrera por ataque de uma praga local conhecida.

Otká sabia que aquilo era impossível de se realizar. Luderov reuniu todas as suas forças de pensamento. Pensou, primeiramente, em Jesus, lembrou de suas orações que mal aprendera na infância, implorou para aquela Senhora que se tornou amiga dele e de Amantká, e durante meia hora rezou para o Divino Criador, que se fosse de sua vontade, o ajudasse a sair daquela situação. Na hora seguinte cai uma forte tempestade no coração das terras dos zumbis e ao final surge uma pequena folha na planta condenada pelo fungo. Era uma nova prova que aquele homem também era protegido dos céus. Não tardaria para que Luderov novamente fosse salvo.

Ele passou a acreditar nas suas orações. Nada disso seria possível sem aquelas preces, mas quem ou o que o estava protegendo? A força do destino? Não acreditava mais nisso. Na aldeia de Amantká, todos se preparavam para uma nova reunião para decidir se partiriam conforme os sonhos e as comunicações dos espíritos ou permaneceriam no local, conforme observavam.

Os anciãos e todos que tinham um voto participaram do pequeno conclave e ficou decidido pela partida do grupo, por unanimidade.

Apesar dos bons ventos, pressentiram que aquela situação poderia rapidamente ser anulada, e voltariam a ser expulsos, como eles previram anteriormente. Decidiram fazer um plano de estoque de alimentos e bebidas para, enfim, voltar para os túneis e continuar a peregrinação rumo as terras mais propícias para desenvolverem seu povo.

Luderov, por sua vez, resgatou sua confiança e credibilidade, mas fora impedido de ser libertado. Otká tinha receio de que as transformações em seu corpo voltassem, virou dependente de Luderov, a não ser que ele dissesse o que seria capaz de curá-los para sempre e não mais matá-los. Ele ainda não tinha resposta. O que ele sabia era que em determinada fase de sua vida, estas coisas que todos diziam ser provindas dos espíritos, estavam começando a trazer-lhe coerência a esse respeito. Não sabia bem o que era aquilo. Precisava de tempo para encontrar respostas. E a Senhora que Amantká tanto falava? Será que ela também o protegia? Não tinha resposta.

Para sair daquela situação talvez só com o tempo, a observação e a oração que passou a fazer diariamente. Amantká pensava seriamente em ir discretamente à tribo zumbi tentar localizar Luderov.

A fuga

Luderov não esperava ser encontrado. Todas as noites, Otká tinha o cuidado de levá-lo para diferentes locais de maneira a melhor escondê-lo, dificultando a fuga ou a possível localização da sua pessoa. Durante uma dessas transferências de cativeiro, Luderov teve a brilhante ideia de forjar uma comunicação espiritual, fazendo-se passar por comunicante com os espíritos.

– Estás aqui? – perguntava para o horizonte vazio.

Todos os guerreiros que presenciaram a cena se confundiram e se ajoelharam em posição de veneração a algo que não sabiam do que se tratava. A farsa de Luderov deu certo; nessa hora ele saiu correndo, enquanto os guerreiros colocavam seus rostos rente ao chão e, em poucos minutos, ele desaparecia na noite escura.

Só tinha um problema. Ele também não sabia onde estava e, portanto, teria que se deslocar sem rumo certo, nem direção precisa entre os espinhos e plantas altas daquela floresta úmida e cheia de animais peçonhentos e carnívoros. Não tardou para que fosse dado o alerta entre os zumbis e se formasse um grupo para localizar o fugitivo, que achavam, a esta altura, já ter alcançado sua tribo original.

Partiram em direção próxima aos túneis, mas só encontraram os anciãos, vigilantes e meia dúzia de moradores de suas terras a realizarem tarefas antes de dormir. Amantká interrogou um guerreiro sobre o que procuravam, mas espertamente nada revelaram. Despertaram curiosidade, nada disseram, foram em rumo da floresta próxima e desapareceram no vale. Já era tarde da noite, Luderov subiu em uma árvore e tentou conciliar as ideias e o sono. Foi então que iniciou um diálogo com um espírito que se aproximou de Luderov, aproveitou o deslocamento temporário de seu perispírito em direção a outras paragens para logo ditar-lhe os rumos que deveriam ser seguidos.

– Amigo, me ouça, estou aqui na sua presença para alertá-lo que sua missão ainda não começou, que deverás voltar para tua casa e reconstituir tua família que deixaste para te embrenhar nesta aventura, que não trará paz ou harmonia na tua vida. Já fizeste uma

parte da tua caminhada, não deverás deixar este povo que te acolheu nas dificuldades para trás, tampouco deixar os zumbis desconsolados. Deverás, sim, levar harmonia para estes povos sofredores, que se encontram longe da evolução da terra, devendo ser reabilitados para um futuro melhor. Quando planavas em busca de soluções para teu problema, imploraste ao nosso Criador e a Jesus, o Mestre, para que sofresse o que Ele sofreu, mas esta dádiva não lhe foi dada. Em troca foi-lhe ofertado retornar em um corpo capaz de trazer a paz e a amizade entre os povos. Aproveita esta chance que te foi dada. Retorna e ora para que tua missão seja concluída com as bênçãos dos céus. Ouvirás o ranger dos que não te querem o sucesso, mas nada é contra a intenção de realizar a paz, a verdadeira, que começará no teu interior e se estenderá a todos os que te rodeiam. Retorna e ama teu semelhante, com toda a força do teu eu, para que esta energia contagie todos os que acreditam na tua missão, que é a da fraternidade. Entende agora e vai em paz.

Dito isso, aquele anjo sem asas deixou o local em que Luderov permanecera e desapareceu sem deixar vestígios. Ao acordar de súbito, Luderov recordou a necessidade de juntar os povos na fraternidade, aquela que o Mestre Jesus pregou e que por isso fora alijado deste mundo. Determinado, desceu da árvore e tomou a direção que havia intuitivamente decidido. O dia já vinha amanhecendo e seus passos se tornavam mais largos e firmes. Subiu novamente em uma copa de árvore e observou o Vesúvio ao longe. Era aquela direção que com toda a certeza tomaria.

Após várias horas de caminhada, encontrou a saída do túnel e seguiu para o local da tribo de Amantká. Ao chegar, tudo virou alegria e todos vieram abraçar Luderov. Enfim, solto, o fugitivo não perdeu tempo e iniciou um diálogo com os anciãos:

– Passei mal bocado, mas cheguei à conclusão que deveremos ter um acordo de paz com os zumbis. Eles acham que tenho poderes de eternizar sua cura, só que não sei como pode acontecer isso.

Amantká interveio e disse:

– Luderov, tenho a fórmula, mas ela não funciona sem a sua presença. É que a Senhora disse que sua missão será cumprida à medida que nosso povo entender a paz. Revelou-me também que os

espíritos responsáveis pela ativação da fórmula estão próximos a ti, portanto, ela só pode ser ativa se você estiver presente, com sua prece. É difícil de entender, mas foi o que disseram.

Dito isso, Luderov se convenceu que realmente tinha algum poder, mas só para ativar a fórmula de cura? Eis a questão.

Os espíritos aqui referidos são de uma plêiade especial, vindos de regiões especiais, a mando do Mestre maior, com a finalidade de ajudar nosso recuperando a se sair bem na sua missão. Para isso, deixaram suas hordas em direção à terra com esta finalidade: a de deixar os fluidos curadores intervirem nas forças de Luderov e naqueles povos necessitados de amor e compaixão. Esta foi a orientação dada pelos espíritos superiores, aqueles que demandaram a esta missão.

Luderim era o líder do grupo, que trazia entre seus companheiros a senhora Doroteia ou Santa Edwiges, a que elevou seus pensamentos em vida, ao Mestre Jesus e que aqui representa a tal aparição que Amantká observa quando a chama. Edwiges, em vida, trouxe compaixão aos necessitados, era simples e guerreira em prol dos seus amados protegidos. Não gostava de ser intitulada santa, já que de santa não tinha este privilégio, apenas de transmitir a paz e o amor de Cristo. Ficaram a analisar a proposta deste novo Luderov.

Em desacordo

Luderov ainda tinha dificuldade de imaginar aquela situação de que seus poderes existiam, mas eram limitados. Amantká nada mais falou. Passou-se a definir um planejamento de como atrair o povo zumbi a se unir a eles e passarem a conviver na mais absoluta paz. Havia um porém: Otká era um guerreiro e líder, daqueles que não admitem nada, se não houver ganho total para sua tribo. Sugeriram na reunião com os anciãos, que poderia se dar a fórmula para eles, desde que em retribuição lhe concedessem para sempre todas aquelas terras que eles estavam ocupando.

Amantká lembrou que esse tipo de acordo era inaceitável, pois os zumbis não trocariam suas terras dominadas por uma simples fórmula de remédio. Luderov fez outra proposta: deixariam as terras, como os deuses orientaram, voltariam para os túneis em direção ao seu povoado dos cristãos e todos, inclusive os zumbis, iriam com eles, pois certamente aquelas terras seriam alvo de alguma séria disputa entre povos. Houve reação contrária de todos, menos de Oramis, que do alto dos seus setenta e cinco anos, já pensava de outra maneira. E ele disse:

– Muito bem, então esta proposta seria para que todos deixássemos este belo lugar e fôssemos aventurar nas terras dos homens brancos; de certa forma isto não tem qualquer lógica, mas lembremos que nossos orientadores espirituais nos avisaram para deixar este local. A verdade é que nós estávamos ligados como um elo com o povo zumbi. Eles, de certa forma são nossos ancestrais, já que tínhamos doenças semelhantes, em menor grau, mas parecidas com as deles, só que nosso sistema de depuração de raça minimizou todas as consequências. Seria irreal deixá-los para trás, à sua sorte, sem Luderov com a fórmula.

A pergunta é: e quando Luderov morrer, o que vai acontecer com os zumbis?

Certamente irão voltar a sofrer todas as consequências das dores que lhes afligem. Seremos também responsáveis por seus destinos e não poderemos deixá-los sem este amparo. Mas se este povo nos seguir,

seremos responsáveis por eles e deixaremos os espíritos nos ajudarem a encontrar uma solução definitiva para seus medos.

Oramis sentou-se e analisou toda aquela situação. Os anciãos se entreolharam e fixaram seus esforços na solução do problema. O mais velho deles falou:

– Muito bem Oramis, estamos de acordo, voltaremos aos túneis e deixaremos Luderov aqui com o povo zumbi; não temos o que fazer com ele, visto que o problema é dele e desse povo renegado.

– Não pensem desta forma, todos somos irmãos. Há muito tempo venho tentando dizer isto a vocês. Nós e os zumbis descendemos da mesma família. Eis a história que vou lhes contar:

– Há muito tempo atrás, já com certa idade, uma idosa trouxe uma revelação: os zumbis tiveram uma descendência grande e se espalharam por toda essa região, até atingirem nossas antigas terras. Em um dado momento, houve um cruzamento entre eles e nossos ancestrais. A partir daí nosso povo foi definitivamente marcado com o início da doença deles, que era atração por animais, tendência a erupções na pele, dores nas juntas e outros males. Como nosso povo era mais ordeiro, os mais antigos determinaram que os mais doentes voltassem a conviver com os zumbis, só permanecendo os saudáveis. Assim foi feita uma certa seleção e todos os descendentes, mesmo com algum traço da doença, eram submetidos ao tratamento que os espíritos propunham. Ficamos com menos problemas de saúde, mesmo assim nos acompanharam por muito tempo até a chegada deste estrangeiro, que de certa forma tem nos ajudado a sair dos problemas. Por isso, voto em deixar os zumbis nos acompanhar.

– Tudo bem, falou o ancião mais antigo. E eles querem vir conosco?

– Esta pergunta não terá uma simples resposta. É hora de nos reunirmos com eles e expor toda a situação, inclusive da maneira como estava decidindo em sair destas terras.

Durante algum tempo, todos ficaram calados e pensativos. Luderov se retirou para sua tenda, decidindo aguardar o desfecho daquela reunião. Em momentos seguintes, deu-se o veredito final. Venceu a proposta de Oramis e seus discípulos. Levariam a ideia para Otká receber, conforme fora decidido.

Noutro dia aparece na tribo um representante de Otká, informando

que se não entregasse Luderov pela paz, entrariam em guerra e não sobraria nada daquela tribo.

– Venho em paz, mas queremos Luderov.

– Não podemos entregar nosso companheiro. Peço que leve este presente para Otká e peço que ele nos deixe vê-lo.

– Levarei seu pedido, respondeu o guerreiro, e foi-se por dentro da vegetação.

De tarde, retornou com a resposta de se encontrarem imediatamente próximo ao vale para que pudessem expor suas razões de não entregar Luderov.

Desceram para o vale os anciãos e o velho Oramis para dialogarem com Otká, já sedento de ódio por toda aquela situação.

– Irmão, nos ouça, iniciou Oramis, viemos em paz revelar-lhe que temos o mesmo sangue correndo em nossas veias e...

Otká o interrompe alegando:

– Já sabemos disso, só que nossa distância é muito grande, somos totalmente guerreiros e vocês só fazem levar as suas vidas, sem guerras ou defesa de território, portanto somos fortes e vocês fracos.

– Me ouça, diz Oramis, temos algo em comum, nossas tribos são as únicas que não têm lugar certo, descente para todos. Este vale é lindo, mas não tardará a ser ocupado por homens mais fortes que nós. Por isso lhe peço para se unir a nós e partir para outras paragens.

– Ha, ha, ha. Não diga, velho, este vale vai ser ocupado por outros. Quem te disse isso? Teus deuses?

Neste instante surgiu Amantká, seguida de Luderov.

– Sim, Otká, somos irmãos, e devemos partir. Não podemos deixá-los à sua própria sorte, temos a cura para vocês e Luderov decidiu ir conosco. Volte para nós e terás um futuro melhor.

– Não, respondeu Otká, nunca deixaremos nossas terras e deixe logo Luderov vir conosco. Ele não poderá nos deixar aqui.

Luderov respondeu:

– Volte conosco, não queremos guerra, tampouco deixá-los aqui, o que significará a morte de vocês em pouco tempo. Vê como até os pássaros estão calados, eles não cantam porque estas terras serão destruídas. É questão de tempo.

Luderov apelou para a observação do movimento dos animais e

pássaros, que pressentem distúrbios da natureza quando estão próximos a acontecer.

– Mentira, gritou Otká, nossos animais não se enganam com inverdades, eles estão quietos por sua causa! Você os encantou com sua mágica!

– Você sabe que eu não tenho todo este poder. Deixe esta terra e nos siga. Em breve encontraremos outras áreas para vivermos como irmãos.

Um trovão começou a ser ouvido, e perante esse aviso, todos correram com receio da natureza, menos Otká que, com sua lança em mãos, ficou a pensar em como iria capturar Luderov, agora com todo o seu povo à frente a protegê-lo. Trovoadas se seguiram. Todos correram.

O início do Vesúvio

Naquela manhã, ainda de frio, todos da tribo de Oramis se reuniram para decidir, o quanto antes, como partir em direção a novas terras através dos túneis, sobretudo depois daquela noite, em que os zumbis foram confrontados com a nova realidade de que, ou partiriam com eles, ou ficariam à mercê da natureza, que começava a se mostrar inóspita. Até os animais que serviam para consumo começavam a escassear por fuga do local, não se entendendo este fenômeno, além do que, com Luderov longe deles, não tardaria para que a provável cura se tornasse doença novamente. Todos aprovaram a partida.

No final do dia, surgiu novamente Otká e um grupo de cinco guerreiros querendo dialogar com os anciãos:

– Venho em paz e trago uma nova proposta para vocês, relata Otká.

– Diga o que queres? – falou Oramis.

– Queremos que fiquem com todas as terras, só nos devolva o mágico Luderov.

– Como ousas achar que nós lhe entregaríamos Luderov?

– Pela simples troca de boas terras que tanto vós quereis.

– Já lhe dissemos, partiremos em breve momento, não queremos suas terras, queremos que venham conosco, numa simples troca pela vida.

– Não podemos, estamos a milênios por aqui, não podemos abandonar tudo só porque vocês desejam. Nossas caças estão retornando; isso delas terem sumido não é verdade.

– Como não? – rebateu Oramis. Há semanas não temos carne fresca, somente uns pedaços de carne salgada para nos sustentar.

– Nunca houve isso; ademais, se persistir, entraremos em outras terras e resolveremos o problema.

– Não podemos entregar Luderov, nossos deuses orientaram para deixarmos estas terras que em breve não serão boas para nós.

– Isto não é verdade, sempre tivemos todas as estações do ano e com ela, vêm sempre a caça e a boa colheita.

– Sim, mas não podemos arriscar nossas informações; não poderemos deixar nosso povo morrendo.

Otká se aborreceu e deu um aviso forte:

– Ou vocês deixam Luderov, ou vão embora com os restos dele. Daqui vocês não deixam as terras sem deixá-lo vivo ou morto.

E, assim, ele se retirou com os seus guerreiros.

Uma nova reunião foi feita e Oramis sugeriu que todos voltassem para os túneis, porque Otká não tardaria a iniciar um ataque à tribo.

As mulheres organizaram todos os utensílios para preparar alimentos e levaram bastante lenha para dentro dos túneis. Os homens arrumaram a comida e levaram os frutos que puderam colher. E então seguiram para a entrada dos túneis. Luderov acompanhou todos e Amantká levou grande quantidade de óleos para ajudar no preparo dos alimentos. Tudo ordenado como em uma retirada bem calculada.

Oramis nada mais comentou. Deixou seus guerreiros vigiando a entrada dos túneis e começaram a retirada pelos corredores escuros do local, levando tochas cheias de óleos para iluminar as estreitas passagens, até encontrar um grande salão a poucos metros da entrada do túnel, suficiente para abrigar seu povo, pelo menos naquela noite.

Não tardou para que Otká e uma enorme quantidade de guerreiros chegassem próximo ao acampamento, sem nada ou ninguém mais encontrar. A noite de lua se apresentava bonita e iluminava toda a região, inclusive o vale, mas as sombras deixadas pelos corpos dos guerreiros denunciavam que eles estavam esperando o sinal para um grande ataque no interior dos túneis, que tanto utilizavam em busca de vítimas e presas em terras mais distantes. Era assim que este povo primitivo realizava suas incursões em lugarejos e vilas, atraindo suas vítimas para aprisioná-las ou simplesmente torná-las comidas para saciarem seus desejos de carne fresca e sangue. Atacando e destruindo, principalmente jovens mulheres que, indefesas, se tornaram alvo fácil para seus atos criminosos. A noite de lua era a preferida, pois deixavam as vítimas se impressionarem com aquelas noites belas e atacavam com mais facilidade, distraídos como ficavam.

Luderov, já pronto para se defender com o ataque dos zumbis, passou a ouvir uns estalidos nas paredes do túnel e sentiu arrancar sob seus pés um pedaço de terra. Sem dúvida, era o início de um terremoto, com explosões externas vindas de área distante. Todos se assustaram com aquela ocorrência e ficaram esperando o que iria suceder. Do lado de fora, os zumbis saíram correndo, tomando o rumo

oposto ao dos túneis e desapareceram. Logo surgiu Oramis, pedindo que um batedor fosse ver o que estava acontecendo, já que a terra continuava a ter pequenos tremores. Viu que o vulcão Vesúvio dava sinais de que ia explodir e logo trouxe a notícia para Oramis. Ficaram esperando sem dormir à noite toda, com intervalos de tremores e calmaria.

A noite passou e deu lugar a um dia nublado. Estava cheio de fumaça e o ambiente mais escurecido. Sem dúvida, o vulcão estava entrando em erupção, primeiro expelindo gases e fumaça, e posteriormente, viria com toda a força, a explosão de material incandescente. Rapidamente surgiram os enviados de Otká anunciando que sua tribo também iria abrigar-se nos túneis até o término daquele fenômeno natural. Deixamos espaço para toda a sua tribo, que contava com aproximadamente duzentas e cinquenta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, que já começavam a dar sinais de que a sua doença iniciara o seu retorno. Cruel pensamento de desacerto tomou conta da tribo dos anciãos; temiam que os zumbis praticassem um ataque devastador e matariam todos, menos Luderov, portador de um dom que o defendera da morte. Quão sábio é o Criador: em poucos minutos fez aqueles povos se unirem, por necessidade, já que iriam partilhar o mesmo espaço por tempo indeterminado.

O vulcão entrou em forte erupção, labaredas de fogo e fumaça eram vistos de uma longa distância. Toda terra tremia a cada explosão, que trazia um som incrivelmente ensurdecedor. Os animais sumiram de vez, um forte cheiro passou a tomar conta de todo o ambiente. O calor aumentou e as cinzas passaram a flutuar no ar e cair próximo a nós, o dia se transformou em noite e logo surgiu a necessidade de cobrir os rostos com tecido que filtrava mais o ar.

Todos se uniram, zumbis e o povo de Oramis na divisão de tarefas, organizando grupos de guerreiros para procurar animais de caça para satisfazer a fome.

Ao deixar este episódio de lado, Amantká repetiu suas últimas orações aos deuses, pediu para Otká acompanhar e iniciou uma conversação:

– Otká, és um grande líder, guerreiro e responsável pelo teu povo,

mas lembro-te que como vocês tem uma doença e só com a presença de Luderov serão capazes de se manter curados, peço que nos acompanhe para terras mais prósperas e distantes, deixem este local que irá demorar a voltar ao normal. Teremos prazer em tê-los próximos a nós, considerando que temos o mesmo sangue dos ancestrais. Não diga não, pois isto pode significar um prejuízo para todos; também temos responsabilidades para com vocês.

Otká a olhou e comentou:

– Nosso povo ficará aqui com Luderov. Não podemos abandonar nossas terras, que nossos ancestrais tanto trabalharam para mantê-la.

– Luderov não vai resolver os problemas imediatos de vocês. A ele cabe a missão de uni-los a nós, e nos levar para o progresso. Por este motivo é que vocês devem nos seguir até as últimas paragens, relata Amantká, que complementa:

– Terás a oportunidade de desistir e voltar, caso vocês não se adaptem ou não tenham o sucesso que esperávamos. Mas tudo nos leva a acreditar que vocês irão se dar muito bem com a nova vida.

Otká revelou:

– Nossos antepassados são únicos, deveremos pensar no assunto; por enquanto a nossa sobrevivência está por um fio. A última vez que o vulcão "cuspiu fogo" trouxe devastação para toda a região. A fome e as doenças vieram acompanhando. Veremos o que irá sobrar e decidiremos o que fazer.

Aquela erupção foi uma das mais longas e devastadoras, tanto que a escuridão persistiu por um longo período de tempo, o suficiente para que Otká percebesse que se continuasse no local, muitas vidas seriam perdidas em decorrência da fome. Arriscaram sair dos túneis para sentir o quanto já havia sido destruído. Para sua surpresa quase tudo estava devastado, com plantas secas e o chão coberto de cinzas; muito tempo seria necessário para que a natureza fosse recomposta. Já havia se passado cerca de trinta dias e as noites prolongadas traziam mais dúvidas sobre os destinos.

Decidiram, então, todos partirem em direção a Prestes, povoado em que Luderov havia deixado sua família para aventurar-se à procura do povo zumbi. Deixaram marcas por onde passaram, trilhas foram melhores feitas e os povos começaram a interagir, com ajuda mútua.

Amantká revelou-se uma vidente de boas comunicações, tanto que de noite pressentia espíritos bons que a induziam a seguir o melhor caminho naqueles túneis traiçoeiros, e quanto mais percorriam mais observavam que as paredes ficavam menos quentes e mais úmidas, denunciando o afastamento de áreas próximas ao vulcão. Persistiam os pequenos tremores, mas os batedores logo traziam notícias de que a caminhada estava no rumo certo. Até que, enfim, conseguiram vislumbrar uma saída já próxima à comunidade de Luderov. Por certo, já fazia mais de quinze dias entre caminhadas e paradas até chegar àquele ponto. Luderov falou:

– Acabamos de chegar de onde parti, faz mais de cinco anos, deixei mulher e filhos aqui, peço que permaneçam nos túneis e deixem que eu vá primeiro, junto com os representantes das tribos. Será um primeiro contato, e logo que pudermos, traremos notícias de como poderão ser aceitos na comunidade.

E assim fora feito. Luderov, Amantká, alguns anciãos e Otká formaram o grupo e foram ver os moradores de Prestes.

Ao se depararem com os primeiros habitantes, causaram surpresa pelos seus trajes e aspecto de pessoas rudes e primitivas. Luderov, agora com longos cabelos meio grisalhos e barba volumosa, não fora reconhecido por ninguém, tampouco pelo pároco da cidade, a quem confiara a sua família, Padre Alvino. O religioso olhou para aquele grupo e acionou outros moradores para recebê-lo e ver o que poderia ser feito. Luderov apresentou-se:

– Padre, não lembra de mim? Sou eu aquele que entrou nos túneis, há mais de cinco anos, à procura de respostas do povo que atacava nossos jovens.

– Sim lembro, meu Deus! Exclamou o padre. Nossa Senhora! E ele se benzeu, sentou-se em uma cadeira e continuou. Pensávamos que havias morrido; nosso outro padre também foi procurá-lo seguindo sua trilha. Bastilhe tinha fé que o encontraria.

– Pois o padre Bastilhe me encontrou, só que ele não resistiu a uma fuga e acabou perdendo a vida para umas feras.

E essa gente, quem é?

– Oh padre, é uma longa história, a verdade é que todos são filhos de Deus e precisam de abrigo e comida.

Dito isso, o padre ordenou que tocassem o sino da igreja para reunir a todos e pudesse pedir ajuda aos novos moradores.

– Meus amigos, temos visitas e necessito que todos ajudem a dar abrigo e comida para estes filhos de Deus. Sabemos que são muitos e por isso devemos planejar um local para que todos tenham um lugar para viver.

Entraram na igreja Pellenova e seus filhos. Ela deu um grito de emoção e partiu em lágrimas para os braços de Luderov. Sua espera chegara ao fim, pelo menos foi o que pensou no momento. Minutos depois, Luderov estava abraçando seu filho e sua filha que nunca conhecera e, comovido, dirigiu-se à mulher:

– Meu amor, nunca te esqueci, e não consigo dominar minha emoção. Oh minha filha, como és bonita, como estou feliz em vê-los!

– Papai, disse ela. E todos se abraçaram emocionados.

Amantká e o resto do grupo observavam aquele reencontro emocionante, e logo Pellenova pediu para que Luderov os seguissem para ele ficar reunido como uma verdadeira família, mas Luderov dá um passo atrás e diz:

– Não posso ir agora, tenho que resolver outros assuntos.

– Como não podes vir? – arguiu Pellenova. Ficaste muitos anos fora e não queres vir conosco?

– Quero sim, mas tenho que primeiro ajudar este povo a se estabelecer nas terras.

– Não me diga que tens outra mulher? – Indagou Pellenova.

– Mais ou menos, respondeu Luderov, mas tenho que lhe explicar, é uma longa conversa.

– Pare Luderov, não quero mais ouvir, deixe-nos para sempre, falou rispidamente.

Luderov atordoado respondeu:

Não é bem assim, nossas leis são diferentes das deles. Agora, faço parte desse grupo que me acolheu em momentos difíceis, e não sou capaz de deixá-los desta maneira, sem nenhuma solução.

Os representantes da tribo não entendiam bem aquela linguagem diferente da sua, mas sabiam que alguma coisa existia entre aquela mulher e Luderov.

Neste momento, entra o administrador de Prestes e vários guardas,

responsáveis pelo local. Iniciam um diálogo com o padre e Luderov.
A confusão estava formada. Eles muito tinham que conversar.

O não assentamento

– Luderov volte, não parta sem falar comigo, insistiu Pellenova, ao ver seu esposo se distanciando com todo o grupo da tribo e as autoridades do povoado.

– Não se preocupe, retrucou Luderov, retornarei em breve.

Luderov sabia que naquele momento o mais importante era convencer os mandatários da administração local a aceitar aquele povo que há vários dias não dormia ou comia decentemente. Seria um trabalho árduo de convencimento, mas os anciãos estavam decididos em não retornar aos túneis, que não reuniam condições de sobrevivência por longos períodos.

Ao entrarem no túnel, um cheiro forte de comida assada impregnou os visitantes. Eles se assustaram com aquela cena de alimentos queimando em recipientes sujos.

– O que significa isto? – perguntou o senhor administrador de nome Pauler.

– É o modo de cozinhar mais rápido os alimentos endurecidos.

– Joguem isto fora e saiam destes túneis com cheiro insuportável. Deixaremos vocês arrumarem suas tendas nas proximidades e iremos ver aonde vocês poderão se estabelecer aqui ou mais próximo de nossa cidade, continuou o senhor Pauler.

– Nobre senhor, obrigado por nos acolher neste momento que tanto necessitamos, falou Luderov.

– Não se antecipe; isto que estou permitindo é para que não morram desnutridos ou por doenças. Nossa gente não vai aceitá-los com facilidade, rebateu Pauler.

– Claro, perdoe-me, não iremos mais atormentá-lo, ficaremos aqui e assim que pudermos iremos procurá-lo e levar ideias para ajudar-nos a nos estabelecer nestas terras, falou Luderov.

– Fiquem aqui e não vão para a cidade; deixarei os guardas para assegurar que tudo que dissemos será cumprido.

Tudo bem, ficaremos aqui, senhor. E não se preocupe. Deixarei meus guerreiros a postos; se alguém de sua cidade vier nos importunar, será devidamente alertado para voltar, revelou Oramis.

Todos de acordo. Selaram com um aperto de mão e seguiram, despedindo-se de um grupo de soldados que ficaram próximos aos guerreiros de Otká.

Mais tarde, Oramis reuniu seu grupo para analisar a situação.

– Luderov, o que você acha? Estes homens foram pouco amistosos conosco? – perguntou Oramis.

– Sim, acho que não fomos muito bem atendidos; esperava que nos amparassem com mais alegria, falou Luderov.

– Alegria? O que é isto? – interrogou Otká. Deixamos nossas terras por causa da destruição, mas não ficaremos aqui esperando para ser atendidos como amigos. Iremos voltar assim que pudermos.

Oramis reagiu:

– Calma, iremos nos alegrar quando tudo estiver bem resolvido. Se nossos deuses nos aconselharam a deixar nossas terras, e nos trouxeram até aqui, é que com a certeza de que teremos um futuro melhor.

Os anciãos se entreolharam. Falou o mais idoso:

– Teremos muitas noites para avaliar o que deveremos fazer. Certo que agora somos apenas um grupo de pessoas que precisam de um lugar para caçar e se alimentar. Algumas de nossas crianças e adultos estão doentes e necessitam se recuperar.

– Amantká, venha cá e deixe que seus conhecimentos, junto com os do pajé nos tragam soluções para a melhoria do nosso povo.

Amantká levantou-se e pediu para que Luderov a acompanhasse nos arredores daquele local, para procurar por água e comida suficientes para fazer algumas poções e unguentos, de modo a cobrir ferimentos e melhorar a subnutrição que o grupo sofria pela longa jornada a que foram submetidos. Encontraram um pequeno córrego e sua água límpida encheu de animação Luderov e Amantká. O que eles não sabiam era que estavam sendo vigiados de perto por homens do senhor Pauler, que queria relatos de tudo o que ocorria com aquela tribo.

Noutro dia surgiram pequenos indícios de que as cinzas do vulcão acabaram de atingir toda a comunidade que estava sendo alvo das explosões longínquas. Assim, as plantações de milho de uma vasta propriedade próxima foi atingida, o ar ficou mais pesado e outros

animais debandaram.

Será que aquele vulcão continua em erupção? – pensou Luderov. Vai ficar difícil ficarmos aqui. Daqui a pouco vão dizer que somos culpados de tal infortúnio.

O Senhor Pauler surgiu acompanhado de outras pessoas locais e mais soldados.

– Viemos comunicar que é impossível vocês ficarem nestas terras. Haverá falta de comida e sua gente trará doenças e maus pressentimentos. Nos dizem que vocês não são bons e seremos penalizados se ficarem aqui.

– Deixe-nos por um tempo, não temos as condições necessárias para retornar aos túneis, morreremos todos de fome e inanição. Não podemos retornar agora.

O administrador pensou e deu a seguinte ordem:

– Deixaremos vocês aqui por dez dias, tempo suficiente para melhorarem e, em seguida, partir para não voltar mais, senão seremos obrigados a expulsá-los à força. Se for preciso, pediremos ajuda ao exército central.

Luderov não entendia o motivo da decisão, pois sabia que havia uma longa faixa de terra que precisava ser arrematada por colonos dispostos a desbravar a terra e com isso realizar o cultivo de outros tipos de plantações.

Sr. Plumar, outro componente da administração do povoado, reagiu ao Sr. Pauler.

– Não foi exatamente o que combinamos. Levarei sua posição ao padre e ele ficará de conversar convosco novamente.

– Plumar, não seja ingênuo, se não falar assim, este povo irá ficar para sempre nas nossas terras.

O grupo se afastou da tribo de Oramis e retornou à cidade com o recado dado.

Durante a noite, o conselho dos anciãos se reuniu e decidiram pedir que Amantká invocasse os espíritos guias a fim de encontrar uma solução para o impasse: deixar as terras e seguir outro caminho ou ficar e se estabelecer ali, mas com muita luta e talvez uma guerra. Oramis se recolheu para meditar e aguardar a resposta a que Amantká fora responsabilizada para conseguir.

Durante algumas horas, Amantká recebeu orientações dos seus ancestrais, além de informações sobre como proceder para realizar uma boa formação do solo para plantar alimentos de consumo rápido. Entre o que foi dito, referiu-se a buscar sementes de plantas nativas e outras próximas ao milharal, para que as ervas daninhas fossem destruídas pelas plantas mais fortes. Nenhuma revelação fora feita com relação ao que se tinha interesse. Luderov decidiu pedir a Senhora que os ajudasse, visto que todos os espíritos diziam para que ele orientasse aquele povo a segui-lo e ocupar outras terras. Contudo, o que a senhora de branco falaria? Passaram a fazer orações profundas, suplicando a Deus e ao seu filho Jesus que os ajudassem naquele momento de dúvida.

Surgiu primeiro um forte vento. Com ele, um cheiro de doce amoreira no ar. Era a Senhora que, com sua presença, trazia paz e o aroma sentido. Amantká perguntou:

– Estais aqui Senhora?

E ela surgiu à sua frente com um esplendor inimaginável.

– Claro, minha filha, estou acompanhando sua peregrinação.

– O que acha que devemos fazer, minha Senhora, ficar nestas terras ou voltar aos túneis e procurar outra?

Com um sorriso iluminado ela responde:

– Deves sentir o que vosso coração acha. Se ficar, enfrentarão alguns problemas e se voltar, terão outros bem piores, mas com a elevação dos dois povos a levar a comunhão de Jesus Cristo, verá que sua aceitação será total. Leve a paz e terás a paz. Não diga sim a guerra e não terás à guerra. Peça que o amor ao nosso Criador seja maior que todas as desavenças humanas. Dito isso, ela desaparece, deixando o ar mais perfumado.

A aposta

Após o jantar, Luderov e Amantká reuniram-se com os anciãos da tribo e relataram o que os ancestrais disseram:

Eles incentivaram nossa permanência aqui.

Amantká ainda completou:

– Eles acham que devemos praticar o diálogo com este povo.

O silêncio surgiu no local e os anciãos começaram a pensar em uma saída.

– Se eles pensarem assim, então devemos encontrar uma solução para este impasse.

Luderov pensou, pensou, e deu sua opinião:

– Ao entrarmos aqui, pensei que seríamos logo acomodados, pois julgava que, por misericórdia, seríamos acolhidos. Mas vejo que me enganei e, para esclarecer, peço que me deixem seguir ao encontro dos administradores e, se possível, do pároco da cidade. Só assim poderemos ter uma chance de deixarem nos instalar.

– Mas qual será seu argumento se eles não nos querem aqui?

– Direi a mais pura verdade sobre suas origens, e que deixá-los partir é um sacrilégio contra a vontade do Pai Celestial.

– Eles não entendem, disse Amantká, que já tinha conhecimento dos costumes religiosos dos locais.

– Tudo bem, disse Oramis, vá sozinho, nosso povo não pode se expor assim, pois temos dignidade e não iremos suplicar moradia nessas terras.

Amantká resolveu acompanhar Luderov, pois sabia que poderia ajudá-lo naquela árdua tarefa de convencimento. Não falava a língua dos locais, mas pressentia quando fosse necessário se manifestar.

Pela manhã, Luderov pegou uma vara de madeira e, como se fosse um pastor, seguiu em direção à pequena igreja. Ele pediu para falar com o padre.

– Viemos aqui para suplicar ao senhor que interceda junto à comunidade para nos aceitar.

Após refletir sobre aquela súplica, o padre questionou:

– Como sabes que não os estão aceitando?

– É que ontem veio nos falar o Senhor Pauler e um grupo de locais, informando a impossibilidade de ficarmos aqui, porque não seríamos pessoas de boa convivência.

– Não foi bem isto que decidimos. Falamos que vocês poderiam até ficar, desde que conhecessem os nossos costumes e se rendessem à fé em Cristo. Como sabes, esta comunidade é totalmente devotada à Igreja Católica.

– Sim, padre, sei dos costumes, também pertenço a esta comunidade, mas veja que eles têm hábitos e costumes diferentes, e levará algum tempo até se adaptarem. Como vamos convencê-los de que só existe um Deus e é a ele que temos de venerar?

– Através da catequese. Daremos permissão de ficarem, desde que ajudem na construção de casas e armazéns, além de se tornarem cristãos.

– Mas padre, eles nem sequer entendem nossa língua. Será uma dura tarefa.

– Sim, meu filho, dura, mas prazerosa; só pelo fato de torná-los cristãos, já é uma glória para o Pai.

– Entendo, só que eles já têm um pensamento e eles acreditam nos espíritos de ancestrais mortos.

– Blasfêmia, deste modo não chegaremos a um acordo. Espíritos de parentes mortos? Só faltava você dizer que você acredita em sonhos que trazem notícias de além-túmulo...

– Sim, padre, também confio nestas comunicações, e se não fossem por estas orientações, certamente este povo já teria sido extinto por armadilhas dos homens ou desajustes da natureza.

– Está bem, Luderov, então faremos um acordo. Se suas preces e suas orações aos seus deuses afastarem o mau infortúnio que começou a assolar nossas plantações, digamos que irei tentar convencer as autoridades da cidade a aceitá-los com melhores olhos e quem sabe permitir fixá-los nestas terras.

Luderov pensou e sem saber o que dizer, olhou para Amantká, seu único trunfo, e ela, como se estivesse entendendo toda a situação, aquiesceu com um gesto afirmativo da cabeça.

– Está bem, padre, aceitamos seu desafio e no final me dará sua palavra que intercederá por nós, já que dez dias são insuficientes para

que possamos pedir aos nossos deuses resultados para a natureza surpreender com uma bela colheita.

– Sim, vou falar que haverá necessidade de deixá-los aqui por mais tempo e assim veremos o que ocorrerá.

O padre ordenou a um ajudante que chame Pauler e seus assessores para tomarem conhecimento de um novo acordo celebrado entre ele e Luderov.

– Como? Deixar este povo sujo por mais tempo? Certamente trarão a semente da destruição para Prestes.

– Acalme-se Pauler, este tempo é só para que eles se organizem mais e, afinal, o que temos a perder? – respondeu o padre. Só temos que ver do que esses deuses são capazes e será uma diversão desmascará-los; assim poderemos até, digamos, aproveitar alguns nas nossas criações e trabalhos domésticos, a um preço vil.

Aquela situação não era digna dos pensamentos que Cristo comungou. Certamente este padre já tinha convicção estranha à doutrina cristã em voga.

Luderov retornou ao povo de Oramis e Otká, passou informações do ocorrido e, para a surpresa de todos, começou a falar em uma linguagem diferente, pronunciando palavras como fé, dogmas, igreja e religião, tudo muito diferente da maneira simples de tratar estas coisas. Para este povo, bastava a adoração aos deuses provenientes da natureza e a simples conversação com seus antepassados através de Amantká e pronto, já seria suficiente para garantir o bom atendimento espiritual da tribo.

Cada um com suas crenças, acreditava Luderov, mas este povo, tem uma maior de todas, a certeza de que a natureza trazia os bons ou maus fluidos que acompanhavam os espíritos de boas ou más entidades aprisionadas na terra.

Começaram a pensar no que fazer.

Os visitantes

Ao amanhecer, nossos personagens se prepararam para realizar as tarefas a que cada povo se propôs. De um lado, Luderov e os zumbis, com a intenção de provocar a mãe natureza a produzir episódios de raios de sol e ventos para afastar as nuvens de poeira provenientes do distante vulcão; de outro, montou-se um grupo tarefa para monitorar e fazer com que qualquer plano do povo infrator caísse por terra.

Era um jogo e cada um dos grupos achava que sairia vitorioso. A única coisa que não imaginaram era fazer um diálogo fraterno, como verdadeiros irmãos em Cristo. Bem, esse estágio evolutivo do ser humano ainda precisaria de muitas fases para evoluir ao bem comum, mas era necessário, para o bem de todos, passar por esta situação e então, quando eles menos esperavam, surgiu no cenário da pequena cidade um grupo de cidadãos, proveniente do clero romano, com a intenção de propagar as mensagens do Mestre.

Entre eles, estava o senhor Poiret, homem que provinha com os verdadeiros dogmas da Santa Igreja que, naquela altura de início de transformação, iniciava o pensamento de eliminar os opositores da Santa Igreja, mas pensava também em propagar uma maior fé através de laços fraternos. Com esse novo intermediário, nossos apostadores tomaram posturas diferentes perante o enviado da Cúria Romana.

– Deus sabe o que faz, disse Poiret aos seus comandados. Não é à toa que estamos percorrendo estas terras distantes para propagar a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo.

– Isso mesmo, disse o senhor Benet, seu companheiro de missão. Estas terras precisam da palavra de Cristo mais perto.

Pararam a carruagem em frente à igreja e o senhor Benet continua suas observações.

Principalmente, estes povoados mais distantes, que quase nunca ouviram a Sua Santidade, o Papa, fazer um daqueles comoventes discursos em relação à presença do Cristo na Terra, e só com estas palavras é capaz de trazer toda a fé que tem para apoiar a fé cristã. Com isso, os dois entraram na igreja procurando o pároco para anunciar a presença de um representante de Roma.

– Mil perdões, senhores Benet e Poiret, estamos atravessando uma fase muito difícil para a comunidade; de um certo tempo para cá fomos atacados por peste, e mais recentemente por destruição das lavouras que plantamos aqui próximo. E para completar, acabamos de receber um grupo de nativos oriundos das florestas querendo se estabelecer em terras próximas. Ou seja, temos muitas dificuldades no momento.

– Bem, caro pároco, então chegamos em boa hora, pois é o momento em que este povo aumentará a fé em Cristo e se convencerá de que a sua salvação está na Santa Igreja e não tem outra solução.

– Perfeito, senhores, convocarei o senhor administrador e todos os seus auxiliares para conhecê-los e trazer uma meta para que sua estadia seja a melhor possível e mais agradável.

Dito isso, o padre foi correndo em direção à casa do administrador e só retornou no início da tarde com notícias de que, em breve momento, viriam todos para dialogar com os representantes da Cúria Romana.

Enquanto isso, revelações provindas dos antepassados da tribo referiram-se ao fato de que, em pouco tempo, eles teriam que subjugar o seu orgulho. Pediu-se veementemente para o povo branco permitir que ficassem nessas terras produtivas a fim de se salvarem da extinção. Como seria isso, Luderov não sabia.

Amantká tentou convencer os anciãos de que a melhor maneira de evocar seus deuses é tentar que todos façam uma corrente de oração suplicando que as chuvas chegassem e irrigassem aqueles pastos e campos, sem contar que o adubo da terra deveria irrigar o solo em toda a sua extensão; através do trabalho manual de todos, coisa que ninguém conhecia como e quando fazer, já que Luderov, como antigo pescador, também não detinha tal conhecimento sobre plantações ou aragem de solo.

Tudo que eles sabiam era caçar e colher o que precisavam na mãe natureza. Mas chegou o momento em que todas as suas preces deveriam ser usadas em favor da sobrevivência da tribo. Em um passado recente, o povo zumbi era visto como verdadeiro destruidor de famílias e lares; tinham o hábito de sequestrar suas vítimas. Chegaram até a provocar o canibalismo. Após várias décadas, já

haviam perdido este hábito primitivo, restando apenas a crença em que pessoas que tinham saúde podiam procriar com eles e deixar descendentes em melhores condições, tal qual o pensamento da tribo de Oramis. Mas até isso tinham percebido: a ineficácia de prosperar seus descendentes.

Durante aquele dia, árduos trabalhos foram propostos e até Otká, com toda sua crueldade, sugeriu um melhor entendimento com o povo que descendia Luderov, desde que permitissem fixar naquelas terras.

Durante a noite, os hóspedes provenientes de Roma disseram que a intenção deles era permanecer no vilarejo por aproximadamente uma semana, tempo suficiente para plantar a semente de um mundo melhor, a partir da palavra do Divino Mestre. Traçaram planos para reunir o maior número de pessoas numa praça próxima e iniciaram um discurso amplo a respeito da doutrina católica.

Aprazaram o início dos trabalhos na manhã seguinte, e deixariam o padre realizar a tarefa de divulgar aos moradores toda a programação semanal de missas, preleções e até absolvição imediata dos pecados individuais, caso tivessem dificuldade de realizar o rito da confissão. Era a oportunidade que aquele povo teria de se aproximar do Divino Mestre pela palavra e por atos de fé, com a absolvição de pecados e até a cura de doenças.

O discurso

A ensolarada manhã anunciou um dia quente, ainda que uma leve poeira proveniente do vulcão pairasse no ar. Algumas pessoas tinham iniciado um quadro brônquico e outros sentiam náusea e cefaleia, mas todos sabiam que aqueles sintomas eram efeitos colaterais da fumaça vinda do Vesúvio.

Às 10 horas, da manhã surgiu na praça central do vilarejo a corte vinda de Roma, pronta para iniciar a preleção sobre a fé em Cristo; muitos moradores se aproximaram. Era um sábado e a maioria havia iniciado as atividades de fim de semana, como arrumação de suas casas e trocas de produtos para a subsistência. Compras eram mais raras, pois o povoado mais próximo que oferecia mercadorias de qualidade para venda, distava mais de cinquenta quilômetros.

Surgiu o Senhor Pauler pedindo para que todos comparecessem ao palco central armado para autoridades romanas. Justo naquele momento também apareceram desavisados os anciãos daquela tribo retida próximo aos túneis e Amantká com Luderov, que vinham com o propósito de, mais uma vez, tentar negociar a permanência de seu povo sem interferências de acólitos e subterfúgios diversos que ocasionariam guerra entre os dois povos.

O senhor Benet iniciou o seu discurso anunciando o propósito de estar lá, que era para que o povo conhecesse melhor a vida de Jesus, o filho enviado de Deus. Em seguida, começou a falar o senhor Poiret, que fez um apelo para que todos imaginassem como seria a vinda do Cristo Salvador ao mundo.

Naquele momento, todos ajoelharam-se em respeito, menos os representantes da tribo de Amantká, que não estavam entendendo o que estava acontecendo. Ao perceber isso, Benet ordenou para que os demais que estavam de pé se ajoelhassem, pois iriam iniciar a história da vida do Mestre. Outra negativa foi ouvida e Luderov pediu para saírem daquela reunião, o que fora considerado uma ofensa pelos representantes do Papa.

– Prendam estes hereges!

– Não podem nos prender, rebateu Luderov, viemos em paz e estas

pessoas não conhecem Jesus Cristo, o Salvador.

– Então, o que fazem aqui?

– Estamos em missão de paz e queremos somente falar com o padre e o Senhor Pauler a respeito da nossa estadia em terras próximas.

– Ah, entendo, disse Bennet, então são do povo pagão que veio desafiar a nossa igreja.

– Não senhor, estamos pedindo, humildemente, que nos deixem em paz ocupar algumas terras sem produção.

– Este assunto não nos diz respeito. Sabemos que acreditam em deuses profanos e que querem destruir estas terras e o povoado.

– Não, nem pensamos nisso; ademais, temos pessoas idosas, como o senhor pode ver, e que não entendem a nossa linguagem.

– Sim, sabemos que além de tudo são caçadores contumazes e que podem descender de povos canibais e primitivos.

– Isto é verdade. Em parte, sim, eles descendem de povos chamados primitivos, mas agora querem viver em paz com todos, e precisam de água e comida para sobreviver.

– Vocês são animais em carne de humanos; saiam imediatamente deste arraial e fiquem no lugar de onde vieram, de túneis perdidos na floresta.

Amantká, não entendendo bem aquela discussão, pediu para que todos saíssem junto com ela e Luderov, porque aqueles homens transpareciam raiva e ódio, além de agressividade nas suas palavras e gestos. Os anciãos começaram a se retirar, mas foram impedidos por um grupo de moradores que queriam se vingar, pois começaram a crer que toda aquela poeira proveniente do vulcão era culpa deles, que haviam trazido maus pressentimentos.

Naquela época, a dificuldade de se relacionar com o científico era grande. As pessoas costumavam acreditar em presságios, misticismos e lendas que, mesmo com todo o apoio da igreja, ainda careciam de melhores informações. O próprio clero também costumava não propalar certas verdades específicas da ciência, para não perder a influência perante seus discípulos.

Após alguns minutos, formaram uma passagem para que aqueles visitantes de outras terras passassem e desaparecessem para longe da reunião dos enviados de Roma.

– Isto é uma petulância; estes primitivos vieram querer nos intimidar com seus sortilégios e, além do mais, com discurso de paz.

– Tragam o padre e o senhor Pauler imediatamente.

Após alguns segundos o administrador surgiu do meio do povo.

– A partir de hoje este povo fica proibido de entrar nestas terras, serão considerados hereges e poderão ser perseguidos pela Santa Inquisição, se assim eu desejar. Perante esta declaração, o senhor Pauler prosseguiu:

– Senhor, temos medo que estes animais se revoltem contra nós e pedimos imediata interferência da Santa Igreja para nos proteger. Disseram que iriam enfeitiçar nossas pastagens e plantações para nos destruir, caso não deixassem ficar em nossas terras.

– Está bem, chamaremos o representante deles e este senhor que nos entende, para esclarecer de uma vez por todas quais as suas intenções. Se confirmarmos que querem destruir esta vila, tomaremos providências para que sejam presos e suas intenções destruídas. Avise minha guarda para trazer reforços e prender, caso necessário, estes arrogantes.

A reunião na praça que mal havia iniciado, acabou e em seguida todos os moradores foram embora, menos Pellenova, que achava que deveria esclarecer o assunto com o padre, porque sabia que o povo dos túneis nada queria, a não ser ficar em terras produtivas e seguras. Iniciou-se assim um mal-entendido.

Novo encontro

Pellenova saiu do meio da multidão, foi ao encontro do pároco e pediu para que ele explicasse por que aquele povo, vindo da floresta, estava ameaçando a comunidade, se seu esposo os estava acompanhando.

– Nada podemos fazer, os representantes de Roma já decidiram bani-los caso persistam em mostrar a intenção de ocupar estas terras, disse o padre.

– Que absurdo, senhor, eles estão mais famintos do que nunca, e poderão fazer coisas que não queremos ver. Tudo pela fome.

O padre respondeu:

– Isso mesmo, eles irão nos agredir, sem defesa para nós. É melhor eu me adiantar e falar com o senhor Benet.

Pellenova pressentiu que havia dito algo que piorara a situação e saiu correndo em direção aos túneis para avisar do problema de comunicação. Ficou com receio de causar uma guerra entre os dois povos.

Amantká a recebeu e anunciou a Luderov que imediatamente ouviu o que tinha a dizer a respeito do padre e decidiu reunir a comunidade.

– Temos que planejar um ataque, caso seja necessário. Dito isso, Otká se levantou e falou:

– Nosso povo é mais guerreiro do que vocês, deixem-nos tentar atacar o povoado.

– Não, falou alto Oramis, deixem-nos em paz, somos hóspedes destas terras e não vamos atacar ninguém. Viemos em paz e deixaremos estas terras em paz. Deixem os deuses falarem para que possam nos orientar.

Amantká baixou a cabeça e, como num transe telepático, começou a receber orientações do mundo espiritual. Eles nos diziam para ficarmos e nos entendermos com este povo; não poderemos deixar estas terras. Era o nosso futuro.

Amantká, como de costume, desmaiou, sendo atendida por outros da tribo.

– Vejam, disse Luderov, devemos então avisar ao Clero Romano que não deixaremos estas terras e, se necessário for, deixaremos

transparecer nossas intenções de ficar e não agredir ninguém. Vou me voluntariar para ser o intermediário de vocês e pedir que tenham confiança em nós.

Pellenova falou:

– Não é só isso, eles pensam que vocês são os culpados pelas infestações das plantações e a de animais terem deixado nossas terras. Dizem que vocês trouxeram maus presságios.

– Muito bem, então temos outro problema, o de sermos os causadores destes infortúnios. Sugiro que façamos nossas preces para que todo este mal-entendido se dissolva e que logo a esperança e a produção deste local voltem ao normal. Para isso, peçamos aos nossos deuses que nos têm acompanhado, para nos ajudar nesta tarefa na qual só a natureza pode intervir, falou Oramis.

Fizeram logo um grupo de dança de pedidos para o deus sol e deus lua trazer uma boa colheita para o povo de Prestes.

Pellenova se sensibilizou com aquela atitude e percebeu que estava diante de um povo místico, com as melhores intenções, e sugeriu que seu esposo viesse intermediar suas contendas.

Logo no outro dia, Luderov partiu para o povoado acompanhado de Oramis a fim de pedir ao Clero Romano para desistir de expulsá-los com violência do local. Ao chegar próximo da igreja foram impedidos de prosseguir. Somente Luderov, após insistente pedido, foi levado à presença do grupo de Roma:

– A que veio aqui? – disse o senhor Benet.

– Vim falar-lhes sobre a importância de nossa presença aqui.

– O quê? Vocês não têm importância nenhuma, somente querem destruir nossas casas.

– Não senhor, temos o conhecimento de como melhorar todas estas terras.

– Improvável, disse Benet. São primitivos, cheios de crenças falsas.

– Dê-nos uma chance, seremos parceiros em suas plantações e cuidados com a terra. Isto não lhe importa? – perguntou Luderov.

– Não queremos nada partindo de vocês, seus primitivos. Não queremos sua ajuda. Posso saber o que pretendes fazer para melhorar nossas terras?

– Pediremos, intensamente, aos deuses da floresta para ajudar-nos,

além de oferecer nosso trabalho, em troca de comida.

– Hereges! – exclamou Benet. Prendam este homem!

Imediatamente Luderov foi cercado por guardas e preso sob acusação de heresia e provável feitiçaria contra a Santa Igreja.

A notícia se espalhou pela cidade e surgiram grupos de pessoas armadas e com tochas nas mãos para aniquilar o tal feiticeiro. Luderov clamou para ser ouvido melhor, já que suas súplicas eram para o bem comum e a união dos povos.

Surgiram o senhor Pauler, o padre e o senhor Pairet, juiz máximo de Luderov. Além do povo irado e atiçado com tal situação.

Como veem, o mundo gira em um turbilhão de surpresas, vidas após vidas, para recompensar todo o mal que fizera no seu passado Pôncio Pilatos. Agora encarnado como Luderov passou por um julgamento semelhante ao que se submetera Jesus, há mais de 1800 anos, sendo que desta vez estava cercado por bons espíritos, que suplicavam para que ele se saísse bem daquela situação. Pôncio não teve piedade e como bom articulador político, deixou que os judeus decidissem a sorte do Divino Mestre que, sozinho, fora obrigado a ir ao seu calvário, como se fosse um delinquente. Deixemos pelo livre-arbítrio a decisão nas mãos destes representantes do clero romano.

A ajuda

Perante aquelas pessoas, Luderov foi preso e acusado de bruxaria e heresia contra a Santa Igreja. Logo a notícia se espalhou e caiu nos ouvidos da tribo de Oramis, que, atônito, deixou o local da reunião e se deslocou para sua tribo com a notícia da prisão de Luderov. Formou-se um grupo para resgatá-lo, mas os anciãos deixaram a prudência falar mais alto e alertaram Otká e seus grupos que aquela atitude seria o estopim para iniciar uma guerra.

Após alguns momentos, todos decidiram fazer um ato pacífico, indo em direção ao povoado e suplicando ao senhor Pauler e, por fim, aos enviados de Roma, que dessem a liberdade de Luderov. Pellenova também passou a fazer parte desse grupo, pois sentiu-se traída por suas palavras e gestos, e tinha que resgatar o amado esposo, mesmo que para isso necessitasse se unir ao povo de Oramis.

Passaram pela praça central e reuniram-se em frente à pequena cela improvisada para pedir a liberdade de seu membro.

– Viemos em paz, pedir pela liberdade de Luderov, falou Pellenova, que representava os zumbis e seus amigos.

– Nunca! Ele infringiu as leis de Roma e as leis de Deus, falou Pauler.

– Como ousam falar desta maneira? Este povo veio apenas pedir ajuda para sobreviver. Solte Luderov, agora!

– Não posso, eles já partiram para Roma para relatar a prisão deste herege e a necessidade de julgamento pela Santa Igreja.

– Dei meu testemunho em Cristo e por isto peço, suplico, que não façam tal insensatez, liberte-o e verá que este povo é inofensivo.

– Lutaremos até o fim se for preciso. Voltem de onde vocês vieram e deixem que a Santa Igreja o julgue. Demorarão vários dias para que os representantes legais do Papa venham e determinem o fim deste homem.

Pellenova tenta explicar os fatos daquela tarde ao grupo, mas ninguém a entendia, somente Oramis suspeitava que seu intento de libertar Luderov tinha falhado.

– Voltem, voltem, ordenou Pellenova.

Amantká, percebendo a aflição de Pellenova, pediu para seu povo recuar. Ela ficou com a esposa de Luderov, perto do cárcere.

– Muito bem, falou Pellenova, sabes que sou esposa dele, e para com ele tenho respeito e deveres; vou tentar falar através de gestos e mímicas para ver se me entendes.

E assim, Pellenova começou a explicar a situação para Amantká, que com sua inteligência e sensibilidade passou a compreender a situação.

– Já entendi, disse Amantká, voltarei ao meu povo e informarei que Luderov ficará preso por algum tempo até o julgamento.

Amantká abraçou Pellenova e partiu em direção aos túneis. Já era noite e Pellenova levou um pouco de comida para Luderov, que a recebeu e pediu que ela fosse até a tribo no dia seguinte falar com os anciãos e todo o povo, para não desistirem de seu intento de se fixarem nestas terras. E quanto a ele, poderiam esquecê-lo e deixar que a Santa Inquisição o julgasse. Ele acreditava que seria reconhecida sua inocência.

Pela manhã, Pellenova atendeu ao pedido do esposo e foi em direção à tribo. Ao chegar lá encontrou o povo fazendo a retirada para dentro dos túneis.

Pellenova gritou e pediu para que eles permanecessem no local, que aquilo seria passageiro e que não desistissem de seus objetivos. Oramis, com esforço, começou a dialogar com ela.

– Decidimos ir. Luderov já está com seu povo, não devemos permanecer aqui por mais tempo.

– Não podem ir. Ele falou que aqui é nosso, e seu lugar, a nossa vida para o futuro, disse Pellenova.

– Entendemos, mas temos que partir.

– Não vá, fiquem; eu irei suplicar ajuda aos moradores para que os ajudem em suas necessidades.

Amantká falou:

– Sim, Oramis, os deuses já falaram que aqui será nosso lugar, onde poderemos criar nossos filhos e a tribo sobreviverá.

Após alguns minutos, Oramis reuniu a tribo:

– Ficaremos mais um tempo, deixaremos nossos deuses nos orientar, como sempre foi feito. Quanto a Luderov, vamos aguardar seu julgamento. Façamos preces aos deuses para que alimente nossas

forças e nos dê sustentação nos nossos propósitos.

O grupo se reuniu e começaram a cantar e dançar de mãos dadas, fazendo um círculo de força e fé.

– Tudo bem, falou Oramis a Pellenova, ficaremos até as últimas notícias de Luderov.

No período da tarde, uma pequena comunidade se formou nas proximidades da tribo de Oramis. Eram colonos que, movidos pela compaixão e devoção ao Amado Mestre Jesus, trouxeram pequena quantidade de sopa, alimentos secos e água para que pudessem sobreviver à fome. Deixaram também pequenos instrumentos que poderiam ser usados para o plantio de sementes, como enxadas e arados.

Veio também um representante da comunidade católica que não aceitava desavenças contra a moral de Cristo e ofertou sua casa para que pudessem repousar os mais doentes ou idosos. O número de colonos era pequeno, em torno de doze, mas sua ajuda veio em boa hora, tudo a pedido de Pellenova, que fora informar a verdade dos fatos com relação àquela tribo de necessitados.

Otká também se curvou com a situação, pois os sintomas de dor e desconforto da pele já começavam a aparecer. Segundo alguns relatos, era porque Luderov estava afastado deles. Necessitavam da poção mágica e de Luderov para ativá-la. A situação não se tornou pior devido à ajuda daqueles colonos piedosos. Em uma tarde, após alguns dias, surgiu a notícia de que Luderov estava sendo coagido pelo senhor Benet a assinar um termo no qual ele anuncia que era bruxo e intentava contra a Igreja Católica.

– Não assino, isto não é a verdade. Vim aqui somente pedir para que aquele povo se fixasse nas terras abandonadas.

– Mas você fez os animais fugirem e o nosso povo tornar-se doente com tanta fumaça, disse Benet.

– Eu não fiz nada, não sou capaz disso.

Os planos de libertação

Amantká tinha um plano para libertar seu amigo Luderov. Segundo ela, eles deveriam reunir o maior número de pessoas na praça e demonstrar que Luderov não tinha nenhum tipo de poder sobrenatural. Para isso, iria contar com a ajuda de Pellenova e dos doze simpatizantes com a tribo de Oramis, que os queriam mais como amigos do que como pessoas jogadas ao fim de suas vidas. Pellenova, então, disse:

– Não sei se vai dar certo, nosso administrador não deixa ninguém fazer reuniões na praça, a não ser com sua autorização ou a do padre. Mas vou consultar os doze vizinhos sobre a possibilidade de fazer esta reunião e depois, quem sabe, pedir que o senhor Pauler autorize uma demonstração de falsos poderes.

– Está bem Pellenova, por enquanto não digas nada aos doze. Primeiro vou consultar a Dama de Branco que nos acompanha para saber se devemos proceder desta maneira. O significado disso pode perdurar por muitos e muitos anos, especialmente se Luderov não confirmar que ele não tem poder nenhum, ou seja, se de repente acontece algo que nós não esperávamos. Isso poderá, sim, complicar ainda mais o nosso companheiro.

Dito isso, Amantká se dirigiu para o interior dos túneis e entrou em completa oração, de maneira solitária, em busca da Senhora que os tem acompanhado:

– Senhora, sei que nos ama e que pretende dar um exemplo maior para que o nosso povo sobreviva. Mas me dê um rumo para que nosso Luderov retorne em paz ao nosso convívio.

De repente, surgiu uma pequena névoa a certa distância e entre ela, a Dama apareceu resplandecente.

– Como sabes que isto é o melhor para ele? Não pense que ele está lá por vontade de Nosso Pai. Ele encontra-se nesta situação por simples pedido dele, que necessita resgatar débitos antigos. Não chore ou se entristeça, Luderov está próximo do seu fim, mas trará alegrias em todos os corações. Para que ele cumpra seus objetivos, será preciso a compreensão de todos e o apoio das pessoas que o vêm

acompanhando. Quando pensardes que se trata de um castigo, lembre-se do que o Mestre Jesus falou: quanto mais consolarmos, seremos mais consolados. E com estas orientações deixo a você meu apoio e um verdadeiro consolo de amizade. Vá e não demore a convocar seus parceiros de jornada e diga que Luderov está se aproximando de sua salvação.

Com estas últimas palavras a Senhora retornou ao invisível e não deixou sua interlocutora fazer outro pedido sobre Luderov.

– Não acredito, esta revelação é demais para que todos saibam, então nossa jornada até aqui está sendo em vão? – pensou Amantká.

Seu retorno à tribo foi lento e desanimador. Ao chegar, pediu para que Oramis reunisse os anciãos, pois queria narrar sua última conversa com o espírito que tanto os havia instruído outrora.

– Deixe-nos entender: a Dama comunicou que nada devemos fazer para libertar Luderov? Então ficaremos aguardando aqui seu desfecho. Nunca! Deveremos nos organizar e tentar libertá-lo imediatamente.

Otká participou da conversa e opinou que poderia reunir alguns guerreiros e, durante a noite, se dirigiria à cela de Luderov e o arrancaria de lá, mesmo que para isso tivesse que atacar alguns guardas.

– Perfeito, Otká, disse Oramis, mas não se esqueça de que devemos fugir daqui e não retornar mais. Não poderemos partir todos, porque vários doentes da tribo se encontram aos cuidados de pessoas bondosas que não têm medo de nós.

Otká pensou e disse:

– Então vamos agir hoje à noite. Enquanto este povo estiver dormindo, o libertaremos de seu cativeiro e o levaremos de volta para os túneis e para nossas terras.

Isto era tudo o que Otká queria, voltar para suas terras, com Luderov, pois já começavam a sentir dores nos ossos e suas peles já davam sinais de que iriam iniciar uma ruptura.

Oramis aquiesceu e resolveu passar as coordenadas da praça, igreja e a cela onde Luderov se encontrava.

Pellenova chega ao local da provável reunião com Oramis e os anciãos, no intuito de organizar a tal apresentação falsa. Oramis

aquiesceu, não deixando transparecer o outro plano de libertar Luderov, caso não tivesse o resultado esperado do plano de Pellenova. Já passava do meio-dia quando Pellenova foi ao encontro do senhor Pauler e explicou:

– Tenho uma sugestão a fazer em favor do encarcerado.

– Diga, sou todo ouvidos, mas não me fales que este Luderov vai fazer algo diferente.

– Sim, ele vai fazer algo e assim mostrar de uma vez que não é mágico, nem bruxo ou pajé e, sim, um simples homem mortal.

– Está bem. E o que desejas que ele faça?

– Que ele diga as palavras mágicas e faça com que a lua apareça pela frente do sol e o encubra, tornando o dia em uma noite. Se ele não o fizer como o dito, ele será considerado um simples mortal. O senhor Pauler falou:

– Está bem, irei somente avisar os representantes do Clero Romano que o preso quer demonstrar todo o seu poder, e que fará, em praça pública, uma demonstração que seu poder mágico é maior e por isso deverá ser libertado, segundo seu desejo. E caso nada aconteça deverão ser retiradas todas as acusações que lhe recaem em seus ombros.

Este era o pedido de Pellenova.

Retornaram aos seus afazeres, sendo que Amantká e Pellenova foram reunir todos da tribo que pudessem ir, e o senhor Pauler encheria a praça com o maior número de moradores. Seria a oportunidade de expulsar de vez toda aquela gente, pois tanto faz ele ser um herege ou não; deveriam ir embora para bem longe de suas terras. Era assim que o senhor Pauler pensava, fazendo o que os representantes de Roma queriam verdadeiramente: massacrar aquele povo por meio do exemplo de seu representante.

O poder

Durante a tarde, todos os moradores de Prestes disponíveis reuniram-se próximo à praça para ver o tal poder do prisioneiro. Ao mesmo tempo, os representantes de Roma foram informados dos acontecimentos e o suposto acordo feito com o administrador, senhor Pauler, que inteligentemente omitiu a segunda parte do acordo de que, caso Luderov falhasse, ele o soltaria também, para em seguida expulsar toda a comunidade de primitivos.

Chegada a hora combinada, deixaram o prisioneiro se dirigir para o centro da praça, e como Pellenova havia acordado, o preso deveria divulgar a sua intenção e deixar o sol ir para trás da lua, provocando um efeito de que só a natureza seria capaz. Dito algumas palavras, Luderov iniciou um discurso:

– Pai, deixe-me realizar as tuas obras, usa-me como instrumento de tua paz. Deixa este povo sobreviver, mesmo que seja chegada a minha hora. Suplico pela misericórdia destes desventurados, e não me deixe cair sem ver este povo sofrido ser fixado nestas terras.

Seguindo as instruções dadas por Pellenova, Luderov começou a pronunciar palavras estranhas até mesmo para o povo de Oramis. De repente, um forte vendaval abateu a cidade, pequenas casas começaram a cair, árvores e folhas voaram por toda a praça. Assustados, os moradores correram em várias direções, inclusive os representantes do clero que, surpresos com aquilo, deixaram o local correndo em direção à igreja, permanecendo somente Oramis, Otká e Luderov, cuja esposa Pellenova já se aproximava junto com Amantká.

– Para onde foram todos? – indagou Oramis.

– Fugiram com medo de Luderov.

– Vamos embora e deixemos esta cidade, pediu Luderov.

E todos partiram em direção à tribo, para próximo dos túneis.

Naquela mesma tarde, refeito do susto, formou-se um grupo de soldados fortemente armados, com a intenção de recapturar o preso e trazê-lo novamente para ser julgado como bruxo legítimo pela Santa Igreja, que não tolerava esse tipo de apresentação, muito menos uma que significasse demonstração de poder maior.

– Tragam este bruxo até nós, e vamos isolá-lo, disse o senhor Benet.

– Sim, senhor, traremos o mais rápido possível.

E todos os soldados foram ao encontro de Luderov, que desta vez estava preparado para não se render com facilidade.

– Deixem-nos passar, falou o chefe do grupo, temos ordem de levar o senhor Luderov.

– Não podemos deixá-lo ir, nossa tribo precisa dele.

– Então usaremos a força para cumprir as ordens.

– Deixe-nos. Não queremos brigas, falou Oramis.

– Isso é o que veremos.

E então o chefe continuou:

– Homens, preparar armas e ao meu comando apontar.

Cerca de trinta homens armados de espingarda iniciaram o carregamento com pólvora e, depois de socá-la, colocaram o respectivo chumbo e apontaram para os homens de Oramis.

Luderov perplexo, junto com Pellenova, pediu para que todos abaixem suas armas. Ele se entregaria por livre e espontânea vontade, mas com a condição de negociar pelo menos a permanência daquele povo sofrido nestas terras.

O soldado mensageiro foi levar o recado para o grupo de Roma, que concordou em deixar em paz o povo de Otká, por algum tempo, sobrevivendo daquelas terras, e em troca o prisioneiro voltaria imediatamente para sua cela e de lá não mais sairia, a não ser para ser julgado pela Santa Inquisição, tão logo o representante papal chegasse para tal finalidade. Assim, todos se desarmaram e Luderov saiu cabisbaixo em direção à cidade para continuar em seu cativeiro.

– Foi a melhor saída, confidenciou Luderov a Amantká; só não entendo como tudo aquilo aconteceu na praça. Seria uma intervenção divina?

Ela sorriu e aquiesceu.

– Sim, foi seu Deus que fez isto. E ela complementou:

– Há muito tempo atrás, quando ainda jovem, em aprendizado com nossos deuses, apareceu um que me disse:

– Minha jovem, em determinado tempo de sua vida, serás testemunha de que outros tempos virão e que apenas um Deus será capaz de remover montanhas de vosso caminho e ele se chamará

Jeová. Siga-o e Ele trará toda a felicidade para a sua tribo.

Fiquei com aquele pensamento por muito tempo e hoje acho que vi, pela primeira vez, este Deus que haviam me prometido. Amantká se ajoelhou em frente a Luderov.

Deixe, levante-se, não sou nenhum Deus e Jeová é um Deus antigo da religião judaica que o adoraram, há vários séculos. Pertenço somente à religião dos homens com pouca ou quase nenhuma fé.

Amantká não compreendeu bem estas palavras, mas para ela Luderov tinha um componente divino. Mais tarde, todos os moradores se reuniram e não pararam de comentar o feito de Luderov. Para eles, ele também tinha um poder especial. Como consequência, formou-se um aglomerado de pessoas próximo à cela de Luderov. Alguns o olhavam com orgulho, outros com espanto e certas mulheres começaram a orar e fazer preces em louvor a Virgem Maria, pedindo bênçãos e graças e que aquele homem divino trouxesse paz e sabedoria para o povo. Só quem não concordava com tudo aquilo era o senhor Pauler e os representantes do Clero. Estavam com esperanças de que Roma logo instituísse a Inquisição naquele lugar.

A cela

Luderov não parava de pensar em tudo o que havia ocorrido. Só restavam as lembranças do seu passado que vinham à sua mente já bastante castigada por tudo aquilo que havia vivido. Pellenova traz pão e outros alimentos para que ele aceitasse toda a condição de preso do Clero. A chegada da noite ouviu um assobio do lado de fora da sua cela. Era Otká com outros dez guerreiros decididos a resgatá-lo.

– Não posso ir, disse Luderov.

– Já está tudo preparado, ao sair daí o levaremos de volta para nossas terras e lá viveremos em paz.

– Não dá, logo nos alcançarão, eles sabem como nós vamos fugir e entrarão nos túneis à nossa procura.

– Ah! Este povo medroso? Duvido. Ademais, eles não têm sangue de guerreiro.

– Mas têm a justiça dos homens ao seu lado. Volte e não diga a ninguém que você veio.

– Não saio daqui sem você, estou doente, as nossas feridas voltaram. Sua presença nos faz bem.

– Não se iluda, eu não tenho nenhum poder.

– Claro que tem, como você explica que sua ausência nos faz doentes?

– Ilusão! Volte agora.

– Não sem você.

– Vou chamar os guardas e pior será.

– Então preferimos ficar todos presos com você.

– Eles não os querem. Voltem!

– Não, ficaremos aqui, vou chamar os guardas e diremos que queremos ser presos.

– São todos tolos.

E assim foi feito, Otká pediu para ser preso e, junto com ele, todos os dez também o foram.

– Já sei, Luderov, ficaremos juntos aí, vai ser difícil prendê-lo por muito tempo.

Pela manhã, a confusão estava formada. O administrador foi

conferenciar com os representantes do Clero e informou o ocorrido.

– Selvagens! Como permitiu que todo esse grupo ficasse na mesma cela? Liberte-os, Pauler.

– Não posso, eles não querem sair de lá, só com Luderov.

– Que povo insolente! Tragam este rebelde até mim, disse o senhor Benet.

– Como se chama?

– Ele não entende, senhor, a nossa língua.

– Então tragam Luderov, ele os entende.

Trouxeram-no e começou o interrogatório.

– Muito bem, o que este selvagem quer com você?

– Não sei, senhor, acho que ele simpatiza comigo.

– Blasfêmia! Ele é muito grosseiro para simpatizar com alguém.

– Está bem, senhor, liberte-os, eles não sabem o que fazem, são muito primitivos.

– Eles estão livres, só que não querem sair.

-Está bem, disse o senhor Pauler, deixe-os na cela e leve Luderov para o pátio da igreja, que o levaremos imediatamente para Roma e nosso Papa irá decidir o que fazer com ele.

E assim se procedeu. Levou-se Otká e seus homens de volta para a cela e Luderov ficou em confinamento na sacristia da igreja. Não demorou muito e o preso foi transferido para Roma. No cortejo, o acompanharam, além de Pauler e os representantes do Clero, Amantká e Pellenova. A viagem duraria cinco dias e todos imaginavam o que iria ocorrer assim que chegassem em Roma. Pellenova deixou seus filhos com o pároco e pediu, por misericórdia, para ajudá-la neste momento difícil.

A tribo de Oramis permaneceu nas terras próximas aos túneis e começaram a trabalhar junto a comunidade local. Logo algumas terras foram distribuídas para cultivo e ocupação, até uma decisão final do senhor Pauler. Não se sabia quanto tempo o administrador ficaria fora da cidade, mas o certo é que Luderov havia se sacrificado em favor das tribos de Oramis e Otká. Perguntavam se ele tinha realmente poderes mágicos, mas ninguém chegava a nenhuma conclusão.

Otká resolveu tentar fazer um culto aos deuses para espantar maus espíritos, mas foi logo demovido da ideia, já que ele poderia ter o

mesmo fim de Luderov. Só queria na verdade conversar com os deuses que pudessem proteger seu amigo.

No passado, Luderov e Otká tiveram uma relação de conflitos, de senhor e escravo. Agora, após todo aquele desenlace, Otká sentia respeito por Luderov, não só porque o ajudou na cura, mas porque estava dando sua vida por eles.

Depois de mais alguns dias, soube-se que Luderov fora preso a mando do Papa e iria ser julgado por uma corte especial, que analisaria as acusações e a defesa. Amantká e Pellenova, juntas, só tinham lágrimas a derramar e pediam a intervenção de Maria e dos deuses de Amantká.

Elas não perceberam que as suas crenças, apesar de distantes, falavam uma só linguagem: a fé e a caridade para com o próximo, ensinamento dado por Jesus aos seus discípulos e, agora, mais um seguidor estava perto de um julgamento, ainda distante dos ensinamentos do Mestre na teoria, mas próximo da realidade terrena.

Amor ao próximo significa ocultar todos os defeitos de outrem, perdoando tudo e fazendo com que eles o amem sobre todas as coisas. É se santificar em prol de uma humanidade mais justa e harmoniosa. Isso Luderov estava colocando em prática. Suas ideias estavam voltadas para o povo que vivia próximo dos túneis que tinha acesso a tudo, menos à sabedoria de Cristo.

Fiquemos na segunda parte desta história, que se iniciará em breve tempo, pois o amor não tem tempo, e a justiça divina não deixa nada nas mãos dos devedores.

Luderov: o prisioneiro

Naquela pequena cela a que levaram Luderov, próximo de Roma, nada mais restava ao nosso personagem a não ser ouvir as acusações e aceitar seu destino que, certamente, seria cruel.

Senhor Hunter, o carcereiro, zombava daquele homem já entregue pelo destino que um dia já fora julgador. Nada mais restava, pensava.

– Por favor, Senhor Hunter, traga água. Já não tenho forças para suplicar o líquido que dá a vida às pessoas.

– Ora, senhor Luderov, não será o senhor cheio de magias? Então não me perturbe.

Luderov implorou mais uma vez:

– Traga-me água, já não tenho forças.

– Ora, seu mágico, não me aborreça e aguarde a vez de trazerem sua comida e a sua água.

– Não aguento mais, tudo é tão racionado e sem gosto, até o cheiro do que seria alimento é repleto de maus odores.

– Ora, senhor Luderov, o que tenho com isso? Cale-se e deixe-me ver as coisas que passam nesta prisão.

Hunter saiu em visita a outros prisioneiros, em outras celas. O silêncio era quebrado somente com as portas do calabouço sendo abertas e fechadas. Poucos murmúrios se ouviam, os presos estavam em situação semelhante à de Luderov, quase sem forças para reclamar de algo.

Aquela célebre prisão romana construída a mando do Papa, ficava a cerca de 15 km a norte do centro da capital e era o local em que os divergentes da teoria cristã agonizavam à espera do julgamento, que quase sempre os condenava à morte propriamente dita, já que a maioria não saberia mais o que fazer perante uma pena considerada capital. Outros com menos sorte eram mantidos em cárceres até o momento de partirem desta terra. O sofrimento era o maior castigo, agonizavam minuto a minuto, à espera do seu último suspiro.

Luderov chegara àquela cidade e não fora julgado, permanecendo cerca de dois meses naquela situação, sem sequer ser ouvido por qualquer pessoa. Do que o acusariam, pensava. De defender uns

pobres para conseguir suas terras e ali sobreviverem? Ter compaixão para com os outros: essa acusação não era tão grave. Decerto aquele tribunal não tinha pena de ninguém, principalmente daquele homem, cujo passado era negado por tudo, não tinha riquezas nem honrarias, um homem simples de aparência ou de costumes. Pellenova e Amantká o visitavam com frequência e elas sempre traziam donativos que conseguiam em vilarejos próximos. Elas próprias já estavam perdendo as esperanças de que Luderov fosse julgado e libertado.

Aquelas masmorras eram fétidas e mal iluminadas, ratos eram presenças constantes e outros insetos faziam parte do ambiente. Pouco se podia ver o sol, as pequenas janelas eram feitas com arames cortantes e o barro utilizado na construção era muito frio e nele meus pés gélidos costumavam pisar o dia todo; as roupas eram maltrapilhas e diziam que se fosse a julgamento, logo tratariam de me arrumar roupas limpas e cheirosas para verem que estava em boas condições no cárcere.

Tudo era sombrio e cheio de horror. Meus pensamentos divagavam toda hora em direção à tribo que ficara longe. Os meus amigos-irmãos já deveriam estar agasalhados em novos lares. Recebi notícias de que haviam conseguido um punhado de terras, por compaixão de moradores locais e que o Vesúvio tinha parado com suas explosões, mas todos decidiram ficar ali e esperar pelo nosso regresso. Foi com alegria que Pellenova contou-me as notícias. Só que no mundo de cá as coisas iam lentas, até que o Senhor Hunter, numa manhã de primavera, me chamou.

– Luderov, chegou a tua vez; os emissários do Papa virão te buscar amanhã pela manhã, então teremos que prepará-lo. Primeiramente um bom banho, depois uma farta comida e por último faremos tua barba e lixaremos tuas unhas, tudo para que apareças decentemente perante o tribunal.

– Mas mal posso me aguentar e minhas pernas tremem, respondeu Luderov.

– Para isso temos um jeito, seguirás com estas muletas improvisadas. Irás impressionar as autoridades e quem sabe terão pena e te libertarão. Ah, ah, ah! – ria o impiedoso carcereiro.

– Tragam mais pão e mais sopa, este homem tem que estar pronto

pela manhã, avisou o carcereiro.

Durante a noite mal se ouvia a respiração de Luderov. Ele ainda estava vivo, mas seus pensamentos faziam-no viajar por toda a situação por que passava até ali. Nenhuma ordem fora dada a respeito de novas visitas. Luderov não teve a chance de informar Pellenova que iria a julgamento na manhã seguinte. Ele só tinha o pensamento voltado ao possível veredito de que seria libertado. Não era possível que todo o clero iria condená-lo à morte, sem ter o mínimo de provas. Enganava-se, pois não conhecia os métodos de julgamento da pequena corte. E para que julgar se todas as evidências já traziam o veredito? Aquele pobre homem, vindo das montanhas e que, de túnel em túnel, trouxera a paz para seu povo, mas traía a Santa Igreja com suas mágicas e desavenças com seu grupo de primitivos, não tardaria a ser mandado para longe da sua vida. Era uma questão de tempo.

O começo do julgamento

Já passava das 11 da manhã quando Luderov finalmente atravessou o corredor da pequena prisão. Ele foi levado numa carruagem guarnecida por soldados com destino a uma pequena basílica, localizada próximo ao rio que cortava Roma. Todos os presos acusados de heresia pela Santa Igreja tinham este prédio como destino certo de julgamento e não fora diferente com Luderov, que estava sendo aguardado pelo grupo de inquisidores, entre eles o padre de seu vilarejo que trazia muitas informações do que tinha ocorrido nas terras distantes do Vesúvio. Para ele, Luderov não só era portador de um poder sobrenatural, como também tinha poder de transformar um povo primitivo em pessoas capazes de afrontar a Santa Igreja.

– Sente-se, ordenou o padre.

– Luderov pôs-se numa pequena banqueta frente ao júri, composto de cinco pessoas, entre eles o padre Orvanei.

– Diga o que se sucedeu, ordenou o presidente do Clero.

– Não sei lhe explicar, começou a falar Luderov. Só sei que fui trazido perante os senhores porque deixei um povo faminto ficar próximo da cidade de Prestes.

– Não sabes do que estás sendo acusado?

– Não, senhor, não faço a mínima ideia.

– De heresia e bruxaria, seu mentiroso!

Luderov percebeu certo aborrecimento na resposta.

– Não reconheço tal acusação.

– Sim, e como você explica que, de repente, o tempo mudou enquanto estavas sob teste?

– Não tenho explicação.

– Você é um bruxo? Onde aprendeu a sua arte, diga.

– Não sei de que o senhor está falando.

– Então, diga-me como aquele povo alega que só com você eles não tem doenças?

– É porque eu oriento como eles podem se cuidar, sem se ferir ou morrer de fome.

– Não cometa o sacrilégio contra nós, disse rispidamente o padre.

– Não estou zombando, somente não tenho nenhum tipo de poder.

– Já chega! Tragam a primeira testemunha.

Em seguida, adentrou ao recinto o emissário do Papa.

– O que o senhor presenciou nos meados da primavera passada?

Junto com Pauler, o senhor Benet iniciou seu relato minucioso, acrescido de certa malícia sobre o que ocorrera na praça pública.

– Então... Ele fez uma ventania, assustando-nos, trazendo vento e frio para toda a cidade.

– E o que mais? – perguntou o inquisidor.

– Trouxe um grupo de primitivos que entrou em sua cela e não queriam mais sair dali, a não ser com a companhia do senhor Luderov. Alegaram que ele tinha o poder da cura.

– Entendo, além de bruxo é curandeiro.

– Sim senhor, ele é um herege, conclui o senhor Benet.

– Muito bem, falou o chefe do grupo, então que entre a segunda testemunha.

Entrou no recinto o senhor Pauler, o administrador da cidade, cheio de certezas e gestos.

– Diga, senhor, a quanto tempo conhece este homem?

– A algum tempo, mas conheço mais seus filhos e esposa.

– Eles são católicos ou professam outras ideias?

– São católicos pouco praticantes, pouco são vistos nos cultos a Deus.

– E como eles se comportaram nestes episódios?

– Saíram a favor do réu, achavam que ele era poderoso e deveríamos libertá-lo.

– E seus filhos, também são agitadores?

– Não, seus filhos são obedientes, mas sua esposa o incentivou a fazer as mágicas a que o réu é acusado.

– Como eram essas mágicas?

– Ele trouxe a discórdia para nosso povo, deixando aqueles primitivos irem atrás dele, quando deveriam ficar nos túneis; e mais, fez cair uma noite em pleno dia, com chuva e vento forte.

Aí outras pessoas presentes indagaram:

– Mas não foi só uma ventania?

– Sim, mas logo veio a gritaria que o mundo iria acabar. Não acabou, mas ficamos próximos disso principalmente com o excesso de poeira

que encheu o ar. Mal podíamos respirar, completou Pauler.

– E os outros moradores concordam com este homem?

– Simpatizaram com tanta bruxaria, que até começaram a ofertar roupas e utensílios para esses primitivos.

– Que coisa! Além de chantagista, leva multidões a aceitar suas ideias.

– Sim, ele é tudo isto e mais um herege.

– Como chegou a esta conclusão, senhor Pauler?

– É que ele é contra a Santa Igreja e sempre que pode, coloca este povo primitivo contra os ensinamentos da nossa igreja. Vejam só: ao invés de cantar e orar em nossas praças, traz ideias de discórdia ao nosso povoado. Presenciei o acusado fazendo danças evocativas e pedindo ao vento para trazer destruição ao nosso povo.

Convém ressaltar aqui que o senhor Pauler referia-se a um relato que seus espiões presenciaram, quando Amantká e Luderov estavam evocando a presença de seus ancestrais nas regiões próximas dos túneis.

– Então ele merece morrer? – indagou um dos jurados.

– Claro, mas antes temos que pedir uma prova da sua inocência, disse o presidente do conselho inquisidor.

– Fala em tua defesa. Se tem algo a relatar, que te tire o peso de teus acusadores.

Luderov pensou e disse:

– Sim tenho um relato que pode me libertar.

– Então diz o que tens para relatar ou então te cala para receber seu veredito.

Luderov baixou a cabeça e ficou pensativo.

Luderov: o cristão

Surgiram no recinto Amantká e Pellenova, exigindo que fossem testemunhas de defesa de Luderov. Houve certo rebuliço durante o julgamento para impedir a presença das duas.

– Espiãs, gritou um dos conselheiros do clero. Fora com elas!

Mas o pároco Orvanei pediu que reconsiderassem o pedido, já que conhecia a esposa de Luderov, e, por várias vezes, fez certa caridade em atender aquela família.

– São consoladoras, senhor, permita que elas permaneçam, afinal ele também é um réu que necessita de certa compaixão.

O Clero todo ficou a pensar e finalmente concordou com a presença de tais personagens.

– Deixem-nas entrar, foi gritado.

Humildemente, e com certo semblante de tristeza, elas penetraram no frio e sórdido salão.

– Prossiga senhor Luderov, foi dada a ordem pelo presidente do encontro.

– Bem, senhor, não sei se vai adiantar, mas há muitos anos atrás fui surpreendido pelo senhor bispo da localidade próxima ao rio que cortava minha cidade, nos Balcãs, e ele me falou que seria descendente de nobre raça ligada à Santa Igreja.

– Mentira, seu petulante. Fale a verdade.

– Ele me falou que descendíamos de um lorde proveniente da região balcânica de nome Sir Wallace, bispo da Catalunha e que por isso deveríamos sempre respeitar todas as regras previstas da Santa Igreja e, portanto, como verdade dou-lhe minha palavra que nada fiz contra a Igreja.

Eles ficaram imaginando quem seria tal nobre e perguntaram:

– Ele se parece com quem? Sabes o nome em Cristo que ele ostenta, se estiver morto.

– Claro, é o Bispo da Catalunha, e se chama Dom Eraldo de Lucena.

Todos se entreolharam e um leve sorriso sarcástico alimentou todo o conselho.

– Repita sua história, meu jovem, disse o presidente.

E Luderov, repetiu o que havia relatado.

Após alguns minutos, o Clero reuniu-se a portas fechadas no salão, em anexo, e começaram a confabular.

– Como pode ele ser parente de um dos nossos membros e logo de Lucena, que tanto brilho trouxe para nossa causa? Façamos outras perguntas a ele, é precoce confirmarmos suas alegações. Teremos que ter certeza do que ele diz, pois se algo acontecer a um parente de D. Eraldo, certamente teremos problemas com o Bispo.

– E como justificar suas mágicas? – indagou o senhor Benet.

– Não diga bobagem, diremos apenas que é um mito do povo ignorante das regiões do Vesúvio.

Com isso o Clero entrou no recinto e iniciou novamente o interrogatório.

– Muito bem, meu rapaz, e o que dizer da Santa Igreja?

– Bem senhor, sou católico e com bom grado trago todos os predicados de bom cristão. Só não pude comparecer às missas nos últimos anos, pois estava aprisionado em região inóspita pelo povo longínquo que me fez aprender como conviver com a simplicidade e a natureza que Deus colocou a nosso dispor.

– Chega de ironias, diga logo se você é cristão ou não.

– Sim, senhor, sou totalmente cristão e como prova de minha devoção a Cristo, estou aqui a recitar qualquer oração que desejes para louvar Jesus.

– Então reze para que este conselho seja complacente e deixe você viver por mais algum tempo.

– Sim senhor, o que desejais que eu faça para provar minha inocência?

– Diga uma coisa, como é seu parentesco com o senhor Lucena?

– Minha Tia Amarílis era nossa orientadora no nosso povoado nos Balcãs e sempre nos dizia que sua prima tinha um irmão que fora consagrado à Santa Igreja e havia se tornado um grande pastor de almas perdidas de nome Eraldo.

Todos se olharam perplexos com aquela revelação, visto que tinham respeito ao Bispo da Catalunha que, nos seus quase oitenta anos, ainda detinha certa influência sobre o Clero Romano, tanto pela sua dedicação à causa, como pela sua sabedoria nos estudos canônicos.

– Já chega, por hoje é só, deixe este homem retornar à sua cela e mais tarde iremos decidir sobre seu destino. E quanto aos senhores que o acusam, deixem nossas terras e voltem para seu povoado, e anunciem que o seu detrator irá permanecer por mais algum tempo preso para mais averiguações dos seus poderes.

A sessão foi encerrada. Luderov fora escoltado de volta para a prisão, agora com menos rigor, sendo visto por todos como um provável impostor, o que iria prejudicá-lo se esta história de parentesco com alguém do Alto Clero Romano não fosse verídica.

Amantká mais uma vez implorou para que seus detratores o libertassem, pois Luderov era inocente e, junto com Pellenova, o seguem até a prisão próxima da Basílica.

Já era de tarde e o frio anunciava a chegada do outono. Senhor Hunter o esperava com ferro na mão, mas fora dada a ordem de melhorar a alimentação do prisioneiro e o deixaram sair, uma vez ao dia, para respirar e pegar um pouco de sol, afinal ele já estava sendo considerado como um parente distante do Sr. Lucena, o Bispo da Catalunha. Hunter não gostou disso, já que sua rudeza não permitia que gestos de cortesia tomassem conta de sua vida.

Trouxeram uma boa sopa, um pedaço de carne e um bom vinho.

– Beba, disse Hunter, este jantar é oferecido pelo Clero e não por mim.

Luderov olhou e agradeceu em pensamento a Deus a oportunidade de não ser sacrificado e pediu, em silêncio, para que aquela dádiva fosse transformada em benefício daqueles que o ajudaram a sobreviver todos aqueles anos: Oramis e sua tribo.

Revelações

Luderov passou algumas horas antes de conciliar o sono profundo, imaginando o povo de Oramis sendo acolhido por todos nas terras próximas ao Vesúvio, onde reinaria a paz entre todos habitantes da região. Nisso ele pegou no sono e, em transe de sonâmbulo, começou a gritar:

– Onde estou? Por que fiquei só? Onde estão meus amigos que me abandonaram nesta prisão de Roma. Como podem dizer que traí o Império e aquele mendigo que se chamava Jesus. O que fiz? Só porque o deixei ser julgado pelo seu povo, por acaso Ele não era o Rei dos Judeus?

Nisto veio uma entidade para confortá-lo.

– Não se culpe, isto já passou e o nosso Mestre já o perdoou antes que tudo acontecesse. Ele é a vida e para com ele devemos continuar nossa caminhada.

– Deixe-me, não suporto me imaginar nesta prisão, todos me odeiam, até aquele soldado que me vigia.

Ele se referia ao carcereiro que tomava conta. Pilatos não aceitava sua condição de preso, muito menos a acusação de desvio de recursos do Império. Como bom soldado seria incapaz de trair seus superiores, mas agora só, sem amparo, surgiu uma figura pouco singular a confortar seu destino.

– Quem és? O que queres aqui? És alguém que conheço?

– Sim, senhor, sou um humilde emissário que de longínquas terras vem acompanhá-lo para esclarecer e confortar sua odisseia.

Vendo aquele humilde homem a lhe falar do outro lado da cela, pergunta:

– Então és meu amigo?

– Sim, senhor, chamo-me Zacarias e vim contigo em teu barco acompanhando todo o percurso e trago um pouco de vinho para que possas te consolar.

– Como sabes quem sou eu?

– Meu Mestre me orientou para segui-lo e confortá-lo.

– E quem é este Mestre?

– Jesus.

Com estas palavras, Pilatos começou a chorar compulsivamente.

– Não fale neste nome. Acho que tudo de ruim vem acontecendo comigo desde que ele fora crucificado.

– Sim, mas não foi culpa dele. Ele foi apenas uma vítima do orgulho e das más decisões a que fora submetido. Jesus nunca quis o mal para o pecador e, sim, que o pecado fosse exilado da Terra.

Zacarias ofereceu um pedaço de pão para Pilatos e diz:

– Seja feita a vontade do Mestre, coma este pão, beba este vinho e Ele viverá em vós.

Com estas palavras proferidas, o pequeno Zacarias se afastou da cela do prisioneiro e o deixou a imaginar todas as suas desavenças do passado.

Alguns minutos depois, Pilatos passou a ingerir a oferta de Zacarias e, em repentino choro, se deixou adormecer.

A entidade que acompanhava Luderov em seu sonho mediúnico o despertou para um aviso: veja, meu amigo, ainda pensas naquele tempo que foste julgado pelos teus pares. Deixa a vida fluir e tem compaixão de ti mesmo e entende que o Mestre o acompanha desde os tempos antigos. Como Ele disse: um pecador necessita de ajuda por séculos e séculos e, certamente, Ele continuará te auxiliando na busca de Tua liberdade, e de teus atos falhos do passado. Crê Nele e Ele te ajudará.

Ditas estas últimas palavras, o anjo saiu dos pensamentos de Luderov, que despertou agitado, com turvações em seu cérebro, imaginando que havia sido levado a um passado longínquo e dito verdades que seu subconsciente não queria esquecer.

– Carcereiro! – gritou, traga-me água fresca, tenho sede e estou ofegante.

Senhor Hunter trouxe uma jarra com água e perguntou ao prisioneiro:

– Quem falava contigo? Que tanto deverias te arrepender?

– Não sei, estava sonhando, acho que devo pensar em dias melhores, em poder caminhar para Cristo. Já que estou sendo julgado por coisas que não fiz, deverei pelo menos ausentar-me deste mundo com muito amor espalhado pela terra. É esta impressão que este sonho me

deixou.

– Claro, riu Hunter, de repente estás te tornando um homem com vários prodígios. Dorme e não me aborrece mais; amanhã terei um dia cheio de afazeres a começar por executar o prisioneiro ao lado da tua cela. Ele foi acusado de plagiar o Santo Ofício com rudezas contra a Igreja, e agora só sobrou para ele a forca. Luderov se encolheu em um canto da cela e, aos poucos, iniciou novamente seu sono, agora acompanhado de pequenos cânticos e louvores ao nosso Deus, Pai Celestial.

Enquanto isso Amantká começou um ensaio de palavras evocando a Dama de Branco, com o intuito de suplicar que ela intercedesse aos deuses em que Luderov acreditava, para assim auxiliá-lo em sua libertação. Aquela conversa de ser parente de uma figura importante da Igreja seria um blefe para ela. O que seria dele se descobrissem que toda aquela revelação era falsa? Para Pellenova, o marido nunca tinha revelado tal situação, nem que tinha um parente na hierarquia da Santa Igreja.

Solicitação negada

Naquela mesma noite em que Luderov teve sua percepção ampliada pelo sonho que revivia seu passado longínquo, Amantká e Pellenova decidiram ir, na manhã seguinte, implorar para que o Clero liberasse Luderov. Iriam argumentar que Luderov nunca foi nenhuma espécie de mágico ou curandeiro, muito menos bruxo do tipo que articula fórmula da longa vida. Elas não conheciam ninguém, apenas o padre e o senhor Benet que havia estado na pequena vila por algum tempo.

Pela manhã, as duas se dirigiram à Basílica onde eles costumavam se reunir e imploraram uma audiência com os personagens que julgavam os antagonistas da igreja. Eram preparados tanto na teologia como na doutrina de outras religiões e tinham senso prático de como condenar os acusados que, àquela época, e na maioria das vezes, pouca instrução possuíam. E assim, após entrarem no grande salão, foram recebidas por Benet e o padre, que logo as advertiram que sua empreitada não teria sucesso, pois estavam convencidos da culpa de Luderov nas acusações a que ele estava sendo julgado.

– Mas o que ele fez para que tamanha acusação recaísse sobre ele? – questionou Amantká.

– Ele é culpado de todas as atrocidades por que nossa cidade tem passado, desde a quebra da colheita até fenômenos de ventanias e sol encoberto por uma escuridão.

– Mas ele não é capaz de realizar tais feitos, falou Pellenova.

– É sim, tudo que indicamos, só ainda não foi condenado, porque veio dizer que é descendente de família nobre e parente de Lucena, o nosso bispo respeitado. O Clero já mandou informá-lo de que deve vir confirmar ou desdizer este impostor que mais grave postura adotou perante a Igreja.

As duas se retiraram do recinto e, vendo que não poderiam argumentar em favor de Luderov, deixaram o salão em direção aos jardins da Basílica e começaram a orar e pensar no que poderiam fazer.

– Venha comigo, Senhora Pellenova, precisamos de um lugar calmo e sagrado para que eu possa falar com a Senhora de Branco, a entidade

que costuma entender os passos do senhor Luderov.

Com isso, elas percorreram uma praça próximo à saída da cidade e, com apelos constantes, Amantká invocou a presença da Senhora de Branco, que correspondeu ao chamado e veio se ater com a solicitante.

– O que desejas de mim? Já não lhe falei que ele iniciará os resgates de seus débitos?

– Mas por que Luderov tanto sofre? O que ele tanto fez para ter este tratamento?

Amantká começou a se desesperar e implorar para que a Dama expressasse todas as dificuldades que ele poderia sofrer.

– Está bem, direi o que vocês poderão fazer, sem interferir nos destinos já programados.

– Ele, Luderov, tem um sério resgate a fazer de um passado longínquo. Atirou pedras sobre a verdadeira identidade do Cristo Salvador, mas agora, com esta existência, ele tem total chance de se redimir para prosseguir com sua evolução. Para tal, deverás te manter calma e afastada de qualquer tentativa de resgatar o prisioneiro. Primeiro, deverás estar ciente de que nada mais pode se fazer para tentar libertá-lo. Em segundo, devereis rezar por nosso irmão que está em estado lastimável. Em terceiro, deverás, sempre que possível, ajudar Luderov levando alimentos mais saudáveis.

Amantká pediu para que a Dama proteja todos, o que foi logo acordado. A Dama completou:

– Não se preocupem. Para cada um segundo as suas obras, como disse o Mestre. Se Luderov se revelar um bom filho, logo vai ter a sua recompensa; tudo dependerá dele nesta existência. Com isso, Pellenova fez um pedido.

– Irmã, eu não a vejo ou sinto, mas será que pode me abençoar para que eu possa continuar a caminhada em direção a Jesus?

– Claro. Assim a Dama intercedeu junto ao Pai para que aquela filha tivesse seu lugar ao sol e soubesse que, entre tantas coisas, poderia se manter tranquila em atravessar os desertos e tormentas.

A Dama se despediu com a seguinte frase:

– Tenham paciência, que ela é o melhor remédio contra as angústias do dia a dia.

Logo em seguida, elas deixam a praça em direção ao presídio onde Luderov se encontrava e pediram para vê-lo. Senhor Hunter as recebeu friamente e disse:

– Vieram ver o nosso ilustre prisioneiro? Aquele que de um dia para a noite se tornou um nobre e que está aqui preso somente para aumentar as regalias que diariamente só fazem crescer?

– Não senhor, viemos por compaixão, porque este preso não tem ninguém para auxiliá-lo.

O carcereiro as leva para o encontro com o prisioneiro. Chegando ao local, só ouviam gritos e murmúrios à distância. Eram os desajustados que, ao ouvirem a presença dos visitantes, correram à porta das celas e começaram a pedir por clemência para as suas faltas.

Deixe-nos sair, não somos traidores da doutrina católica, diziam, mas nada adiantou.

Deixaram acontecer e se dirigiram à cela localizada no terceiro piso do porão abaixo. A prisão era considerada de segurança máxima, até porque, além de ter vários anos de construção, era cheia de túneis de acesso a diversas vias e locais que, só por atendimento ao Santo Padre, é que o grupo de exploradores poderiam, enfim, se deslocar por estas vielas subterrâneas. Diziam que todos os condenados poderiam ser soltos nestes túneis e nunca mais serem vistos, de tão complicado que eram as tais saídas. Esperemos os acontecimentos.

A igreja local

Domingo de manhã e, ao longe, era possível ouvir as badaladas do sino da igreja convocando os fiéis à missa. Pellenova e Amantká eram hóspedes da família simpatizante dos costumes católicos e, sempre que podiam, iam às missas em latim, para ouvir a palavra do nosso Mestre, especialmente na época da Quaresma, onde havia o hábito do jejum, evitando-se comer alimentos como a carne, que lembravam a morte do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Após a última badalada, a família Gaston se juntou à porta da casa e seguiram no rumo da igreja próxima, onde os fiéis se aglomeravam à porta do templo para juntos entrarem no local de prece. Já eram 11h da manhã quando o pároco entrou no corredor central da Igreja de Saint Afonse, na periferia de Roma, e proclamou o início da celebração em homenagem ao Senhor Jesus. Em sua pregação, relembrou os passos de Jesus na antiga Galileia até chegar a Jerusalém, cidade dada aos mercadores e viajantes da região, dominada pelo exército romano. Lembrou de Pôncio Pilatos que, apesar de suas orgias, comandava o exército romano que ocupava aquela inóspita região.

Após o término da celebração, os presentes se reuniram fora da igreja e iniciaram vários discursos interpessoais e a aclamação da situação na qual Roma se encontrava naqueles anos.

– É verdade, nós estamos em débito com os vizinhos, assegurou o senhor Gaston a um grupo de ouvintes:

– Como poderemos aguentar pagar mais impostos a este monarca que, déspota, só traz prejuízo para a nossa nação? Vejam a época da gloriosa Roma, dominávamos todo o mundo e ninguém podia contra nosso povo. Agora, somos comandados por um grupo de aproveitadores e, por fim, a Santa Igreja impõe mais gastos para nós, falou um interlocutor. O senhor Gaston rebateu:

– Sim, percebemos que quanto mais somos submissos a este tipo de governo, mais teremos prejuízos com eles.

Neste meio tempo, o senhor Gaston, junto com Amantká, não evitavam esforços de levar pão e água para os necessitados que

circundavam a igreja. Hábito que todos os domingos se presenciava naquelas terras. Em seguida, os grupos foram se dissolvendo e a praça em frente ao templo ficou com poucos transeuntes, incluindo Pellenova, que ficou a ajudar certas senhoras doentes a procurar ajuda financeira e materiais para curativo de suas feridas expostas ao vento e ao sol.

Tudo terminou em poucos minutos e o grupo do senhor Gaston se dirigiu para sua residência. Já passava das 12 horas e o almoço estava pronto para a chegada dos convivas. Após cerca de duas horas, bateu à porta um emissário da prisão, anunciando que o senhor Luderov desejava ver sua esposa Pellenova e a amiga Amantká, porque não tinha passado bem a noite e gostaria de tê-las por perto alguns minutos.

Momentos de aflição tomaram conta do semblante das duas senhoras e, imediatamente, pegaram suas vestes e partiram rumo ao calabouço onde se encontrava o prisioneiro. Antes, ficaram sabendo, durante a missa, que um importante cardeal havia chegado à cidade, proveniente da Catalunha. Provavelmente, se tratava de Lucena, parente de Luderov, que viera de terras distantes da Espanha com a finalidade de participar de um certo julgamento que se aproximava.

Luderov esperava ansiosamente por este momento, pois seria primordial a confirmação do Bispo da Catalunha a respeito do seu parentesco com ele, pois, caso contrário, seria definitivamente condenado por omissão e falso testemunho perante a corte de acusação. Já bastaria o que lhe recaía nos ombros, a falsa titulação de bruxo e mago. Nenhuma coisa e nem outra. Era simplesmente Luderov, das regiões dos Balcãs, à procura de um lar feliz, que se encontrava naquela situação somente porque defendeu um povo primitivo que buscava terras para sobreviver.

Chegando à prisão, foram conduzidos pelo carcereiro Hunter, que já se acostumara com as visitas a Luderov daquelas duas senhoras e logo disparou:

– Querem ver se o mágico Luderov fez outras revelações mirabolantes para nós? Ou vieram aconselhá-lo a desistir desta farsa e, com isso enfrentar logo a condenação pelo seu falso testemunho?

Indignadas com aquele homem, Amantká e Pellenova nada faziam,

só reprovavam tanta insolência de um servidor romano.

– Diga que estamos aqui, prontas para vê-lo.

Após o anuncio das visitantes, Luderov ordenou que as duas sigam para próximo do cárcere e aguardassem a sua permissão para ingressarem na cela, que havia se transformado em uma área até prazerosa, pois colocaram uma mesa e duas cadeiras, onde era possível sentar-se e degustar um vinho ou uma refeição pura e simples, apesar do ambiente inóspito.

Luderov as recebeu no início do corredor que levava à sua cela. Estava melhor, com aspecto mais corado e barba bem feita. Durante alguns minutos, as visitantes postergaram o seu ingresso na área, mas logo perceberam que se tratava de local limpo e bem cheiroso, e que Luderov estava bem, só aguardando a visita de seu primo distante, Lucena, que à sua época era conhecido como Williams, pessoa que dedicara sua vida à assistência aos pobres e desamparados e que para a Santa Igreja, havia cumprido sua missão de instrutor da doutrina do Mestre Jesus.

Encontro com o bispo

No encontro na prisão, Luderov questionou as suas visitantes:

– Quanta saudade, mas não posso me demorar, sei que vocês estão reunidas em casa de família simpática e o domingo serve para estreitarmos os laços com quem nos querem bem, como também serve para agradecermos a Deus por esta oportunidade que nos dá de ajudarmos os necessitados e privados das benesses materiais e espirituais.

Luderov prosseguiu:

– Sentem-se, quero lhes falar de meu plano perante a corte que irá se reunir amanhã pela manhã e terá a presença do Bispo da Catalunha, que veio especialmente para me ver e observar o que eu seria capaz de realizar extraordinariamente.

Elas sentaram-se nas duas cadeiras, na cela, e o prisioneiro começou a divagar suas ideias a respeito do futuro encontro.

– Primeiro eu irei me apresentar, e como o Bispo não me conhece pessoalmente, irei relembrar a minha infância e os relatos das terras em que sua família vivia, nos Balcãs, tudo lembrança de minha querida mãe que trazia detalhes da época em que vivíamos próximos uns dos outros, nos extremos da opulência e da miséria. No caso, eles eram bem de situação e viviam como se fossem reis, e nós na miséria de bens materiais, mas dignamente, já que nossos pais tinham uma boa influência em nossa comunidade. As visitantes se entreolharam e Amantká perguntou:

– Você nunca nos disse que tinha este parentesco com pessoas tão bem posicionadas no mundo católico.

– É verdade, nunca pensei mencionar, afinal não era interessante na época, mas agora é fundamental para que eu possa sair daqui.

Pellenova perguntou:

– Querido, isto é mesmo verdade?

– Claro que é, afinal vocês não confiam em mim?

– Confiamos, sim, mas receamos que você estivesse inventando tudo aquilo.

– Em parte, sim, inventei somente que minha prima havia conhecido

este primo distante. Na verdade, ele descende de amigos da minha prima, mas que no final tinham certo parentesco, pois os laços de amizade das famílias já os tinham transformado em parentes, compreendem?

– Não estamos entendendo, são parentes de sangue ou não?

– Sim e não, responde Luderov.

– Como assim? – pergunta Pellenova.

– Sim, somos por meio do amor de famílias que se unem e se gostam, e não porque eles não são nossos primos de verdade.

Pellenova caiu em choro compulsivo, pois aquela situação não era verdade absoluta, e Amantká a consolou com toda a sua piedade.

– Não chores, ele irá compreender que no fundo somos primos. A história é verdadeira, minha prima sempre foi levada em consideração de extrema amizade pela família dele.

– Ora Luderov, falou Pellenova, você vai ser condenado, a não ser que este Bispo tenha extrema compaixão com o seu caso.

– Bem, é isto que eu espero, que ele me considere um aparentado seu e me liberte. Afinal o que tenho a perder?

As duas se retiraram da frente de Luderov e pediram para Hunter as acompanhar até a saída do calabouço.

Luderov solicitou para que elas permaneçam ali, mas, irredutíveis, elas partiram em retirada, subindo a escadaria que separava o nível do outro superior. Luderov, desolado, repensou no que fizera. Não estou mentindo, pensava ele, é meu parente sim, e ele vai acreditar na minha história.

A noite passou, lentamente, e Luderov não conseguia conciliar o sono, pensava na sua mãe, em seus parentes e na sua vida até ali e não queria admitir que sua liberdade estava ameaçada por demais com aquela hipótese de parentesco com o antigo padre.

A manhã surgiu bela e forte com os raios solares anunciando o dia. Como de costume, o prisioneiro fora bem alimentado e passou a usar trajes bem preparados, afinal iria encontrar parente seu da mais alta estirpe da Igreja. Calçou botas bem lustradas, e o carcereiro já não aguentava ver o prisioneiro se gabando da sua situação de bom servo de Deus.

Sim, ensaiara alguns dias um discurso de plena convicção sobre os

dogmas da Igreja. Deram-no o ultimato que em breve uma carruagem iria apanhá-lo e seria escoltado por dois guardas, designados pela comissão que iria recebê-lo para o devido entendimento com o bispo. Se eram parentes, logo iriam se reconhecer e trocar abraços mútuos e deixariam todos aliviados de que não seria um impostor.

Ao chegar à Basílica, fora imediatamente levado ao salão do encontro e, sem ninguém perceber, deixou cair um pedaço de papel onde dizia que o bispo era na verdade parente da sua prima Eurídice. Logo aquele papel fora recolhido por um transeunte que iria assistir ao encontro histórico. Somente alguns nobres foram convidados para testemunhar o encontro familiar, afinal a discrição era a marca daquele momento.

Feitas as apresentações na comissão, adentrou ao recinto de julgamento o Bispo Lucena, da Catalunha, cheio de pose e com uma postura de imperador. Todos se levantaram em respeito àquela autoridade e foi anunciado que, a partir daquele momento, dariam início ao congraçamento da reunião do Bispo com um parente seu, que fora acusado de heresia. Luderov, sentado em um canto do salão, foi autorizado a comparecer à frente do Bispo e aí se deu a surpresa.

– Quanto tempo meu amigo, disparou o Bispo. Sim, quantas saudades de nossa infância, relatou, para a alegria de todos e alívio de Luderov.

– Sim, tenho saudades de nossa infância, afinal tudo passou muito rápido que, quando notei, Vossa Excelência já havia partido para terras longínquas.

– Claro, isto faz muito tempo, afinal éramos crianças e nossos pais já não estão aqui para reunirem conosco. Eles foram nossos primeiros orientadores.

Deram-se um abraço prolongado.

O interrogatório

Durante o sermão que se iniciou logo após os cumprimentos entre Luderov e o Bispo, os demais presentes sentaram-se próximo ao réu e começou o interrogatório. O senhor Promout iniciou:

– Senhor Luderov, sabemos que tem influência no nosso clero, mas, deixando isto a parte, me responda como o senhor aprendeu a ser um bruxo?

– Não aprendi e não sou bruxo, apenas houve uma coincidência da minha presença em um evento em que o sol foi encoberto pela lua. Somente este fato não pode me incriminar.

– Muito bem, então diga como pôde influenciar um grupo de canibais a segui-lo até a cidade Prestes para se instalarem nessas terras?

– Foi simples, eles não tinham mais o que comer e fui apenas o guia deles, para fugir da fome, já que o Vesúvio explodiu e levou muita poeira para a região.

– Muito bem, se o senhor negar esta pergunta, poderemos encerrar o seu caso. O que me diz de sua amiga Amantká, proveniente da tribo primitiva, será que é ela que fala com os mortos ou é o senhor?

– Luderov, pensativo, olhou para o Cristo na madeira e respondeu:

– Bem, senhor, ela tem um dom de ver os mortos, mas eu nunca a vi realizar algum evento de magia.

– Então você admite que é ela que vê e fala com os mortos?

Por esta pergunta ele não esperava, afinal, dependendo da resposta, quem iria ficar na cadeia era Amantká e ele seria responsável por tal injúria.

– Sim quero dizer, não, ela tem um dom, mas não usa, nunca a vi usar.

– E como o senhor sabe que ela tem este dom?

– Durante um inverno a ouvi dizer que poderia se comunicar com os mortos caso ela fosse solicitada, mas nunca via acontecer.

– Blasfêmia! – o inquisidor gritou. – Ele está mentindo. Ela tem o poder e não ele?

– Quero dizer que nem eu e nem ela tem algum poder.

– Prendam-na e tragam-na aqui para podermos esclarecer.

Luderov ficou acanhado e disparou:

– Está bem, sou eu que tenho este poder.

– Ah, agora sim, estamos lidando com um homem de verdade.

Nisso o Bispo da Catalunha pediu a palavra.

– Vemos que meu parente diz a verdade, sugiro que este interrogatório pare por aqui, afinal ele já disse que tem um certo poder, para mim inócuo, afinal, muitos dos nossos da Igreja já se comunicavam com estrelas celestes que passaram por aqui, e o próprio Cristo já havia se transfigurado para falar com os mortos. Não vejo mal nisso, afinal ele já disse que em raros momentos presenciou as almas próximo a ele e com certeza elas precisam de muita oração. Encerremos por enquanto os debates até o início da tarde, me dando a oportunidade de conversar com meu amigo e parente.

Todos se retiraram e ficaram somente um nobre que encontrou o papel que afirmava o parentesco da prima de Luderov com o Bispo e os guardas do Clero.

– Vejo que permaneceis aqui e que desejas arguir o chefe da guarda.

– Quero apenas mostrar este bilhete sem assinatura, mas que confirma o parentesco do senhor Bispo com o prisioneiro. Acho que não resta dúvida sobre o fato.

– Muito bem, vou levar este bilhete para o senhor inquisidor e ele apreciará a confusão.

– Certo, então voltarei mais tarde.

E eles se despediram, cordialmente.

Num recinto próximo, Luderov aguardava a chamada para entrar na sala em que estava o Bispo da Catalunha.

– Entre, senhor Luderov, solicitou o guarda.

Ao entrar, percebeu o Bispo em atitude discreta em um longo sofá.

– Entre, meu filho, e sente-se, estamos pensando no que fazer com você.

– Sim, Sua Graça, vim aqui suplicar-lhe perdão se houve algum mal-entendido.

– Não diga isso, resolvi aceitar vir até aqui para provar que toda a minha vida fora dedicada aos pobres e aos deserdados da terra. Não poderia deixar um homem em sofrimento agonizar por seu infortúnio,

mesmo que ele estivesse praticando a falta de verdade. Entendo que o desespero pode levar a essas atitudes, mesmo que a verdade venha depois à tona, o que um dia, certamente, virá. Mas o que de tão grave você fez?

Então Luderov, ao ouvir isso, resolveu contar os fatos, pois passou a confiar no Bispo. Falou de seu passado, de sua prima e de seus parentescos; comentou da sua vinda dos Balcãs em direção a essas terras promissoras, da sua mulher e filhos, e que, por aventura, tinha participado de uma caça humana aos assassinos que maltratavam a região. Relatou de seu cativeiro até chegar de volta a seu vilarejo. Assim passaram-se algumas horas até o Bispo interromper e pedir para explicar.

– Então, você é uma espécie de imã que traz energia para este povo zumbi que, se não estiver por perto, eles voltam a sentir dores de feridas na pele.

– Sim, senhor, não sei como acontece, mas é a pura verdade.

– Muito bem, meu jovem, como seu confessor entendo que esta verdade não seja dita, já que o que acaba de me relatar certamente o conduzirá à fogueira, pois é a acusação mais próxima de um bruxo verdadeiro. Mas como a minha idade já não permite aventuras e sacrilégios, deixarei a tua consciência te conduzir. Quanto a mim, acertarei agora que o liberte e o devolva para o convívio da tua família e de tua tribo primitiva. Votarei pela tua liberdade. Quanto a tua prima que em minha infância distante me conheceu, reporto-lhe que a amei muito e por isso também o libertarei.

Testemunho

– Williams! – gritava Everalda, venha me visitar, meus pais vão adorar ver que nós conversamos pela manhã.

– Está bem, vou vê-la no início da tarde.

Com estas palavras o herdeiro de uma vasta fortuna em forma de terras e poder se despediu de sua amada.

Eram dias de primavera e a região dos Balcãs se tornava florida, os rios e córregos, antes meio congelados, passavam a ter uma temperatura mais agradável para um provável banho; os pássaros já cantavam de forma esfuziante doces melodias que anunciavam as belezas daquela natureza brilhante. E o amor entre a vida e o céu era pronunciado cada vez mais por casais apaixonados, como a prima de Luderov e o futuro Bispo. Tudo parecia perfeito até que chegou o dia em que Williams, já nos seus dezessete anos, foi convidado a participar de um enfrentamento entre pessoas que queriam arruinar a vasta fortuna da sua nobre família.

Parecia que aquilo se resolveria em poucas semanas. Ele logo apressou-se a marchar com seus convivas para a frente do conflito, mas sua mãe, muito católica, ordenou que ele deixasse a sua guerra e fosse se atar com Cristo Jesus, pedindo a paz e o perdão incondicional de suas más atitudes. Com isso, o jovem lutador passou a orar pela paz em sua família e em sua cidade, e logo obteve uma resposta excepcional;

– Venha conviver conosco, dizia uma voz que não parava de ressoar em seus ouvidos. Venha e serás feliz. Não durma neste travesseiro de glória e sim venha viver na alegria do Senhor Jesus. Ele te chama.

E com este convite, Williams decidiu procurar um padre e logo se confessou sobre as palavras que recebera.

– Sim, meu filho, deves procurar a casa do Senhor, disse o padre. Vem até nós e mostraremos o caminho da paz que tanto procuras. Larga tua família e vem nos acompanhar nesta alegre caminhada ao cume da paz. Deixa tudo que preservas para traz, namorada e família, mas traz a tua humildade para te acompanhar. Já se foram quarenta e cinco anos de atividade religiosa, deixei meus pais e irmãos e, na

minha despedida para o mosteiro, me vi acompanhado da tua prima que, entre lágrimas, beijos e abraços, prometeu eterno amor a minha pessoa. E aqui estamos, frente a frente, um parente distante de Everalda com uma história mais que fantástica a me relatar.

Ouvindo isto, Luderov se emocionou ao percebe que o velho Bispo tinha saudades de sua prima, talvez um único amor na sua juventude.

– Bem, meu rapaz, temos um dever a fazer, logo reiniciaremos o teu julgamento e espero que esta última confissão que fizeste perante o tribunal não seja levada em consideração. Logo proporei tua liberdade e retorno aos teus. Volte e espere, irei conversar com os inquisidores e darei a seguinte ordem: porei fé de que este homem diz honestamente tudo que referiu, portanto, sua fé em Cristo é verdadeira e sua intenção de dar um testemunho é verdade. Sugiro que o preso Luderov seja libertado e a acusação de que lhe cai seja retirada por falta de provas e para que ele possa professar a fé que tanto é singular portador.

Dito isso, o Bispo da Catalunha convidou Luderov a se retirar do recinto e aguardar do lado de fora a sua convocação para entrar no grande salão de julgamento.

Minutos depois, Luderov foi informado que seu parente, o Bispo da Catalunha, teve um mal súbito e passou a pronunciar palavras de perdão a Deus e, em seguida, ele sucumbiu à sua idade e à sua vida.

Foi-se embora para outro mundo o amigo e confessor de Luderov, deixando todos os presentes revoltados com tal cena e passaram a alegar que os acontecimentos foram devido à emoção que o Bispo tivera em encontrar um parente distante que há muito não via, tudo confirmado por um bilhete anônimo que fora deixado no salão de julgamento.

A sessão foi suspensa para que os restos mortais do religioso fossem devidamente transportados para capela próxima e velado pelos seus pares da Igreja.

Luderov caiu em desespero e chorou pela perda de seu confessor que mal conhecera. Foram palavras belas e ensinamentos precisos que recebera. Certamente, a compaixão demonstrada por aquele homem, Luderov nunca presenciara antes e deixou marcas nos pensamentos dele.

Muito rebuliço e aglomeração se seguiu, todos queriam testemunhar aqueles fatos que trouxeram a consternação para o clero. Luderov, parado em frente ao corpo que jazia, ficou em perfeito respeito ao luto da Santa Igreja. Três dias depois, mesmo não querendo ausentar-se da prisão, Luderov teve a sua liberdade decretada perante os protestos do Senhor Hunter que, em momento algum, acreditou naquele parentesco com o Bispo. Justo naquele dia em que ocorreria o enterro definitivo do padre da Catalunha, em respeito ao seu último pedido de libertar e perdoar o preso, entendido que seria Luderov.

E assim foi procedido. Tristeza e consternação à parte, Luderov, já solto, foi à procura de Amantká e Pellenova. Ao chegar à propriedade do senhor Gaston, recebeu a notícia de que as duas hóspedes regressaram a suas terras já fazia dois dias e que sem saber o porquê, o deixaram ali para trás. Será que elas não o perdoariam pela sua meia verdade? Não saberia até chegar de volta a Prestes. Pediu moedas emprestadas ao senhor Gaston e partiu rumo ao Vesúvio, o que demandaria alguns dias de viagem, tempo suficiente para pensar em tudo aquilo por que havia passado. Uma coisa era certa: estaria decidido a falar toda a verdade a quem quer que seja e, a partir dali, assumiria todas as responsabilidades pelos seus atos. Era assim que imaginava.

A viagem de volta

Durante a viagem de volta, dentro da carruagem de aluguel, vinham mais três pessoas acompanhando Luderov. Homens com más ideias a respeito da região aonde iriam chegar. A certa altura um deles mencionou que a área era repleta de canibais, provenientes de tribos há muito esquecidas da comunidade local, mas que em certo momento foram localizadas e agora acampavam próximo ao vilarejo para onde iriam.

Seria necessário tomar cuidado para que não fossem alvo desses primitivos. Luderov aprontou um discurso em sua mente, mas foi incapaz de falar algo, porque aquela conversa tomou outro rumo. Será que todos já sabem deste grupo de primitivos? indagou Luderov. Sim, eles já eram conhecidos de várias pessoas, as notícias corriam com uma velocidade espantosa. Em certo trecho da viagem, Luderov perguntou ao cocheiro:

– Quando iremos parar para pernoitar?

– Em breve senhor, pois temos que aproveitar os últimos raios de sol para adiantar nossa viagem, respondeu.

Impaciente ele resmungou.

– Nossa! Tanta poeira nessa estrada e não temos hora para parar?

Ouvindo isso, um dos viajantes questionou:

– Para onde vais, para Ludugo ou para Prestes?

– Prestes, senhor, lá tenho minha família a me esperar.

– Ótimo, porque tenho o mesmo destino: aliás, tenho vários negócios na região, mas com esses boatos de magia, bruxaria e sortilégios correndo entre os habitantes, só os negócios não têm prosperado, tudo afugenta as pessoas e os moradores. Dizem que um grupo de zumbis estaria assustando as pessoas de boa índole, ademais outros trabalhadores estariam procurando novas áreas de morada.

– Sim, ouvi vocês falarem hoje cedo, mas não seriam seres humanos necessitando de ajuda e apoio da comunidade?

– Não, eles são zumbis, matam e comem gente, entende?

– Sim, ouvi falar do que eles fazem, mas acho tudo isso muito estranho, porque há muito tempo este povo se tornara com um grau

de civilidade.

– Quem ouviu falar disso, na verdade não tem tido contato nenhum com estas paragens e não acredita em Nosso Senhor Jesus Cristo, que abomina tais práticas de agressão.

– Dizem que este povo tem o hábito de ficar gritando, dançando e fumando próximo à área central da cidade. Ficam invocando seus deuses e, além disso, pedem diariamente para que o administrador da cidade procure por um homem que seria um dos líderes deles, para libertá-lo das algemas e que ele se encontraria enfrentando os tribunais da Santa Inquisição. Esta é a verdade, primitivos perturbando a paz local e além de tudo provocando as autoridades para barrar um bom comércio, pedindo a liberdade de seu líder. Me contaram que este homem era um trapaceiro que há muito se juntou a eles e que de repente passou a liderá-los por falta de honestidade, e a conduzi-los em práticas delituosas que vão desde roubo de terras até sedução de mulheres casadas. Isto, sim, é um crime bárbaro, usar as suas bruxarias para atrair a mulher alheia e depois ainda roubar todos os seus pertences.

– Jovem, vou lhe contar uma coisa, falou Luderov. Eu nunca ouvi tanta fantasia como a que você acabou de me contar.

– Você está debochando de mim? Acha que minto?

– Não, acho que lhe contaram uma história fictícia, sem sentido. Como este povo deve achar meios de sobreviver?

– Não sei, mendigando, já que não sabem fazer nada.

– Verdade, mas se não fazem nada é porque eles têm algum tipo de trabalho para se sustentar.

– O trabalho deles é ficar o dia todo procurando caça na região. E isso um dia acaba.

– Tudo bem amigo, deixemos estas observações de lado e vamos logo para a prática. Deixe eu lhe reportar uma coisa: este povo já foi um dia canibal e hoje eles lutam pela sua sobrevivência. Sei disso porque antes de viajar participei de negociações para que conseguissem um punhado de terras para sobreviver. O caso é que as próprias pessoas da cidade não aceitam ajudar um irmão necessitado; digo isto porque a única ajuda que este povo recebeu foi de um grupo de moradores ávidos de gente para ajudá-los em sua criação de cabras e ovelhas,

deixou permanecerem em suas terras em troca de trabalho e um pouco de comida. Orava todos os dias para que o senhor Pauler convencesse a comunidade a aceitar aqueles zumbis e nunca obtivemos a certeza de que isto aconteceria.

De repente, a carruagem parou e o cocheiro anunciou que dormiriam ali, pois ainda demandaria mais um dia de viagem até a localidade de Prestes. O senhor que dialogava com Luderov ficou surpreso com tal versão dos acontecimentos e logo que possível foi comentar com os outros companheiros de viagem e observou.

– De quem se trata este senhor? Será ele um deles, que defendem os zumbis?

A resposta para esta pergunta viria em forma de amadurecimento das ideias.

E Ele falou, disse Luderov: "Deixai vir a mim as criancinhas". O Mestre Jesus referia que as crianças eram os pobres de conhecimento, os inocentes, os que são vítimas da dureza dos corações humanos; eles, os humildes de pensamento, os desprotegidos, os necessitados de carinho e afeto, os que não têm o óbolo para ofertar, ou seja, os que precisam de outros e só encontram miséria nas ações dos homens. Portanto, perdoem estes zumbis. E digo mais: abram seus corações para pedir ajuda para eles sobreviverem e verão que, pela sua consciência, ficarão mais leves e em paz.

Conversas na carruagem

O sol apareceu radiante, com uma beleza incomum, havia cores vermelho escuro e pequenos raios amarelos citrinos a anunciar a chegada de mais um dia. Luderov dormia pesado e durante o sono fora visitado por benfeitores espirituais que, prevendo a chegada de volta à sua cidade, certamente iria ser recebido com festa pelos zumbis e seu povo, e com tristeza pelos moradores de Prestes. Na conversa com o espírito luminoso, Luderov fora alertado das desconfianças que iria ter de enfrentar no seu retorno.

Disseram que sua persistência em unir os dois povos seria coroada com as bênçãos dos céus. Já eram seis e meia da manhã e todos os viajantes se prepararam para embarcar na carruagem, quando o cocheiro anunciou a presença de um morador de Prestes que queria retornar com o grupo. Ele estava próximo quando ouviu o veículo chegar de noite e armar acampamento para pernoite. Seu nome era Fontan, jovem esbelto que parecia um lorde em suas ações. Embarcou por último e disse ao cocheiro que em breve ficaria próximo da cidade de Prestes, na qual era possuidor de fazendas herdadas de seu pai. Disse que contrataria trabalhadores para incentivar as plantações de milho que pretendia erguer assim que chegasse. Luderov, ouvindo isso, logo se aproximou deste pseudo-nobre e disse:

– Amigo, estás precisando de quantos trabalhadores?

– Uns trinta; minha plantação será modesta, mas à medida que expandirmos terei necessidade de mais.

– Muito bem, pois tenho conhecidos interessados no trabalho, inclusive eu.

– Não me diga, sabes plantar e colher?

– Claro, sempre convivi com isso, meus pais me ensinaram esta arte.

– Pois bem, assim que chegarmos dir-lhe-ei meu endereço e espero que me leves estes trabalhadores amanhã bem cedo. Não vejo a hora de trabalhar nestas terras.

– Tudo bem, e quanto ao pagamento?

– Serão pagos justamente ao final de cada dia.

Os dois apertaram as mãos e ficaram em distância suficiente para

novas observações sobre a viagem e assuntos diversos.

Acertei trabalho para todos, pensou Luderov, mas sabia que só aquilo não era o suficiente, pois havia vários membros da tribo, já idosos, que certamente não conseguiriam trabalho fácil. Eram quase rejeitados.

Amantká não tivera um bom sono. Pensou muito na situação, que logo traria Luderov de volta e como recebê-lo, depois que presenciou a sua meia confissão: só faltou dizer que era parente de algum príncipe da região. Custou a dormir, mas seu espírito também fora visitado pelos mesmos mensageiros do além, que a induziram a ter compaixão por Luderov, porque ele seria um redentor daquele grupo. Traria justiça para aquele povo. Não tardaria, e sua chegada logo seria anunciada na cidade.

Ao acordar, Amantká ficara pensando que seria necessário dar apoio a Luderov e não o rechaçar. À noite, Pellenova já fora visitada por outros mentores diferentes dos de Amantká, mas que trouxeram a paz para os pensamentos agitados da pobre senhora. Enfim, a espiritualidade trouxe alento àqueles corações amargurados pela decepção que Luderov proporcionou. Era meio-dia e a carruagem continuava sua viagem, em meio a uma tempestade; logo a estrada irregular e esburacada virou lama, com mais dificuldade para prosseguir viagem, e todos tiveram que saltar do veículo e ajudar a sair de um atoleiro. Era mais de uma hora e nova parada foi feita, para beber algo e providenciar uma rápida refeição em estalagem próxima da estrada.

O cocheiro já conhecia os proprietários do local. Foram servidos vinho, carnes frescas, assados caçados na região. O grupo agradeceu e partiu para concluir a viagem. O interlocutor que discutira com Luderov no dia anterior perguntou:

– Sabe, já estamos chegando a Prestes. Por acaso, você é morador ou visitante?

Luderov olhou e disse:

– Bem poderia dizer que sou morador temporário desta vila. Tenho família lá, como já disse, mas há necessidade de se visitar povoados distantes.

– Como o senhor sabe, há os zumbis e vejo que sabes muito o que

ocorreu por lá.

– Verdade, ouvi as histórias e presenciei outras, respondeu Luderov.

– Então senhor, me responda uma coisa: se não és morador de lá, como sabes que estes zumbis são povos primitivos melhorados?

– Porque convivi com eles, e digo que sou a pessoa que eles esperam para libertá-los, pois sou aquele de quem vocês vinham falando ontem.

Ao ouvir isso, houve uns resmungos no interior da carruagem.

– Praga! – gritou um dos viajantes. Como podemos viajar com um zumbi? Cocheiro pare! Vamos expulsar este homem!

Verdadeira confusão se instalou no interior do veículo e após parar a carruagem, iniciou-se um bate-boca acalorado, inclusive com desaparto por parte do quase nobre, que intercedeu a favor de Luderov.

– Parem! Esta discussão não vai levar a lugar nenhum, falou Fontan. Este homem não é um zumbi, apenas conviveu com eles: ademais, ninguém sabia a verdadeira versão. Sabemos que o administrador de Prestes é astuto e só quer levar vantagem em todos os negócios. E os senhores, como comerciantes, sabem de que estou falando.

– Tudo bem, deixem-no! – disse um dos viajantes.

Os ânimos se acalmaram e a carruagem pôde prosseguir com a viagem.

"Bendito seja aquele que em nome do Senhor ajuda um daqueles pequeninos", pensou Luderov.

A chegada à cidade foi coroada com safanões e impropérios contra Fontan e Luderov. Logo a cidade presenciou o retorno daquele personagem que tinha ido a julgamento pela Igreja e retornou para agitar aquela cidade.

Novas propostas

Ao chegar à praça central da cidade de Prestes, Luderov inspirou profundo e, sob o sol do meio-dia, falou baixo: a partir de hoje serei um novo homem, serei honesto e não deixarei minha família se envergonhar de mim. Direi sempre a verdade, farei com que todos olhem uns aos outros como verdadeiros irmãos em Cristo, em fraternidade. Direi a todos que a vida nada vale sem o amor entre as pessoas, falarei que o ódio e a vingança nada valem, e que durante o sono dos justos, mais vale a consciência tranquila do que o desequilíbrio do ódio, do desamor e das falsas paixões a que podem levar.

Durante o sono dos jovens, cheios de sonhos, lhes direi, ame o seu próximo e não olhes para trás, não penses no antigo ódio entre vizinhos.

E assim Luderov percorreu o centro da praça até a igreja, bateu à porta da sacristia e foi recebido pelo pároco.

– Você, aqui? Não estava preso na Santa Inquisição?

– Não, estou de volta, padre, e peço perdão por todos os meus pecados, minhas faltas e meu desamor. Perdoe-me se um dia tive vingança no coração e falta de zelo com minha família. Perdoe minhas desavenças.

– Mas não posso perdoar-lhe, você trouxe esses zumbis para a cidade.

– Perdoe a eles, por serem primitivos e ignorantes. Os seus atos, as suas faltas e a sua falta de consciência no bem.

– Eles não são de se dar crédito, falou o padre.

– É que eles não sabem contar, não sabem que o bem leva ao bem, não sabem quem é o Cristo. Peço-lhe uma chance para que eles sobrevivam aqui.

O padre pensou e respondeu:

– Está bem, daremos esta chance, mas não fale a ninguém, deixe que nas minhas orações e nas próximas pregações darei o aval para que eles possam se integrar à comunidade. Mas isso só após você iniciar uma catequização com eles, ainda ignorantes das verdades de Jesus

Cristo.

Eles se despediram e Luderov voltou a caminhar pela praça em direção ao centro da cidade. Queria que todos o vissem, lhe atirassem pedras, lhe dissessem palavras degradantes, pois também merecia tudo isso. Foi aí que o povo começou a abordá-lo.

– Que queres aqui? – volta para tua terra e teu povo.

– Não posso, pois, esta terra também é minha, é dos colonos e dos judeus, dos protestantes e dos católicos, dos zumbis e dos não zumbis.

Dito isso, o povo começou a escarnecê-lo com perguntas ofensivas e deixaram-no em paz consigo mesmo, pois havia pregado a paz entre os povos.

– Louco, gritou um morador, volte para os zumbis.

– Não sou louco, e sim um pastor de almas perdidas.

– Você não é ninguém, volta para teu povo, gritou o outro.

Luderov caminhava calmamente pelas vielas de Prestes e, em dado momento, baixou a cabeça e venerou uma imagem de Jesus Cristo posta na porta de uma casa: "Mestre, fazei de mim um instrumento da vossa paz".

Luderov delirava com aquele calor. Fazia tempo que a temperatura subia ao final da tarde e ele decidiu voltar para a tribo dos zumbis. O alvoroço tomou conta do lugar. Otká veio recebê-lo e após um forte abraço, comemorou:

– Bem-vindo à nossa tribo, estávamos esperando você, disseram que tinha voltado e que estava pregando a paz na praça.

– Sim, amigo, voltei e agora preciso falar com todos vocês. Cadê Oramis e Amantká?

– Deixaram o local há pouco, foram em direção dos túneis e disseram que iriam esperá-lo por lá.

Luderov correu para os túneis e, ao entrar, havia um pequeno altar rústico formado com pequenas oferendas de pelos de animais, sangue e pedras da região. Foi convidado a sentar e ouvir Amantká falar com os espíritos.

– Diga o que desejas? – perguntou o espírito.

Oramis questionou:

– Queremos a paz. Como alcançá-la?

– Deixarás o filho do trovão falar, levando os teus, junto com o guia

branco para longe destes túneis. Deixe ele fazer as pazes com os outros povos e verás que sua missão será de uni-los.

Após dizer isso, Amantká desfaleceu e a comunicação foi perdida.

– Oramis, deixe-me ajudá-los, temos que voltar para a região próximo a Prestes. Arrumei dignidade para vocês, é um trabalho na lavoura, só assim poderão ter suas terras, comprá-las.

– Está bem Luderov, tentaremos sair daqui e realizar as tarefas que nos propõe.

Ao acordar, Amantká nada lembrava do que havia ocorrido.

– Amantká, disse Oramis, leve Luderov para sua tenda e aguarde novas chamadas.

Foi assim que ela procedeu.

Venha, Luderov, até minha tenda para relaxar.

Com esta ordem ele foi acompanhando-a, então disse:

– Obrigado Amantká, sei que errei em não dizer toda a verdade, mas agora preciso de sua ajuda. Preciso que converses com a Dama de Branco e diga que vou precisar de ajuda para unir estes povos: de um lado os zumbis e de outro, estes humanos menos selvagens.

– Muito bem, Luderov, disse Amantká. E como pretendes fazer isso?

– Primeiro, pedir ajuda aos céus e depois ajuda entre os homens da terra.

– Não será suficiente, diz Amantká.

– Não será difícil com a ajuda de Nosso Senhor, pois ele colhe onde não planta e sua palavra nunca passou.

A identificação

Era primavera e os raios solares faziam um colorido especial ao passar pelas nuvens e fumaças que saíam próximo à mata. Arvoredos verdes tinham uma tonalidade mais esverdeado do que eram somente com a ação do sol. Luderov e seus amigos já tinham se levantado e preparavam um grupo de vinte e cinco homens fortes para iniciarem os trabalhos na lavoura do senhor Fontan, homem de negócios, que herdara do pai vastas terras para plantio.

– Hoje teremos a chance de iniciar um novo trabalho, comentou Luderov. Espero que todos os homens sejam aprovados, pois precisamos trabalhar para nos sustentar.

Oramis, o mais velho, pediu a palavra.

Os deuses estão a nosso favor, tragam a carne da última caça e faremos uma homenagem ao deus sol que interceda por nós.

E após um pequeno cântico, o pajé da tribo faz seu penacho tocar nas cabeças dos homens.

– Agora podem ir e tragam boas novas.

O grupo se deslocou em silêncio em direção a Prestes e depois à fazenda de Fontan. Apenas alguns comentários eram feitos por Luderov a Otká, que resolveu acompanhar o grupo com uma escolta de cinco guerreiros.

– Luderov, você acha que já estamos curados, pois desde que você nos deixou algumas feridas formaram nos nossos corpos, mas outras desapareceram.

– Acredito que vocês estão quase curados, falta pouco.

– Sabemos que com sua presença ficamos melhores. Isto não é coisa de magia? – indagou Otká.

– Talvez, não sei explicar, fique próximo de mim e veremos se essas feridas não vão sumir completamente.

Otká, reticente, disse:

– Está bem, irei acompanhá-los mais próximo até o rio que corta a cidade e depois voltaremos para a tribo a fim de fazer mais poções mágicas.

O grupo se desfez ao chegar próximo à colina em que a água caía no

rio que cortava a cidade.

– Adeus, disse Luderov, e o grupo de trabalhadores continuou a caminhada até as portas da fazenda.

– Entrem, disse Fontan, e o capataz irá mostrar qual é o local onde irão trabalhar.

Luderov acompanhou o grupo e disse a Fontan:

– Senhor, aqui deixo este grupo de homens sob o seu cuidado. São vinte e cinco dos nossos melhores trabalhadores.

– Deixe-os e após o trabalho lhes darei comida. Se quiserem um abrigo para morar aqui, podem trazer suas esposas, temos espaço para uns cem trabalhadores, só que por enquanto não posso absorver a todos.

Luderov se retirou satisfeito com a proposta, tentado a trazer a metade da tribo para aquele lugar. O dia estava com o sol já nas alturas e, de repente, passou à sua frente a figura de um dos componentes da tribo. Pedia ajuda, pois em suas andanças pela mata se perdera. Era um garoto de seus quinze anos, Orianto, que já falava a língua dos moradores de Prestes e tinha inteligência privilegiada. Luderov o interrogou:

– O que fazes aqui? – estamos a algumas léguas da nossa tribo.

– Vim a procura de trabalho, mas minha mãe me disse que eu sou pequeno demais.

– Quantos anos você tem? Já tem alguma experiência com este tipo de trabalho?

– Tenho quinze anos, mas meus amigos dizem que eu tenho mais de vinte anos, pela maneira de me expressar.

– Sabe dizer quantas casas são necessárias para abrigar cem pessoas, perguntou Luderov.

– Na minha conta, umas oitenta casas; muitos dos nossos não estão juntos ou não tem filhos.

– Está bem, irei pedir uma audiência com o senhor Pauler e solicitar que dê condições dignas de trabalho para o restante de nós.

Mas o trabalho que Luderov estava precisando era o mais difícil. Queria unir os povos em torno de um ideal. Era a sua missão: torná-los mais dignos e fraternos. Ele achava que somente com o discurso do padre ainda não seria suficiente para que todos se amassem e se

respeitassem.

Naquelas épocas distantes e selvagens era difícil convencer um grupo se fundir a outro, a não ser se houvesse muitos interesses. Luderov se aproxima da casa do senhor Pauler e diz que precisa marcar um encontro com ele. Pauler recebeu Luderov de forma amistosa e pediu para ele:

– Por que não deixam nossas terras e vão para a região dos alpes, com chance de uma boa caçada; há animais que ficam soltos nos extremos desta terra.

– Porque queremos ficar aqui com vocês.

– Temos por objetivo deixar estas terras produtivas. Deixe-nos ficar em paz e não vamos disputar nosso jantar ou almoço. Teremos motivos para abandoná-los.

– Senhor Luderov, já que querem desta maneira, reunirei todos em praça pública e perguntarei se pretendem deixar o povo zumbi permanecer nas nossas terras ou pediremos mais uma vez que saiam daqui.

Luderov, em um repente, observou Pauler e seu gesto, e percebeu que Otká tinha traços parecidos aos de Pauler.

– Senhor Pauler, como veio parar aqui?

– Ora, fui adotado por um casal que morava próximo ao Vesúvio e depois me trouxeram para terras romanas, onde fui educado como um verdadeiro Cristão.

– Mas o senhor já soube alguma vez de onde o senhor veio, verdadeiramente?

– Sim, vim das cortes de Nápoles. Lá fiquei órfão, disseram que meus pais morreram logo após meu nascimento, pois sofriam de uma doença rara. Que engraçado, nunca os vi, só sei que em Nápoles fui adotado e fizeram minha criação em casa. Mas por que esta pergunta?

– Porque o senhor se parece com alguém de nossa tribo, inclusive seus olhos e sua boca são iguais, só falta o senhor se vestir como um deles.

– Cale-se! O que está insinuando? Que sou um primitivo como eles? Nunca. Preferia morrer a ter algum parentesco com esses animais.

Luderov sorriu e pensou consigo: este homem será nosso elo, nossa esperança, afinal, ele é um dos nossos.

O desafio

Aquele dia passou rápido, tendo os homens retornado à tribo após o primeiro dia de trabalho. Estavam cansados, mas alegres, e chegaram cantando as canções que traduziam a paz nas suas vidas.

Pauler, o administrador, passou o restante do dia preocupado com a possibilidade dos moradores de Prestes suspeitarem que ele descendia da tribo zumbi. Isso era uma inverdade para ele; tudo não passara de uma calúnia proferida pelo mágico Luderov, que para se vingar de tudo que passou nas prisões romanas, inventou tudo aquilo.

Luderov, já refeito dos afazeres do dia, foi à procura de sua amada Pellenova para, enfim, pedir perdão pelas suas faltas e dizer que estava disposto a morar novamente com a família; suas mulheres da tribo e os cinco filhos gerados poderiam muito bem se virar com a ajuda da família da tribo.

– Pellenova, perdoe-me, sei que fui péssimo esposo, abandonei meu lar à procura de aventura, mas agora peço-te o perdão definitivo.

Pellenova ao olhar aquele homem em posição ajoelhada, perguntou:

– Como sabes que ainda tenho mágoa? Não percebes que somente com este gesto não decidirei pela reconciliação? Afinal, me deixaste e depois mentiste a respeito da tua família.

– Aquilo foi um erro, um mau comportamento, perdoe-me.

– Não diga mais nada. Daqui por diante observarei teus passos para mais tarde decidir, por enquanto nada mais podes fazer, a não ser se redimir dos teus erros. Vai para a tribo e desejo que penses muito a nosso respeito, pense em sua vida e na maneira como queres viver.

Luderov saiu a caminhar em direção ao povoado e encontrou o padre, que lhe perguntou como estava o povo zumbi.

– Vamos indo bem, arrumamos emprego para a maioria e todos estamos satisfeitos; só que meu povo não consegue entender os primitivos zumbis, pois acham que eles são um perigo para todos.

– Sabe, senhor Luderov, andei pensando e concluí que todos precisamos um dos outros, que somos apenas um grão neste universo e que podemos, sim, abraçar o próximo.

– Não diga, padre, mas é disso que estamos precisando, alguém que

apoie a minha causa.

– Tenho falado um pouco sobre a boa convivência entre os irmãos em Cristo e hoje, especialmente, que é a data em que Nosso Senhor adentrou em Nazaré, já próximo de Jerusalém, ainda fez o milagre de multiplicar o pão e curou alguns leprosos e doentes. Estamos na Quaresma e o jejum também revela o nosso interior, a nossa personalidade. Portanto, siga o seu coração, mas também pense na alma de seu irmão sofrido.

Com estas palavras, Luderov quase que entrou em transe e imaginou o momento em que soldados romanos entraram no seu palácio na Galileia e apresentaram junto com os sacerdotes um homem chamado Jesus. Tinha 1,85m, esbelto, cabelos longos, barba escura e olhos brilhantes, trazia uma luz no seu caminho, parecendo que algo radiava Dele. Era comovente e ao mesmo tempo inovador. Pensei que ele viera de áreas onde os homens eram bem cuidados, mas poderia ser um simples judeu.

– Tirem suas amarras! – gritou o chefe da guarda, Aurino, e tragam-no aqui. Pôncio Pilatos quer falar-lhe.

De repente, Luderov voltou de seu pensamento com um toque do padre em suas vestes.

– Estás bem meu filho? Algo se passa contigo?

– Sim padre, estou bem, somente um mal-estar, algo que senti, mas não compreendi.

– Está bem, meu filho, quando quiser conversar, me procure, acho que temos muito a falar. Não esqueça, estamos próximos da sexta-feira santa e o jejum é importante para compreendermos nossa humanidade.

O padre se despediu e Luderov toma o rumo da residência de Pauler.

– Abra a porta, Pauler. Sou eu, Luderov.

Aos poucos, o administrador abriu a porta da residência e o indagou:

– O que queres aqui a esta hora da noite? – não sabes que não recebo ninguém, até o Papa, se vier agora, o despacharei.

– Ora, senhor Pauler, não se assuste, estou aqui em paz, só tratarei de assuntos sérios na presença de outras pessoas. Mas me diga uma coisa, quantos anos você acha que tem nosso irmão Otká, o chefe

zumbi?

– Por que esta pergunta a esta hora? Não tem sentido isto.

– Deixe eu explicar uma coisa, estes zumbis que tanto são rechaçados por você e sua comunidade, nada mais são que homens primitivos que tiveram a sorte de nascer entre o céu e a floresta que tanto os ajuda. Para que ter tantos conhecimentos, se não são usados para o bem? Pelo menos, o mínimo que eles sabem, usam para sobreviver, procriar, amar a natureza e agradecer aos seus deuses. Fiz esta pergunta para ter certeza ou não que não se trata de invenção minha ou criação de pensamentos alheios. Só que o senhor é muito parecido com Otká e ele tem com certeza trinta e cinco anos, portanto, muito próximo do senhor. Ou seja, para tirarmos qualquer dúvida sobre sua descendência, deveria ficar próximo do irmão zumbi e tirar a dúvida um olhando no outro. Se, por acaso, reconhecer sua amizade naquela alma, certamente são parentes próximos. É a única maneira de tirarmos esta dúvida.

Pauler pensou e aceitou este desafio.

Traga amanhã este animal e lhe mostrarei que este zumbi não tem nada a ver comigo, muito menos com minha família.

Novas ideias

Ao final da tarde do dia subsequente, Luderov trouxe seu amigo Otká até a cidade para que Pauler pudesse vê-lo e surgiu o seguinte diálogo:

– Não estou entendendo, queres que eu fique de frente com o senhor Pauler? Para quê? Só para ele ver o meu rosto?

– Sim, para isto e para que você conte a sua história de vida, como você nasceu e como são os seus pais.

– Está bem, mas isto eu não posso contar, pois meus pais me abandonaram para o chefe da tribo me criar; disseram que uma outra criança veio ao mundo comigo e quando acontece isso, na nossa tribo, o casal é obrigado a partir com uma das crianças, pois dizem que os espíritos das crianças não podem se cruzar, que seria uma luta do bem contra o mal. No meu caso, fui considerado do bem e deixado para ser criado por outras pessoas.

– Muito bem, só isso já basta para mim, revelou Luderov.

Percorreram a praça central e se puseram à porta de Pauler.

– Chamaram-no e uma abertura pequena na porta fora feita. Era Pauler que dizia que não podia recebê-los, pois não se sentia disposto.

– Senhor Pauler, é só para o escutar em seus relatos. Ele tem muito a lhe contar.

– Não diga, o que eu tenho a falar com este animal?

– Nada de interesse dos outros, só a você e a ele.

– Está bem, como prometi, entrem, e não se demorem, pois preciso sair o mais breve possível.

– Aqui está senhor, Otká, o chefe da tribo zumbi.

Pauler observou dos pés à cabeça aquele ser, respirou fundo e disse:

– Quem são seus pais?

E Otká revelou toda sua a história. Alguns momentos depois, Otká mostra um sinal de nascença que teria no seu tórax; parecia uma pequena flor de laranjeira e, de repente, o administrador caiu para trás em um sofá próximo, com aspecto empalidecido.

– Não pode ser! Muitos anos já se passaram desde que fui encontrado por um casal, em Nápoles, que me criou e agora vejo que tenho um irmão.

Com esta revelação Otká caiu em choro e pediu para que aquilo fosse esclarecido.

– Mas o que dizer? Eu, seu irmão?

– Sim, pois também tenho o mesmo sinal, e Pauler mostra o seu, idêntico.

– Nossa! Como pode, depois de tanto tempo! – diz Pauler, perplexo.

– Não acredito que isto possa estar acontecendo!

Mas os dois irmãos se abraçaram emocionados e Otká afirmou que encontrou seu irmão sol.

Diante desta cena, Luderov se emocionou e disse que o melhor que poderiam fazer era se entenderem e, para isso poderia deixá-los por alguns momentos a sós, e foi isso que fez. Saiu e foi aguardar lá fora o término do reencontro.

Pauler perguntou:

– O que fizeste todos estes anos para ter te tornado assim, sem cultura, me entendes?

– Pouco te compreendo, só sei que tu és um irmão de sangue.

– Claro, mas as pessoas não podem saber; provavelmente arruinariam minhas chances de ser administrador de outras cidades.

– Não compreendo, tenho agora um irmão e não quer morar comigo? – interrogou Otká.

– Claro que não podemos morar juntos, afinal tenho minha família e tu tens a tua tribo.

Otká, triste, se separou do irmão e saiu em direção a Luderov que aguardava fora da casa.

– Meu irmão não quer falar comigo, disse Otká.

– Para ele tudo é novidade, deverá pensar neste assunto por vários dias e depois deverá querer vê-lo de novo; isto é comum que aconteça.

Luderov estava certo de suas convicções e assim foram de volta à tribo.

Amantká não conseguia concretizar uma ação de conversas com seus guias espirituais, e chamou Luderov e Otká:

– Há algo errado, já evoquei os guias e eles não estão se aproximando.

Vai ver que eles não estão atendendo aqui, falou Luderov.

– Não se trata disso, somente acho que eles não querem interferir no

que venha a ocorrer a partir de agora. Acho que teremos que continuar a caminhada a sós.

Otká ouviu os comentários de Amantká e interveio na conversa.

– Estamos sós, o que significa? Que não teremos mais como ficar aqui?

Neste momento, uma breve comunicação espiritual iniciou manifestação em Amantká e disse:

– Saiam o mais breve possível destes túneis, não voltem mais e tratem de aceitar os seus destinos, porque a fila para sobreviver está alta e, se voltarem, terão desperdiçado a chance de sobreviverem em regime de mais vantagem.

Aquele espírito se afastou e Amantká retornou à sua plena consciência e, de repente, começou a ver a Senhora de Branco, o espírito.

– Olhe, Luderov, é a sua amiga, que lhe acompanha.

– O que devo fazer a mais, Senhora? – indagou Luderov.

– Em seus últimos atos deverás recorrer à solidariedade dos corações para resolver a união dos povos. Deverás ser simples, mas enérgico em tuas atitudes. Vai e verás que quanto mais pedires pelos teus pequeninos mais serão agraciados com as bênçãos de Deus. Diz para Luderov que procure o senhor Pauler e proponha que teu povo se una ao dele para construírem um local único de oração, sem paredes, sem crenças ou hostilidades entre os homens.

O encontro

Depois que houve a revelação que Otká era irmão de Pauler, esse fato lançou muita dúvida de como a vida ia interferir nos nossos destinos. Em certos momentos, isso seria importante para que nossos pensamentos fossem voltados para um ser supremo comandando todos os nossos atos, como se fosse uma bela sinfonia que em nossos ouvidos ressoa uma só frase: "a bondade de Deus em nossa caminhada". Assim Pauler ficou a pensar por vários dias e, não se convencendo da realidade, foi à procura do irmão para esclarecer mais uma coisa.

– Otká, meu irmão, já sei que toda história que você relatou é verdadeira e que possuímos o mesmo sinal no tórax, mas me responda uma coisa. Quem são esses deuses que idolatras? Por que eles não te guiaram antes até mim?

– Não compreendo a tua pergunta, mas posso lhe dizer que o maior Deus de todos se chama amor, este ninguém consegue retirar de nossas vidas. Só sei que ele é quem nos une: isto meus pais me ensinaram, portanto se és meu irmão, não tenho mais dúvida, e tenho que aprender a amá-lo, mesmo que digam que sejas do mal.

Dito isso, Otká tentou abraçar Pauler, que mais uma vez o repeliu.

– Está bem, mas o que achas de nossos verdadeiros pais? Por que eles decidiram me deixar longe da tribo?

– É porque eles disseram que a escolha seria feita pelo pajé, já que nascemos juntos e ele escolheu a mim para ficar.

Não tendo a resposta que queria, Pauler fitou seu irmão e disse: é porque eles não me amaram; e ele caiu em pratos. Otká, ao ver aquela cena, também se emocionou:

– Meu irmão, não chores, tens agora alguém que te ama, não estás mais só.

– Não é somente isso, quero que você me esclareça: o que um zumbi tem a ver comigo, além da semelhança física?

– Temos o mesmo espírito olhando por nós. É o que os deuses ensinam.

– Este espírito, você o conhece?

– Não, nunca o vi, mas os deuses dizem que eles velam pelos que necessitam de paz e isto eu sempre procurei.

Pauler, ainda sensibilizado com aquelas palavras, resolveu partir de volta para Prestes, ainda confuso com aquela conversa.

Nunca vou aceitar isto, um zumbi meu irmão, pensou.

Mais tarde, já na missa, o padre conclamou todos a perdoar aquele povo ignorante que veio das regiões próximas do Vesúvio e fazer com que eles sejam devidamente integrados à sociedade local.

– Como podemos, padre, fazer isso? – perguntou um dos fiéis.

– Vocês vão olhá-los como irmãos.

– Mas eles não são gente, são animais, e muito perigosos; no passado eles nos atacaram e mataram nossa gente.

– Nada foi provado. O que eles trazem são pessoas doentes e velhos que procuram ajuda humanitária.

– Então fique com eles, gritou outro crente.

– O padre, aborrecido com as respostas, decidiu apelar para a Semana Santa que se iniciara.

– Pensem naquele homem que sacrificou a sua vida por nós. Ele deixou a família e veio pregar a verdade e, incompreendido, foi crucificado. Amem como Jesus nos amou.

Ouvindo estas palavras, os fiéis baixaram a cabeça e um se manifestou:

– Está bem, só deixaremos eles morarem aqui se nos garantirem que eles não oferecem perigo nenhum e não irão trazer pessoas de má índole que possam nos prejudicar. Além de que, o senhor Luderov veio em praça pública e fez o sol desaparecer em pleno dia, o que não é possível. Foi apenas um fenômeno da natureza que fez com que a terra seja objeto de reflexo da lua sobre o sol.

O padre parecia conhecer algumas teorias que a Igreja contestava e apreciava as descobertas científicas da época.

– Bem, senhor padre, iremos aceitar o que disser a respeito deles, mas não esqueça que ficaremos sempre vigilantes contra eles.

Encerrada a missa, todos se dispersaram para suas casas.

Pauler continuava a pensar em toda aquela situação; decidiu aproximar-se de seu irmão e convidá-lo para participar de um evento que iria acontecer no Sábado de Aleluia.

Fariam uma encenação em que Cristo ressuscitaria e passaria a acompanhar seus discípulos. A Igreja havia convocado alguns atores para representar o Cristo, mas de última hora, alguns não puderam participar. Enfim, tentaram alguém na comunidade para se fazer de Jesus em suas últimas caminhadas sobre a Terra. Surpreendentemente ninguém quis o papel. O padre decidiu oferecer para Luderov representar, pois achou que seria uma maneira dele se redimir perante a comunidade e tirar de uma vez por todas as dúvidas sobre ser um bruxo.

– Luderov, sei que estás afastado de nós por muito tempo, mas tenho uma proposta para ti.

– Sim, padre, o que desejas?

– Que represente Cristo em nossa encenação do sábado santo.

Luderov respondeu:

– Está bem, gostaria de passar o que Ele passou em seus últimos momentos, pois acho que me faria bem e, além do mais, falarei na língua dos zumbis e da tribo para que eles entendam tudo o que o nosso Messias passou.

O padre pensou e resolveu aceitar, com a condição de que logo após o último ato todos tentassem se confraternizar como verdadeiros irmãos. Era a chance que Luderov esperava para conciliar os dois povos e, portanto, levaria o seu destino ao final, assim como os deuses e os guias de Amantká almejavam.

Aprazaram-se os ensaios, que deveriam ser feitos à noite e levaram Amantká para ser Maria Madalena, que deveria ser substituída só na hora do espetáculo, para que outros da cidade de Prestes pudessem entender a fala na língua dos locais.

O apoio à saúde

Na noite subsequente, iniciaram as festas referentes à proximidade da Páscoa, entoação de cânticos, treinos de jogos e, claro, ensaio da peça em que Luderov seria o ator principal. Tudo ia bem até que Otká surgiu no arraial pedindo ajuda a Luderov, pois seu irmão de sangue, Pauler, tinha variado suas ideias e transmitia gritos alucinatórios, após a conversa última que tiveram.

– Corra, Luderov, Pauler está tendo uma crise e só você pode nos ajudar a acalmá-lo; sei que temos poções para este fim, mas não funcionarão sem sua presença, disse Otká. Sua influência espiritual é grande e esses casos são complicados.

Luderov interrompeu o ensaio e pediu que o padre o ajudasse no caso de Pauler, afinal eram amigos e como ele não tinha outro conhecido, naquele momento, seria ideal tê-lo por perto. Saíram os três em caminhada em direção à tribo.

– Pauler não estava bem nos últimos dias, falou o padre, acho que tem trabalhado muito e está com algum tipo de tristeza que ainda não me falou.

– Pode ser, disse Luderov, acho que ele tem tido notícias de parentes que há muito não via.

O padre se surpreendeu com a resposta de Otká que, sem saber o que estava passando, comentou:

– O senhor Pauler, meu irmão, está com espíritos em cima dele.

– O que significa? – perguntou o padre. Luderov interveio:

– Nada, padre, apenas não é o momento de chegarmos a conclusões precipitadas. Vai ver que ele não tem passado bem, por outros motivos alheios a nós.

Otká o olhou e disse:

– Repito, meu irmão não está bem.

O padre novamente olhou e disse:

– Muito bem, acho que ele está falando a verdade, Pauler se parece muito com esse zumbi; já tinha percebido, mas agora chego a esta conclusão.

– Muito bem, padre, esta é a verdade. O senhor Pauler descende dos

zumbis, mas foi criado por uma família napolitana, após ser levado por seus pais até a cidade, por terem sido expulsos da tribo.

– Como assim, expulsos?

– É uma longa história, mas por agora deveremos dar apoio ao nosso irmão Pauler que tanto tem sofrido com esta notícia.

Ao chegarem, encontraram o administrador jogado em um canto perto da habitação de Otká; não falava coisa alguma e seu olhar vagueava no horizonte.

– Peçam para Amantká vir até aqui, ela sabe o que fazer, disse Luderov.

E após alguns minutos surgiu a amiga de Luderov, já com as orientações prontas para o senhor Pauler sair do transe.

– Tragam o chá com ervas do mato branco e um pouco da poção mágica do Vesúvio.

Luderov perguntou:

– Mas é aquela que tomávamos para passar mal?

– Sim, um pouco, mas esta não é tóxica, pois não tem um reagente capaz de matar.

– Muito bem e aí o que vai acontecer? – questionou Luderov.

– Ele ficará mais em transe e, neste momento, pediremos para deus da lua que traga os espíritos devedores para ajudarem a levar os maus espíritos que estão circundando este homem.

Luderov, surpreso, perguntou:

– Mas ele está possuído?

– Não, ele está com espíritos do seu lado que o querem combativo em todas as suas crenças e isso fez com que seu corpo não aguentasse tamanha pressão.

Logo trouxeram a poção com as cinzas do Vesúvio. Foi feita uma adoração aos deuses da lua e, sob cânticos e danças, foi oferecido um pouco da poção a Pauler. Primeiramente, se umedeceram seus lábios e, em seguida, derramado em sua boca um bocado da mistura. Alguns minutos se passaram até Otká falar.

– Assim ele não acordará. Devemos pedir que Luderov faça um pedido ao seu Deus para libertá-lo dos maus espíritos. Luderov se ajoelhou e começou a orar:

“Pai de extrema bondade e misericórdia, sabemos que este irmão se

desviou de suas obrigações com seu irmão, duvida de tudo e de todos, mas o senhor em sua infinita bondade é capaz de trazê-lo de volta a sua realidade. Pedimos, humildemente, que nos traga nosso irmão à luz da verdade e do amor."

Aos poucos, Pauler começou a balançar a cabeça e, em pouco tempo, olhou para todos e murmurou:

– Acertei na minha vida. Vim procurar meu irmão e achei outros.

Após este episódio, Luderov passou a ser considerado um verdadeiro guia para todos, menos para o padre que compreendeu a força do pedido feito com fé e, com isso, ter ajudado a sair do transe. O padre não tinha mais dúvida; estava na frente de um homem curioso, com uma história de vida que se iniciou nos Balcãs e que agora se prestaria ao papel de Jesus Cristo. Teria que continuar a observá-lo, pois todos na cidade tinham preconceito contra ele e a sua tribo.

Pauler acordou do transe e agradeceu a todos pela caridade de tê-lo ajudado. O administrador sentiu a necessidade de ficar mais um tempo na tribo, para observar seus costumes e crenças. Estava formada uma aliança entre Pauler e seus irmãos de sangue.

Logo pela manhã, Pauler resolveu ir à missa do domingo e, após a comunhão, pediu a palavra ao padre para anunciar sua intenção de deixar aquele povo primitivo, que tanto combateu, fixar-se, provisoriamente, perto do rio e em seguida trabalhar nas partes baixas do vale para produzirem leite e outros derivados de animais pertencentes ao senhor Fontan, que já havia cedido parte de suas terras para o povo zumbi e para que a tribo de Amantká construísse casas para se protegerem do sol e da chuva.

Os pedidos

Durante a noite seguinte, Luderov e os demais atores fizeram mais uma sessão de ensaio, agora com a presença de grande número de moradores de Prestes. Um tal de Mirror sugeriu que, após o último ato, todos sejam conduzidos para uma confraternização próximo da praça onde iria acontecer o espetáculo. Viram de perto os atores e Luderov, ao final, agradeceu o desempenho dos colegas e sentiu a necessidade de ir atrás de sua amada Pellenova, que não aparecera até o momento em nenhum ensaio. Partiu em direção a sua casa e encontrou os seguintes dizeres presos na porta: "Fomos embora, se precisarem falar com alguém, dirijam-se ao senhor Carlos, vizinho desta habitação".

Luderov, espantado, decidiu ir procurar Carlos e a ele perguntou:

– O que aconteceu com a senhora Pellenova e seus filhos? Sou Luderov, seu esposo.

– Deixou a cidade em direção a um sítio próximo, pois disse que precisava arranjar dinheiro para voltar aos Balcãs. Disse que estava infeliz com a situação por que passava.

Era a Luderov que ele referia.

– Faz muito tempo que ela foi embora?

– Alguns dias... Acho que uns dez dias.

– Está bem, então me diga o rumo que ela tomou, preciso falar-lhe.

E o senhor Carlos, prestativo, deu as orientações para Luderov, e ele foi ao encontro de Pellenova naquela mesma noite.

Passaram-se alguns minutos de caminhada e Luderov atravessou a praça central em direção ao tal sítio. Uma hora depois estava em frente a uma pequena habitação, onde a luz do candeeiro denunciava a presença de habitantes.

– Alô, gritou Luderov.

– Quem está aí? – perguntou alguém.

– Sou eu, Luderov.

A porta se abriu, lentamente, e surgiu a bela figura de Pellenova.

– O que fazes aqui a esta hora, não vês que meu patrão pode vir aqui?

– Perdoe-me, Pellenova, é que quero me desculpar da minha falta com você. Desde que cheguei de volta não pude me explicar decentemente dos fatos.

– Mas você já me falou.

– Está bem, então venho suplicar-lhe o perdão definitivo, pois minha vida sem vocês não faz sentido. Viemos juntos de longe e, sim, eu errei em deixá-los por uma aventura, mas agora preciso encerrar com isso. Proponho que volte para mim e retornaremos aos Balcãs, assim que conseguir algum recurso para nossa empreitada.

Pellenova pensou e disse:

– Muito bem, sabes que ainda te amo, mas deixaremos as coisas acontecerem. Sei que és muito ligado a esta tribo e que eles fazem parte de ti, afinal, ficaste um longo tempo convivendo com eles, até a seus costumes já te adaptastes. Como posso conviver com o fato de que arrumaste outra família?

– Não é bem assim, era uma questão de necessidade deles para nascer descendentes sadios e com boa longevidade. Pensei que nunca mais retornaria à convivência com os meus.

– Pensarei no assunto. Voltaremos a nos falar próximo da Páscoa. O senhor padre me encomendou alguns doces para o final da festa, querem fazer uma confraternização após a peça.

Luderov segurou as mãos de Pellenova e disse:

– Nos veremos ao final da peça e espero que logo voltemos a viver como uma verdadeira família em Cristo.

Então Luderov passou as suas mãos no rosto de Pellenova e, delicadamente, lhe dá um beijo ardoroso que logo foi correspondido por sua esposa.

– Até o próximo sábado, despediu-se Luderov.

Amanheceu, e já era a quarta-feira que antecedia a sexta da paixão. O padre solicitou para que todos os atores se reunissem naquela manhã, na igreja, para discutirem os detalhes da grande festa.

Primeiro, iriam realizar as caminhadas do Mestre, passo a passo, desde a entrada em Jerusalém até a crucificação e, posteriormente, para a surpresa dos presentes, Amantká surgiria em uma gruta falsa, montada para tal, e veria que Jesus não estaria mais morto e teria o primeiro contato com Ele. Ficou tudo acertado e a plateia ficaria em

volta da praça, sendo que os moradores de Prestes estariam próximos do palco central e os zumbis e a tribo de Oramis ficariam atrás, um pouco mais distante; mas, por determinação do padre, Luderov falaria alguns trechos na língua dos primitivos, para que pudessem com isso serem mais facilmente catequizados. Uma sábia saída para a união dos povos. Luderov fez a seguinte pergunta:

– Padre, o senhor deixará que eu seja crucificado de maneira mais real?

– Como, Luderov, tudo será uma mentirinha.

– Não, exijo que eu seja colocado na cruz e erguido até o alto.

– Não podemos fazer isso, você poderá se machucar.

– Mas lhe pedi, como condição, que eu sentisse o que o Mestre passou.

– Sentirás muita dor, afinal você não é o Mestre de bondade e misericórdia.

– Mas é um pedido meu e exijo que deixe que aconteça, para que eu possa sentir o que Ele sentiu.

Luderov estava decidido a sentir o último ato, na sua própria carne.

Os sonhos

Durante a noite, Luderov recorreu a uma canção antiga que ouvira nos seus tempos de infância, na longínqua cidade de Bulderov, fronteira próxima à antiga cidade invadida pelos romanos chamada Linderei.

"Linderei, como és bela, nesta paisagem azul celeste, como és formosa, no teu sorriso amável; pensei que estar ao teu lado, passaria por tudo, tudo daria, então Linderei, me ame, me adore, me seja seu."

Com este refrão – "Me seja seu", – Luderov entrou sua última linha da cantiga, apaixonado pela sua esposa Pellenova. Só que o dever que tinha despertado em seu âmago ainda falava mais alto.

Ele despertou deste momento sentimento pessoal e, aos poucos, foi saindo do ensaio em direção ao seu lar temporário, ao lado dos amigos que o adotaram, na tribo de Oramis. Sentia-se só, mas acompanhado de poucos que o queriam bem. Amantká seria como uma irmã, que sempre que podia o aconselhava e, o mais importante, o perdoou em sua fraqueza da meia-verdade dita, quando em cárcere romano.

– Duas horas e você ainda aqui? – perguntou Amantká a Luderov, postado perto de sua tenda.

– É que estou sem sono, deixei meus pensamentos fluírem e aqui estou, somente a relembrar a minha vida.

– Me diga uma coisa, Luderov, o que o fez sair por estes túneis desconhecidos e vir até nós? Poderia ter ficado com sua família, já que tua esposa estava esperando um segundo filho teu. Sabe que ela ainda se magoa ao relembrar isso?

– É que eu era impetuoso, respondeu. Não tinha cabeça no lugar, pensei em conseguir fama perante este povo e olha o que deu, ganhei fama, sim, mas à custa de ideias erradas de que sou bruxo ou outras denominações. E, agora, para me redimir perante esta sociedade, aceitei fazer o papel de Cristo.

– Só por causa disso? Não acredito, em meus sonhos o vejo como um homem que foi muito poderoso e que gostava de mulheres para se divertir. Isto fez com que você tivesse feito julgamentos no passado que talvez não tenham sido adequados.

– Sabe, Amantká, em meus sonhos também já me defrontei com pensamentos semelhantes, de antigo romano que julgou, sem cessar, várias pessoas e uma delas era inocente. Verdade que outros eram pouco culpados, mas para satisfazer meu ego poderoso mandei-os à morte para livrar-me de problemas. E agora estou aqui. Por isso também aceitei o papel, para sentir como seria ser julgado e condenado à morte por ser o Cristo, homem que veio salvar a humanidade e, por inveja e egoísmo foi indiscriminadamente mandado à morte por crucificação, que era, na época, o pior castigo que se poderia infligir a um ser humano. Via também mulheres clamando por piedade a ele, e isso é que fez com que sentisse vergonha do que passou.

Aí Amantká perguntou:

– Mas você fala como se tivesse vivido nesta época. E foi você quem condenou este homem à morte.

– Em meus pesadelos, fui um carrasco que decidia pela vida ou pela morte de várias pessoas; talvez por isso eu esteja nesta situação, sempre sendo julgado por algo que na maioria das vezes nada fiz por merecer.

Amantká respondeu:

– Em seus sonhos, você certamente já viveu essas situações, pois durante o sono, abre-se um portal para o infinito e passamos a ter visões do passado e, às vezes, do futuro. Então, se dizes que foste um carrasco é porque foste alguém, em outra vida, que maltratou muita gente.

Amantká conclui seu pensamento:

– Não se preocupe, os deuses irão lhe perdoar, é só seguir o mesmo caminho pelo qual seu Jesus passou, amando a todos sem distinção. Isto aprendi nestes dias de ensaio.

Ela tinha razão, e, com isso Luderov se despediu de Amantká e foi para sua tenda.

Amanheceu o belo dia em que iriam iniciar os festejos da Semana Santa. Quarta-feira, e os preparativos para a festa estavam quase prontos.

Durante a sexta-feira nada iriam fazer, somente a renovação da fé em Cristo através da peça a ser encenada, que duraria, no máximo,

uma hora e meia. Tudo estava sendo checado e limpo, as roupas foram confeccionadas com ajuda dos fiéis da Igreja que passaram noites em claro para poder cumprir com a agenda do evento. Luderov checara todos os cenários, inclusive o momento em que seria erguido na cruz. Seria amarrado pelos pés e pelas mãos e logo seria colocado de volta ao chão, com tempo suficiente de concluir a sua última fala "Senhor por que fizeste isso comigo?" E após dizer "dou a minha vida a ti", desmaiaria.

– Tudo certo, disse o padre. Então nos encontraremos amanhã, na entrada da cidade, para que venhas montado em um burrico representando a chegada de Cristo à cidade e, a partir daí, iniciaremos os festejos e pequenas encenações para agradar o público.

Luderov acenou concordando e disse, com determinação: Amanhã serei livre de qualquer culpa.

Início das festividades

Era quinta-feira, e os personagens que iriam apresentar-se na festa já iniciaram os preparativos da representação. A Igreja amanheceu lotada de fiéis que iriam assistir o padre abençoar a todos, beijar e lavar os pés de escolhidos na comunidade. Ele selecionou um representante do povo zumbi, pois queria demonstrar um gesto de amizade e benevolência para com os primitivos.

Durante a celebração da Eucaristia, o padre lembrou o amor que Cristo dispensa a todos nós, desde que tenhamos a mesma tolerância para com todos; isto foi um recado direto a todos os moradores da cidade que tinham repulsa pelos nativos oriundos das cercanias do Vesúvio.

Jesus amou a todos, indistintamente, e por isso foi crucificado, pela incompreensão dos homens. Reflitamos com os olhos do coração que cada um carrega em seu peito.

Finalizou o sermão com um abraço fraternal em todos os presentes. Do lado de fora, o arraial já estava montado, com pequenas barracas que dariam o apoio à venda de guloseimas durante a festividade do domingo. Neste momento, chegou um pequeno cortejo de representantes do povo zumbi que queriam participar da montagem de estruturas para finalizar o palco e arredores da grande festa.

Luderov e Amantká se apresentaram para dar início ao treinamento final e dizer que, no início da noite, fariam uma vigília, como alguns discípulos fizeram após a prisão do Mestre. E assim, na noite, após o jantar da comunidade, todos se reuniram para ver o início da peça que seria encenada nos próximos dias, por partes. A primeira seria a Última Ceia até a prisão do Mestre e o encontro com Caifas e Pôncio Pilatos. A segunda seria a condenação e consequente crucificação. E a terceira, a ressurreição, que seria encenada já no domingo de Páscoa. O padre deu início à festividade:

– Caros moradores de Prestes, vamos iniciar nossos festejos com esta singela peça que retratará os passos do Mestre até a sua morte e posterior Ressurreição. Fiquemos atentos aos nossos personagens que tanto devotaram seus talentos e o seu tempo para nos brindar com

este emocionante espetáculo. Divirtam-se!

O povo se aglomerou próximo ao pequeno palco e surgiram os personagens, a representar a Última Ceia.

"Tomai todos e bebei, este é o cálice do meu sangue, o sangue da eterna aliança que será derramado por vós", disse Luderov, provocando emoção em todos.

Distribuíram o pão e a Ceia foi encenada com sucesso. Os apóstolos estavam compenetrados e Amantká, representando Maria Madalena, postou-se junto a Jesus. Estava tudo perfeito, até Judas estava com ar sarcástico, já pensando na venda da informação da localização do Mestre e, de repente, ele foi abordado com esta assertiva do Mestre: "E hoje alguém de vós me trairá, me deixará ser entregue aos judeus". Eles se entreolharam e ninguém comentou nada, o silêncio dos apóstolos foi quebrado por Tomé, que disse:

– Quem de nós vos trairá? – perguntou.

– O irmão mais necessitado de compaixão, Jesus falou.

Dito isso, Judas saiu correndo, e se retirou da Santa Ceia.

Deu-se por encerrado aquele segundo ato. Logo surgiu em um canto próximo do palco a figura representada de Judas que anunciou aos guardas quem era Jesus e ele correu para longe com um saco de moedas. Jesus foi preso e Pedro reagiu com sua espada.

– Pedro, embainha a tua espada; ele obedeceu ao Mestre após ter ferido um dos guardas.

Toda a encenação comoveu os presentes que começaram a lagrimar com tão perfeita apresentação. Após a prisão foram levados para o outro lado da praça onde já estavam outros atores e mais algumas mulheres que representariam algumas escravas de Pôncio Pilatos, que lhe serviam comida e vinho.

– Quem sois? – perguntou Pôncio Pilatos.

– Sou um homem que traz a verdade da vida.

– Não perguntei o que fazes; dizes que és o rei dos judeus?

– Não sou eu quem fala e, sim, vós, respondeu Jesus.

– Saia da minha frente! Não vou julgá-lo. Que sejas levado ao chefe dos judeus. E com isso, toda a equipe se deslocou para um outro ponto da praça e lá o padre se vestiu de Caifás, já que o ator contraíra uma estranha doença e não pôde continuar no seu papel.

E o padre/Caifás falou:

– Finalmente vieste ao nosso encontro. Queremos que nos digas por que destruístes nossos mercados, próximos do templo?

– Porque o templo é de oração a Deus, nosso pai, respondeu Jesus.

– E por que insinuas curas aos sábados?

– Porque o sábado é santo, é dia para louvar e orar a Deus e Ele nos ouve e abençoa com sua misericórdia.

– Mas serás condenado, falarei com Pilatos.

O julgamento

Já era Sexta-feira da paixão quando o povo de Prestes acordou. Vários pássaros revoavam nas redondezas da região. O padre acordou extasiado com o tamanho sucesso que as pessoas diziam estar tendo a peça sobre Jesus em seus últimos dias. Os elogios maiores iam para Luderov e Amantká que, como Maria Madalena, fazia a tradução na língua de seu povo, simultaneamente. Era, realmente, muito animador ver aquele povo primitivo sendo convertido através da arte.

Luderov acordou disposto a ir com Amantká resolver o problema das terras onde iriam se instalar. O padre e alguns moradores entraram em consenso sobre o assunto e foram os dois, alegres, visitar o tal sítio doado. Ao chegar próximo da área doada, ouviram uma forte explosão, algo como um trovão, e à sua frente surgiu um espírito de luz que se dizia enviado do Criador. Seria, portanto, um anjo mensageiro, que somente Amantká percebera.

– O que queres aqui e quem sois? – perguntou Amantká.

– Sou um emissário e venho até vós para informar que nosso Mestre pede que sejam mais receptivos com as palavras que foram proferidas há quase dois mil anos. Pede para que sejam cautelosos e rígidos no que foi exemplificado, e para que não temeis pelo que venha acontecer, nesta noite, porque o Cristo quer que estes povos se unam pelo amor e o respeito mútuo.

Então, o espírito desapareceu com várias árvores e plantas balançando, ao vento.

Amantká ficou preocupada com aquele acontecimento e relatou a Luderov todo aquele contato.

– Você acha que irá acontecer algo de noite? – perguntou Luderov.

– Sim, com toda a certeza algo irá ocorrer.

Os dois, pensativos, resolveram ir ao encontro do padre e relatar o fato ocorrido.

– Não se impressionem, disse o padre, vai ver que vocês ainda estão extasiados com o desenvolvimento da peça.

– Padre, Amantká pode falar com os espíritos, então se ela disse o que vai acontecer, é porque algo irá suceder.

– Não sejam tão crentes, afinal, Nosso Senhor Jesus Cristo irá nos proteger de qualquer dificuldade.

– Bem, padre, depois não diga que não avisamos, só queríamos ajudar.

Luderov e Amantká retornaram à tribo pensando no que fazer se algo não corresse tão bem, como o esperado.

Às, 18 horas quando o povo de Prestes e das tribos participantes reuniram-se novamente ao redor da praça dos festejos, logo surgiu Judas em fuga, Caifás com seu conselho e Jesus aguardando seu veredicto. Entrou Pilatos no palco e disse:

– O que querem aqui, já não disse que não vou julgar este homem?

– Mas ele destruiu as contribuições para o templo e, por conseguinte, para os romanos.

Nesta hora o povo se aglomerou mais próximo dos atores e começaram a orar por aquele momento que viria.

– Está bem, o que queres?

– Queremos a morte de Jesus.

– Não podes me pedir isso, este homem nada fez de grave para merecer a morte.

– Fez sim, além do mais ele não respeita o povo romano.

E os judeus presentes começaram a gritar: – Morte a ele! Morte a ele! E os atores revoltados faziam gestos agressivos contra Jesus.

– Então faço uma proposta a vós: preferem libertar Jesus ou Barrabás, o bandido que assassinou vários, inclusive judeus.

– Queremos Barrabás! Queremos Barrabás! Solte Barrabás.

– É isto que querem?

Neste momento Pilatos, ficou sem alternativa, pois não esperava tal resposta e entrou num recinto para discutir com seus assessores tal situação.

– O que acham? Eles querem a morte de Jesus, este Caifás me deixou em situação ruim.

– Governador, este homem, apesar de justo, também foi contra o império. Se o deixar livre, estes judeus irão provocar grandes estragos na nossa causa. Levaremos dias para controlar os insatisfeitos. O melhor é condenar Jesus e libertar Barrabás.

– Em meus sonhos fiquei encurralado entre um tigre e um dragão e

ofereci em sacrifício um cordeiro para me libertar destas feras, disse Pilatos.

E ele estava certo, em seu sonho na noite anterior, fora avisado pelos benfeitores espirituais que teria seu livre-arbítrio para decidir entre o justo e a besta.

Foram alguns minutos de tensão e indecisão, até que Pilatos declarou: pelo menos não tomarei esta decisão sozinho, deixarei o povo decidir. E ele volta para o julgamento.

– Como chefe e governador destas terras, declaro que, por minha ordem e vontade, exijo que vós vos manifesteis: Jesus ou Barrabás.

– Morte a Jesus! Crucifica-o!

– Então lavo minhas mãos.

O aparecimento

A peça transcorria naturalmente com uma impressionante performance de Luderov, que já havia sido aplaudido várias vezes pelo público presente. Entrou então na fase em que Pedro, o apóstolo, o negou por três vezes e todos os presentes relembraram esta passagem bíblica com muita emoção. As coisas iam bem e de repente iniciou uma chuva fina. A população resolveu interromper o ato até a chuva parar. Aproveitaram para rever as falas da peça:

– Luderov, o que você acha de nós lhe agredirmos de mentirinha e para se tornar um pouco mais realista, chicotear mais próximo de você, além do mais você poderia levar a cruz sozinho, já que ela pouco pesa.

– Está bem senhores, vamos deixar o público perplexo com a nossa atuação. Eles nunca irão esquecer o que irão ver.

Tudo certo entre o elenco, e Amantká deixou transparecer preocupação do que poderia acontecer dali para frente, porque a entidade que vira alertou sobre fatos que iriam acontecer naquela noite.

– Podem voltar, a chuva passou, gritou o padre, e com este aviso todo o elenco retornou e assumiram suas posições.

Vamos iniciar a partir da fala de Pedro:

– Mestre, não vou abandoná-lo.

-“Em verdade vos digo, que antes que o galo cante, vós me negareis por três vezes”.

Dito isto, abriu-se uma nova cortina com os atores correndo e fazendo círculo em Jesus.

– Você é o Rei dos Judeus? Então vamos coroá-lo.

Foi posta uma coroa de espinho na cabeça de Luderov. Só que esta peça era de ficção, já que os espinhos foram substituídos por pedaços de ervas que pareciam pontiagudas, e o ator solta um grito de dor, e logo ficou resignado com aquele artefato.

Deram a cruz que pesava cerca de dez quilos e começaram a fazer o caminho que seria conhecido pelo mundo cristão como Via Sacra. A esta altura todos os integrantes começaram a gritar contra o Mestre,

que já suava e sentia o peso da cruz, mas Luderov, em um ato de força e coragem, decide levar a cruz sozinho, sem a ajuda dos colegas de palco.

– Deixe-nos ajudá-lo, Luderov. O que falamos, há pouco, de levar sozinho a cruz era apenas para assustá-lo.

– Não, este momento é meu.

E começaram a fazer barulho no chão imitando chicotadas. No meio da peregrinação pela praça, apareceram duas mulheres com uma vasilha de água e ofereceram ao ator Luderov, que de bom grado aceitou. Já eram cerca de nove da noite quando, finalmente, ele chegou ao centro da praça para ser crucificado. O padre, preocupado com a última cena da noite, orientou o povo para se distanciar do centro e ficar apenas observando o erguimento de Luderov, amarrado na cruz.

Tudo ia bem, até que novo estrondo foi ouvido de longe e todos se assustaram. Neste momento, um raio de luz cruzou o céu da pequenina Prestes e todos passaram a ouvir uma voz: “deixai a mim as vossas infelicidades e tristezas que eu vos cuidarei”

Gritos e sussurros foram ouvidos e sentidos por todos os presentes que correram em várias direções, só ficando na praça Amantká e Luderov, este amarrado na cruz, no alto, acima de tudo e de todos.

– Como puderam me abandonar, relatou Luderov.

– Acalme-se, vou pedir ajuda para que o retirem daí.

E com isto Amantká saiu em busca de ajuda.

Luderov sozinho no local começou a chorar e falou:

– Como pude ser ingênuo. Aquele ser nos avisou que algo iria acontecer. E agora?

Neste momento e antes de terminar sua fala surgiu, ao vento, pequenas estrelinhas voando próximo a Luderov; pareciam vagalumes, só que um pouco mais largos.

– O que queres de mim? – gritou Luderov.

– Venho a mando do nosso Mestre, falou uma voz vinda das luzes voantes. Trago a esperança para vós, o amor eterno que a chama da inveja e da cobiça não apagam. Trago o amor que do infinito vem anunciar a vós que um dia julgou, mas que não serás julgado e, sim, perdoado. Que o perdão que tens deverá ser dado a todos que

acreditam no pastor das almas, na imortalidade da alma e no perdão de todas as ofensas. E com esta mensagem deixo para ti a libertação de todos os teus pecados. Vai anunciar a palavra do Cristo e saberás que todo perdão das tuas ofensas foi-lhe dado. As estrelinhas foram sumindo no céu e Luderov, quase desacordado, gritou:

– Senhor, faça de mim um instrumento de tua paz.

Depois de pronunciar estas palavras, Luderov desmaiou.

Novo grupo

Luderov, desmaiado na cruz, ainda sem nenhuma reação, recebeu a ajuda de Amantká, Otká e outros homens da tribo de Oramis que, mesmo assustados, resolveram ser solidários ao crucificado.

– Pegue deste lado e retire as cordas, falou Amantká.

– Retirarei a coroa de espinhos da cabeça, avisou Otká.

E assim, aos poucos, Luderov fora retirado do cenário. Sobraram apenas restos de panos e alimentos espalhados na praça. Nenhuma viva alma se atreveu a retornar. O padre se trancou no confessionário, se ajoelhou e pediu perdão a Deus pela sua incredulidade de não ter dado ouvidos aos avisos que Amantká e Luderov fizeram. A noite já passava, e após algum tempo Luderov começou a recobrar os sentidos. Foi-lhe oferecido um caldo quente.

– O que houve? – perguntou Amantká.

– Não estou bem certo, mas alguma coisa falou comigo e depois perdi a consciência.

– Você ouviu tudo que aquela voz lhe falou?

– Sim, me lembro da sua mensagem, falava de amor e perdão aos atos humanos.

Luderov, ainda atordoado, começou a chorar e pensar o que seria da sua vida dali por diante, pois o povo de Prestes o julgará da pior maneira possível. Pensou em pegar suas coisas e fugir para outro local, mas Amantká o impediu, dizendo:

– Para onde fores, terás tua consciência a te acompanhar. Se esta voz disse para cumprires uma missão, é porque tens que cumprir.

Luderov desistiu da fuga e resolveu encostar a cabeça em um tronco no chão:

– Está bem, ficarei e deverei me empenhar, ao máximo, para a união dos povos. Levantarei cortinas de dificuldade, pedirei de porta em porta, doarei todas as minhas energias em prol da união. E a partir de agora e para sempre seguirei os passos do Mestre Jesus que me chamou para uma vida de amor ao próximo. Se for necessário pedir para ajudar os necessitados, pedirei. Se derem uma comida para alimentar os pobres, levarei imediatamente para saciar a fome deles.

Estou deixando a minha vida de aventureiro para me dedicar a ajudar os necessitados.

Com essa resolução, Luderov tomou outro caminho, diferente do que havia pensado.

– Mas sua família! O que será dela sem a sua dedicação?

– Minha família serão os pobres, os famintos e necessitados. Amo Pellenova e se ela quiser me seguir, que seja assim. Luderov pensava em manter seu relacionamento com Pellenova.

Horas mais tarde, já no raiar de novo dia, um aglomerado de pessoas se formou próximo à tribo de Amantká. Eram pessoas miseráveis que andavam próximo a Prestes que vinham pedir ajuda daquele homem que era protegido do Senhor.

– Saiam daqui, reclamou Oramis, este lugar não é para vocês.

– Nós queremos falar com o Jesus da peça, ele pode nos ajudar.

Surgiu, então, Luderov, com toda sua energia, por detrás das tendas.

– Deixe-os passar, eles precisam, dê-lhes comida e eu lhes darei conforto e trabalho.

O grupo sentou-se próximo da tenda central e Luderov continuou a falar.

– Vocês acreditam em Jesus?

E todos responderam que sim, apenas uma jovem de seus quatorze anos comentou:

– Nós, além de amarmos a Jesus, temos uma total dedicação aos seus passos, tentamos imitar a sua caminhada doando o pão, ajudando os pobres e trazendo um pouco da sua palavra de consolação. Surpreendeu-se Luderov com a resposta objetiva e madura da jovem e pensou: se são desse pensamento é porque são devotos do Mestre. Logo em seguida, saíram todos à procura da cidade para falar com o padre e, ao chegarem, anunciaram a presença deles.

– Padre, queremos falar-lhe. E ele, ao ver Luderov, se espantou e disse:

– Não deixem este homem entrar! A Igreja não lhe pertence, é apenas um aproveitador, iludindo a todos.

– Padre, não seja injusto, o senhor Luderov tem uma proposta a fazer.

– Então diga: o que vens fazer?

– Queremos que escute com atenção e depois conclua com seus discípulos esta negociação.

– Que tipo de homem vocês acham que eu sou? Um traiçoeiro?

– Não, padre, apenas um guia das verdades cristãs.

E após isso, foi-lhe exposto o seguinte:

– Adotaremos de uma vez o povo zumbi, os integrando à comunidade e às famílias. Em seguida, levaremos todos a fazer uma campanha de arrecadação de fundos para a compra de madeira e outros materiais para construção. Depois chamaremos toda a comunidade para um mutirão. Organizamos tudo o que se refere aos primitivos e somente, a partir daí, levaremos Luderov embora de Prestes, junto com sua família, para nunca mais voltar.

Esta proposta fora feita pelo líder dos que acompanhavam Luderov e que, com muita determinação, decidiu dar uma ajuda àquele homem que, nas vésperas, desfaleceu em pleno ato da Paixão de Cristo. Seu nome não quis falar, apenas se retirou da frente da Igreja, postou as mãos ao céu e pediu para o Senhor Jesus Cristo o ajudar a conseguir mais seguidores para a sua causa. Luderov já integrava o grupo, só que com o status de vulnerável, aquele que fora venerável pela luz.

Novos amigos

Alguns termos empregados pelo líder do grupo de itinerantes não foram bem compreendidos pelo padre e outros que o assistiam. Além de ajudar na construção de casas populares para os zumbis, o material de construção também serviria para a confecção de uma nova Igreja, para que todos pudessem frequentar as missas e admirar a palavra de Deus. Seria um projeto único, em que a torre principal e outra central se uniriam pela base, dando a imagem de uma cruz e, acima das torres, teria uma ligação com pedaços de árvores da região, lembrando todo o episódio da vida do único Mestre. Isso foi falado, ao final do último dialogo. Luderov, ainda perdido e com a consciência abalada pelos fatos, perguntou ao líder dos homens:

– Quem são vocês? Só os vi aqui, próximo da periferia de Prestes, e já faz alguns dias.

– Somos um grupo que preza pela união entre os homens e fomos indicados para cá ao ouvirmos histórias de pessoas provenientes de outras áreas e que estavam com dificuldade de se instalar nestas terras. Chamo-me Wallace e este é o grupo de caridade sem fim, formado pelo meu irmão e alguns amigos. Procuramos cidades e regiões que precisam de paz para sobreviver. É como o Mestre Jesus dizia: “Não abandoneis o próximo, ajudai-o e nunca vos arrependereis do vosso futuro.”

Luderov, atento à proposta, disse:

– Quero participar do teu grupo.

– Poderás, um dia, mas por hoje basta a importância que teu coração está despertando para Jesus. Traz a tua esposa e ela vai concordar conosco, afinal, foram as preces dela que os anjos ouviram e, agora estamos aqui para divulgar as boas novas ao mundo cristão. Se já sabem da mensagem, então renovem a fé.

O homem, líder, aproveitou e disse:

– Você é um bom homem basta ser mais leal às suas causas.

– Eu sou, inclusive decidi me dedicar mais à causa de Jesus.

– Eu acredito, Luderov. Nós teremos momentos de renúncia para com tudo, especialmente, a renúncia da posse.

Luderov admirava mais aquele homem, só pelo fato de ele ajudar a falar com o padre. É que quem está se sentindo prejudicado é quem fala mais.

– Verdade, meu amigo, mas a partir de agora deves concentrar teus esforços para ajudar o próximo, e não esqueças que estaremos por perto para ajudá-lo.

O grupo se afasta do centro da cidade rumo ao norte, e como eles vieram, assim desapareceram.

Era Sábado de Aleluia e apesar da disposição dos atores, o padre considerou satisfatória a peça e decidiu encurtar a história da Paixão e não reuniu mais para contar a vida de Cristo.

Luderov ficou desapontado com a decisão do pastor de almas, mas aceitou com bom grado do seu coração.

– Que pena! – disse, o ato final estava sob sigilo de como seria.

De repente, Luderov vai para o centro da praça e continua sozinho a representar, o que logo seria seguido pelo restante dos integrantes.

Amantká, próximo à porta da igreja, começou a forjar como se fosse a porta do túmulo entreaberta e penetrando no recinto anunciou:

– Onde está Jesus? – pensou, após se assustar. De repente, ouve uma voz e, ao se virar, vê um homem que aparentava Jesus, com marcas de ferimento profundo nas mãos.

– Não me reconheces? Diga a todos que estou vivo e continuarei os amando.

Maria Madalena, representada por Amantká, saiu correndo para anunciar a boa nova. Andaram ao redor da praça e poucas pessoas da cidade se atreveram a acompanhar a peça.

– Realmente, disse Amantká, acho que não teremos mais peça.

Luderov, indignado, mas ainda abalado, falou:

– Seria a maneira ideal de educar este povo. Devemos permanecer em silêncio e orar para que o Divino Mestre venha nos ajudar.

A promessa de retorno do Cristo era muito forte naquela época, e o fato de Luderov ter desmaiado, sob o som estranho, fez com que o povo de Prestes achasse que ele seria o retorno do Mestre. Um absurdo, mas pensavam assim. Novamente Luderov seria confundido com alguma representação do divino.

Passaram-se algumas horas e Oramis apareceu para informar que o

grupo de homens que saiu com Luderov retornou para próximo da tribo para continuar seus ensinamentos. Ele voltou para a tribo para avaliar do que se tratava, pois até aquele momento não disseram muita coisa. No acampamento, Oramis ordenou que alimentassem aquele grupo de viajante.

– Teremos que agir rápido, disse Wallace a Luderov. Como nosso venerando, não deverás medir esforços para a construção da nova Igreja, que deverá contar com uma ala específica para o povo zumbi e outra para os moradores de Prestes, e vamos ver se, com o tempo, os dois grupos se misturam para o benefício de todos.

No outro dia, já Domingo de Páscoa, o povo de Prestes, refeito do susto da sexta-feira, decidiu ir à missa para ouvir a palavra do Cristo ressuscitado através do padre.

– Ouçam, amigos, o que se passou na sexta-feira não deverá ser levado em consideração. A verdade é que fomos abençoados por termos condições de receber a inspiração do Nosso Senhor. Devemos construir uma nova Igreja, para realizarmos nossas preces. Deixem a animosidade de lado entre vocês e o povo primitivo e verão que, em breve tempo, terão mais progresso.

Prestes, pequena cidade na fronteira com os Alpes, deveria ter duas igrejas, uma maior e mais completa, para que o máximo de habitantes usufruíssem dos ensinamentos do Mestre. Parecia que a partir de agora todos os moradores iriam em direção do bem comum.

O novo projeto

Naquele Domingo de Páscoa, iria ter, após a missa, um encontro entre o padre e os atores. Uma maneira, de agradecer a todos pelo desempenho nos dias anteriores, mas o evento foi suspenso pelo sacerdote, temendo um encontro com Luderov ou quem quer que seja que o acompanhasse. Mas, mesmo assim, o grupo de atores insistiu na presença do representante da Igreja para explicar o motivo do cancelamento do encontro, momento de congraçamento pelo êxito dos dias representados e, como o padre não deu notícias, os atores resolveram eles mesmos reunirem-se em uma última ceia para o congraçamento daquele grupo heterogêneo.

Primeiro foi Luderov a falar:

– Meus amigos, sei que foi estranho o que sucedeu na sexta-feira; eu próprio não entendo o ocorrido, mas uma coisa eu melhorei: a dignidade de ser um homem do bem é o melhor dos ensinamentos de todos os tempos e por isso, quero um brinde a Jesus e seus discípulos, que os séculos vindouros persistam na sua célebre frase de amor que São Paulo também lembrou: "O amor não tem limites, nem cor, nem preconceito. Amemos uns aos outros, e com este apelo deixo minha mensagem".

Luderov foi ovacionado pelos companheiros de palco e, de repente, surgiu a figura de uma moça franzina insinuando que tinha um recado para o grupo.

– Quem és? – perguntou um dos atores.

– Sou enviada de Wallace, o escudeiro do Senhor, aquele que cumpre a vontade divina, respondeu a moça.

– E o que queres aqui conosco?

– Trago uma mensagem singela e verdadeira.

– Então diga.

– Para que a vossa vontade seja feita para o bem deste povo que tanto precisa de vosso apoio, não podereis esmorecer, é a vontade do Divino Mestre que deseja a união total dos vossos povos.

Com este recado, a moça deu meia volta e desapareceu rumo à tribo de Oramis.

– Que estranho, comentou outro ator.

– Não nos impressionemos, continuemos com nosso brinde e levantemos nossas taças em cumprimento ao ritual final deste período, revelou o mais importante ator da peça, Luderov.

Encerram-se os festejos e ficaram reunidos, próximo à praça, Luderov, Amantká e alguns atores.

– Pois bem, falou Luderov, traçaremos um plano perfeito para que as palavras do Mestre, ditas por todos os moradores de Prestes, se transformem a partir de agora em dádivas verdadeiras, para que amanhã não caiam no esquecimento com a rotina do dia a dia. Rezemos ao Senhor para que ilumine nossos propósitos de transformar esta vila em um centro de peregrinação do povo católico e dos ateus, para que Prestes seja uma referência em amor ao Divino Jesus.

Com estas palavras todos se dispersaram em direções diversas, permanecendo Luderov com seus planos de unir os povos, custe o que custar.

Falaria com o padre no outro dia e, com a ajuda dos moradores, iria continuar o projeto de construção da segunda Igreja.

Quem diria, um Luderov mais desbravador tornando-se um acolhedor de almas; mas é por isso que o Divino permite que as almas retornem ao corpo, por meio da reencarnação. É para aprender com os outros que são nossos espelhos, nossos educadores maiores. Sem o nosso irmão de caminhada, este aprendizado será mais longo e árduo; e uma das maneiras de encurtar este caminho é aprender o mais rápido possível com os nossos irmãos encarnados, já que, imperfeitos também, nos mostram nossas falhas, assim como podemos demonstrar as falhas do próximo, de uma maneira insidiosa e educada, para que este irmão não se sinta agredido com nossas observações, assim como não gostaríamos de ser expostos a comentários desagradáveis, por mais exemplificadores e sérios que sejam eles.

Passaram a noite reunidos na tenda de Amantká para os últimos detalhes dos planos de arrecadação de fundos visando à construção da igreja. A primeira reunião deveria ser no próximo dia. Para que o padre tomasse as dores pelos miseráveis que o ajudariam na construção, entre eles os zumbis, o povo das verdades cristãs, que será

usado nos trabalhos braçais, em troca de comida e do lugar para estabelecer-se.

Nosso herói, Luderov, passaria a ser o chefe da operação de controle da construção. Tudo o que o padre queria era não causar transtorno de relacionamento com aquele estranho homem, que da cruz trouxe o exemplo para a comunidade, um ponto que o padre não queria mais comentar.

Foram todos à última reunião de planejamento e o padre os abençoou para que o projeto de construção fosse logo elaborado e aceito pela comunidade de Prestes. Após alguns meses, veio de Roma um projetista de Igreja, a pedido do padre, que queria colocar o máximo de fiéis em suas colunas. Só tem um jeito, falou o projetista:

– Deixaremos esta área de sua Igreja próximo da segunda Igreja, para estreitarmos os vínculos entre as duas usando a imagem da cruz, ou seja, a sua Igreja será uma das torres e a segunda torre, ou a principal, pertencerá ao novo templo, que será dedicado a Maria, mãe de Jesus, que tantas ovelhas estava arregimentando nas esferas carnais. O padre, de pronto, aceitou a sugestão e pediu que Luderov e seu povo tomassem ciência dos novos estilos arquitetônicos que seriam ali usados.

As obras iniciais

Após dois meses de ajustes no projeto da nova igreja, Luderov e a tribo de primitivos foram convocados para olhar as linhas arquitetônicas. Nada se parecia com o que eles haviam imaginado. Para o grupo de Oramis, deveriam compor a imaginação de seus deuses, e para a tribo de Otká seria imperioso conter seus representantes da natureza que tanto eles adoravam, afinal, seriam eles que iriam participar da construção do templo.

– Explique a eles que esta obra é para Maria, mãe de Jesus e não para deuses pagãos, pedia o padre.

– Já expliquei, mas eles querem que seus deuses sejam adorados na Igreja, explicou Luderov.

– Diga a eles que serão remunerados e que esta questão dos seus deuses será avaliada por nós e pela Santa Igreja.

Mesmo insatisfeitos com a resposta do padre, os discípulos de Oramis e Otká resolveram concordar com o trabalho, já que sua situação não era tão favorável até o momento.

Oramis convocou a sua tribo e falou:

– Teremos tempo para ajudar na construção do que eles querem, ao mesmo tempo construiremos nossas moradias. Deixaremos o relento e a chuva, e nos abrigaremos como estes homens se abrigam.

Otká, mais reticente, diz para seu povo:

– O Deus trovão não quer que ajudemos estes exploradores, mas como temos fome, iniciaremos os trabalhos juntos, e se não ficarmos satisfeitos, abandonaremos a obra.

Todos se reuniram em uma grande assembleia e, após algumas reivindicações, aceitaram sob a condição de ter um representante de cada tribo a finalizar as fases da construção. Passaram-se alguns meses e as tribos e o povo de Prestes já se entrosavam mais, a ponto do pajé da tribo de Oramis prestar apoio a pessoas doentes de Prestes, usando seu conhecimento de curar por meio de rezas e preces, além de chás como remédios. Não tardou para que Otká fosse solicitado como ajudante de caça de Prestes, e seus homens usados em verdadeiras caças a animais agressivos. Tudo parecia caminhar bem até que, um

dia, surgiu um homem com suas mulheres em número de oito, com costumes diferentes do povo de Prestes.

– A que se deve a visita do forasteiro? – perguntou Pauler, o administrador.

– Queremos apenas um repouso de duas noites, na cidade.

– Pois bem, não temos como acomodá-los, a não ser que queiram ficar na tribo de uns primitivos.

– Não nos importamos, queremos apenas um repouso da nossa jornada.

– E quanto dispõe para ficar aqui?

– Não tenho nada, apenas estas mulheres para me ajudar e estas crianças para criar.

– Da onde vens? – perguntou o administrador.

– Venho de longas paradas do Oriente, onde o chá e outras iguarias fazem a festa do teu povo. Venho da Índia e trago minhas mulheres.

– E o que vens fazer aqui?

– Venho trazer a minha arte, pois desenho e pinto, além de compor canções, sob encomenda.

– Então, és artista? Que tipo de arte podes nos oferecer? Estamos construindo uma Igreja.

– Me ajude, faça um pedido e lhe atenderei, preciso de trabalho.

– Está bem, fale com Luderov, o encarregado da obra; ele lhe dirá o que deve fazer.

– Muito agradecido, o estrangeiro de nome Istanal, se despede de Pauler e sai à procura do encarregado.

– O senhor Pauler me mandou, disse o estrangeiro. Sou Istanal.

– Que nome estranho, penso que vens do Oriente e trazes outros conhecimentos.

– Desejo trabalhar, sou um encantador de serpentes, mas pinto e componho músicas.

– Está bem. Sabes trabalhar com artigos de ouro?

– Sim, claro, respondeu o viajante.

– Traga suas ferramentas e me ajude a fazer uma talha na madeira, com bisel a 80^0.

– Sim, vou trazer minha arte para ajudá-los com isto.

Istanal tornou-se mais uma contratação para a construção, que já se

achava atrasada.

Dez dias se passaram e Istanal não parava de trabalhar. Já havia feito vários desenhos para Luderov escolher como principal. A armadura de ferro polido era um item que fora doado pela Santa Igreja para compor seu acervo.

Tudo ia bem, inclusive já era possível visualizar as linhas da futura Igreja. Ia parecer imponente quando estivesse pronta. Durante o almoço daquele dia, surgiu a notícia que Pauler iria fazer uma pesquisa se os zumbis e o povo de Oramis já haviam se rendido ao Deus católico da Santa Igreja. A verdade é que a preocupação de sobrevivência era tão grande que mal dava para serem atendidos ou doutrinados. As convicções religiosas se detinham em seus deuses e um pouco conhecimento da vida de Jesus. Os esforços para catequizá-los eram poucos, levando o padre a declarar que seria muito difícil transformar os primitivos em cristãos comuns.

O projeto inicial da Igreja contemplava nichos com histórias da vida do Mestre, na Galileia, até a chegada ao paraíso ou ao inferno após a morte do incrédulo. A textura dos nichos era de madeira, reboco e uma espécie de ouro, proveniente da América do Sul, conquistada pelos portugueses, mas doadas pelas igrejas irmãs do hemisfério sul. Tudo ficaria belo e cheio de vida. Quanto à temática dos primitivos, ficou acertado, sem o padre saber, que seriam introduzidos, nos desenhos, pequenos símbolos da natureza, coisas que só aqueles primitivos entenderiam. E Istanal foi convencido a revelar estas sutilezas em seus desenhos sem o conhecimento do padre. Em algumas semanas a empreitada inicial estava pronta com ajuda dos zumbis e do povo primitivo.

O enviado de Roma

A manhã chegou com o raiar de novas esperanças para o povo de Prestes e os descendentes dos primitivos.

Durante a construção da Igreja, Luderov e seus comandados já haviam gasto dois anos e meio de esforços, sempre em conjunto, para aprontar a edificação. Juntaram-se a eles outros arquitetos, artistas, gente que carregava e amassava pedras para fazer o reforço da base do templo. Dia após dia, novas ideias surgiam no labor da construção.

Pellenova se unira ao seu legítimo esposo no suor dos objetivos a serem alcançados e, de certa forma, voltaram a conviver como um casal comum, apesar de Luderov ainda passar muitas horas na tribo de Oramis para também apoiar seus descendentes com as mulheres da tribo. Tudo transcorria como em uma grande família; todos os planos para unir os povos iam de vento em popa. Os primitivos já haviam se acostumado com os costumes dos cidadãos de Prestes e vice-versa.

Algumas vezes havia uma intriga a respeito de quem era capaz de realizar mais festas, e assim foram criados uns jogos entre os dois povos, para amenizar esta disputa, mas quase sempre os primitivos ganhavam, pois tinham mais adestramento nas questões da natureza.

Só perdiam quando estavam em jogo a disputa de manipulação de armas de fogo, pois os primitivos não tinham o menor traquejo com elas e, pelo contrário, não queriam manuseá-las. Foi durante um desses jogos disputados duas vezes ao ano que Amantká visualizou, pela última vez, a Dama de Branco que lhe trouxe o seguinte recado:

– Não temas os últimos momentos. Serás apenas uma mensageira para o povo que precisa se unir. Tua missão será alertar Luderov que nenhuma dissensão será capaz de neutralizar todo o trabalho aqui plantado. Que as bênçãos dos céus estarão com vocês e que assim seja feita a vontade do Mestre Jesus, que disse amar ao próximo como a si mesmo.

Com estas palavras, a Senhora sumiu em denso nevoeiro. Amantká correu e falou para Luderov sobre a última mensagem:

– Ela foi muito simples e direta, haverá dissensões.

– É importante o que falas; deveremos nos preparar para amortizar

esses feitos. Se alguém vier contra nós, que seja antes da inauguração da Igreja.

Já era tarde da noite, quando Pellenova anunciou a chegada de um bispo de Roma que viera para Prestes, com o objetivo de fiscalizar as obras da Igreja, já em reta final.

– Como ele se chama? – perguntou Luderov.

– Disseram que era um representante de nome Eustáquio.

– Nunca ouvi falar. Mas será que vem com boa ou má intenção?

– Acho que boa, veio acompanhado de outros religiosos, em número de sete pessoas.

– E o nosso padre, o que falou?

– Nada o que importasse, só reclamou que achou estranhas as pinturas que o indiano Istanal fez nos fundos da Igreja. Pareceu meio que sacrilégio. Disse que iria falar com o artista.

– Está bem, vamos nos preparar para o pior.

Luderov estava convencido de que aquele bispo nada tinha de bom. Para ele seria o prenúncio a que a Dama de Branco se referia.

Passados alguns dias de inspeção, o Bispo Eustáquio se dirigiu à construção para dizer o seguinte:

– Sabemos dos vossos árduos trabalhos, mas venho alertá-los que esta Igreja não será inaugurada nos seguintes moldes. Faltam peças e apelos cristãos. Estas caricaturas que estão sendo projetadas são verdadeiros sacrilégios para o povo de Prestes. Só um cego não vê que toda a decoração tem um viés de paganismo e idolatria. É um atentado aos cristãos.

Todos os trabalhadores se entreolharam e começaram a questionar.

– Não vemos nada de anormal, somente pinturas compostas e de bom gosto, visões do céu e do inferno, presença de anjos e demônios, a luta do bem contra o mal. O que há de errado nisso?

O bispo continua:

– Vê-se atrás de cada desenho a intenção de embutir, na doutrina, elementos discordantes com o que Cristo pregou.

– Não vemos nada disso, alfinetou Luderov.

– Como você se chama? – perguntou o Bispo.

– Sou o capataz da obra, Luderov, senhor.

– Pois bem, conheço a tua história, viveu com os primitivos muitos

anos e os trouxe para cá, alegando fuga de terras destruídas próximo ao Vesúvio. E agora, após ser acusado de bruxaria e heresia, vem com uma construção pagã, fora dos moldes da Igreja. Isto é um sacrilégio.

– Padre, desculpe-me, mas a nossa intenção sempre foi e sempre será construir um templo de oração e adoração aos santos da Igreja Católica. Nunca pensamos em protagonizar divisões na Igreja através da construção de um templo pagão.

Muitos burburinhos e gritos de turbulência assolaram o local. Os residentes de Prestes passaram a desconfiar da arte que os descendentes de Oramis e os companheiros de Otká estavam produzindo; vieram até insultos múltiplos de ambos os lados.

– Pagãos! – gritavam alguns.

– Hipócritas! – respondiam outros.

Estava formada a confusão promovida pelo Bispo Eustáquio.

O embate com o bispo

Naquela conversa turbulenta, Luderov percebeu que o Bispo não tinha intenção de liberar a obra. O que ele queria era deixar o templo com as características cristãs, na mais pura essência.

– Tudo bem, falou Luderov. O senhor é que é o relator das atividades de construção. Então diga-me, como ficarão aqueles que ainda não conhecem o Mestre Jesus, a sua vida e obra, afinal este templo tem também um ardor especial por elementos que remetem à imaginação de pessoas que ainda não tem a fé como dogma principal da Igreja.

A pergunta deixou o Bispo sem jeito, partindo de um homem simples que não entendia nada de Igreja, muito menos da doutrina católica. Meio constrangido, o Bispo respondeu:

– Ficarão aos nossos cuidados, respeitaremos o seu credo, mas será necessário que eles desqualifiquem seus deuses para que possam entrar na Igreja.

– Impossível! – bradou Luderov. Estes homens e mulheres percorreram vários quilômetros até chegar aqui, e por quê? Para sobreviverem e, por incrível que pareça, todos, sem exceção, apresentam como deus guia o que provém da mãe natureza. Assim temos o pai sol, a mãe lua, os artifícios dos rios e florestas, todos com uma força diferente. Então, deixá-los sem esta crença é, no mínimo, imprudência. Não, se eles passarem por este processo de maneira lenta e gradual, certamente teremos chances maiores de obter êxito na catequização deles. Luderov chamou Amantká, a representante da tribo de Oramis:

– Diga a eles como você fala com os seus deuses, quem são eles, como eles agem em nossa defesa.

Luderov se afastou dela e ouviu seu relato:

– Há muitos séculos, nossos ancestrais trouxeram de terras longínquas representantes de um povo místico, que anunciava a facilidade de nos comunicarmos com os guias da vida. Eles trouxeram a maneira de consultá-los sobre o passado e o futuro de qualquer época. Então, estes movimentos foram incorporados a nossa vida, pois

precisávamos descobrir como fazer para sobreviver à fome e às intempéries da vida e do tempo. Levamos muitos anos para perceber que estas informações eram de antepassados que morriam e do outro lado vinham nos informar o que era mais conveniente realizar.

O Bispo Eustáquio não gostou das colocações e bradou:

– Sacrilégio! Todos são pecadores, a começar por você, Luderov. Como um homem como você é capaz de erguer uma Santa Igreja?

Sem respostas, o povo de Prestes ouvia a preleção do padre visitante e, nesse momento, surgiu Pellenova.

– Senhor Bispo, me desculpe, sou a esposa dele e posso lhe garantir que em sua defesa repousa a possibilidade de transferir para as suas obras assistenciais grande conteúdo de depoimentos de como os primitivos que habitavam as regiões próximas do Vesúvio, de deuses a clamar, passaram a dar testemunho sobre o Mestre Jesus. Quanto mais adeptos ao catolicismo, mais teremos forças para enfrentar os obstáculos que, por ventura, surgirão. Deixe-me lembrar, senhor, que no meio dos descrentes, uma única ovelha que se salva já é uma glória para o bem da igreja.

O Bispo, sem se convencer da opinião daquela doce mulher, rebateu:

– Não sabia que era necessário uma mulher falar para deixar o ambiente receptivo aos pedidos dos incrédulos.

– Não vamos discutir isso, padre. Determine tudo, menos apagar os desenhos de formas da natureza que já foram pintados nas capelas.

O padre pensou e disse:

– Está bem, sob uma condição.

– Qual? – perguntou Luderov.

– Que estes primitivos, povo seu, desenhe em forma maior, na entrada da Igreja, um santo de ofício celestial, para que não se tenha dúvida da origem desta Igreja; afinal, ela nos remete ao início da vida de Jesus e seu sacrifício por nós.

Luderov ajoelhou-se na frente do Bispo e disse:

– Santo Padre, como lhe agradeço, peço perdão e misericórdia para mim e para este povo. Não rejeiteis os nossos pedidos. Isto é muito importante para nós, para a vida na cidade e toda a comunidade, afinal, já se passaram mais de três anos nesta construção, e agora, na fase final, é terrível trazer a censura para os desenhos das paredes. Isto

não interferirá na comunhão da vida da Igreja. Deixemos plantar uma árvore próximo da entrada da Igreja que demonstrará a afeição deste povo pela vossa religião.

– Muito bem, Luderov, apresse-se, estaremos aqui de volta no final da temporada de caça.

Luderov, pensativo, arguiu a si: como poderei convencer esta autoridade, para sempre, que aquilo deixava os moradores mais unidos? Duvido que ele se importasse. Já sei. Vou pedir para que as crianças do grupo venham ao Santo Padre e peçam para serem catequizadas a partir do deus sol, lua e outros em direção ao Deus único de amor e caridade, que só a fé pode trazer a estes corações a crença no futuro, o perdão aos inimigos e a certeza de que, com a morte, somente o corpo se destrói, mas a alma continua sua caminhada para a perfeição.

O padre ouviu aquelas explicações e bradou:

– Acho que não me conhecem, mesmo. Deixarei serem catequizados, sim, mas pelos nossos dogmas já prescritos a todo tipo de civilização que, estranhamente, discorda de nós. Tragam estes descivilizados à minha presença, que eu próprio falarei como fazer sua conversão ao Nosso Senhor Jesus Cristo.

Um grupo de ouvintes, moradores de Prestes, saiu em direção à cidade para pedir que todos comparecessem próximo da nova capela, que o senhor Bispo iria proclamar as diretrizes de catequese para o povo primitivo. Chegaram a reunir boa parte da população em torno do Bispo que começou a falar:

– Que esta obra dedicada ao Mestre Jesus, seja concluída em pouco tempo e que ela possa levá-los ao reino dos céus.

Todos esperavam uma nova investida do padre, quando de repente começaram a cair rajadas de chuva não anunciada, já que o tempo estava ensolarado e firme. Gritos foram ouvidos e todos correram para se abrigar daquela pequena tempestade, menos o Bispo e Luderov, além de Amantká e seus amigos.

– Querem me intimidar? Diga para seus deuses pararem com este tipo de bruxaria. Não aceito ofensas.

– Jamais queríamos isso, padre, diga apenas que deixará a nossa crença se fundir com a sua, paulatinamente, e o senhor verá que este

transtorno cederá ao final de vossa fala.

O padre, pensativo, resolveu se abster da fala e saiu correndo em direção à antiga Igreja, chegando ensopado de água. Ele disse para o capelão da Igreja:

– Tens um homem de fé na comunidade, Luderov, o capataz, ele tem que ser eliminado o quanto antes.

– Não podemos, ele lidera um grupo grande de primitivos; ademais, constrói o templo a custo de um bocado de comida e nada mais.

– Mas ele me desafiou e à Santa Igreja e a todos. Destruam este homem, disse o Bispo.

– Não podemos; se quiser, me destitua do cargo, deixarei de ser padre e me juntarei a Luderov na construção da Igreja, como simples homem.

O Bispo, surpreso com a resposta, bateu em retirada da comunidade.

Novo templo

Luderov passou aqueles momentos de discussão com o bispo Eustáquio, de modo que seus pensamentos já ultrapassavam os ideais de permanência na vila de Prestes. Agora já se imaginava partindo dali para sua terra de origem, para não mais retornar à Itália. Foram por alguns momentos seus pensamentos neste sentido, mas logo foi desperto por Amantká trazendo notícias de que o Bispo fora embora do vilarejo, dizendo que não aprovava aquela Igreja, mas diria às autoridades de Roma que a construção se encaminhava para o final e que só Jesus poderia aprovar aquela obra, pois ela continha elementos sobre a natureza e, por isso, irá se chamar de Nossa Senhora da Conceição, protetora dos pobres e desamparados.

Pronto, finalmente aquela batalha fora vencida por Luderov, que dali por diante, trabalharia para finalizar a Igreja. O artista já fizera seu trabalho final e como prometido ao Bispo, fora construído na entrada da Igreja uma cruz enorme para que o povo não se esquecesse da misericórdia com que o Cristo nos presenteou, e assim com mais um ano de trabalho, concluiu-se a Igreja, interligada ao complexo antigo do templo.

– Senhores, após quase quatro anos de árduo trabalho e grandes dificuldades financeiras, venho dizer que nossa nova Igreja em homenagem a Nossa Senhora será inaugurada nos próximos dias e para isso convidei o Alto Clero da nossa Igreja, incluindo o Papa. Mas como Sua Santidade não se encontra em Roma, mandará um representante a altura até nós, para abençoar o nosso templo. Ele virá acompanhado de um pequeno cortejo, portanto, necessitarei de ajuda para alojá-los.

Surgiram uns voluntários que assistiam ao final da missa. Entre eles, Luderov.

– Está bem, quem vai receber os coroinhas?

E assim se distribuiu a comitiva de Roma entre os moradores.

No dia combinado, chegaram em carruagens diversas os ilustres visitantes. Foi montado um aparato de recepção nunca visto na cidade. Oramis e Otká compareceram na formalidade, e tiveram um lugar de

destaque ao lado de Pauler, já perfeitamente amigo de seu irmão. A comunidade de Prestes estava aguardando a chegada da comitiva, quando entrou, próximo ao local, Luderov, Pellenova e seus dois filhos; trouxeram bandeiras brancas e amarelas, símbolo de Roma, e acenavam intensamente para os moradores da cidade.

Ao chegar a primeira carruagem, desceu o Bispo Eustáquio e, para a surpresa geral, o antigo Cura de Ars que, já famoso por suas preleções, veio em apoio ao projeto da pequena Prestes.

– Sejam bem-vindos, falou Pauler, somos todos gratos pelas suas presenças.

Aplaudiram a autoridade e todos se deslocaram para a antiga Igreja onde havia um pequeno almoço aguardando os visitantes. Em meio a agradecimentos e falas, Eustáquio interrompeu o pároco e pergunta:

– Como ficou finalmente o templo?

– Belo, respondeu, usamos de todo o nosso esforço e dedicação e as vossas opiniões não foram em vão, aperfeiçoamos as nossas obras a ponto de conjugar da melhor forma possível as suas observações.

– Justo, respondeu, mas quero saber se Luderov foi embora daqui?

– Não o viste na chegada?

– Confesso que não, e me surpreendi com suas colocações à época, mas hoje já não o culpo por tanta divergência em sua vida. Quando puder, tragam-no até mim, preciso falar-lhe.

– Está bem, assim que terminarmos o chamarei para conversar com Vossa Excelência.

Assim passaram-se algumas horas e, ao final do pequeno banquete, o chefe da comitiva pediu para retirar-se e foi fazer um passeio pela comunidade. Ficou impressionado com tanta devoção daquele povo para com as coisas do Mestre Jesus. Chegou até a acompanhar uma cantiga, cantada por um grupo de moradores e ouvida por vários locais. Após alguns instantes entraram Luderov e Pellenova na sacristia, vindos a chamado do pároco.

– Pois não, senhor, estamos a escutá-lo.

– Muito bem, Luderov, estive pensando por muito tempo a respeito de nossa desavença naquele dia, e quero lhe dizer que sua alma pensa como um Cristo, tentando fazer com que este povo primitivo entenda a mensagem do Mestre Jesus. E por isso venho lhe pedir desculpas

pelo mal-entendido, e espero que daqui por diante não venha culpar a Igreja de má conduta perante o povo proveniente das proximidades do Vesúvio. Em vista disso, quero lhe fazer um pequeno pedido.

– Pois não, senhor, o que deseja?

– Que leve a cruz de prata na inauguração, durante o trajeto para a nova igreja.

Luderov não contava com isso, e imediatamente se encheu de orgulho e alegria.

– Com todo o prazer, serei o carregador deste símbolo que levou nosso Mestre ao martírio.

E com simplicidade e um gesto de alegria, eles se despediram.

Luderov ainda teria uma última prova perante a sociedade. Teria que finalizar a verdadeira amizade que os dois povos iniciaram, primeiramente pela dor da sobrevivência e depois pelo amor aos costumes que a cidade lhe mostrava. No final, eles se tornaram um misto de respeito e integração.

No outro dia, já com todos a postos, iniciou o cortejo em direção à nova Igreja onde uma fita simbólica separava a rua da entrada da Igreja. Apenas um pequeno gesto faria com que todos tivessem acesso ao novo templo.

Agora era tempo de colher o que se plantou.

O templo inaugurado

Na manhã ensolarada, quando os anjos iriam aplaudir a integração daqueles povos, surgiu Luderov carregando a pequena cruz, símbolo do martírio do nosso amado Mestre Jesus. Lotava o arraial da Igreja todo o povoado de Prestes, seguido de vários convidados das aldeias próximas, perfazendo mais de quinhentas pessoas, todas atentas aos mínimos gestos dos condutores da cerimônia religiosa. Primeiramente, vinha encabeçando a procissão o bispo Eustáquio, trazendo os paramentos formadores da missa, seguido pelo Cura de Ars. Depois vinha Luderov com a cruz, seguido do pároco da cidade, que tanto lutou pela construção do templo.

Outros personagens também vinham atrás, como o administrador, seu irmão e Oramis com Amantká. Todos se posicionaram em frente ao templo e a porta principal se abriu. Uma chuva de pétalas de rosas brancas caiu nas proximidades dos participantes do cortejo e uma pequena fita foi cortada pelo padre Eustáquio, junto com o Cura de Ars. Posteriormente, foi abençoada a entrada do templo com água benta na véspera, e depois de dizer umas singelas palavras em latim, abençoando a tudo e a todos, entraram no templo já arrumado com flores perfumadas e castiçais de altura variada.

As velas já estavam acesas e um pequeno tapete vermelho estava estendido no início do altar. Todos entraram entoando cântico em louvor a Maria e se posicionaram nas cadeiras dispostas próximo ao altar. Então, o Bispo Eustáquio iniciou sua preleção, auxiliado com cânticos e frases de louvor a Maria, agradecendo a oportunidade que tinha de inaugurar aquele templo. Luderov foi solicitado a deixar a pequena cruz no altar e foi, finalmente, iniciada aquela que seria a primeira missa no templo. O padre Eustáquio, junto com o pároco local, realizou as primeiras preces. O Cura iria comentar o Sermão da Montanha que já havia sido lido no Novo Testamento.

– Senhoras e senhores, venho, neste abençoado evento, primeiramente agradecer a todos os que colaboraram na elaboração e finalização deste templo dedicado a Jesus, a Maria e a todos os anjos e santos da nossa Igreja. Quero ressaltar que, a fé de que falam, nada

tem a ver com a fé que Deus nos prometeu nas suas origens. Nossa fé ainda caminha em passos dúbios, entre as certezas e incertezas que o cotidiano nos apresenta. E por isso, devemos lembrar das bem-aventuranças, que Nosso Senhor Jesus Cristo nos trouxe, que diziam para sermos humildes, perseverantes na fé, indulgentes e mais do que amorosos com o próximo. E que nos trouxe também o verdadeiro caminho que todo o povo cristão deve seguir. Não se iludam com as diferenças da cor da pele, das feições que cada povo carrega de si, mas vejam as verdades que as simples palavras do Mestre Jesus nos trouxeram "Amar o próximo acima de todas as coisas, assim como vos amei", ou seja, sejamos irmãos, cúmplices da bondade e misericórdia para com o próximo. Assim Jesus agia e quer que nós sigamos o seu exemplo. Deixemos de lado as amarguras contra os irmãos, deixemos nossos corações fluírem para a magna e sublime esperança da fé. Sim, meus amigos, esta é a fé preconizada por Deus e por Jesus, a fé no futuro da humanidade que está depositada na fé de cada irmão. Sejamos, portanto, crentes que a fé de que Deus procura nos falar, é a atitude que um ser humano possa tomar em prol do bem, e da felicidade de todos os povos. Amemos todas as criaturas sem qualquer distinção. Foi isso que tanto Jesus nos preconizou. Levantemos todos e rezemos em louvor a Maria, a Jesus e ao Deus Pai, nosso criador.

Com este pedido, o Cura de Ars encerrou sua homilia, deixando os presentes extasiados com tão impressionantes palavras, a ponto de muitos dos presentes se emocionarem. Ao final da solenidade, Pellenova trouxe para depositar no altar um ramo de flor, cuja mensagem de paz estava gravada em um papel anexo.

Tudo estava tranquilo. Luderov pediu a palavra para agradecer por tudo que lhe tinha acontecido: da viagem para a Itália, das dificuldades que encontrou, dos muitos amigos que fez nas tribos do Vesúvio, e na comunidade. Para encerrar fez votos de louvor e agradecimentos. Foram entoados cânticos pelos padres e deu-se como encerrada a solenidade.

Final

Naqueles passos que a comitiva de Roma fizera, ficara a impressão de que novos rumos tomaria a situação do povo de Oramis e de Otká. As palavras do Cura foram direto ao coração daquele povo semianalfabeto da região que os abrigava. Um problema surgiu causando nova discussão entre Pauler e o Bispo Eustáquio a respeito da destinação que fariam quanto à antiga Igreja:

– Demoliremos e faremos dela um abrigo para os idosos, disse Pauler.

– Não sejas autoritário, esta Igreja nos pertence e por mais que não vá ser muito utilizada, será um guia para os seguidores do Cristo. Não podemos, simplesmente, deixar destruir um templo que tanto servia ao povo de Prestes. Façamos o seguinte: chame Luderov e seu grupo para iniciar reformas estruturais importantes na Igreja e deixemos que novos relicários de santos sejam trazidos para este espaço, transformando o local em um atraente ponto de peregrinação para os fiéis.

Pauler considerou uma boa solução para o problema de ter dois prédios com a mesma finalidade.

Deixaram os convidados próximo ao novo arraial, e o Cura levou Luderov para longe dos olhos dos convivas e disse:

– Meu caro amigo, certamente nunca me viste, mas posso te dizer que minha presença nestas terras nada tem de coincidência. Venho através da espiritualidade superior que, por intuição, determinou-me auxiliá-lo no final da tua jornada. Quero dizer-te que o Senhor Mestre Jesus indicou o meu caminho para aqui confortar os necessitados de ajuda, através da palavra, e, afinal, trouxeste a este povo a esperança de conviver pacificamente uns com os outros; portanto, a tua missão acabou e, a partir de agora, salvo outros deslizes que, por ventura, venhas a cometer, estarás em alta conta com o Mestre Jesus, que disse um dia que nenhuma ovelha seria perdida; o que estava perdido, voltou para a casa do pai. Então, deves, a partir de hoje, trabalhar em prol dos pobres, dos desassistidos e verás que quanto mais fizeres por estes, mais terás um bom lugar no coração do povo e dos céus. Trata a

tua esposa com dignidade, os teus filhos com sabedoria, os teus irmãos de caminhada com generosidade, é tudo o que o Mestre te pede e teu caminho em direção ao céu estará preservado.

Com estas palavras, o Cura de Ars se despediu de Luderov, A cada dia que passou Luderov deixou sua marca, como o enviado de Deus lhe recomendou: amou, deixou-se ser amado, participou da fraternidade como Jesus preconizou e, ao final de sua vida longeva, já com oitenta e cinco anos e muitas histórias a contar, reuniu a sua grande família e falou:

– Meus parentes, meus amigos, sei que poderia ter feito muito mais por mim e por vocês, mas por hora chega, está chegando a minha partida, e sei que vou ser acolhido por todos aqueles que um dia pude beneficiar, minha Pellenova que já foi para o outro lado, Amantká que nos deixou após oito anos de luta contra rara doença, e meus amigos Otká e Oramis. Tenho certeza que onde eles estiverem, trarão um pouco de sua luz para mim. Seus deuses não me abandonarão neste momento e sob o controle da espiritualidade que o divino Mestre mandará, ficarei no lugar dos bons combatentes. Fiquem em paz e que a união entre os povos seja eterna.

Com tão comovidas palavras, o velho Luderov finalmente sucumbiu com o peso da sua história. Ficou apenas um par de velhos sapatos e umas poucas vestes, porque quase tudo doou aos necessitados.

Bem, meus amigos, chegamos ao final de mais uma história de vida, de morte do corpo e rumo ao além.

Este personagem que ilustrou estas singelas páginas, nada mais era, em sua época de glória, que o irmão Pôncio Pilatos, o que lavou as mãos frente à condenação daquele que tanto amou a humanidade, deixando um legado imensurável para todos nós. Este exemplo de vida aqui retratado, foi escolhido para que perseverem, cada dia mais, na missão que lhe foi concedida nesta terra de provas e expiações, mas que são infinitamente menores do que aquelas que escolheste para suportar, com muita calma, amor e perseverança.

Verão que o futuro vos aguarda, com toda a égide de bons companheiros que, antes de vós, chegaram a ver um pouco da Criação de Deus.

Fiquem em paz.

Da sua eterna irmã,

— **Rita de Cássia**